

**O *futuro* da língua portuguesa ontem e hoje:
variação e mudança**

Josane Moreira de Oliveira

Faculdade de Letras – UFRJ

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

O *futuro* da língua portuguesa ontem e hoje:
variação e mudança

por

Josane Moreira de Oliveira

Tese de doutorado apresentada à Coordenação de
Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade
de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou
Co-orientadora: Maria da Conceição de Paiva

DEFESA DA TESE

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou – UFRJ / Vernáculas (orientadora)

Professora Doutora Maria da Conceição de Paiva – UFRJ / Lingüística (co-orientadora)

Professora Doutora Christiane Marchello-Nizia – ENS-LSH / Lingüística

Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva – UFBA / Vernáculas

Professora Doutora Helena Gryner – UFRJ / Lingüística

Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte – UFRJ / Vernáculas

Professora Doutora Maria Marta Pereira Scherre – UnB / Lingüística (suplente)

Professora Doutora Maria Luiza Braga – UFRJ / Lingüística (suplente)

Defendida a tese
Conceito:
Em: 10/03/2006

A Vera Rollemberg, que me ensinou a dar os primeiros passos no caminho da pesquisa científica e me acompanha sempre com muito carinho e amizade.

A Grazielle, minha sobrinha, e a Mel, minha prima, para que continuem a trilhar com dedicação e sucesso o caminho da vida por meio dos estudos, da ciência e da arte.

Futura... nondum sunt, et si nondum sunt, non sunt, et si non sunt, videri omnino non possunt... Tu itaque, regnator creaturae, quis est modus, quo doces animas ea quae futura sunt?

(Santo Agostinho, *Confissões*, XI: 18-19 *apud* Fleischman, 1982:xi)

O tempo futuro ou vindouro, toda a existência quer começada, quer continuada, quer acabada, dos seres que lhe hão de seguir; e bem assim, por ordem a todos os tempos, a existência meramente possível das coisas que nunca existiram nem hão de existir, mas que poderiam existir, dada certa hipótese.

(BARBOSA, Jerônimo Soares. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, 1822, p.140)

Você e eu

(Carlos Lyra & Vinícius de Moraes)

Podem me chamar
E me pedir e me rogar
E podem mesmo falar mal
Ficar de mal, que não faz mal

Podem preparar
Milhões de festas ao luar
Que eu não *vou ir*
Melhor nem pedir
Que eu não *vou ir*, não quero ir

E também podem me intrigar
E até sorrir e até chorar
E podem mesmo imaginar
O que melhor lhes parecer

Podem espalhar
Que eu estou cansado de viver
E que é uma pena
Pra quem me conheceu
Eu sou mais você e eu

AGRADECIMENTOS

A Deus,

a quem agradeço pela vida e por tudo a cada fração de segundo em que respiro. É o motor que me impulsiona sempre!

À minha família,

a quem agradeço pela formação básica da minha personalidade, pelo apoio, pelo incentivo e, sobretudo, pela sábia compreensão da minha ausência durante o curso de Doutorado. Em especial, agradeço aos meus tios Vera e Luiz, que, morando no Rio, me fizeram estar menos sozinha.

A Dinah, minha orientadora,

a quem agradeço pelo estímulo, pela atenção, pela amizade, pelas palavras doces e pelas palavras duras durante todo o período da nossa convivência, que começou muito antes da minha vinda para a UFRJ. E viva a sua, a minha, a nossa baianidade!

A Conceição, minha co-orientadora,

a quem agradeço pela amizade, pelas orientações, pelos “puxões de orelha” e, sobretudo, por todo o apoio a mim prestado tanto no Rio de Janeiro como na França, onde se tornou minha tutora e meu porto seguro. Co-orientadora é um termo muito injusto pra você!

A Christiane, minha co-orientadora estrangeira,

a quem agradeço pela recepção carinhosa, pela atenção, pela dedicação, pelo interesse por meu trabalho, pelas proveitosas discussões e, sobretudo, pelas palavras de conforto e amizade durante o meu estágio em Lyon. Ganhei uma mãe francesa!

Aos meus professores da UFRJ,

a quem agradeço pela formação que me deram, pela amizade, pela disponibilidade e pelo carinho com que sempre me trataram, apesar do meu sotaque baiano. Em especial, agradeço a Malu e a Maria Eugênia, que não mediram esforços todas as vezes em que precisei de ajuda; e a Naro, pela consideração e pelo *Abstract*.

Aos meus professores da UFBA,
a quem agradeço não só pelos anos de convivência e amizade desde a minha adolescência mas, sobretudo, por terem despertado em mim o gosto pelas Letras, pela pesquisa, pela língua portuguesa e pelo magistério. Em especial, agradeço às “meninas do NURC”, que me adotaram academicamente e com quem posso contar sempre para tudo; e à equipe do PROHPOR, pela concessão dos textos do português arcaico.

À UEFS,
a quem agradeço pela confiança, pelo incentivo e pelo investimento para que eu pudesse realizar o curso de Doutorado. Em especial, agradeço aos meus colegas da Área de Linguística, que não hesitaram no apoio.

À CAPES,
a quem agradeço pela bolsa PDEE, que me permitiu o estágio em Lyon.

À ENS-LSH,
a quem agradeço pela carinhosa recepção, por toda a infra-estrutura a mim disponibilizada, pelos conhecimentos que adquiri e por ter me feito sentir em casa do outro lado do Atlântico.

Aos meus amigos de Salvador,
a quem agradeço por terem entendido e apoiado a minha distância e pelas palavras de afeto, que, mesmo de longe, em muito me ajudaram nos momentos da solidão carioca. Em especial, agradeço a Sílvia Rita, que, como uma irmã, uma mãe, uma filha, uma confidente, sempre me apoiou; e a Carlos, um amigo-irmão para todas as horas.

Aos meus amigos do Rio de Janeiro,
a quem agradeço por terem me recebido com um sorriso bem carioca e por terem me proporcionado momentos muito agradáveis dentro e fora do Fundão. Em especial, agradeço a Márcio, a Nilton e a Rogério, com quem sempre pude e posso contar para tudo.

A Sandra e a Carol,
a quem agradeço por terem se tornado minhas irmãs. Sinceramente, não tenho palavras para dizer o quanto sou feliz por ter conhecido e convivido com vocês!

Bern**A**rd e Anne
 Fl**O**rence, Eudênio e Jan
 Ana Paula, Jo**S**e e Fernanda

M**é**lanie, Alexandra e Brad
 Ir**E**ne, Pierre e Jitka
 Fabienne, L**U**pu e Carlo
 Sylvie, Eric e Kalplata

Sal**N**tusa, Alex e Batoul
 C**O**nceição e Eric
 Vanusa e Jean Marc
 Christiane e Ge**O**rges
 Sean, Gwen e Marina

CA**l**ina e François
 Marlene e Thomas
 Alexe**I** e Céline
 Ga**ë**lle, Antônio e Pilar
 Minna, Z**O**ya e Irina
 S**è**rge, Daniel e Lydie

D**o**rit e Francis
 KE**r**stin, Abbas e Joan

Pao**L**o, Hervé e Alessandra
 Valér**Y** e Hugues
 Enric**O** e Elodie
 Li**N**fei, Léonie e Ray

M**a**rcele e Joácio
 Ed**U**ardo e Regina
 Kát**I**a, Sarah e Cloé
 Gabriela, Le**T**izia e Benoît
 Dori**A**na e Rosana
 Sonia, Doris e Silvana

Luka**S** e Cécile
 Anne e Julien
 LU**ig**i, Aline e Pedro
 Blon**D**ot e Marie-Claire
 Chiar**A** e Valentina
 Mathil**D**e e Cristophe
 Joëlle **E** Richard
 Cri**S**tiane, Miriam e Silvana

SINOPSE

Análise da variação das formas de expressão do futuro verbal em português. Estudo em tempo real de longa e de curta duração (tendência), de acordo com a Teoria da Variação, de dados do século XIII ao XX. Investigação do processo de gramaticalização da forma perifrástica *ir* + infinitivo.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS	14
INTRODUÇÃO	17
1. A VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO FUTURO	20
1.1. Do latim ao português: o sintético X o analítico	20
1.2. Visão dos gramáticos tradicionais	21
1.3. Visão dos dialectólogos	22
1.4. Visão dos lingüistas	23
1.5. Estudos variacionistas	24
1.6. Outras línguas	32
1.6.1. O inglês	32
1.6.2. O francês	34
1.6.3. O espanhol	38
1.6.4. O italiano	41
1.6.5. Quadro geral	43
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	44
2.1. A sociolingüística variacionista	44
2.2. Variação e mudança morfossintática	51
2.3. A abordagem da gramaticalização	54
3. AMOSTRAS E PROCEDIMENTOS	63
4. A TRAJETÓRIA DA GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>IR</i> + INFINITIVO	73
4.1. A perífrase <i>ir</i> + infinitivo em português	74
4.2. Considerações translingüísticas: comparação com o francês	86
5. ANÁLISE DO PROCESSO DE MUDANÇA	91
5.1. Análise em tempo real de longa duração	91
5.2. Análise em tempo real de curta duração	106
5.2.1. O processo de mudança na fala	114
5.2.1.1. <i>EFs e DIDs na década de 70</i>	115
5.2.1.2. <i>DIDs nas décadas de 70 e 90</i>	135
5.2.2. O processo de mudança na escrita	153
5.2.2.1. <i>Jornais nas décadas de 70 e 90</i>	153
5.2.2.2. <i>Considerações sobre a escrita no francês</i>	172
5.3. O “nicho” do presente	174

5.3.1. Presente X futuro simples	176
5.3.2. Presente X futuro perifrástico	182
CONCLUSÕES	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198
APÊNDICE	212
RESUMO	252
RÉSUMÉ	253
ABSTRACT	254

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

QUADROS

Quadro 1: Expressão do futuro em várias línguas	43
Quadro 2: Gramaticalização X reanálise	59
Quadro 3: <i>Corpus</i> diacrônico (séculos XIII a XIX)	64
Quadro 4: Gravações do tipo EF da década de 70	64
Quadro 5: Gravações do tipo DID da década de 70	65
Quadro 6: Gravações do tipo DID da década de 90	65
Quadro 7: Grupos selecionados na fala da década de 70	115
Quadro 8: Grupos selecionados nos DIDs das décadas de 70 e de 90	136
Quadro 9: Dados demográficos de Salvador e do Rio de Janeiro	151
Quadro 10: Grupos selecionados na escrita das décadas de 70 e de 90	154
Quadro 11: Grupos selecionados em cada amostra	171
Quadro 12: Grupos selecionados (PR x FS) nos DIDs	176
Quadro 13: Grupos selecionados (PR x FP) nos DIDs	183

TABELAS

Tabela 1: Distribuição das variantes na língua escrita por séculos	92
Tabela 2: Distribuição geral das variantes na década de 70	107
Tabela 3: Distribuição geral das variantes na década de 90	108
Tabela 4: Redistribuição das variantes na década de 70	110
Tabela 5: Redistribuição das variantes na década de 90	111
Tabela 6: Paradigma verbal em EFs – anos 70	116
Tabela 7: Paradigma verbal em DIDs – anos 70	117
Tabela 8: Papel temático do sujeito em EFs – anos 70	118
Tabela 9: Papel temático do sujeito em DIDs – anos 70	118
Tabela 10: Paralelismo sintático-discursivo em EFs – anos 70	121
Tabela 11: Paralelismo sintático-discursivo em DIDs – anos 70	121
Tabela 12: Contingência do futuro em EFs – anos 70	123
Tabela 13: Contingência do futuro em DIDs – anos 70	123
Tabela 14: Projeção de futuridade em EFs – anos 70	125
Tabela 15: Projeção de futuridade em DIDs – anos 70	125

Tabela 16: Sexo/gênero em EFs – anos 70	128
Tabela 17: Sexo/gênero em DIDs – anos 70	128
Tabela 18: Faixa etária em EFs – anos 70	130
Tabela 19: Faixa etária em DIDs – anos 70	130
Tabela 20: Distribuição das três variantes por faixa etária em EFs – anos 70	131
Tabela 21: Procedência geográfica em EFs – anos 70	132
Tabela 22: Procedência geográfica em DIDs – anos 70	132
Tabela 23: Extensão fonológica do verbo em DIDs – anos 70	137
Tabela 24: Extensão fonológica do verbo em DIDs – anos 90	138
Tabela 25: Papel temático do sujeito em DIDs – anos 70	139
Tabela 26: Papel temático do sujeito em DIDs – anos 90	139
Tabela 27: Paralelismo sintático-discursivo em DIDs – anos 70 e anos 90	140
Tabela 28: Projeção de futuridade em DIDs – anos 70 (nova rodada)	141
Tabela 29: Projeção de futuridade em DIDs – anos 90	142
Tabela 30: Sexo/gênero e faixa etária em DIDs – anos 70	143
Tabela 31: Sexo/gênero e faixa etária em DIDs – anos 90	144
Tabela 32: Faixa etária em DIDs – anos 90	146
Tabela 33: Procedência geográfica em DIDs – anos 70 e anos 90	147
Tabela 34: Resultados gerais dos dados de jornais por década	153
Tabela 35: Paradigma verbal em Jornais – anos 70	155
Tabela 36: Paradigma verbal em Jornais – anos 90	155
Tabela 37: Pessoa verbal em Jornais – anos 70	157
Tabela 38: Pessoa verbal em Jornais – anos 90	157
Tabela 39: Natureza semântica do verbo em Jornais – anos 70	160
Tabela 40: Natureza semântica do verbo em Jornais – anos 90	160
Tabela 41: Animacidade do sujeito em Jornais – anos 70	163
Tabela 42: Animacidade do sujeito em Jornais – anos 90	163
Tabela 43: Papel temático do sujeito em Jornais – anos 70	164
Tabela 44: Papel temático do sujeito em Jornais – anos 90	164
Tabela 45: Tipo de oração em Jornais – anos 70	167
Tabela 46: Tipo de oração em Jornais – anos 90	167
Tabela 47: Distribuição das variantes em jornais franceses	173
Tabela 48: Distribuição do presente ao longo do tempo na escrita	174
Tabela 49: Distribuição do presente no século XX	175

Tabela 50: Uso de PR em relação a FS e extensão fonológica do verbo	177
Tabela 51: Uso de PR em relação a FS e papel temático do sujeito	178
Tabela 52: Uso de PR em relação a FS e projeção de futuridade	179
Tabela 53: Uso de PR em relação a FS e sexo/gênero do informante	180
Tabela 54: Uso de PR em relação a FS e faixa etária do informante	181
Tabela 55: Uso de PR em relação a FP e extensão fonológica do verbo	184
Tabela 56: Uso de PR em relação a FP e conjugação verbal	185
Tabela 57: Uso de PR em relação a FP e pessoa verbal	186
Tabela 58: Uso de PR em relação a FP e presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo	188
Tabela 59: Uso de PR em relação a FP e paralelismo sintático-discursivo	189
Tabela 60: Uso de PR em relação a FP e faixa etária do informante	191
Tabela 61: Síntese dos resultados do século XX (percentuais)	196

GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das variantes na língua escrita por séculos (percentuais)	105
Gráfico 2: Variantes por tipo de texto na década de 70 (percentuais)	111
Gráfico 3: Variantes por tipo de texto na década de 90 (percentuais)	112
Gráfico 4: Sexo/gênero em EFs e DIDs – anos 70 (percentuais)	129
Gráfico 5: Faixa etária em EFs e DIDs – anos 70 (pesos relativos)	130
Gráfico 6: Procedência geográfica em EFs e DIDs – anos 70 (percentuais)	133
Gráfico 7: Uso da perífrase por mulheres (percentuais)	145
Gráfico 8: Uso da perífrase por homens (percentuais)	145
Gráfico 9: Procedência geográfica em DIDs – anos 70 e 90 (percentuais)	150

INTRODUÇÃO

A diversidade do português do Brasil, como a de qualquer língua, é fato incontestável, reconhecido não só por estudiosos da língua mas também por seus próprios usuários. É possível perceber, em relação à língua portuguesa falada e escrita, dentre outros fenômenos, uma reestruturação no sistema de modo, tempo e aspecto verbais, a saber, a expressão do futuro, que pode apresentar seis variantes: a) a forma de futuro simples (“No próximo mês *viajarei* para o exterior”); b) a forma de presente (“No próximo mês *viajo* para o exterior”); c) a forma perifrástica com o verbo *ir* no presente + infinitivo (“No próximo mês *vou viajar* para o exterior”); d) a forma perifrástica com o verbo *ir* no futuro + infinitivo (“No próximo mês *irei viajar* para o exterior”); e) a forma perifrástica com o verbo *haver* no presente + *de* + infinitivo (“No próximo mês *hei de viajar* para o exterior”); e f) e a forma perifrástica com o verbo *haver* no futuro + *de* + infinitivo (“No próximo mês *haverei de viajar* para o exterior”).

O tema desta tese é a expressão do futuro verbal na norma culta – utilizada por pessoas com nível superior (curso universitário) completo – falada e escrita de Salvador e do Rio de Janeiro, dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista, com base em dados empíricos, recolhidos nas décadas de 70 e de 90 do século XX, para um estudo em tempo real de curta duração, do tipo tendência. Para uma análise funcionalista, são considerados ainda dados diacrônicos, do século XIII ao XX (tempo real de longa duração), tendo em vista a hipótese da gramaticalização, já que o estudo pretende mostrar o processo de auxiliarização do verbo *ir* na formação do futuro perifrástico com o infinitivo.

A questão que ocupa o centro do trabalho é o entendimento da variação das formas de futuro verbal no português brasileiro, ou seja, qual o envelope da variação, quais as variantes, quais os fatores lingüísticos, ou melhor, sociolingüísticos que as condicionam, quais as diferenças estruturais, funcionais e sociais entre elas e quais as implicações desse fenômeno variável na estrutura da língua. Além disso, foi possível, a partir de dados diacrônicos do século XIII ao XIX, identificar a origem da(s) variante(s) inovadora(s) e a sua implementação com base no paradigma da gramaticalização.

Esta tese objetiva descrever e analisar a indicação e o uso do futuro verbal na norma culta brasileira no sentido de contribuir para a sua caracterização. Para isso, são identificados os contextos lingüísticos que condicionam a variação da expressão do futuro verbal e as possíveis relações entre os usos das formas verbais de futuro e fatores sociais do tipo idade, sexo/gênero, região, modalidade, década e tipo de texto ou situação. Para

atingir esse objetivo, algumas hipóteses foram levantadas: a) há uma preferência pelo uso da forma perifrástica composta pelo verbo *ir* no presente + verbo principal no infinitivo (uma mudança em andamento); b) o verbo *ir* vem sofrendo um processo de gramaticalização, passando de verbo pleno a verbo auxiliar de futuro, como acontece(u) com os verbos *to go* e *aller*, respectivamente, no inglês e no francês; c) a implementação da(s) forma(s) perifrástica(s) parece comprovar que o futuro expressa muito mais modalidade do que tempo verbal; e d) a gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro está num estágio mais avançado no inglês e no francês do que no português.

Para verificar em que estágio se encontra o processo ou a implementação da mudança da expressão de futuro verbal no português, a variação é observada no tempo aparente e no tempo real, tanto de longa como de curta duração (tendência), em *corpora* diversificados.

Esta pesquisa tem ainda um caráter translingüístico, pois faz referências ao francês no que concerne ao fenômeno sob análise, a partir da confrontação dos resultados com trabalhos que descrevem essa língua e a partir de dados empíricos recolhidos por ocasião da elaboração desta tese, o que pode permitir que sejam testados princípios e hipóteses mais gerais que caracterizariam as línguas românicas.

O empreendimento desta pesquisa é de não apenas contribuir para a descrição lingüística do português brasileiro mas também de expandir o seu escopo na tentativa de contribuir para a congregação de outros saberes extensivos a outras línguas no intuito de somar conhecimentos para uma teoria mais ampla da linguagem.

No primeiro capítulo deste trabalho, *A variação na expressão do futuro*, faz-se uma revisão bibliográfica do tema em estudo não só no português como também em outras línguas modernas, a saber, no inglês, no francês, no espanhol e no italiano.

No segundo capítulo, *Pressupostos teóricos e metodológicos*, faz-se uma recensão da teoria e da metodologia da sociolingüística variacionista e sua aplicação a estudos morfossintáticos e é apresentado o paradigma da gramaticalização, que se insere no quadro teórico mais geral do funcionalismo.

O terceiro capítulo, *Amostras e procedimentos*, apresenta os procedimentos de análise adotados, explicitando detalhadamente os *corpora* examinados.

O quarto capítulo, *A trajetória da gramaticalização de ir + infinitivo*, descreve o processo de gramaticalização do futuro perifrástico com *ir* + infinitivo em português, a partir de dados do século XIX ao século XX, e procede-se a um estudo translingüístico em que se compara a história dessa forma com a respectiva de *aller (ir)* + infinitivo no francês.

No quinto e último capítulo, *Análise do processo de mudança*, são apresentados os resultados e a interpretação dos dados, tanto diacrônicos como sincrônicos, analisados sociolinguisticamente. Há um estudo em tempo real de longa duração, ainda que mais qualitativo do que quantitativo, e um estudo mais detalhado em tempo real de curta duração, em que são analisados dados de fala e de escrita de duas décadas do século XX, o que configura um estudo de tendência (*trendy study*). Esse último capítulo também contextualiza a forma de presente do indicativo, uma das variantes para a expressão do futuro.

Os quadros, gráficos e tabelas têm numeração contínua em todo o trabalho, mas os exemplos são renumerados a cada novo capítulo por uma questão de praticidade. No estudo em tempo real de curta duração, apresenta-se a ordem de seleção dos grupos de fatores, mas optou-se por apresentá-los seguindo uma ordem lingüística estrutural, inicialmente os fatores lingüísticos (fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) e, a seguir, os fatores sociolinguísticos (sexo/gênero, faixa etária e procedência geográfica do informante).

Nas *Conclusões*, o tema da tese é brevemente retomado e são enumerados os resultados gerais da pesquisa realizada. Também aí são colocadas questões futuras ainda a serem desenvolvidas sobre o assunto.

Ao final do trabalho, em forma de *Apêndice*, encontram-se as tabelas (com número de ocorrências e percentuais) geradas a partir dos arquivos de células dos dados do século XX que fundamentaram parte desta tese. Apresentam-se, nesta ordem, os resultados para as oposições binárias (futuro perifrástico X futuro simples) e para as oposições ternárias (futuro simples X futuro perifrástico X presente).

Uma parte do trabalho foi realizada, com bolsa PDEE – CAPES, no exterior, mais especificamente na École Normale Supérieure, em Lyon – França, para que o confronto entre o português e o francês fosse feito com base em dados recentes da língua francesa e com base em bibliografia específica lá disponível. Além disso, muito acerca do funcionalismo lingüístico está sendo desenvolvido a partir de pesquisas naquela cidade. O co-orientador estrangeiro escolhido – Mme. Christiane Marchello-Nizia – é especialista na área de história do francês e em muito ajudou no andamento deste estudo.

1. A VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO FUTURO

1.1. Do latim ao português: o sintético X o analítico

Segundo Câmara Jr. (1956), o latim apresentava inicialmente, a partir do século III a.C., três formas de futuro: a) futuros arcaicos, como *faxo* e *capso* – que remontavam aos futuros em *-so* do grego e do osco-umbro e em *-syá* do sânscrito; b) formas de origem subjuntiva, como *ero*, *legam* e *uenies*; c) formas em *-bo*, como *cantabo*, de raiz indo-européia *-bhwe*.

No latim vulgar, essas formas inteiramente temporais e morfológicas foram, aos poucos, abandonadas e ganharam força as gradações modais, por meio das quais o futuro se expressava como dubitativo, volitivo, desiderativo, hipotético. Ou seja, além da forma sintética em *-bo*, que prevaleceu em relação às outras, o latim possuía também formas perifrásticas para indicar o futuro, como, por exemplo, a combinação do futuro ativo participio em *-urus* com as formas de *sum*: *amaturus sum*, *eram*, *ero* etc. Essa construção conotava iminência, intencionalidade, destino, posterioridade, ou seja, expressava aspecto. Cada vez mais usada para indicar o aspecto prospectivo, adquiriu o traço “ulterior” e passou a indicar tempo, equivalente à forma de futuro (FLEISCHMAN, 1982).

Outra forma perifrástica latina era a composta pelo verbo *habere* flexionado no presente + o verbo principal no infinitivo. Inicialmente modal deôntico (*cantare habeo* = *hei de cantar, devo cantar*), só no século IV é que o *habere* adquire o valor de “futuro puro”. A partir daí, começa a se aglutinar ao verbo principal e, por volta do século XII, a perífrase já está compactada. Surge, pois, o futuro românico sintético: *cantare habeo* > *cantare hei* > *cantarei* (port.), *chanterai* (fr.), *cantaré* (esp.), *canteró* (it.) (CÂMARA JR., 1985).

O primeiro exemplo desse futuro aglutinado data do século VII, mais especificamente no ano 613, e está na *Crônica* de Fredegar. Trata-se da origem etimológica popular da antiga cidade de Daras. A forma equivalente ao atual *darás* aparece num diálogo entre o imperador Justiniano e um rei persa sobre a disputa de terras:

- (1) – et ille respondebat: non *dabo*.
– Iustinianus dicebat: *daras*.

ob hoc loco illo, ubi haec acta sunt, civetas nomen Daras fundata est iusso Iustiniano quae usque hodiernum diem hoc nomen nuncopatur.¹ (*apud FLEISCHMAN, 1982:68*)

A perífrase *cantare habeo*, funcionalmente análoga a *cantaturus sum* ou a *cantabo*, passou para os romances e pode ser encontrada em várias línguas românicas. A combinação do verbo *haver* + infinitivo é documentada até hoje em português e em francês, por exemplo. Em português, até o século XIX, era essa a variante mais concorrente do futuro simples. E o seu traço de prospecção, que deriva para tempo posterior, continua presente hoje nas novas perífrases formadas com os verbos *ir* (no português e no espanhol) e *aller* (no francês) seguidos de infinitivo.

Como mostram alguns autores, há uma possibilidade de que a expansão das variantes analíticas de futuro esteja relacionada com as mudanças na ordem das palavras. O próprio latim, fixando gradativamente a ordem SVO, perdeu formas sintéticas e ganhou formas perifrásticas, como bem diz Câmara Jr. (1956:223):

O valor exclusivamente temporal do futuro latino clássico se generalizou por *intelectualização filosófica*, enfraquecendo a sua coloração modal e levando a *língua corrente* a preferir locuções em que essa coloração fosse nítida.

Assim, pode-se constatar um processo cíclico da formação do futuro: formas sintéticas > formas perifrásticas > formas sintéticas...

1.2. Visão dos gramáticos tradicionais

É fato que a maioria dos autores das gramáticas tradicionais e dos manuais escolares apresenta apenas o futuro do presente simples. Quando muito, alguns mencionam o uso do presente do indicativo com valor de futuro para anunciar um acontecimento próximo, como é o caso de Almeida (1992:228), embora utilize em seu próprio texto a forma perifrástica com o verbo *ir* no futuro + infinitivo, como na página 230: “... ação que *irá realizar-se...*”.

Said Ali (1964) reconhece a combinação *ir* + infinitivo para designar locomoção, desejo de realizar algo ou um fato que não tardará a se realizar. Tanto ele quanto Cunha &

¹ “– e ele respondeu: não *darei*. – Justiniano disse: *darás*. Por esta razão, nesse local onde esses fatos se passaram, uma cidade de nome Darás foi fundada por ordem de Justiniano, cidade que até hoje é chamada por esse nome”.

Cintra (1985) apontam essa forma como substituta do futuro do presente e como indicadora de uma ação futura imediata.

Bechara (2003:250) acrescenta que o uso do presente pelo futuro indica “com ênfase uma decisão”.

Já Faraco & Moura (1999:356), embora não se refiram à forma perifrástica ao tratarem do tempo futuro, quando falam de locução verbal, mencionam (ainda que sem qualquer comentário), dentre outros verbos, o verbo *ir* como auxiliar combinado com infinitivo ou gerúndio, dando como exemplos *vou viajar*, *vai partir* e *vou saindo*.

Rocha Lima (1976:118), entretanto, chega a apresentar o verbo *ir* como auxiliar, mas apenas em construções com o gerúndio, como em “a tarde *ia* morrendo”, embora o utilize como auxiliar de futuro à página 109, quando escreve: “A mesma vogal ainda *vai aparecer* em, por exemplo, poente (po-E-nte) e poadeira (po-E-d-eira)”.

Cunha (1977:381), por sua vez, apresenta o verbo *ir* como auxiliar para expressar “o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo”, como em *vou dormir*.

Nas gramáticas tradicionais, portanto, a variação na expressão do futuro verbal não é formalmente apresentada. E, mesmo nos casos em que ela é reconhecida, admite-se uma diferença de significado entre as formas.

1.3. Visão dos dialectólogos

Amaral (1920:55) e Marroquim (1934:89) já registram o uso do presente do indicativo pelo futuro, respectivamente, no dialeto caipira e nos dialetos de Alagoas e Pernambuco, mas nada documentam em relação ao futuro perifrástico. Este último acrescenta que o presente “imprime maior vigor à expressão” e que deixou de ser uma opção para ser uma regra, “maneira única de dizer”.

Nascentes (1922:92-93), ao descrever o dialeto carioca, menciona que o futuro sintético só é usado raramente, sendo substituído pelo presente ou pelo “aspecto ingressivo” – ou “perífrase ingressiva” (verbo *ir* no presente + infinitivo). Neste último caso, ele ainda diz que o mesmo acontece no francês, no asturiano e no espanhol. E, mais adiante, dá a seguinte explicação, que retomou de Brunot (1926): “Quem fala transporta os fatos do futuro em que seu plano se achará realizado, para o presente em que ele fala. Os fatos certos aparecem como presentes no passado. É o caso de *eu vou* por *eu irei*”.

1.4. Visão dos lingüistas

Silva Neto (1977:116) afirma que os falares rurais brasileiros e os crioulos em geral caracterizam-se pela redução das flexões e diz ainda: “Já sabemos que a tendência geral de toda a evolução morfológica das línguas indo-européias consiste no prevalecimento do caráter analítico sobre o sintético”. Isso pode ser perfeitamente aplicado ao caso da expressão do futuro verbal. Todavia, como os autores citados anteriormente (AMARAL, 1920; NASCENTES, 1922 e MARROQUIM, 1934), não descarta a possibilidade de esse processo ter-se acelerado no português do Brasil por força dos aloglotas, dos negros, dos índios e/ou dos mestiços. Essa hipótese, porém, é contestada pelo simples fato de que o mesmo processo é atestado em diversas outras línguas que nunca possuíram o mesmo contexto sócio-cultural.

Para Câmara Jr. (1985), a flexão verbal apresenta dois tipos de marcas: uma que indica o sujeito do verbo, o ponto de partida da comunicação; e outra que revela “certas características que acompanham obrigatoriamente, dentro da língua, a significação intrínseca da forma verbal”. Segundo ele, o futuro expressa a expectativa de algum ato (evento ou situação) a ser verificado mais tarde e expressa também uma apreciação do falante em relação àquilo que enuncia, ou seja, o modo como o falante encara o que comunica. Mostra ainda que as formas modais analíticas de futuro é que foram usadas na formação de um tempo futuro no latim (*cantare + habeo > cantar hei > cantarei*). Observa-se agora uma volta nesse processo, pois a forma perifrástica em português é inovadora em relação à forma sintética. Quanto à perífrase com *ir* + infinitivo, para ele uma locução, não é vista como indicação de futuro. Ele explica, às páginas 172-173: “as locuções com o presente de *ir* tiram sua motivação e sua freqüência de emprego da significação modal e aspectual que contêm. Assim, o que elas substituem é o presente simples para assinalar a mais a atitude psíquica de intenção e expectativa”. Os resultados encontrados nesta tese, contudo, indicam que a forma perifrástica não substitui o presente (que se mantém em contextos próprios), mas sim o futuro simples.

Mattos e Silva (1989:421), descrevendo o português trecentista, ao falar do tempo futuro, mostra o futuro simples e o presente, relatando que este último é pouco freqüente na documentação analisada. A forma *haver de*, entretanto, é apresentada como modal, em exemplos como “*Ei de fazer a obra*” (p.466-467). Quanto ao verbo *ir*, ela o encontra seguido de gerúndio para indicar aspecto “durativo dinâmico” (p.457-458) e chega mesmo a apresentá-lo como verbo que indica futuro à página 469, em exemplos do tipo “*Van*

demandar outro lugar”. Todavia ressalta que “a expressão de uma intenção a realizar-se pelo verbo *ir* seguido de infinitivo é pouco usada no *corpus*. Isso contrasta com o seu uso freqüente no português contemporâneo”.

Perini (1995) comenta o fato de o presente do indicativo poder exprimir o tempo semântico futuro, como em “amanhã eu *faço* isso para você”. Ele fala que a noção semântica de tempo não se identifica, nem se relaciona de maneira simples, com a categoria morfológica de tempo verbal. Nada fala, entretanto, sobre a construção perifrástica de futuro com o verbo *ir*.

Neves (2000), com propriedade, apresenta o verbo *ir* como auxiliar de tempo, indicando futuridade em construções com o infinitivo, como em “Quando eu crescer *vou comprar* um carro bonito...”. Chama atenção ainda para o fato de que, quando conjugado no passado, indica futuridade dentro do passado, como em “O grande golpe *ia ser vibrado* e com o máximo de...” (p.65).

Mateus *et alii* (2003:154-155), ao falarem do tempo gramatical presente, evidenciam a possibilidade de ele “ser utilizado para referir um tempo posterior ao tempo da enunciação, nomeadamente quando apoiado por advérbios e quando o predicado seleccionado é um evento”. Segundo as autoras, os “estados faseáveis” na forma de presente progressivo permitem uma projeção para o futuro, “como se o estado fosse o resultado de um plano estabelecido no presente”. Mais adiante (p.256-257), ao falarem do tempo gramatical futuro, mencionam o fato de ele poder ser considerado um modo, quando introduz no enunciado uma fonte de incerteza ou permite uma leitura próxima da deôntica, e inclusive dizem que a referência a um tempo posterior ao da enunciação “é expresso por outros meios”, mas não explicitam quais. Ainda que não discorram sobre o futuro perifrástico nem apresentem o verbo *ir* como auxiliar de futuro, listam-no como verbo auxiliar aspectual quando seguido de gerúndio (p.305). Incluem-no, porém, na relação dos verbos “semiauxiliares” – “verbos esvaziados de significado lexical, sem grelha argumental, que respondem afirmativamente a alguns mas não a todos os critérios de auxiliaridade” – como um dos mais próximos dos auxiliares “puros” (p.315), mas não comentam o seu papel morfo-semântico.

1.5. Estudos variacionistas

Thomas (1969), estudando o futuro verbal no português do Brasil, encontra cinco variantes: o futuro simples (*falarei*), o presente (*falo*), a perífrase com *haver* no presente

(*hei de falar*), a perífrase com *ir* no presente (*vou falar*) e a perífrase com *ir* no futuro (*irei falar*). Ele atesta que o futuro simples é muito pouco usado na fala, exceto com verbos monossilábicos (*ver, ter, ser, dar, vir, ir* etc.) e alguns irregulares como *trazer, dizer e fazer*. Quanto à perífrase com *ir* no presente, ele diz que é muito freqüente e que nessa construção o verbo *ir* já perdeu o seu traço de movimento. Em relação à perífrase com esse mesmo verbo no futuro, ele diz não ser muito freqüente e encontrada na escrita menos formal. E a forma de presente é, segundo ele, a de mais comum uso na fala.

O mesmo autor, em 1974, ao elaborar uma gramática do português falado no Brasil com base em dados da fala culta carioca, afirma ser, então, a perífrase com *ir* no presente a mais usada (como no inglês), seguida do presente. Reafirma que o futuro simples é pouco utilizado na conversação e fala que a perífrase com *haver* pode formar um futuro perifrástico, já que pode ter dois sentidos – o de obrigatoriedade e o de futuridade. E conclui, sobre esse assunto, dizendo que as quatro possibilidades são naturais na língua (p.117).

Pontes (1982), em seu estudo sobre o verbo no português coloquial, analisando a fala espontânea de falantes cultos cariocas, encontra para a expressão de futuro apenas o presente do indicativo, para um futuro mais imediato, e a forma perifrástica, usada para expressar um futuro mais remoto.

Oliveira (1985), analisando o futuro em português europeu, considera três variantes: o futuro simples (“*Sairei* contigo amanhã”), o futuro perifrástico (“*Vou sair* contigo amanhã”) e o presente (“*Saio* contigo amanhã”). A autora afirma que a perífrase com *ir* + infinitivo é “actualmente mais usual em discurso coloquial, o que parece sugerir uma mudança de padrão” (p.357-358). E formula a hipótese de que o presente só marca posteridade se acompanhado de um advérbio ou expressão adverbial temporal que assinale um intervalo posterior. Quanto ao futuro simples, ela nota que, em muitos casos, está pouco relacionado com a expressão de tempo, mas apresenta uma modalização, como, por exemplo, em:

(2) *Será* verdade o que dizes [mas eu não creio].

(3) A esta hora já *estará* em Nova Iorque.

Observa ainda um quê de epistêmico, deôntico ou até dinâmico nessa variante, em exemplos como:

(4) Não *matarás*.

(5) O sol *nascera* amanhã às sete horas.

E conclui que o futuro simples parece jogar entre o necessário e o possível, portanto é muito mais modal que temporal.

Santos (1997), estudando o futuro verbal em dados da escrita padrão, encontrou quatro variantes: futuro simples (*viajarei*), futuro perifrástico (*vou viajar*), futuro simples perifrástico (*irei viajar*) e presente do indicativo (*viajo*). Em sua pesquisa, atestou que a forma de futuro simples é a de maior prestígio e foi a que prevaleceu nos textos analisados (*Diário do Congresso Nacional* e *Revista Isto É*). Ao diminuir o grau de formalidade, o uso da forma perifrástica foi favorecido. Já o futuro simples perifrástico situou-se num grau intermediário de formalidade, entre os dois primeiros mencionados acima. E o presente como futuro foi o menos documentado por requerer contextos lingüísticos específicos e não ter, portanto, um uso muito generalizado. As variáveis selecionadas em seu trabalho foram: predicação verbal, paralelismo, tipo de texto (redigido ou transcrito), fonte do dado, pessoa verbal, número de sílabas e cadeia de verbos. A autora conclui que o presente e a forma perifrástica são formas inovadoras já reconhecidas no vernáculo e que o seu uso tende a se ampliar.

Santos (2000), estudando duas amostras, uma formal e uma informal, respectivamente, entrevistas da Rádio Jornal do Brasil e do PEUL², constata a tendência ao desaparecimento gradual da forma sintética de futuro, principalmente na fala informal, abrindo espaço para o crescente uso da forma analítica *ir* + infinitivo. Esta forma, mais inovadora, mostrou-se mais freqüente entre os jovens, o que, num estudo em tempo aparente, revela um processo de mudança em curso. Já a forma do presente como futuro foi atestada tanto em situações formais como em situações informais, com resultados próximos ora aos da forma perifrástica, ora aos da forma simples. Segundo a autora, o processo de mudança na expressão do futuro verbal em português se iniciou com o uso da forma de presente (forma não marcada), que, usada em auxiliares modais, teria originado o futuro perifrástico. E ela conclui que no português atual convivem os três estágios da construção *ir* + infinitivo: a) *ir* como verbo pleno, indicando movimento no espaço; b) *ir* como auxiliar modal indicando intencionalidade; e c) *ir* como auxiliar de tempo no futuro perifrástico.

² Projeto de Estudos sobre o Uso da Língua, desenvolvido na UFRJ.

A mesma autora, em artigo inédito em que discute se o futuro verbal é um tempo ou um modo, identifica uma linha tênue entre tempo, modo e modalidade nas formas de expressão do futuro. Analisando alguns dados colhidos na *Revista Veja*, ela constata que: a) o futuro simples tende a codificar conteúdos modais; b) o presente codifica a assertividade, denotando um valor de verdade na enunciação de proposições futuras; c) o futuro perifrástico, por sua vez, expressa uma atitude mais avaliativa por parte do falante, apresentando maior envolvimento deste com a enunciação. Mais do que evento posterior ao momento da fala, o futuro (em qualquer das suas variantes) expressa a postura do falante em relação ao fato enunciado. Assim, conclui que, sendo, por definição, um modo *irrealis*, o futuro deveria estar associado ao modo subjuntivo.

Gibbon (2000), analisando o mesmo fenômeno na fala de Florianópolis, conclui, com base em dados do Projeto VARSUL, que o futuro perifrástico avança substituindo o futuro simples através do processo de gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de tempo futuro, convivendo já em variação com a forma do presente do indicativo. Em sua pesquisa, ela atesta um processo de mudança em progresso, já que a variável faixa etária mostrou-se a mais relevante: os mais jovens usam mais as formas inovadoras (o futuro perifrástico e o presente) e os mais velhos resistem mais a seu emprego. Para a autora, sendo o futuro instaurado pelo contexto semântico-discursivo, a forma verbal fica isenta de marcar o tempo, o que favorece o uso do presente. Já a perífrase *ir* + infinitivo estabelece um valor de fato temporal, pois é favorecida pelo modo indicativo, por um verbo principal de estado, pela pessoa verbal e pela modalidade deôntica, ou seja, a perífrase tem também um valor modal, já que a ela está vinculado o traço modal de maior intenção ou certeza. Dizer, porém, que o presente é uma forma inovadora é bastante questionável, pois os dados diacrônicos desta tese mostram que o presente com valor de futuro existe pelo menos desde o século XIV.

A mesma autora, em comunicação apresentada em 2003, realiza testes de atitude/avaliação com professores de duas cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina sobre o uso do futuro perifrástico *ir* + infinitivo com o verbo principal *ir* (*vou/vais/vamos ir*) e seus resultados apontam que, no primeiro estado, esse uso é aceito e não considerado “erro”, ao passo que, em Santa Catarina, os alunos têm esse uso corrigido por ser considerado “redundante”.

Em outra comunicação também em 2003, a autora analisa as formas usadas para codificar o futuro num periódico de grande circulação no Rio Grande do Sul e seus dados revelam que, além do futuro simples e do perifrástico, aparecem também as formas de

presente do indicativo e de futuro do presente perifrástico (*irei fazer*). Ela conclui que esta última parece ser a forma preferida entre os jornalistas, marcando um ponto intermediário entre a formalidade do futuro do presente e o aspecto coloquial da forma perifrástica com *ir* no presente.

Silva (2002) analisa qualitativamente a expressão de futuridade no português falado a partir de 11 gravações secretas de conversações telefônicas, de 5 entrevistas, de 3 elocuições formais (dentre as quais, 2 do Projeto NURC³-SP), de 1 diálogo interativo entre duas donas-de-casa, de duas interações entre vários falantes colhidas de programas de televisão e de uma gravação de um programa de rádio com trechos de vários participantes. Seus resultados apontam que a forma perifrástica *ir* + infinitivo é, sem dúvida, a mais utilizada (p.97). O presente foi a segunda forma mais utilizada, co-ocorrendo com a forma perifrástica (p.102). Já o futuro simples, a variante de mais baixa ocorrência, foi empregado com verbos monossilábicos irregulares como os apontados por Thomas (1969) e em contextos formais (declarações de políticos, juizes e executivos), contextos discursivos injuntivos.

Gryner (2003), embora trabalhando apenas com estruturas condicionais, observa a variação entre as formas de expressão do futuro verbal. A autora destaca a substituição do futuro pelo presente do indicativo, para a codificação do não-passado, e a gramaticalização cíclica das formas perifrásticas originais de futuro do indicativo, de acordo com Traugott & Heine (1991) e com Heine *et alii* (1991). Analisando dados da língua oral da cidade do Rio de Janeiro, comparando as décadas de 1980 e de 2000, e dados de língua escrita do século XVI ao XX, ela conclui que a substituição do futuro sintético da modalidade escrita pelo perifrástico usado nas amostras orais não altera a distribuição entre essas formas e as do presente do indicativo. Em ambos os casos (modalidade escrita literária e oral coloquial), as taxas de futuro do presente permanecem estabilizadas em torno de 25%. As informações recentes, disponíveis na memória de curto prazo, condicionam a forma não-marcada do presente do indicativo. Ela observa ainda que o futuro do indicativo será tanto mais favorecido quanto maior o grau de escolarização do falante. Os estudos recentes apontam a forma perifrástica como própria da língua falada informal. Na evolução das formas de futuro, ela substitui a sintética como alternativa ao presente do indicativo. E a autora constata que esta forma inovadora, ignorada pelas gramáticas correntes, entrou no sistema

³ Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta, desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Esse projeto tem três tipos de gravações com informantes de nível superior completo: EF (elocuições formais), DID (diálogo entre informante e documentador) e D2 (diálogo entre dois informantes).

através das camadas mais instruídas, configurando uma mudança de cima para baixo e favorecida pelos homens.

A mesma autora, em comunicação sobre a expressão do futuro na fala e na escrita (2003), discute o efeito do princípio funcional da marcação no uso variável do futuro do presente. Analisando o efeito das variáveis modalidade e atitude epistêmica, ela conclui que a maior acessibilidade (certeza) favorece o futuro perifrástico e a menor acessibilidade (possibilidade) o desfavorece. Ela observa também que a marcação das formas de futuro tende a se inverter de acordo com a modalidade. Ou seja, na fala, a construção perifrástica com um modal no presente tende a assumir a função gramatical do futuro sintético, o que torna este último menos freqüente, menos acessível e, portanto, mais marcado.

Malvar (2003) analisa sociolinguisticamente textos teatrais dos séculos XVI, XVIII, XIX e XX e a fala informal de brasilienses da classe trabalhadora distribuídos por sexo/gênero, idade e grau de escolaridade, cujas gravações foram feitas entre 1991 e 2003. Ela encontra quatro variantes: futuro sintético, *haver* + infinitivo, presente e *ir* + infinitivo. Seus resultados mostram que: a) o futuro sintético decresce em uso (de 66% em dados do século XVI para 9% na escrita e 1% na fala em dados do século XX); b) a forma com *haver* + infinitivo com valor de futuro desaparece (30% dos dados no século XVI e 1% dos dados de escrita do século XX – não tendo sido documentado na fala); c) há um aumento do uso do presente (3% dos dados no século XVI e 18% dos dados de escrita e 14% dos dados de fala no século XX); d) a forma perifrástica *ir* + infinitivo tem seu uso incrementado historicamente (1% dos dados no século XVI contra 73% dos dados de escrita e 85% dos dados de fala no século XX). A autora constata que condicionam o uso do futuro sintético os fatores ‘verbos de estado’ e ‘sujeito não-animado’, ficando a forma perifrástica com *ir* condicionada pelos fatores ‘frase afirmativa sem a presença de advérbios’ e ‘expressão de um futuro próximo e assumido’. Ela considera os fatores ‘futuro contingente’ e ‘presença de advérbios específicos de futuro’ – variáveis que favorecem o uso da forma de presente – as duas únicas barreiras para que a forma perifrástica *ir* + infinitivo (que atinge pesos relativos de .929 na fala e .766 na escrita do século XX) substitua definitivamente as outras variantes. E chama a atenção para o fato de que a forma presente vem sendo usada para expressar o futuro, sobretudo do próprio verbo *ir*, pois que a forma sintética (*irei*) está em desuso e a forma perifrástica (*vou ir*) é ainda evitada e “corrigida” pelos falantes.

Callou (2005), analisando três tipos de cartas escritas no século XIX (cartas de avós aos netos, cartas de homens ilustres a uma figura pública e cartas de editores de jornais do

Rio de Janeiro), identifica cinco variantes para o futuro no português do Brasil: a) o futuro simples; b) o presente; c) a perífrase com *ir* no presente; d) a perífrase com *ir* no futuro; e) a perífrase com *haver* no presente. Seus resultados mostram que o futuro simples é a variante mais usada nesse século (92% nas cartas de homens ilustres, 87% nas cartas de editores e 61% nas cartas dos avós) e que o presente teve uma ocorrência baixa (16% do total de dados). Considerando apenas as três variantes perifrásticas, a autora identifica que a mais usada era a com *haver de* (85%), que expressava ao mesmo tempo futuridade e obrigação e que ocorria, preferencialmente, com sujeito [+ humano]. E menciona o fato de que, atualmente, o futuro sintético vem sendo substituído pela forma analítica com *ir* + infinitivo, em que se observa um processo em andamento de gramaticalização do verbo *ir*. Em sua conclusão, ela diz que a expressão do futuro em português, assim como em outras línguas, alternando formas sintéticas e analíticas, percorre o caminho, desde o latim, assim esquematizado: “*cantabo > cantare habeo > cantarei ~ hei de cantar ~ vou cantar ~ canto*”.

Malvar & Poplack (em artigo ainda inédito) analisam *corpora* diacrônico e sincrônico, com dados de escrita e da fala contemporânea, considerando as variantes forma sintética, perífrase com *haver de* + infinitivo, presente e perífrase com *ir* + infinitivo para a expressão do futuro verbal em português. Verificam que poucas motivações são relevantes na escolha das variantes. Até o século XIX, a variação ocorria, basicamente, entre o futuro simples e a perífrase com *haver*. Afirmam que a perífrase com *ir* foi estabelecida no século XIX em contextos de frases declarativas sem advérbios, expressando um futuro próximo, e se expandiu no século XX por todos os contextos, excluindo, gradualmente, as outras variantes e se tornando a variante *default*, exceto nos poucos contextos da variante “rara, mas tenaz”, presente: futuro contingente, especificação adverbial e verbo principal *ir*. O trabalho de Lima (2001), entretanto, mostra que a gramaticalização de *ir* + infinitivo remonta a períodos bem mais anteriores.

Poplack & Malvar, também em trabalho ainda inédito, verificam a ‘hipótese da taxa constante’ (*constant rate hypothesis* – CRH) proposta por Kroch (2001) na mudança da expressão do tempo futuro no português do Brasil. Considerando dados dos séculos XVI a XX, documentam quatro variantes: o futuro simples, a perífrase com *haver de* + infinitivo, o presente e a perífrase com *ir* + infinitivo. A análise confirma a CRH e as autoras concluem que a mudança lingüística é, de fato, gradual e não abrupta.

Como se pode verificar, os vários trabalhos feitos sobre o tema desta tese apontam para um processo de mudança em curso, embora os resultados variem em função dos dados

analisados. Em suma, o que se tem documentado até o momento é que a mudança se dá por um processo de substituição da forma simples por uma forma perifrástica através da gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro. Esta forma analítica começa a ser usada em contextos mais específicos e gradualmente atinge outros até a sua compleição.

Esse processo parece seguir uma tendência mais ampla de alterações dentro do sistema modo-temporal do português, que pode ser verificada também no futuro do pretérito, como atestam Costa (2003) e Oliveira (2003/2004).

Costa (2003) analisa diacronicamente o futuro do pretérito no português do Rio de Janeiro em duas abordagens – tempo real de longa e de curta duração (este último dividido em tendência e painel) –, examinando a luta entre formas simples e formas perifrásticas. A pesquisa de longa duração revela a presença da perífrase *haver de* + infinitivo, que desaparece dos textos teatrais a partir da segunda metade do século XX, dando impulso à forma *ir* + infinitivo, a qual atinge 45% dos dados das últimas décadas do século XX. O estudo de curta duração aponta a preferência de *ir* + infinitivo concentrada na faixa etária mais jovem, o que corrobora a hipótese de que esta seja a forma inovadora no português brasileiro recente. A autora constata também que a forma simples de futuro do pretérito está associada à escolaridade e ao contexto social, o que foi comprovado tanto no exame de peças teatrais, mais ou menos populares, como no estudo de painel. Quanto à forma de pretérito imperfeito com valor de futuro, ela conclui ser um fenômeno ainda típico da fala popular. Discutindo a gramaticalização do verbo *ir*, a autora mostra que ele vem perdendo propriedades lexicais, passando a funcionar como verbo auxiliar indicando predição/futuridade, seguindo o mesmo percurso que tem sido observado em várias línguas.

Oliveira (2003/2004), em artigo sobre a formação do condicional (futuro do pretérito) em português, lança uma hipótese interessante envolvendo o verbo *ir*. A autora prevê duas formas concorrentes para a gênese do condicional: *amar avia* e *amar ia*. Ela relata que, tanto para o futuro simples como para o condicional, houve um processo de gramaticalização semelhante, mas envolvendo auxiliares diferentes (*haver* para o futuro simples – *amar + hei* – e *ir* para o condicional – *amar + ia*). Apresenta, pois, o verbo *ir* como auxiliar da perífrase original do futuro do pretérito. Ao final do artigo, estabelece um paralelo entre as formas *amar ia* e *amar vou*. É interessante o seu artigo por mostrar que o verbo *ir*, em processo de gramaticalização na construção do futuro perifrástico atual (*vou fazer*), já participara de um processo semelhante na formação do condicional sintético.

1.6. Outras línguas

Nesta seção, apresenta-se, ainda que sucintamente, uma visão geral do fenômeno estudado em outras línguas, a saber: o inglês, o francês, o espanhol e o italiano.

O inglês, embora não-românico, foi considerado por ser uma língua em que o futuro perifrástico está bastante gramaticalizado. É uma língua à qual se referem praticamente todos os estudiosos desse assunto.

O francês, o espanhol e o italiano foram considerados por serem línguas mais conhecidas e nas quais o futuro perifrástico também varia com o futuro simples e por permitirem a verificação da hipótese mais geral de que esse fenômeno é característico de outras línguas, sobretudo das línguas românicas.

1.6.1. O inglês

Uma das mais antigas e talvez mais documentadas análises de implementação da forma analítica de futuro com o verbo *ir* é a da língua inglesa. Segundo Fleischman (1982:82), o primeiro registro do futuro perifrástico com o verbo *to go* remonta ao século XV, provavelmente ao ano de 1482.

O verbo *to go* + infinitivo tem sido cada vez mais usado nessa língua para exprimir o tempo futuro. Trata-se do exemplo clássico de gramaticalização em que verbos plenos se tornam auxiliares, atingindo, inclusive, reestruturação sintática e morfo-fonológica. No âmbito sintático, antes da gramaticalização a estrutura era [*be going*] + [*to* + infinitivo]; depois ocorre uma reparentetização (*rebracketing*) e a estrutura é reanalisada como [*be going to* + infinitivo] (HOPPER & TRAUGOTT, 1993/2003). Em outro estágio, no âmbito morfo-fonológico, *going to* se reduz a *gonna* (TRAUGOTT & HEINE, 1991; BYBEE *et alii*, 1994).

Poplack & Tagliamonte (1995) encontram as seguintes variantes na expressão de futuro do inglês da Nova Escócia: a) a perífrase com *be going to*; b) o presente; c) a forma clássica com o auxiliar *will*; e d) a forma perifrástica com *gonna*. Eis, respectivamente, alguns exemplos:

(6) *I'm goin'to* China again this year.

(7) *I go* to China in September.

(8) I think I'll *have* a little ice cream.

(9) Granny, you *gonna have* a lunch tonight?

As autoras fazem uma análise sociolinguística considerando, dentre outros vários fatores, a etnia. Para o inglês dos brancos, foi selecionada a variável 'proximidade do futuro' (a variante *gonna* é mais usada para futuro imediato e a variante *will* + infinitivo é mais usada para futuro distante). Já para o inglês dos negros, não há uma estratificação das variantes e a forma *gonna* é empregada em todos os contextos, sem especialização temporal. Concluem, porém, que essa variação não decorre de um fenômeno universal ou regional, mas é resultado de uma herança do sistema levado para lá pelos colonizadores.

Durham (2004) analisa a variação na expressão do futuro em inglês (*will* ou *going to*) na Suíça, ou seja, em falantes não nativos que usam o inglês como "língua franca". A essa variedade de inglês ela chama *Pan Swiss English*. Seu *corpus* é composto de dados de fala e de e-mails escritos em inglês por falantes suíços, que têm como língua materna o francês, o alemão ou o italiano e compara seus resultados com dados de anglófonos nativos. A autora constata que, nos e-mails, a variante *will* é a mais usada, tanto por nativos (88,5%) como por não-nativos (de língua francesa: 98%; de língua alemã: 93,5%; de língua italiana: 99%). Também na fala é essa a forma que predomina, embora aí haja uma diferença significativa entre nativos e não-nativos: a) nativos de Ottawa: 55%; b) nativos de Nova Iorque: 70%; c) nativos de Londres: 79%; d) não-nativos (suíços): 95%. A conclusão a que se chega é a de que os falantes não nativos não adquirem a variação dos nativos e restringem-se ao uso da forma canônica escolar *will*. A distinção apresentada nos livros e gramáticas do inglês (tanto para nativos como para estrangeiros) de que o uso de *will* seria para "predição" (*prediction*) e o de *going to* seria para "plano ou intenção" (*a plan or an intention*) não se confirma nesses dados.

Edwards (2005), estudando o inglês de Detroit, encontra três formas vernaculares para a expressão do futuro – *will*, *gonna* e *gon* – conforme os exemplos seguintes:

(10) Let's get serious a bit, who do you think *will* win the presidential election?

(11) Well in my opinion no, but they *gonna* do it anyway.

(12) That's something that ain't *gon* never change.

Identifica ainda a ocorrência de *fitna* como um marcador de futuro, como no exemplo:

(13) I say oh my God, I'm *fitna* kill myself.

Os resultados de sua análise apontam que *will* é mais usado com sujeitos pronominais e quando o evento futuro é distante ou hipotético e que a forma *gon* é mais gramaticalizada do que *gonna*. Ele associa a forma *gon* prosódica e gramaticalmente à forma *gun* do crioulo da Guiana:

(14) Letroy *gun* play di guitar when hi come (= Letroy *will* play the guitar when he comes).

Para alguns teóricos, o futuro com *be going to*, resultado da evolução de *go* como verbo de movimento no espaço para *go* como verbo auxiliar, pode ser explicado como um caso de metáfora (HEINE *et alii*, 1991). Para outros, como Hopper & Traugott (1993/2003), trata-se de um caso de metonímia.

Com base nos trabalhos referenciados, verifica-se que, no inglês, o processo de gramaticalização do verbo *to go* na construção perifrástica de futuro encontra-se num estágio mais avançado que o do verbo *ir* em português, pois *going to* já varia com *gonna* e até com *gon*. Na verdade, em inglês, o processo de gramaticalização desse verbo já está no último estágio, em que, segundo Hopper & Traugott (1993/2003), ocorre a chamada redução fonética.

1.6.2. O francês

O primeiro documento do galo-romance é o *Serments de Strasbourg*, que data do ano de 843. E é nele que se atestam as duas primeiras ocorrências em francês do futuro sintético derivado do latim *cantare habeo*: *salvarai* (port. *salvarei*) e *prindrai* (port. *tomarei*). Mas a história do francês também atesta o uso da forma perifrástica com o verbo *avoir* (port. *haver*) + infinitivo, com uma trajetória similar à dessa expressão em português. Num primeiro estágio, tratava-se do verbo *habere* (port. *haver*; fr. *avoir*) em seu sentido pleno de posse com uma nuance de obrigação: “j’ai une lettre à poster” (“tenho uma carta a postar”). A seguir, essa forma perde o valor de posse e o de obrigação se acentua: “j’ai une lettre à écrire” (“tenho uma carta a escrever”). Num estágio seguinte, ocorre uma mudança

de ordem dos constituintes da frase: “j’ai à écrire une lettre” (“tenho de/que escrever uma carta”). Assim, ocorre uma reanálise da estrutura e os dois verbos são vistos como uma unidade, por meio da reparentetização, permitindo inclusive o apagamento do objeto: “j’ai à écrire” (“tenho de /que escrever”). E aqui o traço de obrigação já contém o traço de algo posterior, para o futuro (FLEISCHMAN, 1982:58-59). Trata-se, pois, do mesmo processo ocorrido com o verbo *haver* em português, que, até o século XIX, podia ser empregado com valor de futuro, mas que atualmente voltou a exprimir apenas obrigação.

Em francês, atualmente, o futuro pode ser expresso pela forma simples (*futur simple*), pelo presente (*présent*) e pela forma perifrástica com o verbo *aller* (*ir*) + infinitivo (*futur proche*), conforme os exemplos:

(15) Je chanterai demain.

(16) Je chante demain.

(17) Je vais chanter demain.

O *Le Bescherelle* (1984), que trata da gramática do francês, apresenta o presente ao lado do futuro simples para indicar futuridade, mas não considera a forma perifrástica um tipo de futuro. Para o autor, essa forma seria um presente com aspecto prospectivo. Ele mostra que a perífrase indica não a futuridade, mas um projeto, uma decisão tomada pelo falante no momento da fala, dando como exemplo a frase:

(18) Salut, je vais acheter le pain.

Entretanto vários estudos têm mostrado uma alternância entre essas formas e os resultados de algumas pesquisas revelam inclusive a substituição do futuro simples pelo perifrástico.

Fleischman (1982:82) relata que a forma perifrástica surge no francês (assim como no português e no espanhol) a partir dos séculos XIII e XIV, antes mesmo de aparecer no inglês (século XV), tendo se generalizado na fala coloquial durante o século XV e passando a registros mais formais nos séculos XVI e XVII.

Mas Marchello-Nizia *et alii* (2003:238) afirmam que a perífrase *aller* + infinitivo, como um novo paradigma em francês, data do século XVI. Em banco etiquetado de dados do francês medieval, sob a sua responsabilidade e direção, pode-se verificar que o caminho da gramaticalização percorrido pelo verbo *aller* até se tornar auxiliar na formação da

perífrase de futuro é semelhante ao do verbo *ir* em português. Foram identificados os mesmos contextos sintático-semânticos, embora em francês esse processo esteja num estágio mais avançado. Esse estudo é apresentado no capítulo 4 desta tese.

Waugh & Bahloul (1996) analisam 40 artigos extraídos dos jornais parisienses *Le Monde*, *Figaro* e *Libération*, observando a variação entre o futuro simples e o futuro perifrástico. Constatam que ambas as formas têm caráter, de fato, temporal, já que assinalam uma referência ao porvir, situando a predicação após o momento da enunciação. Observam, porém, uma diferença entre as variantes: a forma simples não implica envolvimento do enunciador com o conteúdo do enunciado, mas, bem ao contrário, assinala um certo distanciamento do enunciador; já a forma perifrástica implica envolvimento e aproximação entre enunciador e enunciado. Observem-se os exemplos (19) e (20):

(19) Le Parti National de Frederik Klerk *sera*, en effet, la principal composante du gouvernement, dont les postes, selon la Nouvelle Constitution, sont distribués d'une façon proportionnelle.

(20) L'organisation des visites des délégations étrangères, à Paris, *va développer* leurs relations avec la presse française et internationale.

Em (19), o locutor apenas constata um fato da realidade, com o qual não está diretamente envolvido; já no exemplo (20), o jornalista evidencia que é favorável ao desenvolvimento de boas relações com a imprensa francesa e internacional.

As autoras concluem que, ao contrário do que ocorre na língua falada, a forma de futuro simples é mais usada na língua escrita do que a forma perifrástica com *aller* + infinitivo, resultado semelhante ao encontrado na amostra analisada nesta tese para efeito de teste, apresentado ao final da seção 5.2.2. deste trabalho.

Jeanjean (1988), analisando as formas de futuro simples e futuro perifrástico, mostra que a forma simples é encontrada, sobretudo, nos casos em que o falante expressa um projeto (21), nos casos em que há uma dada limitação de tempo (22), nos casos em que há um enunciado de valor geral (23) e em narrações com efeito retrospectivo (24):

(21) Devant le portail on *fera* comme ici.

(22) En particulier je me *souviendrai toujours* d'une fille que j'avais rencontrée à New York.

(23) Un sou *sera* toujours un sou.

(24) C'est Boris qui *accéléra* le premier et qui *marquera* le point.

Para ele, assim como também para Blanche-Benveniste (1997), as duas formas de futuro (simples e perifrástica) não são equivalentes e que cada situação permite a atualização de apenas de uma ou outra forma.

O estudo de Sankoff & Thibault (1981), para o francês falado de Montréal (Canadá), mostra que, entre falantes de alto nível social, o uso do futuro perifrástico diminui, o uso do futuro simples se mantém estável e cresce o uso do presente com valor de futuro. Assim, sendo o futuro simples uma dentre outras formas de expressar o futuro, comprova-se o *status* variável da alternância.

Poplack & Turpin (1999), investigando também o francês falado do Canadá (um grupo de 60 informantes), confirmam a variação entre a forma simples de futuro, o presente e a forma perifrástica. A forma sintética tende a se restringir a verbos modais e a forma perifrástica, bem mais usada que aquela, vem sendo substituída pela forma de presente, sobretudo quando há uma marca de futuridade fora do verbo, como, por exemplo, um circunstancializador de tempo. E observam que a variante *aller* + infinitivo era inicialmente usada acompanhada de um advérbio de tempo, que lhe sustentava o sentido de futuridade, geralmente com a idéia de proximidade. Com a gramaticalização dessa estrutura, a expressão verbal incorpora a noção de futuro em si mesma e começa a ocorrer em sentenças sem advérbio. A partir de uma análise sociolingüística, as autoras descobrem um maior uso da forma perifrástica (73%) do que da forma de futuro simples (20%) e do presente (7%). A pesquisa constata ainda que a variável faixa etária é bastante significativa, pois os falantes mais velhos mantêm a forma simples e os mais jovens preferem a perífrase, forma mais usual e básica de futuro temporal nessa variedade de língua. O futuro simples marca mais a idéia de formalidade que a de futuridade. O presente com valor de futuro, por sua vez, segundo as autoras, tem uma frequência estável no francês canadense durante gerações. Elas concluem por uma reestruturação do sistema de referência temporal no francês canadense em que a perífrase tende a se tornar a expressão de um futuro não-particularizado ao passo que o presente ocupa contextos de referência futura especificada.

Ainda sobre o francês canadense, Sankoff & Wagner (2005), comparando o uso do futuro simples com o do futuro perifrástico com *aller* (*ir*), reiteram que a forma sintética é mais usada pelos mais jovens. Constatam a relevância dos fatores extralingüísticos 'idade'

e ‘classe social’ para essa variação e descobrem que a forma simples é quase categórica (99%) em sentenças negativas.

A maioria dos estudos sobre esse fenômeno no francês aponta, portanto, para uma mudança no sentido de substituição da forma simples pela forma perifrástica de futuro e evidencia um processo de gramaticalização do verbo *aller*, tal como se supõe para o verbo *ir* em português. Os resultados dessas análises mostram, entretanto, ser mais avançado esse processo em francês, pois, dentre outras evidências, não há mais restrição (como no inglês) à combinação de *aller* auxiliar com *aller* pleno:

(25) *Je vais aller à la plage demain.*

1.6.3. O espanhol

Em livro sobre a conjugação verbal em espanhol, Mateo & Rojo Sastre (1984), definindo o futuro como um tempo absoluto que expressa uma ação vindoura não-acabada, mencionam três formas para a sua expressão: a) o futuro do indicativo, pouco empregado na fala; b) a perífrase com *ir + a + infinitivo*, que substitui a variante anterior na fala; e c) o presente futuro, que expressa ações das quais se tem segurança ou intenção de realizar. Vejam-se os exemplos respectivos:

(26) *Mañana iremos temprano.*

(27) *Mañana vamos a ir temprano.*

(28) *El jueves voy a Toledo.*

Como já se disse na seção anterior, segundo Fleischman (1982:82), o surgimento da forma perifrástica com *ir + infinitivo* no espanhol remonta aos séculos XIII e XIV. A autora não diz, entretanto, em que tipo de texto essa forma aparece.

Estudando a expressão variável da futuridade no espanhol de Castela, Parra (2005) fala em uma mudança em progresso nessa língua no sentido de uma implementação do futuro perifrástico em detrimento do futuro simples. Ela afirma que isso se comprova também em estudos sobre o espanhol da Argentina, do Chile, de Cuba, da Colômbia, do México e da Venezuela. Mas faz a ressalva de que no espanhol peninsular ainda se prefere o futuro sintético, ao passo que na Hispanoamérica predomina a perífrase.

Seu trabalho é de cunho sociolinguístico e é feito com 16 informantes da região de Castela, distribuídos por sexo/gênero, idade, nível de instrução, local de residência (capital ou província) e “língua dominante” (castelhano ou valenciano). No conjunto da sua amostra, predomina o futuro simples, com 65,5%:

(29) El sábado *iré* a la discoteca.

O futuro perifrástico, com 34,5%, pode ser exemplificado em:

(30) El sábado *voy a ir* a la discoteca.

Sua pesquisa revela que a variável sexo/gênero isoladamente em nada condiciona o uso das variantes. Já combinada com a variável idade, apresenta um resultado interessante: as mulheres dos grupos mais ativos socialmente (jovens e adultas) oferecem os maiores níveis de variabilidade frente ao comportamento mais homogêneo (e inclinado para o futuro simples) dos homens. Quanto ao grau de instrução, seus resultados contrariam o esperado: são os falantes com nível de escolaridade mais baixo que empregam mais o futuro simples. A variável residência não se revela significativa, embora haja uma maior inclinação para o futuro simples entre os informantes que vivem na capital. Finalmente a variável “língua dominante” é altamente reveladora e aponta na direção de um possível processo interferencial: enquanto entre os falantes de castelhano há uma variação quase simétrica das duas formas de futuro, entre os falantes nativos do valenciano a diferença a favor da forma sintética é bastante significativa. A autora levanta, então, a hipótese de que o bilingüismo ativo de muitos falantes pode estar atuando como um freio ao progresso da variante perifrástica, já que na outra língua da comunidade – o catalão – só existe uma forma de futuro, que coincide formal e funcionalmente com o futuro simples do espanhol.

Bentivoglio & Sedano (1992), num estudo sobre o espanhol da Venezuela, apontam que as formas mais correntes de expressão do futuro nessa comunidade são o futuro simples (“lo *pensaré*”) e o futuro perifrástico (“lo *voy a pensar*”). As autoras constatarem que, em termos gerais, o futuro perifrástico supera amplamente o simples e que este último é mais empregado no estilo formal. E encontram uma distribuição complementar no uso dessas variantes: a perífrase é usada principalmente para indicar ações imediatas, de realização provável ou certa, e a forma sintética é mais usada para indicar ações distantes no tempo ou de realização duvidosa. Respectivamente:

(31) Ya estoy en quinto año y ya *voy a salir*.

(32) Yo no sé como *haré*.

As autoras evidenciam, pois, assim como o faz Blanche-Benveniste (1997) para o francês, que as duas formas não são variantes, já que, tendo cada uma contextos próprios, estão em distribuição complementar.

Já no espanhol das Ilhas Canárias, numa direção inteiramente contrária à tendência mais geral, Almeida e Díaz (1998), também em pesquisa sociolingüística, verificam que o futuro simples (45% dos dados) avança em relação ao presente (37% dos dados) e ao futuro perifrástico (18% dos dados). Seguem os exemplos respectivos:

(33) Mañana *iré* a la playa.

(34) Mañana *voy* a la playa.

(35) Mañana *voy a ir* a la playa.

Analisando dados de 47 falantes distribuídos por nível sócio-profissional, idade e sexo/gênero, inclusive aplicando um teste de atitudes, e considerando as variáveis lingüísticas ‘tipo de verbo’, ‘tipo de sujeito’ e ‘tipo de cláusula’, constatam que o uso da forma sintética de futuro predomina nos falantes do sexo/gênero feminino, de faixa etária mais jovem e de nível sócio-econômico médio-alto. Os resultados revelam ainda maior emprego da forma de futuro simples em construções com verbos de ação, sujeito zero (desinencial) e cláusulas não-subordinadas. E os autores concluem por uma mudança que obedece a um fato pragmático: o desejo do falante de acentuar a incertitude dos fatos futuros e, conseqüentemente, de reduzir o seu compromisso com o que é expresso pelo enunciado. Falam também de uma recuperação da forma de prestígio tendo em vista a objetividade do discurso e o investimento na escolarização feito na cidade de forma notável nos últimos vinte e cinco anos, pois que, até os anos 70, o uso do futuro simples era reduzido.

No espanhol da Colômbia, estudado por Orozko (2005), o futuro perifrástico é a forma preferida (45,9%), seguido do presente (35,9%), em relação ao futuro simples (18,2%). É interessante notar que os resultados da pesquisa desenvolvida por esse autor mostram que o futuro simples se mantém com os verbos *ser* e *ver* e com sujeitos não-humanos e que o presente tem maior índice de ocorrência com o verbo *ir*, exatamente o

que atestam os resultados encontrados nesta tese, como se verá no Capítulo 5. O autor também defende a hipótese do processo de auxiliarização do verbo *ir* em espanhol na gramaticalização da construção perifrástica com infinitivo para indicação do tempo verbal futuro.

1.6.4. O italiano

Van Hecke (2005) analisa a construção perifrástica *andare a* + infinitivo em italiano, ao lado da forma sintética tradicional de futuro, e levanta a hipótese de que essa construção está em início de gramaticalização para exprimir o futuro nessa língua. Em (36) há um exemplo da perífrase e em (37) há um exemplo da forma simples:

(36) *Vado a partire domani.*

(37) *Partirò domani.*

Considerando a tríade aspecto – modalidade – temporalidade, ela encontra em seus dados sentidos diferentes para a estrutura perifrástica. Há um valor aspectual de prospectividade, iminência (38) e há também o valor modal (39):

(38) Per favore, qualcuno dica allo Stato di non fare altre riforme, perché ogni volta si *va a stare* peggio di prima.

(39) Con tutto quello che non va nel nostro paese dal punto di vista trasporti, su cosa *va a concentrarsi* l'attenzione del ministro?

A seguir, ela identifica um enfraquecimento de alguns traços semânticos do verbo *andare*, a saber: a) a não-necessidade de deslocamento espacial (40); b) a não-necessidade de intencionalidade (41); e c) a não-necessidade de um sujeito animado (42):

(40) Quando hai imparato le inquadrature di base, *vai a conoscere* i movimenti di camera e i consigli da tenere sempre a mente.

(41) La cosa che mi fa più male è che non potrà più portare aiuto alle persone che ne hanno bisogno, loro, che già avevano poco o niente, hanno perso tutto ma devono continuare a sopravvivere, *vado a stare* meglio di loro.

- (42) Luce acerba, saran le sei e mezzo. Ma *va a essere* una bella giornata, e le belle giornate hanno un senso anche per noi partigiani.

Finalmente, para comprovar a sua hipótese, ela testa a compatibilidade da construção perifrástica com outros elementos gramaticais: com infinitivos auxiliares (43) e com o *si passivante* (44):

- (43) La zona del Foro di Nerva diventa un importante asse viario, su cui *vanno a essere edificate* alcune case, per lo più a due piani.

- (44) Leggendone le pagine *si vanno a conoscere* tutte le leggende e le curiosità che caratterizzano la storia del nostro paese.

E conclui que se trata de um fenômeno variável a expressão do futuro em italiano. Ela mostra, inclusive, que ambas as formas (o futuro simples e o perifrástico) podem ocorrer num mesmo enunciado:

- (45) Ma gli incontri che *vanno a cominciare* questa sera *saranno* tutt'altra cosa.

Por ocasião da redação desta tese, foram encontrados, casualmente, quatro dados do italiano com a perífrase *andare* + infinitivo: o (46) está no filme *Colpo di Testa*, 1995, Paris (direção de Olivier Gérard); os (47) e (48) aparecem na letra da música *Vado al Massimo*, de Vasco Rossi; e o (49), com o verbo *andare* no futuro, está num livro didático de ensino de italiano para estrangeiros⁴:

- (46) No signorina, ma che cosa *va a pensare*?

- (47) Voglio vedere come *va a finire*.

- (48) Si *va a finir* male.

- (49) Ho deciso: *andrò a vivere* in Italia.

Sabe-se também que o presente também pode ser usado para exprimir o futuro:

- (50) – A che ora pensa di tornare a casa?
– *Torno* alle otto!

⁴ MARIN, T. & MAGNELLI, S. *Progetto italiano*, 1. Libro dei testi. VIII Edizione. Atene: Edilingua, 2003, p.70.

Todavia ainda muito pouco se sabe sobre o fenômeno em questão nessa língua.

1.6.5. Quadro geral

Em resumo, o exame das línguas consideradas mostra que o futuro pode ser expresso tanto por formas simples como por formas perifrásticas. Trata-se de um fenômeno variável em todas elas e, portanto, característico não só das línguas românicas, mas talvez das línguas indo-européias.

O Quadro 1, a seguir, mostra as possibilidades de indicação do futuro verbal nas línguas estudadas:

Quadro 1: Expressão do futuro em várias línguas

Línguas	Variantes	
	Formas simples	Formas perifrásticas
Português	futuro simples / presente	<i>haver de / ir + infinitivo</i>
Francês	futuro simples / presente	<i>avoir a / aller + infinitivo</i>
Espanhol	futuro simples / presente	<i>ir a + infinitivo</i>
Italiano	futuro simples / presente	<i>andare a + infinitivo</i>
Inglês	Presente	<i>will ~ 'll / going to ~ gonna ~ gon / fitna + infinitivo</i>

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1. A sociolingüística variacionista

Muito antiga é a constatação de que a língua se diversifica em seu uso. A visão da língua como um sistema heterogêneo e instável prioriza uma análise lingüística voltada para o estudo de modos alternativos de dizer a mesma coisa. A sociolingüística postula que a condição normal de uma comunidade de fala é a heterogeneidade e que essa heterogeneidade é estruturada.

A diversificação lingüística está documentada tanto diatópica como socialmente. As línguas humanas estão em constante variação. Algumas variações se propagam gradativamente por períodos mais ou menos longos em diversos eixos sociais e podem levar a mudanças. Como é praticamente impossível a demarcação exata e nítida de fronteiras geográficas e sociais, é preferível falar em tendências a empregos de certas formas lingüísticas motivadas por condicionamentos vários.

Tendo sido largamente demonstrado e discutido o caráter social da língua, já se dispõe de um campo da ciência lingüística especificamente voltado para a covariação entre fenômenos lingüísticos e sociais, a sociolingüística, equivalente, para outros, a uma dialectologia urbana ou vertical. Por ser impossível desvincular a língua de sua função sócio-comunicativa, a sociolingüística é entendida como um espaço de investigação interdisciplinar que estuda e correlaciona aspectos dos sistemas lingüísticos e dos sistemas sociais, focalizando empregos concretos da língua.

Labov (1972) questiona a justificativa para a dicotomia lingüística *versus* sociolingüística, uma vez que é de todos conhecido – sobretudo depois de Saussure – o fato de que a língua é essencialmente um sistema de comunicação social, mas admite o uso desse termo “sociolingüística”, para que se diferenciem estudos baseados em dados intuitivos (lingüísticos) daqueles baseados em dados reais obtidos através de gravações de interações orais ou de recolha de textos escritos (sociolingüísticos).

Entretanto a razão maior para que se distingam esses dois tipos de estudo da língua parece residir nos objetivos, pois, enquanto a chamada lingüística interna, sobretudo o estruturalismo e o gerativismo, busca estudar e descrever um sistema homogêneo e abstrato de língua, a sociolingüística – ou lingüística externa –, focalizando a língua no contexto em que se concretiza, analisa a heterogeneidade do sistema. Além de ocupar-se da diversidade da língua nas situações ou contextos em que ocorre, diversidade esta atestada

seja na variação, seja na mudança lingüística, a sociolingüística procede também ao estudo dos juízos e das atitudes do falante sobre o comportamento verbal não só dele próprio mas também da sua comunidade de fala.

A sociolingüística apresenta uma relação estreita com a área da lingüística histórica, uma vez que, estudando a variação da língua dentro da estrutura social da comunidade em que ocorre, identifica e prevê processos de mudança em curso, que, obviamente, são decorrentes dessas variações.

Ora, sendo a língua um meio de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, está claro que há forças sociais que agem sobre essa interação. E é esse relacionamento casual entre língua e sociedade que constitui o objeto de análise da sociolingüística.

Labov (1972) insiste na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de investigar e descrever a sistematicidade da variação existente e própria das línguas. O modelo de análise lingüística proposto pelo autor é também rotulado de “sociolingüística quantitativa”, pois, como, em se tratando de variação, não se pode reduzir os fatos a uma questão de tudo ou nada, opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

O problema central que se coloca para a teoria da variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou outra das variantes lingüísticas em concorrência. Na verdade, na fala concreta, a operação de uma regra variável é o resultado da atuação simultânea de vários fatores, ou seja, as categorias não são isoladas, pelo contrário, elas se apresentam conjugadas.

É através de modelos quantitativos que se podem estabelecer correlações entre fatos lingüísticos e socioculturais, o que proporciona uma melhor visão da variação da língua, que é descrita em termos de regras variáveis, às quais se podem atribuir valores probabilísticos (ou pesos relativos) que predizem a ocorrência das variantes independentemente do *corpus* observado⁵.

Os fatores que desencadeiam a mudança lingüística são numerosos e diversificados; podem ser explícitos e perceptíveis, ou, ao contrário, invisíveis e inacessíveis à percepção do falante. Podem ainda ser externos ou internos ao sistema da língua (MARCHELLO-NIZIA *et alii*, 2003).

⁵ Os resultados finais da análise propiciariam a formulação de regras gramaticais variáveis. Trata-se, portanto, de um sistema lingüístico de probabilidades (composto de formas em relação de concorrência). Dessa forma, seria incorporado à gramática o conceito de regra variável – ao lado das regras categóricas da lingüística estrutural e gerativo-transformacional –, cuja aplicação apresentaria uma frequência condicionada a fatores internos e/ou externos à língua.

A sociolinguística, como disciplina independente e com uma metodologia própria, desenvolveu-se principalmente a partir dos anos 60, nos Estados Unidos e no Canadá. Seu objetivo é descrever a relação entre os fatos lingüísticos e os fatos sociais, portanto exteriores à língua, tais como idade, sexo/gênero, nível de escolarização, classe social, etnia, profissão, contexto estilístico ou situacional etc.

A variável ‘idade’ revela-se de fundamental importância no estudo dos fenômenos variáveis, uma vez que é essa variável que vai indicar se determinado fenômeno de variação lingüística está estável ou está em progresso num estudo em tempo aparente. Também sabe-se que, nos eixos sociais, por exemplo, em geral, os falantes mais jovens são mais inovadores e os falantes mais velhos costumam preservar formas mais antigas.

A variável ‘sexo/gênero’ é também focalizada pela sociolinguística, pois, do ponto de vista social, homens e mulheres têm papéis diferentes e estão, portanto, expostos a situações diversas. Assim, esse fator pode influenciar a escolha de uma ou outra forma lingüística. Estudos comprovam que, nos processos de variação estável, são os homens que utilizam as variantes inovadoras, porém, nos casos de mudança, são as mulheres que estão à frente do processo.

A variável ‘escolaridade’ mostra-se pertinente, por exemplo, no momento em que se observa a existência de formas lingüísticas de prestígio ou estigmatizadas. Há fenômenos que são alvo do ensino escolar e outros que não o são. Como as gramáticas escolares e os manuais de ensino e estudo da língua julgam as formas estigmatizadas rotulando-as de “erros” ou “vícios de linguagem”, o grau de instrução do falante pode condicioná-lo ao uso de determinada(s) forma(s) lingüística(s). Também essa variável se revela importante quando do estudo da língua escrita.

A ‘classe’ ou o ‘grupo social’ ou o ‘nível socioeconômico’ a que o falante pertence se reflete também na sua linguagem. Quanto mais estratificada socialmente uma comunidade, maior o índice de variação das formas lingüísticas. Os estudos sociolinguísticos de Labov mostram que muitas inovações lingüísticas surgem nas camadas mais populares e sobem pela escala social. A mudança começa a se efetivar nas classes intermediárias, pois quando uma variante concorrente, normalmente não prestigiada, atinge as classes mais altas muito provavelmente a mudança se implementa. Outros estudos, porém, mostram resultados diversos que refletem, provavelmente, diferentes formas de organização social.

A ‘etnia’ é também uma variável considerada pelos sociolinguistas. É sobretudo em estudos da variação na língua inglesa da América que esse fator tem se tornado mais

conhecido para a explicação de fenômenos variáveis. No caso do português do Brasil, entretanto, essa variável não tem sido muito considerada.

Para a sociolinguística, pode haver uma correlação entre o tipo de atividade profissional desenvolvida por uma pessoa ao longo de sua vida e a necessidade do uso de formas linguísticas de prestígio. Assim, tem-se considerado também a variável ‘profissão’ para compreender fenômenos variáveis, uma vez que há profissões que se servem mais da língua do que outras. Entre falantes que atuam em profissões do primeiro tipo (por exemplo, professores, advogados, jornalistas...), podem ocorrer mais variantes de prestígio, já que têm acesso mais direto e mais contante ao código linguístico, o que pode não acontecer com falantes que exercem profissões do segundo tipo.

A variável ‘estilo de fala’ diz respeito à forma como as pessoas se comunicam sobre determinado assunto em determinado lugar, observadas as relações sociais particulares entre elas. Os falantes possuem um repertório linguístico que varia a depender do local, do interlocutor, do assunto, do ambiente. Em situações descontraídas, mais informais, entre pessoas com as quais se tem mais intimidade, é comum que se usem formas linguísticas vernáculas, ao passo que em ambientes de maior formalidade, entre pessoas que não se conhecem ou de posições hierárquicas diferentes, em situações de consciência da própria linguagem, os falantes são capazes de adaptar sua maneira de falar e usar com maior frequência variantes de prestígio. Ou seja, a fala formal se aproxima mais da norma *standard* e a fala informal dela se afasta, deixando transparecer o coloquial, espontâneo. Diferenças de contexto formal e informal levam os falantes a empregar, respectivamente, estilos também formais ou informais. É através do estilo informal, que deixa transparecer mais o vernáculo, que muitas mudanças se implementam, como é o caso do fenômeno analisado nesta tese.

No estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov & Herzog (1968) formulam cinco questões teóricas centrais: os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a sua implementação. Esses cinco problemas são explicados resumidamente a seguir:

- a) o problema dos condicionamentos (*the constraint problem*) – alguns fatores determinam mudanças possíveis numa dada direção. Assim, cada restrição pressupõe uma explicação que diz respeito à causa da mudança. Pode-se, então, saber quais são as mudanças possíveis e se são de ordem universal;

- b) o problema da transição (*the transition problem*) – essa questão objetiva responder como uma língua muda, ou seja, como ela passa de um estágio para outro. Isso implica também a transmissão de regras de uma geração a outra e, portanto, a localização social do falante na comunidade de fala. Numa escala social, há grupos mais inovadores e menos inovadores. Localizar que grupo lidera a mudança é também, portanto, uma questão crucial. Há que se levantar hipóteses para o funcionamento de cada nível lingüístico num estudo sincrônico e diacrônico, na tentativa de entender os sistemas intermediários, que dizem muito mais sobre as mudanças do que os estágios inicial e final;
- c) o problema do encaixamento (*the embedding problem*) – deve-se observar como uma mudança se encaixa no sistema lingüístico e na matriz social da comunidade. Há que se investigar como uma mudança pode desencadear outra, num ‘efeito dominó’, dentro do sistema lingüístico;
- d) o problema da avaliação (*the evaluation problem*) – a avaliação social diz respeito à forma como os falantes julgam a mudança e qual o efeito desse julgamento sobre a mudança. Isso implica o nível de atenção do falante em relação à fala;
- e) o problema da implementação (*the actuation problem*) – a propagação da mudança se dá em determinados ambientes estruturais e se difunde progressivamente a partir de ambientes mais favoráveis. Há que se investigar que fatores propiciam que uma determinada mudança ocorra em uma língua em uma determinada época e não em outra. Essa parece ser a questão mais difícil a ser respondida pela teoria. Para a sua resolução deve ser considerada a combinação dos resultados para todos os problemas anteriores.

Conjugando, pois, estudos sincrônicos e diacrônicos (de longa e de curta duração) tem-se mais embasamento para uma descrição fiel e segura de uma dada língua. Todavia, devido ao fato de não ser possível resolver determinados problemas históricos, já que os dados são fragmentados, pode-se utilizar a observação empírica do presente para explicar o passado e do passado para explicar o presente. Essa observação pode ser produtiva na medida em que está baseada no princípio do uniformitarismo (LABOV, 1994). Ele é uma condição necessária à reconstrução histórica assim como o uso do presente é necessário para explicar o passado, já que as forças e restrições que regem as mudanças numa língua no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças já concluídas.

Finalmente, não há distinção entre origem e propagação da mudança (LABOV, 1975), pois uma língua só muda quando uma forma foi transmitida de um falante para outro e foi aceita como uma convenção social.

Enfim, os objetivos desse tipo de análise são descrever e analisar a variação numa língua, depreendendo a sistematização que lhe é inerente e comparando os resultados das análises com vistas à projeção de possíveis rumos que as variantes tomarão.

Assim, a concepção e o alcance do modelo sociolingüístico são, ao mesmo tempo, sincrônicos e diacrônicos, uma vez que toda mudança implica uma variação. Nesse modelo, a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração.

Teoricamente, uma amostra sincrônica de dados, isto é, dados de um tempo real na história de uma língua, permite estudar a dinâmica da mudança em curso de implementação, dado que um estado de língua é a face sincrônica da mudança lingüística. Entretanto, procedendo a um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes, acrescenta-se uma dimensão diacrônica à análise. Assim, tem-se o que se chama de tempo aparente.

O tempo aparente serve como um procedimento através do qual se pode projetar o tempo real futuro, ou seja, estudando-se a transição e a implementação de variáveis – uma análise acurada de uma comunidade sociolingüística com seu componente de variação e de mudança –, pode-se dimensionar historicamente uma variável, não só em relação ao passado mas também em relação a um possível comportamento no futuro.

Analisando a correlação entre as variantes e os fatores internos e considerando o fator idade, pode-se observar a estratificação das mesmas. Se, por exemplo, a variante inovadora for mais freqüente entre falantes mais jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, tem-se indícios de uma mudança em progresso.

Uma vez aventada a hipótese de mudança com base em dados do tempo aparente, pode-se proceder também a uma análise histórica da variável no tempo real, isto é, deve-se recorrer a dados de outra(s) sincronia(s) para que, através de comparações, se possa melhor entender o valor e a direção da variável na comunidade (LABOV, 1994).

Em tempo real, o estudo da mudança possibilita analisar aspectos que não podem ser detectados em tempo aparente e permite distinguir mudanças que se produzem gradualmente em toda a comunidade das que caracterizam a trajetória de comportamento lingüístico individual (PAIVA & DUARTE, 2003).

Os estudos no tempo real de longa duração – que requerem um interstício de séculos – apresentam dificuldades quanto à coleta de dados, sobretudo de épocas pretéritas, pois não há registros orais e os escritos não são tão sistemáticos. É aí que se exige do pesquisador uma maior atenção para que consiga fazer um bom uso dos chamados “maus” dados (LABOV, 1994; PAIVA & DUARTE, 2003).

Já os estudos no tempo real de curta duração – geralmente com um interstício de duas ou três décadas – fornecem evidências mais seguras sobre o estatuto dos padrões de variação em um dado momento da língua e podem se apresentar de duas maneiras, estudo de tendência (*trend study*) ou estudo de painel (*panel study*) (LABOV, 1994). O primeiro compara em sincronias diferentes uma mesma comunidade de fala, ou seja, gravam-se informantes diferentes de uma mesma comunidade em momentos diferentes, com o intuito de depreender a direcionalidade do sistema na comunidade e a relação entre as mudanças lingüísticas (sua propagação, estabilização ou recuo) e a configuração social de um grupo. Assim, focaliza-se a continuidade/descontinuidade na própria língua, que pode se refletir no comportamento do indivíduo. O segundo estuda o comportamento lingüístico dos mesmos informantes em momentos sincrônicos diferentes, com o intuito de distinguir mudança geracional de mudança na comunidade. Nesse tipo de estudo, está em jogo a continuidade/descontinuidade no comportamento lingüístico do indivíduo sem reflexos no sistema (LABOV, 1994).

Assim, correlacionando fatores lingüísticos e extralingüísticos, sincrônicos e diacrônicos, tenta-se desvendar o mistério da variação e da mudança.

Como bem colocam Paiva & Duarte (2003), conjugando esses tipos diferentes de estudo, obtêm-se subsídios para a questão da implementação e do encaixamento da mudança. Ao comparar duas sincronias, surgem indícios para a identificação de como uma dada mudança progride na língua, qual a sua trajetória estrutural e social e quais as relações de causa e efeito entre diferentes processos de mudança. Ou seja, esse confronto permite descobrir como as mudanças estão associadas entre si, já que não são frutos do acaso. Teoricamente, quando uma mudança se implementa, ela não só é consequência mas também possibilita o aparecimento de outra, isto é, faz parte de uma matriz de mudanças mais gerais. Enfim, pressupõe-se que as mudanças nas línguas naturais não são isoladas ou independentes.

A metodologia da teoria da variação constitui uma ferramenta que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações

lingüísticas. É mais um instrumento que se apresenta ao lingüista para o entendimento das línguas humanas.

2.2. Variação e mudança morfossintática

Fenômenos de variação além do nível fonético-fonológico provocam muitas discussões e críticas acerca da validade da aplicação do modelo teórico-metodológico da sociolingüística. Alguns problemas se apresentam quando da definição do contexto de variação, quando da obtenção de uma quantidade significativa de dados e quando do estabelecimento de equivalência semântica entre as variantes (LAVANDERA, 1978 e 1979; LEVINSON, 1988; GADET, 1997; COVENEY, 2002; MILROY & GORDON, 2003).

Alguns autores, como Berrendonner *et alii* (1983), por exemplo, não admitem variação além do nível fonético-fonológico. Para eles, um estudo sociolingüístico de fenômenos sintáticos não é suficiente, já que cada variante teria uma interpretação única. E assim se pronunciam: “l’exploitation sociolinguistique des variantes [syntaxiques] est un phénomène partiel et secondaire”.

Blanche-Benveniste (1997) se diz convencida de que a cada forma corresponde um único significado e lista, dentre vários exemplos, o caso das formas de expressão do futuro em francês. Analisando grandes *corpora* do francês, ela diz que a variação sintática, na verdade, está relacionada com a tipologia das produções orais. Leia-se como ela se expressa:

De notre côté, nous pensions, selon des convictions qui venaient sans doute de Meillet et de “l’école française de linguistique”, qu’à toute différence de forme correspondait une différence de sens. [...] Les très grands corpus contemporains permettent de mieux cerner la notion de variation syntaxique, quitte à la transformer parfois totalement. Il est davantage question de typologie des productions orales que des variations qui les marqueraient.

Em relação ao futuro verbal, assim como diz Calzolari (1996) para o italiano, Jeanjean (1988) diz que há uma “repartição” entre o futuro simples e o futuro perifrástico no francês, mas não uma variação, já que não veiculam o mesmo conteúdo semântico:

On peut aussi prévoir la répartition des formes. Mais on peut aussi prévoir que, dans certains entretiens, les locuteurs seront amenés,

par la teneur même de ce qu'ils ont à dire, à n'utiliser que l'une ou que l'autre [forme de futur].

Já outros, como Bentivoglio (1987), por exemplo, defendem a validade do estudo quantitativo de fenômenos não-fonético-fonológicos associado a uma análise qualitativa das tendências de uso apoiada em teorias lingüísticas funcionalistas.

Muitos trabalhos variacionistas têm sido feitos no âmbito da morfossintaxe (cf. Capítulo 1 desta tese) e têm mostrado a possibilidade de aplicação da teoria variacionista acima do nível dos sons.

Callou, Omena & Paredes (1991), em artigo acerca da equivalência semântica entre formas alternantes, discutem a validade de estudos sociolingüísticos envolvendo fenômenos sintáticos. Defendem que a abordagem variacionista se presta, sim, a níveis acima da fonética/fonologia e da morfologia e que considera também fatores semânticos, pragmáticos e discursivos:

A abordagem variacionista, vista por muitos como uma metodologia de pesquisa que privilegia o quantitativo em detrimento do qualitativo, na verdade exige do pesquisador uma investigação aprofundada na busca dos condicionamentos de um determinado fenômeno, busca esta que muitas vezes não estabelece fronteiras entres os diversos níveis de análise (fonético, prosódico, morfológico, sintático). Finalmente, a grande vantagem que vemos na metodologia é que ela permite uma avaliação mais precisa, menos impressionística, obrigando o lingüista a buscar categorizações mais objetivas. Neste sentido, os números não valem por si mas funcionam como ponto de referência para a interpretação.

Gryner (1990), considerando a teoria da variação nos moldes propostos por Labov (1972), que não considera os componentes semântico e pragmático, e admitindo variantes estilísticas de uma mesma variável, conforme Lavandera (1978), resolve a questão de “como empregar os cálculos estatísticos sem abrir mão do significado”. Conciliando, pois, as posições teóricas, em princípio contraditórias, de Labov e de Lavandera, a autora desfaz o embate e assim se pronuncia, à página 56:

... embora tenham natureza diferente das variações fonológicas, *as variações em níveis mais altos podem ser controladas por processos estatísticos, sem que se perca a dimensão semântico-pragmática.*

Defendemos essa posição baseados na distinção (apontada por Lavandera), entre os diversos níveis de significado. Assim, formas

que são “diferentes” (isto é, estão em oposição) em determinado nível podem, em um nível mais alto, ser consideradas como variantes que “dizem o mesmo”. É aí que se aplica a análise variacional. (grifo da autora)

Cheshire (2005) retoma essa discussão e se posiciona contra a análise sociolinguística da variação sintática. Veja-se o que diz à página 4:

Crucially, the variants are considered to be semantically equivalent: in other words, they are alternative ways of ‘saying the same thing’. Semantic equivalence can be established easily for phonological variables, where the form-meaning relationship is at its most arbitrary, but there has been much controversy about whether it can also be established for syntactic variation.

Ela prefere falar em ‘variação pragmática’, mas defende a combinação de análises qualitativas (sobretudo as gerativistas) com análises quantitativas (página 23):

Many of these issues will require both a qualitative and a quantitative dimension to the analysis, with a combination of methodologies including corpus analysis and the elicitation of intuitions. If we are to gain insights from such different research traditions we need to be aware that the forms of spoken language may result as much from interactional and social factors as from biological factors. In this way we may at last succeed in understanding how the cognitive and the social aspects of language are integrated as part of the human experience.

A autora é bastante incisiva ao dizer que, no que se chama tradicionalmente de ‘variação sintática’, os fatores pragmáticos têm prioridade sobre os fatores internos.

E Winford (1996:188), chega mesmo a afirmar que a chamada variação sintática é motivada apenas por fatores pragmáticos.

A variação entre as formas de expressão do futuro verbal em português é mais acentuada, atualmente, entre as variantes sintética (futuro simples) e analítica (futuro perifrástico). Tendo como hipótese uma mudança morfossintática em curso, não se descarta, porém, que essa mudança passa também pelo domínio semântico, pragmático e discursivo, como se verá no capítulo 5 desta tese.

2.3. A abordagem da gramaticalização

O fenômeno variável estudado nesta tese é bem conhecido pelos falantes e, sendo considerado um processo de mudança em andamento, é impulsionado tanto por fatores externos como por fatores internos ao sistema lingüístico. Parte-se, então, do pressuposto de que a mudança lingüística decorre do uso da língua. Assim, foram tomados ao modelo funcionalista alguns embasamentos teóricos.

O funcionalismo, assim como a sociolingüística variacionista, rompe com a dicotomia saussureana sincronia/diacronia. A língua funciona sincronicamente e muda diacronicamente. Portanto sincronia e diacronia acontecem simultaneamente. O dinamismo da mudança é inerente ao próprio sistema lingüístico. A língua muda constantemente para se adaptar às exigências comunicativas dos seus usuários (GIVÓN, 1995). Há, pois, uma clara inter-relação entre variação e mudança.

Saussure's third dogma, the strict segregation of diachronic from synchronic description, may be viewed as another aspect of idealization. (...) The problem again lies in dismissing the relevance of the data-base of change and variation to our understanding of synchronic structure. By way of analogy, this is akin to suggesting that the evolutionary mechanism that gave rise to a particular life-form is irrelevant to our understanding of that life-form. (GIVÓN, 1995:7)

Para o funcionalismo lingüístico, a gramática não é autônoma, depende do discurso. É no processo comunicativo que a língua é adquirida e que a gramática emerge e muda. Uma forma lingüística ajusta-se, de forma criativa e estimulada pelo contexto, a novas funções e a novos significados.

A gramática se organiza em função de dois tipos de pressões: a) cognitivas, decorrentes da forma como o homem interpreta e organiza mentalmente as informações (aspecto regular); e b) de uso, decorrentes do aspecto criativo e inédito do discurso (geradoras de irregularidades) (GIVÓN, 1979). Motivadas por essas pressões, a gramática e a língua sofrem variações e constantes processos de mudança, dentre os quais se destaca a gramaticalização, que, nos moldes de Meillet (1912), retomado por diversos estudiosos (LEHMANN, 1982; HEINE *et alii*, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993/2003; BYBEE *et alii*, 1994), leva formas lexicais a assumirem funções gramaticais.

Com bastante propriedade, diz Pereira (2005), em sua tese de doutoramento:

Numa abordagem funcionalista, ganham especial relevo os processos de gramaticalização entendidos, na sua versão clássica, como a transformação de itens lexicais em instrumentos gramaticais através de uma ação dos falantes sobre a língua. As pesquisas sobre gramaticalização estão intimamente associadas a uma visão funcional da linguagem, na medida em que defendem a hipótese de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva a criação ou desenvolvimento de formas gramaticais ao longo do tempo.

Os estudos sobre processos de mudança lingüística considerando a hipótese da gramaticalização ganharam significativo impulso nos últimos anos. O paradigma da gramaticalização se insere no quadro teórico funcionalista e pode explicar a formação do futuro perifrástico, objeto de estudo deste trabalho.

O termo ‘gramaticalização’, na verdade, é ambíguo, podendo se referir tanto a um conjunto de pressupostos acerca de um processo de mudança como ao processo de mudança em si, como bem apresentam Hopper & Traugott (1993:1-2):

The term “grammaticalization” has two meanings, one to do with a research framework within which to account for language phenomena, the other with the phenomena themselves. In this respect the term “grammaticalization” resembles not only other terms in linguistics such as “grammar”, “syntax” and “phonology”, but the terminology of all higher-level concepts in scholarly disciplines. As a term referring to a research framework, “grammaticalization” refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as lexical items and constructions come in certain linguistic context to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions. (...) As a term referring to actual phenomena of language, “grammaticalization” refers most especially to the steps whereby particular items become more grammatical through time. Grammaticalization in this sense is part of the wider linguistic phenomenon of structuration, through which combinations of forms may in time come to be fixed in certain functions.

Nesta tese, admite-se que o verbo *ir*, na construção perifrástica com o infinitivo, sofre um processo de gramaticalização na medida em que passa de verbo pleno (indicando movimento no espaço) a verbo auxiliar de futuro (indicando movimento no tempo). Esse processo é mostrado no capítulo 4 desta tese.

Segundo Hopper (1991) e Hopper & Traugott (1993/2003), os estágios da gramaticalização apresentam cinco parâmetros, bastante aplicáveis ao fenômeno aqui estudado:

- a) estratificação – a(s) forma(s) nova(s) coexiste(m) com a(s) forma(s) antiga(s) com função similar, ou seja, no domínio funcional novas camadas estão emergindo continuamente. A forma perifrástica de futuro verbal convive com a forma simples, tanto em português como no francês, por exemplo;
- b) divergência – a forma que se gramaticaliza não destrói a plenitude da forma que lhe originou, ou seja, esta pode permanecer lexical, autônoma e, inclusive, seguir a evolução normal das unidades lexicais. O verbo *ir* se gramaticaliza em marca de futuro (*vou fazer = farei*), mas permanece também o seu uso pleno (*ele vai à escola de ônibus*);
- c) especialização – no domínio funcional, coexistem formas com diferenças semânticas tênues. Com a gramaticalização, algumas formas são selecionadas e adquirem significados mais gerais. Assim, já que a possibilidade de escolha diminui, uma forma pode se especializar e tornar-se obrigatória. A forma perifrástica de futuro parece ser mais especializada, já que expressa maior modalidade;
- d) persistência – uma forma gramaticalizada contém vestígios de seu significado lexical original que podem restringir seu comportamento e sua distribuição gramatical. No caso do verbo *ir* como forma gramatical de futuro, ele ainda mantém seu traço lexical aspectual de deslocamento e ainda não atingiu estatuto pleno de auxiliar, pois a forma *vou ir* é estigmatizada por alguns falantes em alguns dialetos, pelo menos nos dois aqui estudados;
- e) decategorização – uma forma gramaticalizada perde características da classe a que pertence e adquire características de categorias secundárias. Assim, o seu estatuto categorial modifica-se e surgem formas híbridas. O verbo *ir* migra da categoria gramatical de verbo pleno para a de verbo auxiliar.

Um pressuposto básico da gramaticalização é a questão da unidirecionalidade. Trata-se de um princípio que tem suscitado numerosos debates acerca da sua validade, segundo o qual há um sentido único para a mudança, que vai do menos gramatical para o mais gramatical. Aliás, como destaca Campbell (2001), mais do que um princípio, a

unidirecionalidade pode ser entendida como uma propriedade definidora de gramaticalização.

Na sua acepção mais conhecida, o princípio de unidirecionalidade prevê que a mudança envolve uma passagem de um estágio A (anterior) para um outro estágio B (posterior) num sentido irreversível. Vejam-se as palavras de Hopper & Traugott (2003:100): “there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality”.

Sobre a discussão acerca da unidirecionalidade da mudança lingüística, Marchello-Nizia *et alii* (2003) afirmam se tratar de um falso debate, já que a gramaticalização é unidirecional por definição. Segundo os autores, uma mudança que não corresponde à aquisição de um estatuto mais gramatical não é um contra-exemplo a esse princípio mas, sim, um fenômeno que não concerne ao campo da gramaticalização. Seria o caso de uma ‘lexicalização’ ou de uma ‘desgramaticalização’. Assim se pronunciam, à página 230:

Il s’agit assurément de la question qui suscite les débats les plus nombreux, les “opposants” à l’unidirectionnalité mettant en avant la présence de “contre-exemples” au mouvement qui va du “moins grammatical” au “plus grammatical”. Mais, si l’on y regarde de plus près, on constate rapidement qu’il s’agit d’un faux débat, puisque la grammaticalisation est unidirectionnelle *par définition*. Par conséquent, les évolutions qui ne correspondent pas à l’acquisition d’un statut plus grammatical sont, non pas des contre-exemples, mais simplement des phénomènes qui ne relèvent pas du champ de la grammaticalisation, et que l’on qualifiera diversement de “lexicalisation”, “dégrammaticalisation”.

Dois mecanismos possibilitam o processo de gramaticalização: a reanálise e a analogia. Embora não sejam obrigatórios para que ocorra a mudança por gramaticalização, eles a facilitam e às vezes agem conjuntamente.

Langacker (1977:58) define a reanálise:

(...) as change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation. Reanalysis may lead to changes at the surface level, as we will see, but these surface changes can be viewed as the natural and expected result of functionally prior modifications in rules and underlying representations.

Para ele, o processo de reanálise altera as relações entre os constituintes sem que seus efeitos sejam perceptíveis na estrutura superficial. A reanálise atua, pois, no eixo sintagmático. Já a analogia proporciona a emergência de novas formas através de semelhanças formais com outras formas preexistentes, atuando no nível superficial e paradigmático, sem ocasionar mudança de regras.

Também Hopper & Traugott (1993/2003) acham que a reanálise modifica representações subjacentes (semânticas, sintáticas e/ou morfológicas) e ocasiona mudança de regra. Esse processo, operando no eixo sintagmático, redefine as fronteiras da forma, gerando novas estruturas gramaticais. Já a analogia modifica manifestações de superfície, não afetando mudança de regra, mas promove a disseminação da forma nova na comunidade e no sistema lingüístico. Operando no eixo paradigmático, é a primeira evidência de que uma mudança está ocorrendo, pois generaliza padrões de uso.

Harris & Campbell (1995) evidenciam o aspecto gradual da reanálise, que envolve três estágios:

- a) Estágio A (*input*): a estrutura *input* apresenta as mesmas características superficiais da análise *input*;
- b) Estágio B (atualização): a estrutura, sujeita a múltiplas análises, gradualmente adquire as características da análise inovadora, distintas das do primeiro estágio;
- c) Estágio C (completude): a estrutura inovadora apresenta as características superficiais da análise inovadora.

A transição do estágio A para o B, quando se atualizam as mudanças, pode ser lenta e, portanto, gradual. Algumas reanálises podem não alcançar o estágio C e não são completadas.

Heine (2003:592) estabelece quatro tipos de relação entre reanálise e gramaticalização:

1. The two are coextensive, that is, all instances of grammaticalization are instances of reanalysis and all instances of reanalysis are also instances of grammaticalization;
2. There is an inclusion relation, in that all instances of grammaticalization involve reanalysis but not all instances of reanalysis involve grammaticalization;

3. The two are disjoint classes of phenomena, but some instances of grammaticalization are also instances of reanalysis, and vice versa;
4. The two are mutually exclusive phenomena.

Para ele, 1 e 4 não se sustentam. A possibilidade 2 é defendida por Newmeyer (1988), Hopper & Traugott (1993/2003) e Campbell (2001). Já relação apresentada em 3 é sustentada por Heine & Reh (1984), Haspelmath (1998) e Detges & Waltreit (2002).

Segundo Detges & Waltreit (2002), as diferenças entre gramaticalização e reanálise podem ser assim esquematizadas (*apud* PEREIRA, 2005:46):

Quadro 2: Gramaticalização X reanálise

GRAMATICALIZAÇÃO	REANÁLISE
Mudança acompanhada por processo gradual e unidirecional.	Não é gradual, é abrupta e unidirecional.
Explica-se por fatores cognitivos e comunicativos (recursos envolvidos: metáfora e metonímia).	Explica-se, principalmente, por fatores comunicativos (lei do menor esforço).
Fenômeno baseado no falante.	Fenômeno baseado no ouvinte.

Nesta tese, assume-se como pressuposto que a gramaticalização da estrutura *ir* + infinitivo envolve necessariamente uma reanálise, que altera a hierarquia de constituintes, permitindo uma fusão entre elementos que, numa interpretação inicial, pertencem a unidades sintáticas distintas. Ocorre também analogia, pois a construção perifrástica com *ir* + infinitivo é, até certo ponto da história da língua portuguesa, muito semelhante à construção com *haver de* + infinitivo (cf. Capítulo 5). Aliás, tanto a reanálise como a analogia são mecanismos que atuam na gramaticalização de verbos de movimento em auxiliares de tempo (HOPPER & TRAUGOTT, 1993/2003; BYBEE *et alii*, 1994).

O desenvolvimento de algumas categorias gramaticais envolve transferência metafórica. A metáfora permite ao homem compreender as idéias em função do mundo concreto. Ela possibilita a transferência de um domínio cognitivo a outro. No caso da gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro, o domínio fonte é movimento, localização (domínio do mundo humano). Já no domínio alvo, as funções relativas a tempo e a valor de verdade do discurso pertencem ao mundo das funções discursivas abstratas.

Assim, trata-se de uma mudança do sentido lexical/concreto para o gramatical/abstrato (HEINE, 1992).

Essa mudança conceitual, que está na base do processo de gramaticalização, é um *continuum*. Os novos significados gramaticais são derivados de sentidos existentes, seja por meio da extensão de um contexto, seja por meio da convencionalização de inferências. Os processos de metáfora têm, assim como o processo de gramaticalização, um sentido unidirecional que vai do mais concreto ao mais abstrato. Não só a linguagem mas também a cognição humana operam através da metáfora.

Heine et *alii* (1991:48) propõem a seguinte escala unidirecional de categorias semânticas pela qual perpassam processos anafóricos e que permite um melhor entendimento do processo de gramaticalização do verbo *ir*:

Pessoa → Objeto → Processo → Espaço → Tempo → Qualidade

De acordo com a hipótese metafórica, o futuro perifrástico com o verbo *ir* + infinitivo seria conceptualizado como o *estar depois* ou *estar à frente*, numa linha temporal a ser percorrida pelo sujeito. Esse traço seria derivado do traço inicial de deslocamento ou movimento do verbo *ir* (LIMA, 2001:121). Localizar historicamente, porém, essa metaforização é muito difícil. Daí surge a chamada hipótese metonímica (HOPPER & TRAUGOTT, 1993/2003).

A hipótese de Hopper & Traugott (1993/2003) é a de que não é o item lexical sozinho o responsável pela gramaticalização. No caso do futuro perifrástico com *go* (e o mesmo se aplica para o *ir* em português), foi “uma” forma de *be going to* em contextos muito particulares que desencadeou o processo. Nesses contextos, verifica-se a coincidência dos traços semânticos “movimento” (verbo *go* ou *ir*) e “intenção” (esses verbos seguidos de uma oração final introduzida por *to* ou *para*). Além disso, por inferência pragmática, está presente o traço “acontecimento futuro”. A gramaticalização aconteceria, pois, por um processo metonímico em que o traço “movimento”, e posteriormente o traço “intenção”, vai desaparecendo e, conseqüentemente, o traço “futuro” vai sendo promovido a traço semântico em alguns enunciados.

O papel da metonímia, que envolve mecanismos semântico-cognitivos, no processo de reanálise é muito bem exposto por Detges & Waltereit (2002:165):

We would like to argue that in reanalysis, the semantic relation between the old structure and the new structure is usually metonymic, or, possibly in a smaller number of cases, taxonomic change is often triggered by high frequency and/or perceptual saliency of the relevant experience.

Os estudos de gramaticalização das formas que expressam futuro têm mostrado que o futuro em todas as línguas desenvolve-se a partir de fontes lexicais, que os morfemas de futuro passam por estágios similares de desenvolvimento e que a mudança semântica é acompanhada da redução da forma, ou seja, o morfema perde a sua independência, fundindo-se com o material adjacente (BYBEE *et alii*, 1991).

Uma das questões mais discutidas atualmente nos estudos sobre gramaticalização é o problema da frequência de uso das formas. Bybee & Hopper (2001) mostram a implicação entre gramaticalização e frequência, mostrando a rotinização (*routinization*) da forma em processo de gramaticalização, que, envolvendo fixação de posição, perda de fronteiras morfológicas e erosão fonológica, está vinculada ao aumento de frequência textual e ao distanciamento do significado original.

Bybee (2003), à página 603, enfatiza a importância da frequência como um dos critérios para identificar e definir a gramaticalização:

I will argue for a new definition of grammaticization, one which recognizes the crucial role of repetition in grammaticization and characterizes it as the process by which a frequently used sequence of words or morphemes becomes automated as a single processing unit.

E distingue, a seguir (p.604-605) frequência de uso (*token frequency*) de frequência tipo (*type frequency*):

Token or text frequency is the frequency of occurrence of a unit, usually a word or morpheme, in running text. [...] Type frequency refers to the dictionary frequency of a particular pattern, such as a stress pattern, an affix, etc. [...] The notion of type frequency can also be applied to grammaticizing constructions by counting the different lexical items with which a construction can be used...

Segundo a autora, construções gramaticalizadas tendem a aumentar sua frequência *type*, podendo ser utilizadas num número cada vez mais amplo de contextos, o que acarreta o aumento da frequência *token* e acelera, conseqüentemente, a sua implementação num processo de mudança.

A mesma autora fala também que a alta frequência de uso de determinadas construções pode, todavia, ser alvo do efeito de retenção. Assim, essas estruturas seriam cristalizadas na língua e não adeririam às mudanças, mantendo-se conservadoras. É o que acontece, por exemplo, com algumas estruturas sintáticas do português que cristalizaram formas de futuro simples e com alguns verbos irregulares, que, pela alta produtividade, não obedecem ao novo paradigma de futuro perifrástico (cf. Capítulo 5 desta tese).

3. AMOSTRAS E PROCEDIMENTOS

Como dito anteriormente, nesta tese são analisados dados que se distribuem do século XIII ao XX. Observa-se a distribuição das variantes de futuro ao longo do eixo temporal. Além disso, busca-se o embrião do processo de auxiliarização do verbo *ir* na construção da forma perifrástica de futuro em que a ele se segue o verbo principal no infinitivo.

Nesse estudo diacrônico, considera-se, obviamente, apenas a língua escrita, num estudo em tempo real de longa duração.

No século XX, como se dispõe de dados de fala e de escrita de duas décadas (anos 70 e anos 90), procede-se a um estudo em tempo aparente e em tempo real de curta duração do tipo tendência (*trendy study*). Trabalha-se com dados colhidos de editoriais de jornais e com *corpus* do Projeto NURC distribuídos por duas cidades brasileiras – Salvador e Rio de Janeiro.

O estudo no plano horizontal (espacial, geográfico) permite verificar se entre centros urbanos mais ou menos representativos social, política, econômica e culturalmente no país há diferentes estágios de mudança lingüística.

A comparação entre as modalidades oral e escrita baseia-se na hipótese de que a mudança se implementa inicialmente na fala, incorporando-se mais tardiamente na escrita.

A variável ‘grau de escolaridade’ não é considerada, uma vez que a investigação restringe-se ao nível culto, definido em termos do indivíduo com nível superior completo de escolarização, um dos critérios adotados pelo Projeto NURC.

Do século XIII ao XVI, os documentos foram colhidos do PROHPOR – Projeto para a História do Português, sediado na Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação da Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva. Para o século XVII, o documento foi recolhido ao banco de dados da USP. Já para os séculos XVIII e XIX, os dados pertencem ao PHPB-RJ, Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro, sob a coordenação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Profa. Dinah Maria Isensee Callou.

Como os dados do século XX incluem as modalidades falada e escrita da língua, são apresentados mais adiante.

O material diacrônico pode ser melhor visualizado no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3: *Corpus* diacrônico (séculos XIII a XIX)

Século	Texto(s)
XIII	Testamento de Afonso II Foro Real de Afonso X
XIV	Flos Sanctorum
XV	Vida de Tarsis Vida de uma Monja Morte de S. Jerônimo Vida de Santa Pelágia A Carta de Caminha
XVI	Cartas de D. João III
XVII	Cartas do Pe. Antônio Vieira
XVIII	Cartas Oficiais Cartas de Comércio – Brasil Cartas Comuns
XIX	Cartas Oficiais Cartas Pessoais Cartas de Editores

Para o século XX, há dados de fala e de escrita distribuídos por duas décadas, os anos 70 e os anos 90, e por duas cidades, Salvador e Rio de Janeiro.

Quanto aos dados de língua falada, há duas amostras:

- a) A primeira, que não entrará no estudo de tendência, constituída de 12 inquéritos do tipo elocução formal (EF), representativos do estilo mais formal, todos da década de 70, distribuídos por cidade, sexo/gênero e idade, conforme o quadro abaixo:

Quadro 4: Gravações do tipo EF da década de 70

Sexo/Idade	Salvador	Rio de Janeiro
	Inquérito	Inquérito
M/Fx.1	046	356
H/Fx.1	052	251
M/Fx.2	049	379
H/Fx.2	026	364
M/Fx.3	023	382
H/Fx.3	020	341

M = mulher H = homem

Fx.1 = 25 a 35 anos Fx.2 = 36 a 55 anos Fx.3 = + de 55 anos

- b) A segunda amostra, que possibilita um estudo de tendência, constituída de 24 inquéritos do tipo diálogo entre informante e documentador (DID), representativos do estilo menos formal, distribuídos por década, cidade, sexo e idade, conforme os quadros a seguir:

Década de 70:

Quadro 5: Gravações do tipo DID da década de 70

Sexo/Idade	Salvador	Rio de Janeiro
	Inquérito	Inquérito
M/Fx.1	125	133
H/Fx.1	277	164
M/Fx.2	081	328
H/Fx.2	100	135
M/Fx.3	159	373
H/Fx.3	094	112

M = mulher H = homem

Fx.1 = 25 a 35 anos Fx.2 = 36 a 55 anos Fx.3 = + de 55 anos

Década de 90:

Quadro 6: Gravações do tipo DID da década de 90

Sexo/Idade	Salvador	Rio de Janeiro
	Inquérito	Inquérito
M/Fx.1	002	003
H/Fx.1	006	002
M/Fx.2	004	019
H/Fx.2	001	014
M/Fx.3	008	017
H/Fx.3	016	018

M = mulher H = homem

Fx.1 = 25 a 35 anos Fx.2 = 36 a 55 anos Fx.3 = + de 55 anos

Quanto à língua escrita, são trabalhados 48 textos de editoriais de jornais, 24 do jornal *A Tarde*, de Salvador, e 24 do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Para cada cidade, há 12 textos de cada década. Supondo que esses textos não são assinados, as variáveis sexo/gênero e faixa etária não são controladas. Entretanto o estudo de tendência considera esses dados.

A investigação aqui delineada segue a linha da sociolinguística quantitativa, também conhecida como a teoria da variação, cujo precursor é o linguista William Labov (1963, 1966, 1968, 1972, 1994, 2001). Nos termos do autor, “the study of variation is necessarily quantitative, and quantitative analysis necessarily involves counting...” (LABOV, 1969:728).

Para a análise quantitativa dos dados, portanto, foi utilizado o GoldVarb 2001 (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001), uma aplicação para análise multivariacional que realiza os cálculos estatísticos e probabilísticos na plataforma Windows, baseada no programa GoldVarb 2.0 (RAND & SANKOFF, 1990) desenvolvido para computadores Macintosh.

Trata-se de um programa que realiza a análise combinatória dos dados distribuídos pelos vários grupos de fatores, fornecendo percentuais e pesos relativos de todas as variáveis, consideradas isoladas ou combinadas, expressos por tabelas e gráficos. Ele testa a aplicação de regras variáveis, examinando o efeito de cada fator individual e medindo a influência relativa dos fatores sobre a variável estudada. Ele testa, pois, a significância estatística dos grupos de fatores que influenciam a variável dependente.

O nível de significância estabelecido (0,05) possibilita a seleção das variáveis. E o cálculo de verossimilhança máxima (*log likelihood*) mede a adequação dos pesos relativos às frequências observadas.

São considerados e analisados fatores internos (lingüísticos) e externos (sociais ou sociolinguísticos) na investigação da variável em questão. Os grupos de fatores lingüísticos contemplados na análise quantitativa dos dados do século XX⁶ são:

- a) a extensão fonológica do verbo (uma, duas, três e quatro ou mais sílabas);
- b) a predicação verbal (copulativo, intransitivo ou transitivo);
- c) a pessoa verbal (primeira, segunda, terceira);
- d) o paradigma verbal (regular ou irregular);
- e) a conjugação verbal (uma dentre as três);
- f) a natureza semântica do verbo (evento, estado, processo ou estado psicológico/verbo cognitivo);
- g) o tipo de sujeito (preenchido lexicalmente, oracional, oculto, indeterminado ou inexistente);
- h) a animacidade do sujeito (animado, inanimado ou abstrato);

⁶ Do século XIII ao século XIX, a análise quantitativa se restringiu às frequências das formas variantes.

- i) o papel temático do sujeito (agente, paciente ou experienciador);
- j) a projeção de futuridade (futuro próximo, futuro distante, futuro indefinido);
- k) a presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo (presença de advérbio, presença de oração temporal, presença discursiva ou ausência de marca);
- l) o tipo de oração (absoluta, coordenada, principal, substantiva, relativa ou adverbial);
- m) a polaridade do enunciado (afirmativa, negativa ou interrogativa);
- n) o paralelismo sintático-discursivo (ocorrência única, primeira ocorrência de uma série, precedida de forma idêntica ou precedida de forma diferente);
- o) a contingência do futuro (+ contingente ou - contingente).

Quanto aos grupos de fatores externos, foram considerados:

- a) o sexo/gênero do informante (masculino ou feminino);
- b) a faixa etária do informante (mais jovem, intermediária ou mais velha);
- c) a procedência geográfica do informante (cidade de origem – Salvador ou Rio de Janeiro);
- d) a década (anos 70 ou anos 90);
- e) a modalidade (língua oral ou escrita).

Um outro fator externo também analisado, embora de natureza distinta dos anteriores, é o estilo/registo de fala ou situação (mais formal ou menos formal).

A análise partiu de rodadas ternárias, em que se verificou o comportamento das variantes futuro simples, futuro perifrástico e presente. A seguir, foram consideradas as rodadas binárias (excluída a forma de presente⁷), tendo como regra de aplicação a variante perifrástica, forma inovadora.

No Capítulo 5, em que é apresentada a análise dos resultados, são focalizadas apenas as variáveis (grupos de fatores) que se mostraram relevantes pelo Programa GoldVarb. Assim, no decorrer da análise, cada grupo de fatores selecionado por uma e/ou outras oposições consideradas tem a sua hipótese explicitada e é exemplificado com as variantes em questão.

⁷ A variante 'presente do indicativo' é objeto de um estudo à parte, apresentado na última seção do Capítulo 5.

De todos os grupos de fatores considerados nesta tese, apenas três deles não foram selecionados em nenhuma amostra: a ‘Predicação verbal’, o ‘Tipo de sujeito’ e a ‘Polaridade do enunciado’.

Optou-se, entretanto, por apresentar, neste Capítulo, esses grupos, exemplificando-os e expondo a hipótese que condicionou a sua consideração quando da codificação dos dados. Os resultados percentuais desses grupos para cada amostra analisada estão apresentados nas tabelas geradas a partir dos arquivos de células, que compõem o Apêndice desta tese, mas não foram analisados por terem sido descartados, como se disse.

Grupos de fatores não selecionados

Predicação verbal

A hipótese aventada para este grupo de fatores foi a de que os verbos transitivos, já que projetam vários argumentos, favoreceriam a forma perifrástica para que houvesse um maior equilíbrio na distribuição dos constituintes da oração. Considerando os resultados encontrados e expostos nos Anexos, essa hipótese se confirma tanto na fala como na escrita, embora não tenha sido esse grupo selecionado nas amostras. São os verbos existenciais os que revelam menor percentual de uso do futuro perifrástico.

Seguem exemplos de cada fator integrante desse grupo:

Copulativo:

- (1) Voltamos a repetir isso porque, do contrário, não existe nenhuma reconstrução que possa ser levada à frente, e o Brasil *continuará sendo* mesmo um eterno país de Terceiro Mundo... (T3 SSA-90)
- (2) Se ela for recorrer... agora... ela *vai ficar* mal vista no emprego e vai acabar perdendo o lugar... (164 R7 DID)

Intransitivo:

- (3) O aumento da arrecadação *virá* naturalmente com a retomada do desenvolvimento, se forem feitas as reformas estruturais em curso no Congresso, corrigindo-se as distorções no relacionamento entre União, estados e municípios. (T12 RJ-90)

- (4) ... eu quero uma casa na... Barão de Guaratiba lá em cima... isso ainda *vai acontecer*... (133 R7 DID)

Existencial:

- (5) ... não significa que ele não tenha... hã... lugar... a pequena empresa vai continuar existindo... sem dúvida que vai... *haverá* sempre um lugar pra pequena empresa... (364 R7 EF)
- (6) Tem gente com quarenta anos que não se a... assumiu ainda a sua idade... o seu comportamento... e continua eternamente adolescente... como *vai ter* empresas que... eternamente... vão ser empresas de pequeno ou de médio porte... (364 R7 EF)⁸

Transitivo direto:

- (7) Assim, os terroristas não *encontrarão* condições para agir. (T4 SSA-70)
- (8) Enfim, o pólo de celulose *vai gerar* impostos federais e estaduais... (T8 SSA-90)

Transitivo indireto:

- (9) Colocado o problema em termos numéricos, calcula-se que, no próximo ano, *ascenderá* a 15.000 o número de postulantes a vagas na Universidade. (T8 SSA-70)
- (10) Apenas adiantou que *vai atuar* contra uma quebraadeira geral no sistema. (T2 RJ-90)

Bitransitivo:

- (11) Para tal, consolidaram-se mecanismos e instrumentos que *causarão* grandes dores-de-cabeça ao próximo governo... (T2 SSA-90)
- (12) ... a SUDEP *vai dar* aposentadoria a pescadores... (026 S7 EF)

⁸ Considerou-se o verbo *ter* nesta ocorrência como existencial, pois é comutável com *haver* e *existir*. Esse uso é muito característico do português falado no Brasil.

Tipo de sujeito

O grupo de fatores ‘Tipo de sujeito’ foi considerado assumindo-se como hipótese que o sujeito expresso lexicalmente (nominal ou pronominal) favoreceria o uso do futuro perifrástico, ao passo que, nos casos de orações sem sujeito (ou com sujeito inexistente), com verbos, portanto, impessoais, seria maior o emprego do futuro simples. Quanto aos casos de sujeito inexistente, de fato, favorecem o futuro simples. Já o futuro perifrástico, contrariamente ao esperado, parece ocorrer com maior frequência com sujeitos oracionais. Entretanto, com os outros tipos de sujeito, os percentuais encontrados nas várias amostras são muito próximos, o que parece indicar que esse grupo, realmente, não tem uma atuação tão forte em relação ao fenômeno estudado. Os exemplos (13) a (22) ilustram cada tipo de sujeito com as variantes futuro simples e futuro perifrástico:

Preenchido lexicalmente:

- (13) Assim os terroristas não *encontrarão* condições para agir. (T4 SSA-70)
- (14) Nossas exportações vão se tornar mais competitivas. Mas *tudo isso* pouco vai *significar* para o brasileiro se não houver feijão na panela. (T6 SSA-90)

Desinencial (oculto):

- (15) Assim os terroristas não encontrarão condições para agir. *Saberão* que *terão* que enfrentar, muito mais ainda, a antipatia popular, porque, em cada cidadão, *encontrarão* um inimigo decidido a defender o Governo de que participa. (T4 SSA-70)
- (16) A menos que estejamos pretendendo transformar o país numa imensa fazenda coletiva (e onde elas existem estão fracassando) os preços mínimos não podem fazer o papel de preços máximos, até porque *vão funcionar*, no fim das contas, como um enorme guarda-chuva para a baixa produtividade. (T7 RJ-70)

Oracional:

- (17) Para que nosso indígena não seja transformado em figura folclórica, ou redimido de sua condição de primitivismo para se tornar vítima da civilização, *será* preciso buscar novos modelos antropológicos. (T1 RJ-70)

- (18) Bom, *vai ser* meio difícil falar sobre viagem de trem, porque acho que a última vez que eu fiz viagem de trem foi... (277 S7 DID)

Indeterminado:

- (19) A crise do golfo, nesse contexto, deve servir para um reexame das linhas de solidariedade internacional. Nunca *se chegará*, como é óbvio, ao estágio em que os países pensem todos da mesma maneira. (T1 RJ-90)
- (20) E o... a escolha do tema para que seja feito o filme. Depois vêm os artistas, né? *Vão convidar* os artistas para que possam, cada um, fazer aquele trabalho a que eles se destinam. (001 S9 DID)

Inexistente (verbos impessoais):

- (21) ... eu fiquei muito impressionada com a entrevista dele, que estava dizendo isso: que *só poderá haver* paz quando se aceitar inteiramente a ... cada um aceitar as diferenças do outro... (347 R9 DID)
- (22) ... a casa... onde eu estava... até... uma ano atrás... era uma casa muito antiga, muito gostosa de... dessas casas de... são de jardim, muito boas, muito amplas... e que infelizmente faz um ano agora *vai dar* uma incorporação... terrível lá... mas eu fiquei morando... (133 R7 DID)⁹

Polaridade do enunciado

A variável ‘Polaridade do enunciado’ foi considerada com o intuito de verificar se o tipo de frase desempenharia algum papel na seleção das variantes. Em francês, por exemplo, de acordo com o estudo de Sankoff & Wagner (2005), o uso do futuro simples é quase categórico em sentenças negativas.

Em francês, a negação envolve o uso de duas partículas (*ne* e *pas*), uma colocada antes do verbo auxiliar e a outra entre o auxiliar e o verbo principal. Assim, talvez o futuro perifrástico seja inibido em frases negativas pelo fato de a perífrase ser já tão percebida como um todo único que não admite a interpolação da segunda partícula entre o verbo *aller* e o infinitivo.

Mesmo sabendo que em português não haveria esse caso de interpolação, já que a negação é feita com a partícula *não* antes do verbo ou de qualquer outra locução verbal, optou-se por considerar a variável ‘Polaridade do enunciado’.

⁹ Considerou-se o verbo *dar*, nesse exemplo, como impessoal, pois é comutável com *haver* e *existir*.

Malvar & Poplack (2005), considerando essa variável ao analisar a variação na expressão do futuro em dados do português dos séculos XVI, XVIII, XIX e XX, constatam que as sentenças declarativas favorecem o uso do futuro simples.

Os resultados encontrados nesta tese, porém, mostram que o fato de a frase ser afirmativa, negativa ou interrogativa em nada interfere na seleção de uma ou outra variante de futuro, em relação à fala, enquanto, na língua escrita, parece que é nas frases afirmativas que o futuro perifrástico se implementa, embora o número de dados seja pequeno.

Os exemplos (23) a (28) ilustram os três tipos de sentença:

Afirmativa:

- (23) Nova política salarial *deverá ser implementada* antes que se saiba qualquer coisa sobre ela. (T5 SSA-90)
- (24) O projeto *vai permitir* uma economia de 12 a 13 milhões de dólares no programa espacial até o ano de 1992. (T2 RJ-70)

Negativa:

- (25) No mais atrasado país do Mundo, não se *verá* coisa pior. (T5 SSA-70)
- (26) ... que uma pessoa com três... quatro empregos... ela não está... ela não está fazendo direito coisa nenhuma... não é? Não pode... ela vai chegar atrasada em todos... então... ela não *vai fazer* nada direito... (373 R7 DID)

Interrogativa:

- (27) ... isto devia ser feito pelos órgãos governamentais... e... e outra pergunta... *Haverá* quem queira ouvir sobre isto? Será que o pessoal quer mesmo? Se se marcar uma reunião... uma palestra... sobre isto... será que vai se ter público pra ouvir isto? Eu não acredito... (373 R7 DID)
- (28) ... hoje os senhores não sentem... são novos... mas daqui a cinco... seis anos vão sentir... e a família... o dia que o senhor morrer... sua família *vai viver* de quê? Era a pergunta que eu fazia... não sabiam responder... então o senhor tem uma chance de deixar um... uma pensão pra sua senhora... no fim da vida ela vai precisar... os filhos casam e ela vai ficar sozinha... (164 R7 DID)

4. A TRAJETÓRIA DA GRAMATICALIZAÇÃO DE *IR* + INFINITIVO

O funcionalismo lingüístico analisa a língua enquanto fenômeno comunicativo e discursivo. Sendo a noção de tempo uma categoria lingüística e suas relações com o tempo cronológico uma função da comunicação e do discurso, uma abordagem funcionalista pode embasar teoricamente a análise da expressão de futuro no português, que pode ser realizada através de formas simples (futuro simples ou desinencial e presente) ou por formas analíticas/perifrásticas (*haver de* + infinitivo e *ir* + infinitivo).

O tempo futuro expressa a expectativa de alguma ação (processo ou evento) a ser verificada mais tarde, após o ato de fala. Ele tem um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, pois só aceita asserções segundo a avaliação feita pelo falante da (im)possibilidade de ocorrência de um estado de coisas. Assim, há um valor modal aliado ao fator temporal no futuro que compromete a determinação do valor de verdade da proposição enunciada. Segundo Câmara Jr. (1957:223), a categoria de futuro não ocorre “pela necessidade da expressão temporal; concretizam-no certas necessidades modais, de sorte que o futuro começa como modo muito mais do que como tempo”.

O ciclo de alternância entre formas simples e formas perifrásticas de futuro é uma constante na história das línguas românicas, como já se viu no Capítulo 2. Já no próprio latim, o futuro desinencial adveio de formas modais analíticas (*cantare habeo* > *cantar hei* > *cantarei*). Para Câmara Jr., a nova forma de futuro criada ainda no latim desempenha três funções na língua: a) marca o modo; b) marca tempo com matiz modal; e c) marca tempo. O autor fala em gramaticalização do futuro modal em futuro temporal.

Neste trabalho, admite-se a hipótese de que o processo que aconteceu no latim (forma analítica > forma sintética) está sendo invertido no português atual (forma sintética > forma analítica) a partir da gramaticalização do verbo *ir*, que passa, já em estágios anteriores da língua, de forma plena a marca morfossintática de futuro.

A perífrase é a forma verbal inovadora, que convive com a forma simples (conservadora). Trata-se, pois, de um fenômeno variável no português em que a variante perifrástica, concorrente da forma sintética para codificar a função que situa a ação ou o processo à direita do ponto da fala é muito pouco discriminada. E a entrada do verbo *ir* como auxiliar para expressar o futuro vem encontrando resposta positiva entre os falantes.

A construção perifrástica *ir* + infinitivo, não exclusiva do português, como já se mostrou, pode ser analisada como resultado de um processo de gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro.

Este capítulo, com base, pois, na hipótese da gramaticalização, nos moldes propostos por Hopper & Traugott (1993/2003), Heine (1993) e Bybee et alii (1994), descreve a trajetória da nova forma (a perifrástica), que passa a ocupar um novo espaço no sistema lingüístico, tal como ocorreu com a forma *be going to* da língua inglesa e a forma com o verbo *aller* + infinitivo (o *futur proche*) da língua francesa. A seguir, apresentam-se as trajetórias das formas perifrásticas *ir* + infinitivo e *aller* + infinitivo, no português e no francês, respectivamente, para ressaltar a generalidade do processo.

4.1. A perífrase *ir* + infinitivo em português

Os verbos de movimento, em geral, são polissêmicos e superpõem, dentre outras, as noções de espaço e de tempo. O verbo *ir* é um dos verbos mais polissêmicos e, pois, um dos mais ‘gramaticalizáveis’. Na construção perifrástica com o infinitivo, ele tende a se transformar em auxiliar (HEINE, 1993; BYBEE et alii, 1994; HEINE & KUTEVA, 2002), quer dizer, num instrumento gramatical para a expressão do tempo futuro. Essa tendência, bem conhecida no inglês, no francês e no espanhol, pode ser constatada também em português, em que, na fala, o processo de substituição da forma de futuro simples pela forma perifrástica *ir* + infinitivo em construções como (1) está quase concluído, como se verá no capítulo seguinte.

- (1) O inverso é uma geração que *vai casar* bonitinha, na igreja, quer tudo nos conformes, aí a próxima, não, *vai querer romper* com todos os padrões, entendeu, *vai fazer* um monte de doideira, *vai juntar*, *vai separar*, *vai juntar* dez vezes, *separar*, não sei o quê... (séc. XX)

Lima (2001) estudando a gênese e a evolução do futuro com *ir* em português, trabalha com as hipóteses de metáfora e metonímia para esse processo. Ele situa o início do processo de gramaticalização desse verbo como auxiliar de futuro no século XIV, a partir do indício sintático de unidade da perífrase em que o traço de intenção está ausente, pois o sujeito é não-humano:

- (2) E ha em ella muytos ryos, dos quaes o primeiro he o Ebro que *vay entrar* ã no mar Terreno (*Crónica Geral de Espanha*, séc. XIV).

Conclui pela atuação de um processo metafórico para esse uso do verbo *ir*, já que há uma idéia de “tempo posterior”. E encontra as primeiras ocorrências da forma

perifrástica *ir* + infinitivo já em cantigas de amigo de D. Dinis, no séc. XIII, embora ainda sem valor de um “tempo futuro”:

- (3) Levantou-s’*a* velida, / levantou-s’*alva* / e *vai lavar* camisas / eno alto: / *vai-las lavar* alva.

Embora utilize apenas dados literários, afirma que o progressivo incremento dessa perífrase se dá gradualmente a partir do século XVI.

A partir da análise de dados do século XIII ao século XX, de acordo com o quadro teórico-metodológico da sociolinguística e com a hipótese da gramaticalização, os resultados obtidos indicam que a trajetória desse verbo – de lexema pleno a auxiliar – é possível em função de uma polissemia do verbo de movimento *ir*, que acumula traços compatíveis com as categorias de espaço e de tempo, como, por exemplo, em:

- (4) ... mas ele tem o poder... então... brum... cai tudo por terra... aí é que *vai procurar* o que é que houve... (séc. XX)

O verbo *ir* é um verbo vicário e possui vários sentidos, vários conteúdos (do mais concreto ao mais abstrato). Eis alguns exemplos de sua polissemia:

Movimento no espaço (verbo pleno):

- (5) E o mercador ñ quis tardar e mandou do seu a seus homeens o que teve por bem, desy que dessem todo o al a pobres e *foy-se* entõ com sam Panuço pera o deserto. [...] Depois de pouco tempo *foy-se* aquel mercador pera companhia dos sanctos. (séc. XIV)

Progressão, aumento, continuação (verbo aspectual):

- (6) ... e a Alexãdria porto do Nilo, dõde *vão ter* nas galees de Veneza pera se vendere... (séc. XVI)
- (7) ... que com o gentio tem aquêlê pobre povo padecido e *vai experimentando* e a diminuição em que se acha... (séc. XVII)
- (8) ... achey jornal de quarto de ouro por pessoa, que lavrandosse *hirá em crescimento*, como se vio nasminas... (séc. XVIII)

- (9) ... que forão dos Denominados Jezuitas *evai* até adistancia de quatro legoas... (séc. XVIII)
- (10) ... que tem a sua testa elevada de fronte deste Quartel, e Porto de Soiza; e d'elle *vai acompanhando* o Rio Doce, até... (séc. XVIII)
- (11) ... por cauza de haver alguns Caxoeiros despenhados esempre *vai seguindo* do Castello para sima... (séc. XVIII)
- (12) O povo *vai compreendendo* que o país não pode prosperar... (séc. XIX)
- (13) Previa em parte o que *vai acontecendo*. (séc. XIX)
- (14) A volta que *vai efetuando* o espírito público na Europa... (séc. XIX)

Intenção (verbo modal):

- (15) Quando fui a esta Conquista no anno de 1618 se aballarão muitas pessoas das Ilhas a meu exemplo, parecendolhes que pois eu sem obrigações, *a hir buscar* remedio deixava o regallo de Lixboa... (séc. XVII)
- (16) ... eu quero uma casa na... Barão de Guaratiba lá em cima... isso ainda *vai acontecer*... (séc. XX)

Futuridade (verbo auxiliar):

- (17) Acho que nós *vamos sair* daqui com indigestão. (séc. XX)
- (18) ... hoje os senhores não sentem... são novos... mas daqui a cinco... seis anos *vão sentir*... e a família... o dia que o senhor morrer... sua família *vai viver* de quê? (séc. XX)

Há, todavia, contextos ambíguos em que esses quatro traços coexistem, como, por exemplo, em:

- (19) ... eu não tenho mais saco pra carnaval de clube, então eu vou de manhã pra rua; nove, dez horas eu chegando em casa pra mim já tá ótimo, já brinquei meu carnaval, aí *vou dormir* pro outro dia, né, mas gosto muito... (séc. XX)

Em (19), pode-se depreender que o falante se desloca no espaço (voltando para casa), após o carnaval, com a intenção de dormir (uma ação contínua, durativa) posteriormente à sua chegada em casa (tempo futuro). E toda a ação se realiza por um sujeito [+ agente].

São esses contextos ambíguos que permitem a instauração de contextos-ponte (*bridge context*) em que os traços de espaço e de tempo sejam suplantados pelo traço [+ futuro]¹⁰. Essa conjugação de traços possibilita a utilização da perífrase em contextos mais específicos que implicam agentividade, intencionalidade e proximidade. O verbo *ir* se torna mais gramatical e menos lexical à medida que passa da expressão de movimento no espaço à condição de verbo auxiliar para indicar futuridade.

É, pois, a polissemia do verbo *ir* – espaço, intenção, tempo... – que desencadeia uma mudança semântica, fonte da gramaticalização desse verbo como auxiliar que exprime futuridade (MARTELOTTA, 1998).

Um estudo em tempo real, utilizando instrumentos heurísticos da sociolinguística, permite identificar uma reorganização dos traços preponderantes dessa polissemia, no sentido de que um traço mais baixo ganha maior evidência, em função da intervenção de condições contextuais específicas. Ou seja, esse processo não pode ser analisado somente do ponto de vista lexical. É preciso considerar também as construções que esse verbo integra, já que se trata de um processo de auxiliarização. Segundo Lehmann (1982), Bybee *et alii* (1994), Traugott (2003) e Hopper & Traugott (1993/2003), o processo de gramaticalização é fortemente contextualizado.

Lehmann (1982:7) diz que a gramaticalização não se limita a um item lexical. Ela envolve toda a construção formada pelas relações sintagmáticas do item em questão:

One cannot properly say that a given element as such is grammaticalized or lexicalized. Instead, it is the construction of which the element is a constituent which may embark on either course.

¹⁰ Considerando que a gramaticalização é um processo induzido pelo contexto (*context-induced interpretation*), Heine (2002:84) propõe quatro tipos de contextos: a) Estágio original e irrestrito – contexto caracterizado pelo significado original da forma; b) Contexto-ponte – contexto específico que origina o novo significado (significado alvo) por meio de uma inferência menos plausível no primeiro contexto, o do significado fonte; c) Contexto de mudança – contexto que permite isolar o significado novo (gramatical), já não interpretável como o significado original (lexical), que pode persistir em segundo plano; d) Convencionalização – contexto em que o significado novo passa a ser o mais freqüente e se expande por novos contextos, tornando-se normal e inerente ao item ou à construção, podendo, inclusive, contradizer o significado fonte.

Bybee *et alii* (1994) salientam a possibilidade de que gramaticalização envolva combinações de morfemas lexicais.

Traugott (2003:624) também defende que a gramaticalização pode atingir não só itens lexicais como também construções ou sintagmas:

As the multiplicity of examples grew involving relationships between lexemes and grammaticalization, more attention began to be paid on both sides of the Atlantic to the role of “phrases” or “constructions” and definition of grammaticalization such as the following began to appear: “the process whereby lexemes and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions” (HOPPER & TRAUGOTT, 1993) and “the evolution of grammatical form and meaning from lexical and phrasal antecedents” (BYBEE *et alii*, 1994).

Hopper & Traugott (2003:99-100) enfatizam que um lexema se gramaticaliza apenas em contextos morfossintáticos bastante específicos e sob condições pragmáticas particulares:

The path is not directly from lexical item to morphology. Rather, lexical items or phrases come through use in certain highly constrained local contexts to be reanalyzed as having syntactic and morphological functions. Schematically, this can be characterized as: lexical item used in specific linguistic contexts > syntax > morphology.

Examinando as ocorrências do verbo *ir* em sua forma plena na tentativa de se localizar ao menos o embrião do processo de generalização do(s) seu(s) significado(s), o que culminaria no seu uso como auxiliar de futuro, algumas estruturas se destacaram:

Sujeito [+ animado] + verbo *ir* + SP (sintagma preposicionado, contíguo ou não, como complemento circunstancial do verbo, indicando lugar ou pessoa):

(20) ... por *ir ao monte e aa caça* andar um mês. (séc. XIV)

(21) Aquel juyz havia nome Angelata. Este *foy ao moesteiro* demandado d’el-rey e disse a sã Fruytoso que fizesse viir aquela donzela... (séc. XIV)

(22) Enton deceu e *foi-se a el-rei* e pose-o en seu cavalo. (séc. XIV)

- (23) ... qua non seeria tan mao que a d'ali tirasse e se Mordaret fosse vencudo, *iria-se para seu senhor*. (séc. XIV)
- (24) Pái – Vem cá, António, *vái á minha livraria* e tráze uns cadernos número quinze... (séc. XVI)
- (25) ... ey por bem que vos ãfformeis d'isto, e achãdo que he asy, a deixeis *ir pera o dito marido* nas naos d'esta armada... (séc. XVI)

Sujeito [+ animado] + verbo *ir* + SP abstrato:

- (26) Ca assi como o corpo vay pelo home hu quer, assi a alma pelo cuydo e pelo desejo *vay hu lhi semelha*. (séc. XIV)
- (27) E degolarõ-no con [os] outros e *foi-se pera o parayso do deleyto*, que he eno ceeo. (séc. XIV)
- (28) ... que o non quizerom seguir *pera ir aa sua gloria*. (séc. XIV)

Sujeito [+ animado] + verbo *ir* intransitivo:

- (29) Aquelo que diz que o outro passaro leyxã *ir* livremente demonstra que depois que nós vecermos... (séc. XIV)
- (30) ... e deixaraó *hir* os outros... (séc. XVIII)
- (31) ... deixandoos *hir* desperços...” (séc. XVIII)

Sujeito [+ animado] + verbo *ir* intransitivo pronominal:

- (32) – Eu nunca vos amarei [...] se *vus non ides*, mais faço-vus certo que vus verra mal, se *vus non ides*. (séc. XIV)
- (33) E tomou Eliezer dez camelos e *foi-se* e levou de todos os bees que avia Abraan... (séc. XV)

Sujeito + verbo *ir* + gerúndio:

- (34) ... e ela *foi-se correndo* a casa de seu padre... (séc. XVI)

- (35) ... divide-se este Rio para oSúl *evai seguindo* para oCastello; chegando ao lugar da fruteira... (séc. XVIII)
- (36) ... divide-se hum Ribeirão para oNorte *evão se seguindo* odo Castello... (séc. XVIII)
- (37) ... os Indios das Aldeyas dos Reys Magos, e Cabo Frio, e consequentemente os *hirão seguindo* os mais, e rezultarão deste disturbio gravissimas consequencias... (séc. XVIII)

Sujeito + verbo *ir* + particípio passado:

- (38) ... aramarão aly oito chalupas grandes, de gauea, que *hião abatidas* em peças nos Nauios... (séc. XV)
- (39) Leia agora o que *vai transcrito* do Morning Chronicle... (séc. XIX)

Sujeito [+ animado] + verbo *ir* + preposição *para* elíptica + infinitivo (com o sentido de finalidade, mas ainda sem a acepção de futuro):

- (40) E porem se queremos saber como podemos *ir* \emptyset *morar* ao eu reyno, perguntemos o Nosso Senhor Deus com o Propheta... (séc. XVII)
- (41) ... e fidalgos de sua companhia, que *forão* \emptyset *beijar* a mão ao imperador... (séc. XVII)
- (42) ... até o outro dia quando se *foi* \emptyset *sepultar* isto já em horas... (séc. XIX)

Nessas estruturas, observa-se que o traço de animacidade do sujeito é importante na criação de um contexto favorável à gramaticalização do verbo *ir*. Conforme dizem Bybee *et alii* (1994), a gramaticalização dos verbos de movimento em verbos auxiliares de futuro passa por um estágio em que eles expressam ‘intenção’, primeiramente do falante. Num outro estágio, a intenção, transferida ao agente do verbo principal, é atribuída a outra pessoa, podendo ser interpretada como ‘predição’. Assim, para os autores, construções de futuro que se originam de verbos de movimento têm início com uma semântica de expressão de intenção do agente e caminham para um sentido de predição. Daí a importância de um sujeito animado para que esse contexto seja instaurado.

O verbo *ir*, na sua passagem de verbo pleno a auxiliar de futuro, atravessa uma escala semântica similar àquela de outros itens lexicais em via de gramaticalização (HEINE *et alii*, 1991:48):

Pessoa → objeto → processo → espaço → tempo → qualidade

O verbo *ir* parte de um sentido associado a espaço físico, passando pelos sentidos de desejo e modalidade, em direção a um sentido associado a espaço temporal. O esmaecimento do traço de modalidade (intenção ou propósito de fazer algo) permite, então, a sua gramaticalização como auxiliar de futuro. Permanecem, todavia, alguns resquícios do traço [+ modal] em muitos exemplos, superpondo-se, às vezes, ao sentido de futuro. É a preservação desse traço que explica, inclusive, o fato de muitos autores, como, por exemplo, Jeanjean (1988) e Blanche-Benveniste (1997), verem diferença no uso de futuro simples e de futuro perifrástico. Os dois extremos do processo de gramaticalização estão ilustrados nos exemplos seguintes:

Movimento no espaço:

- (43) – Filho, ñ queyras haver medo, ca eu ñ decerey hora de meu esteo. Mais deci tu e *vay confortar* o poboo. Entõ deceu e *foy a dizer* ao poboo. E outrossi *foy-o dizer* ao bispo d’Antichia Anziocena. (séc. XIV)

Movimento no tempo:

- (44) A os que esta Relação [...] persuadir, a que *vão viver* nesta terra, peço [...] que quando se nella virem contentes, [...] roquem a Deus... (séc. XVII)

Como proposto por Heine (2002), é a convencionalização de inferências que permite a passagem do sentido locativo ao sentido temporal. No caso do exemplo (44), já que o falante se refere (e se dirige) a pessoas que já estão presentes “nesta terra”, infere-se o valor de futuro na perífrase construída, ou seja, o “tempo posterior” sugerido por Lima (2001). Também pode-se ver nesse exemplo, clara e diferentemente do exemplo (43), que já não há mais a ‘intenção’ do falante, mas a ‘predição’ dirigida a outra(s) pessoa(s), como explicam Bybee *et alii* (1994:270).

Deslocar-se no espaço físico requer tempo, atingir um objetivo ou realizar um desejo também exige tempo. O futuro implica, assim, uma projeção.

Do ponto de vista estrutural, o embrião do sentido gramatical de auxiliar de futuro do verbo *ir* pode ser encontrado em construções nas quais ele está acompanhado (nem sempre em contigüidade) de um adjunto ou de um complemento circunstancial:

(45) E pero aas vegadas *vay* aos ortos e aos logares *pera colher* alguns grãos de semêtes onde viva. (séc. XIV)

(46) ... quis o nosso Padre *ir* laa *a diser* missa, porque se passa hum anno e dous que não v[e]m a Deus, nem no vem a ver podendo vir. (séc. XVI)

(47) ... & agora *vão* frades capuchos, *para os catequizar*... (séc. XVII)

A supressão da preposição que introduz o SP, exprimindo em geral a finalidade, pode estar associada, talvez, a razões funcionais, como a economia da frase e a velocidade da fala. Uma explicação mais plausível, porém, pode ser dada: aplica-se aí um processo de reanálise, segundo os moldes de Hopper & Traugott (1993/2003), que altera as fronteiras dos constituintes. A preposição, que antes introduzia a segunda oração (em posição COMP), desaparece e não há mais fronteiras entre o verbo *ir* e o infinitivo. Assim nasce a perífrase verbal, mais perceptível quando não há mais elementos intervenientes entre o verbo *ir* e o infinitivo da frase circunstancial.

Martelotta (1998:23), ao falar do verbo *ir* como auxiliar de futuro, também diz que a sua origem é adverbial. Ele se origina em uma estrutura com uma cláusula final, o que é relatado também por outros autores, e mostra o seguinte exemplo:

(48) Ele *vai* para *falar* com o professor. > Ele *vai falar* com o professor. > *Vai chover*.

Isso se comprova quando da análise da gramaticalização desse verbo a partir dos dados desta tese:

(49) ... o qual por mais que se soffeo lhe foy necessario *yr* a bordo \emptyset *alijar* como quada hum dos outros... (séc. XVI)

(50) ... cujos braços estão sempre abertos para receber os desgraçados que nelles *vai* \emptyset *buscar* o derradeiro refúgio. (séc. XVIII)

(51) ... que pagáo os escravos que vaó para as minas, e a outra com as notícias do Governo de Saó Paullo, e de *hir* o ouv.^r desta Capitania \emptyset *suspende*, e tira rezidência... (séc. XVIII)

(52) ... a cuja festa *fuy* \emptyset *asestir* no convento de S. Antonio... (séc. XVIII)

Essa estrutura começa a ser reanalisada como tendo de fato uma perífrase verbal análoga àquela formada por *haver de* + infinitivo, que já existe na língua e que é freqüentemente utilizada, pelo menos até o século XIX, como se verá mais adiante, no Capítulo 5. Os exemplos a seguir foram extraídos do mesmo documento:

(53) ... e porq.^e este contracto *hade principiar* no primr.^o de julho... (séc. XVIII)

(54) ... esta deligençia a *vaó comprar* nos citios donde se produs o tal genero... (séc. XVIII)

Desse modo, algumas alterações estruturais podem ser observadas em frases que exprimem finalidade, com a preposição (ou a locução preposicional) já anteposta à perífrase verbal e não mais situada entre o verbo *ir* e o infinitivo:

(55) ... prometendolhe merçees por lho *hir buscar*, e mandava-lhe que non vehesse ante elle... (séc. XV)

(56) ... no dia seguinte segui para a roça em razão de *ir concluir* uma cerca... (séc. XIX)

É preciso destacar também que a co-ocorrência de vários adjuntos adverbiais que existia nessas estruturas desaparece com a desintegração do complemento posposto exprimindo a finalidade. Com o apagamento da fronteira entre o verbo *ir* e o material subsequente (a antiga oração final reduzida de infinitivo), a preposição desaparece e os dois núcleos verbais são reinterpretados como uma perífrase em que o primeiro elemento (o verbo auxiliar) carrega as marcas modo-temporais e número-pessoais. Os outros constituintes (complementos e/ou adjuntos) vão, então, se situar na periferia direita da oração:

(57) ... e cercada que de longe, mas bem defronte, parece que *vão beber ao mar*... (séc. XVII)

Esse último exemplo tinha, provavelmente, como equivalente uma expressão como *vão ao mar para beber*.

Uma vez feita a reanálise da construção com o verbo *ir* seguido de infinitivo, a perífrase (forma composta) passa a integrar o paradigma das formas de expressão de tempo, concorrendo com a forma sintética de futuro em português. Segundo os dados aqui analisados, o processo de gramaticalização desse verbo como indicador de futuramente começa no século XIV, ainda que em estágio embrionário¹¹. A auxiliarização se instala no século XVI e, ao final do século XX, o uso do futuro perifrástico chega mesmo a ultrapassar o do futuro simples, pelo menos na fala, sobretudo quando existem os traços de agentividade, proximidade e intencionalidade. No capítulo seguinte, procede-se a uma análise em tempo real de longa duração que mostra o comportamento dessa variação ao longo dos séculos.

O futuro do presente em português pode ser interpretado como futuro temporal puro, reflexo de uma intelectualização da língua, ou como futuro modal, indicando intenção ou finalidade. No caso da forma perifrástica *ir* + infinitivo, parece haver certa preservação da nuance de modalidade se superpondo ao sentido de tempo, como já admitia Câmara Jr. (1985:170), para quem o verbo auxiliar *ir* tem traços de valor modal e aspectual:

De um lado, assinala a intenção de fazer alguma coisa (que é uma característica modal); de outro lado, exprime um aspecto *sui generis*: o do que ainda vai acontecer: *vou sair, ia sair, fui sair, irei sair* etc. Essa significação aspectual dá-lhe o caráter de um futuro, a partir do pretérito ou de outro futuro.

Pode-se associar essa característica da perífrase ao princípio da persistência (HOPPER, 2001; HOPPER & TRAUGOTT, 1993/2003). A transformação de *ir* em auxiliar não apaga completamente nuances do seu significado original, principalmente no que se refere aos valores de propósito, intencionalidade.

Este estudo, embora limitado a alguns dados e isento de qualquer análise quantitativa, permite algumas conclusões, ainda que não definitivas:

- a) o futuro perifrástico em português é resultado de um processo de gramaticalização da construção *ir* + infinitivo, que tem início em estruturas que

¹¹ Na análise de Lima (2001), entretanto, ele já encontra a construção perifrástica no século XIII, como mostrado anteriormente. Mas acredita-se que no exemplo citado pelo autor ainda é muito evidente o sentido de movimento no espaço.

envolvem uma oração principal e uma oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo;

- b) a gramaticalização de *ir* + infinitivo envolve processos de metáfora (espaço > tempo), analogia (*haver de* + infinitivo \cong *ir* + infinitivo) e reanálise (mudança das fronteiras de constituintes da estrutura original, mencionada em a);
- c) a forma perifrástica *ir* + infinitivo é posterior ao futuro simples e à perífrase *haver de* + infinitivo, podendo, pois, ser considerada como forma inovadora (o que é comprovado no próximo capítulo);
- d) o futuro analítico ora analisado parece implementar-se com mais força na língua a partir do século XIX, pois, antes disso, mesmo sendo documentado, ocorre esporadicamente e com menos frequência que as outras formas (fato também comprovado quando da análise em tempo real de longa duração, apresentada no Capítulo 5);
- e) a forma inovadora vem adquirindo espaço na língua assinalando com mais ênfase a modalidade no tempo futuro, mas encaminhando-se para marcar de fato o tempo, papel até então reservado ao futuro do presente;
- f) essa nova perífrase codifica modalidade de intenção, desejo ou certeza na expressão de um fato, tendo ainda a responsabilidade pela indicação de tempo futuro;
- g) a indicação do tempo futuro ainda está se gramaticalizando a partir da idéia de movimento que persiste no verbo *ir*, já que movimento no espaço requer também movimento no tempo;
- h) um indício de que o processo de gramaticalização da construção perifrástica ainda não está completado é que, embora *ir* (auxiliar) + *ir* (principal) já seja comum tanto em alguns dialetos do Sul do Brasil como na fala infantil e na fala dos menos escolarizados, ainda não há uma generalização dessa forma.

A forma perifrástica em questão apresenta, portanto, três funções: modalidade, aspecto e tempo, caminhando de uma noção espacial passando pela noção aspectual de prospecção e atingindo a noção de tempo futuro.

4.2. Considerações translingüísticas: comparação com o francês

Em relação à língua francesa, o caminho da gramaticalização da estrutura verbo *aller* + infinitivo para expressar o tempo futuro parece ter sido similar ao processo por que passa a forma perifrástica *ir* + infinitivo em português. Em consulta ao Banco de dados do Francês Medieval (BFM)¹², sob a responsabilidade de Mme. Christiane Marchello-Nizia, da École Normale Supérieure – Lettres et Sciences Humaines, em Lyon – França, foram encontrados contextos semânticos e estruturais semelhantes aos do português na trajetória histórica do verbo *aller* de pleno a auxiliar.

Assim como ocorre com o verbo *ir* em português, o verbo *aller*, como verbo pleno (58), indica movimento no espaço e, como verbo auxiliar (63), indica movimento no tempo (futuridade). Devido à sua polissemia, ele pode expressar outros conteúdos semânticos, sendo utilizado também como verbo aspectual (59 e 60) e como verbo modal (61 e 62):

Movimento no espaço (verbo pleno):

(58) ... doutent quant nus demande quel part il *vont* ne dont il vienent. (séc. XIII)

Progressão, aumento, continuação (verbo aspectual):

(59) Par la ville en *vont* les noveles que les damoiseles s'en vont. (séc. XIII)

(60) ... ssoit bien en l' estor, Quant sor lui vient li rois Idés, Et si conpaingnon a eslais. Li valés se *va desfendant*, Et cil le viegnent atangnant En contreval une prairie. (séc. XIII)

Intenção (verbo modal):

(61) ... il furent levé vers tierce, par le bois *vont joer* grant piece, toz deschaus... (séc. XIII)

(62) ... il nos porroit plus coster; se au conte *aloit conter* qu'el bois a sa venaison prise... (séc. XIII)

Movimento no tempo (verbo auxiliar):

¹² O Banco de dados do Francês Medieval (BFM) já se encontra disponível, embora não ainda em sua totalidade, na Internet. Pode-se aceder ao site pelo endereço <http://bfm.ens-lsh.fr> ou através de um *link* da página da École Normale Supérieure – Lettres et Sciences Humaines: www.ens-lsh.fr.

- (63) Le septuagénaire Palais de la Porte-Dorée *va subir* une cure de jouvence intensive pour accueillir la Cite nationale de l'histoire de l'immigration. (séc. XXI)

Estruturalmente, também são semelhantes às do verbo *ir* em português as construções mais frequentes com o verbo *aller* em francês:

Sujeito [+ animado] + verbo *aller* + SP (sintagma preposicionado, contíguo ou não, como complemento circunstancial do verbo indicando lugar ou pessoa):

- (64) Quant il n'i ot que de l'*aler*, *au chastel* a Moustierviler a de parto... (séc. XIII)

- (65) ... Ki mouit par tans s'ert descoucle por *aler a son douç ami*. "Lasse! fait ele... (séc. XIII)

Sujeito [+ animado] + verbo *aller* + SP abstrato:

- (66) ... ames ne font pas sejour, Ançois s'en *vont* droit *en infer*. Diex! tant tronçon... (séc. XIII)

- (67) ... Quant ses gens l'en virent *aler*, "A *Deu*, A *Deu*, font il, biau sire... (séc. XIII)

Sujeito [+ animado] + verbo *aller* intransitivo:

- (68) ... Laiens en ma chambre sos terre. Car *va!* – Volontiers jel vois querre. (séc. XIII)

Sujeito [+ animado] + verbo *aller* intransitivo pronominal:

- (69) ... del rivage En haute mer, puis si s'*en vont*. Cel jor bom ore et vent ont. (séc. XIII)

- (70) "A Dieu, dame." Or s'*en va* la plus triste fame Ki ainques fust... (séc. XIII)

Sujeito + verbo *aller* + gerúndio:

- (71) Bele Aelis et et ses puceles S'*en vont jouant* a sa venue. De par sa mere le... (séc. XIII)

- (72) ... plus de douz mille jant Qui Qui tuit en rendent merci au Roi puissant. Sonnent cil saint et cil clerc *vont chantant* Et de pitié en plorent plus de cent. Ce dist Amiles: "Ne faites joie tant, Ansoiz devons mener... (séc. XII)

Sujeito + verbo *aller* + participio passado:

- (73) ... ont chargié de blé, li esculier s'an *vont trossé*; bien grant eschec ont le jor fait. (séc. XII)
- (74) Mes autre chose est se uns gentius hons *va armés* nule part en la contée hors de son fief... (séc. XIII)

Também em francês, pode-se dizer que a estrutura original do futuro perifrástico era composta de um sujeito [+ animado]₁ + verbo *aller*₂ (+ SP de lugar₃) + oração infinitiva de finalidade introduzida pela preposição *pour*₄ (*para*), como exemplificado em (75):

- (75) Li quens a fait [*sa gent*]₁ [*aler*]₂ [*En la cité*]₃ [*por prendre ostex*]₄: Pris les... (séc. XIII)

O SP pode estar presente ou não, como ocorre em (76):

- (76) ... quens Richars offrir. Ses camberlens *va poroffrir* Et doner a ses compaignons... (séc. XIII)

A preposição também é suprimida dessa estrutura e a frase passa a ser construída como (77):

Sujeito [+ animado] + verbo *aller* + preposição *pour* (*para*) elíptica + infinitivo (com o sentido de finalidade, mas ainda sem a aceção de futuro):

- (77) ... Moulte par li est grans taiens pris D'*aler* outre mer \emptyset *sauver* s'ame. (séc. XIII)

O SP se torna cada vez menos necessário e, nos casos em que ele aparece, há uma reorganização dos constituintes da sentença e ele passa a se situar após o verbo no infinitivo, que passa, então, a formar uma perífrase com o verbo *aller* (78 e 79). Assim, surgem contextos ambíguos, em que se percebem os sentidos de deslocamento, finalidade, intenção... E a futuridade daí decorre, já que, para que essas ações se realizem é necessário

tempo. Nos dados analisados, foi muito freqüente a ocorrência de sujeitos com o traço [+animado] e de 3ª pessoa do plural:

- (78) ... Li serjant qui ont les mestiers S'en vont souper en la despense. Bele Aelis qui... (séc. XIII)
- (79) Li message, de ce lor prie, S'en vont monter a lor ostel; Montent, si s'en... (séc. XIII)
- (80) ... pot, traitiaus et tables. Puis vont metre lour robe es males, Chainses... (séc. XIII)

Daí ocorre a reanálise e a estrutura *aller* + infinitivo passa a ser percebida como indicadora de tempo futuro. E, atualmente, é evidente a variação entre as formas de futuro simples (*futur simple*), futuro perifrástico (*futur proche*) e presente (*présent*) para a expressão do futuro verbal em francês, como ilustram os exemplos (81), (82) e (83), respectivamente:

- (81) S'il faut arrêter des militaires français, je n'hésiterai pas à le faire. (séc. XXI)
- (82) Je pars de zéro. On ignore même où se trouve la dépouille de la victime, mais je vais travailler rapidement et, d'ici une semaine, je compte bien avoir bouclé l'enquête. (séc. XXI)
- (83) Si la baisse ne s'amplifie pas, nous commençons à constater un début de report vers d'autres viandes, comme le porc et le boeuf. (séc. XXI)

Segundo Marchello-Nizia *et alii* (2003), a perífrase *aller* + infinitivo passa a integrar o sistema do francês no século XVI, quando se incorpora, de fato, como uma forma de expressão do futuro. Os dados aqui apresentados revelam, porém, que o embrião dessa variante existe no francês pelo menos já a partir do século XIII. Aliás, como mostrado no Capítulo 1, para Fleischman (1982), a perífrase com *ir/aller* + infinitivo teria surgido tanto no português como no francês (e também no espanhol) ao mesmo tempo – por volta dos séculos XIII e XIV.

Comparando, pois, o português com o francês, pode-se dizer que a passagem de *ir* pleno a auxiliar e a passagem de *aller* pleno a auxiliar seguem caminhos similares, com a diferença de que em francês esse processo começou mais cedo e está num estágio mais avançado, já que uma forma como “je vais aller à la plage” é perfeitamente gramatical e

aceitável. Em português, ao contrário, uma expressão como “eu *vou ir* à praia” pode até ser considerada gramatical, já que ocorre na fala infantil, na fala popular e na fala de algumas regiões do Sul do Brasil, por exemplo, mas ainda não tem o seu uso generalizado.

As possíveis diferenças entre as duas línguas aqui consideradas podem advir também de razões estruturais. Uma explicação possível é a de que, no francês e no português, as categorias de aspecto e de tempo são priorizadas de forma diferente. Enquanto o português prioriza categorias aspectuais, principalmente na expressão do prospectivo, o francês prioriza a categoria de tempo (LACA, 2004). Assim é que a perífrase com *ir* + infinitivo (e também com outras construções) no português ainda preserva nuances aspectuais que, praticamente, desapareceram no francês.

Segundo Laca (2004), um dos argumentos fundamentais que provam que, em francês, a perífrase com *aller (ir)* possui basicamente valor temporal, sendo, portanto, desprovida de valor aspectual, é a impossibilidade de sua utilização (e de qualquer outra forma de futuro) em condicionais. O futuro, em francês, não pode ser utilizado para expressar contingência:

(84) * Si tu *vas venir/viendras* demain, téléphone-nous¹³.

Esse contexto, característico de modalidade, em português (e também em espanhol), permite, sem problemas, o uso da forma perifrástica, embora ela não tenha valor de futuro (GRYNER, 2003). Confirmam-se os exemplos a seguir:

(85) Se você *vai vir/vier* amanhã, nos telefone.

(86) Si tu *vas a venir* mañana, llámanos.

Pode-se depreender, deste estudo comparativo, que o grau de implementação de uma mudança por gramaticalização em línguas aparentadas se insere num conjunto mais amplo de mudanças que ocorrem em cada uma das línguas. Por exemplo, o francês, ao longo de sua história, perdeu muito mais perífrases aspectuais do que o português.

¹³ Em francês, não há futuro do subjuntivo. Para essa estrutura ser gramatical, ela deveria ter o verbo no presente do indicativo: “Si tu *viens* demain, téléphone-nous”.

5. ANÁLISE DO PROCESSO DE MUDANÇA

5.1. Análise em tempo real de longa duração

Com o intuito de verificar a distribuição das variantes no tempo real, foram analisados 2158 dados, distribuídos entre os séculos XIII e XX. A hipótese aventada era a de se tratasse de um processo de mudança, em que a forma simples de futuro seria gradualmente substituída pela forma perifrástica *ir* + infinitivo. Esta análise tem um caráter mais qualitativo e, por isso, os dados não foram submetidos ao programa GoldVarb. Como se disse antes, a análise no eixo do tempo foi feita com o objetivo de se fundamentar o processo de gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro, o que foi apresentado no capítulo anterior.

Foram encontradas as seis variantes apresentadas na Introdução desta tese, exemplificadas a seguir: (1) futuro simples; (2) perífrase com *haver de* no presente; (3) perífrase com *haver de* no futuro; (4) perífrase com *ir* no presente; (5) perífrase com *ir* no futuro; e (6) presente.

- (1) E digo-vos em verdade que nostro senhor nos *parará* ante sa tremedoyra seeda hu *julgará-nos* e nossas dignidades que metemos mentes nas molheres que se pintam e se catam nos espelhos, que parecam bem aos homens e que hoje som e cras nõ *serã* nada. (séc. XIV)
- (2) Os nossos emperadores que som senhores do mundo *julgarom* e tiverom por bem que todos aqueles que se chamam cristaos façam sacrificio aos nossos deus que *ham de durar* por sempre e nõ *ham de morrer*. (séc. XIV)
- (3) Ay, Senhor, com que rostro te catarey ou que palavra *haverey de me escusar* ante ti. Ca eu nõ me poderey asconder ante ti que sabes todalas puridades. (séc. XIV)
- (4) ... que quaisquer outros que forẽ providos das taaes capitancias sejião metidos de pose d'elas, e as *vão servir*, posto que os outros depois venhão. (séc. XVI)
- (5) ... mas passada a festa *irei* logo *fazer* todas as diligências. (séc. XVII)
- (6) Amanhã *parto* para Amsterdam, e remeterei a Vossa Excelência V.Ex.a o crédito de António Rodrigues de Moraes, e o demais dinheiro ficará à ordem de

Manuel Rodrigues de Matos, cujas letras ainda cá não chegaram, e em tudo o mais farei o que Vossa Excelência V.Ex.a nesta sua me manda. (séc. XVII).

Como as ocorrências das perífrases com *haver de* e com *ir*, ambos no futuro, foram muito baixas (2 – 1 no séc. XIV e 1 no séc. XX – da primeira e 8 – 1 no séc. XIV, 1 no séc. XV, 1 no séc. XVII, 1 no séc. XVIII, 1 no séc. XIX e 3 no séc. XX – da segunda), estas foram computadas juntamente com as formas de *haver de* e *ir*, ambos no presente, respectivamente.

Assim, os resultados encontrados estão apresentados na Tabela 1:

Tabela 1: Distribuição das variantes na língua escrita por séculos

Variantes	Séculos							
	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX ¹⁴
Futuro simples	18 54,5%	433 91,9%	65 81,3%	681 87,4%	358 74,4%	105 83,3%	91 85,8%	122 75,3%
<i>Haver de</i> + infinitivo	15 45,5%	31 6,6%	12 15%	90 11,6%	108 22,5%	13 10,3%	6 5,8%	3 1,9%
<i>Ir</i> + infinitivo	-	6 1,3%	1 1,2%	3 0,4%	4 0,8%	5 4%	8 7,5%	26 16%
Presente	-	1 0,2%	2 2,5%	5 0,6%	11 2,3%	3 2,4%	1 0,9%	11 6,8%
Total	33	471	80	779	481	126	106	162

No século XIII, no *Testamento de Afonso II* (TD1), de 1214, nenhum dado de futuro foi encontrado. Nesse documento, a indicação do futuro é expressa por uma estrutura complexa em que o autor usa o presente do subjuntivo ao se referir ao tempo posterior à sua morte. Eis um trecho que exemplifica isso:

(7) P(ri)meiram(en)te m(ã)do q(ue) meu filio infante don Sancho q(ue) ei da raina dona Orraca *agia* meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for morto sen semmel, o maior filio q(ue) ouuer da raina dona Orraca *agia* o reino entegram(en)te e en paz. E ssi filio barõ nõ ouuermos, a maior filia q(ue)

¹⁴ Para o século XX, estão sendo considerados apenas os dados de língua escrita, para uma coerência na comparação com os outros séculos, que não dispõem de dados de língua falada. Os dados orais do século XX são analisados na seção seguinte.

ouermos *agia*'o. E ssi no teẽpo de mia morte meu filio ou mia filia q(ue) deuier a reinar nõ ouuer reuora, *segia* en poder da raina sa madre e meu reino *segia* en poder da raina e de me(us) uassalos ata q(uan)do *agia* reuora. (TD1)

Considerando, pois, apenas o *Foro Real de Afonso X* (TD2), no século XIII foram encontrados 33 dados, sendo 18 (54,5%) de futuro simples e 15 (45,5%) de futuro perifrástico com *haver de* + infinitivo, em que o traço + deôntico parece estar ausente. Ambas as variantes apareceram nos mesmos contextos, o que parece indicar uma variação estável entre essas formas nesse período:

(8) ... o alcaide *mandará* a cada hua das partes que den quen razoe por sy... (TD2)

(9) E esto mandamos dos alcaides que *an de juygar* todos os preytos. (TD2)

Lima (2001) encontra a forma perifrástica com *ir* + infinitivo já nesse século, mas em documento literário, uma Cantiga de Amigo de D. Dinis (cf. Capítulo 1 desta tese), tipo de texto não considerado neste trabalho.

No documento do século XIV, *Flos Sanctorum* (TD3), o futuro simples prevalece de longe em relação às demais variantes. São 433 ocorrências, 91,9% dos 471 dados:

(10) Que vos *direy* tanto algo nos fezerom e tanto amor e tanta honra aue nõ poderom mais. (TD3)

A perífrase com *haver de* ocorre apenas 31 vezes (6,6%), sendo uma delas com *haver* no futuro – esse dado está exemplificado em (3), no início desta seção:

(11) Outrossi *has de sofrer* muyto frio e muyta fame e muytos pesares e muytos deostos, que ouvirás, e muytas coytas e muytas tribulações. (TD3)

E surgem os primeiros 6 dados (1,3%) da forma perifrástica com *ir* + infinitivo, todos com sujeito [+ humano], sendo que em um deles o verbo *ir* está no futuro:

(12) El respondeu:
– *Vou morar* com os frades que vivem em este outro ermo que está so este outro ermo em que tu moras. (TD3)

- (13) Prazi-ti de morar em este logar ou, se nõ, se há em ta terra tã boo logar como este, eu me *yrey* contigo *morar* alá. (TD3)

É interessante notar que no primeiro exemplo a forma perifrástica com *ir* + infinitivo aparece entre uma forma perifrástica com *haver de* + infinitivo e uma forma de futuro simples, o que mostra a idéia de futuridade comum a essas três variantes. No segundo exemplo, com *ir* no futuro, a perífrase tem um elemento interveniente e claramente se percebem ainda as idéias de movimento (dada pelo verbo *ir*) e de intenção, objetivo (dada pelo infinitivo) ao lado da idéia de futuridade.

O presente ocorre uma única vez (0,2%) e no contexto em que ele se mantém até hoje, como se verá na seção 5.4., ou seja, com sujeito humano, com presença de advérbio de tempo e com o próprio verbo *ir* no seu sentido pleno:

- (14) Pois daqui a domingo *vaamos* alá, depos duas domaas se ti mais prouguer, e recebamos o corpo e o sangui de Jhesu Christo... (TD3)

Os documentos do século XV, *Vida de Tarsis* (TD4), *Vida de uma Monja* (TD5), *Morte de S. Jerônimo* (TD6), *Vida de Santa Pelágia* (TD7) e *Carta de Caminha* (TD8), apresentam no total 80 dados, dos quais 65 (81,3%) são de futuro simples, 12 (15%) são da perífrase com *haver de*, 1 (1,2%) é da perífrase com *ir* (no futuro) e 2 (2,5%) são de presente.

Também nesse século é o futuro simples a variante mais usada:

- (15) Vem e pos my e sigui-me e eu te *mostrarey* teu padre e tua madre. (TD5)

A forma perifrástica *haver de* + infinitivo teve um percentual de ocorrência maior que o do século anterior, mas os dados foram encontrados apenas em dois documentos, a saber, a *Vida de Santa Pelágia* (8 dados) e a *Carta de Caminha* (4 dados):

- (16) Da marinhajem e simgraduras do caminho nõ darey aquy cõta a vossa alteza por queo nom saberey fazer e os pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto Snõr de que *ey de falar* começo e diguo. (TD8)

A única ocorrência da perífrase com *ir* + infinitivo (e no futuro), também com sujeito [+ humano], foi a seguinte, embora revelando ainda a idéia de deslocamento:

- (17) E el me disse: – Nõ he ainda tenpo, mais se o meu caminho seguires, cedo verras aqui. E aquel que me ally trouvera me disse: – Anda e *hir-t'ey mostrar* tua madre, e fui adiante a hũũ vale, e vy hũa cova... (TD5)

Nas duas ocorrências de presente encontradas, o sujeito também é [+ humano]. Eis um dos exemplos (observe-se aí a presença de uma oração adverbial temporal, o que possibilita a interpretação desse presente como futuro, já que se pode admitir também o chamado “presente eterno”):

- (18) Mas o que te recebe dignamente ainda que receba e goste a morte temporal nũca depois mais morrera ca o partimento da alma e do corpo nõ he morte mas he pasar da morte aa vida. [...] E depois que ha gostam *viven* pera senpre. (TD6)

O texto do século XVI, *Cartas de D. João III* (TD9), foi o que apresentou maior número de dados (779), muito embora tenham sido consideradas apenas as 101 primeiras cartas do documento, que contém 372 cartas escritas pelo rei.

Nesse século, houve 681 ocorrências do futuro sintético, com um percentual de 87,4%:

- (19) E o mais que *podereys dizer*, se vos tall perguntar pessoa a que devais de Responder, *sera* que ho não sabeis, mas que sabeis certo que *farey* o que devo muy imteyramẽte... (TD9)

A forma perifrástica com *haver de* + infinitivo foi encontrada em 90 dados, perfazendo um percentual de 11,6%:

- (20) ... do que credes que eu *farey*, ãcolhervosheys ã vosas palavras de maneira e diser tam poucas que tenham ãtendimẽto craro, nẽ que mostrẽ saberdes nada do que eu *hey de fazer*, que ho vosso calar e não declarar nada lhes pareça mayor misterio. Porque, asy como eu *hey de fazer* o que devo ymteiramẽte... (TD9)

A forma perifrástica com *ir* + infinitivo apareceu apenas em 3 dados (0,4%), sendo que em um deles já com sujeito inanimado e em um outro com a preposição *a*, indício da idéia de finalidade, originária da forma perifrástica, e numa construção sintática particular: o sujeito posposto interpõe-se entre os dois verbos da perífrase e a ele se segue um advérbio. Seguem esses três dados:

- (21) As outras naaos diz que levam fundamento d'ir a Dio, e hy fazerẽ sua carrega, a maneira que, himdo esa armada por omde Antonio Vaz diz que as naaos se am d'ajumtar, *vam esperar* hũas pellas outras, pera d'y irem juntas o caminho India... (TD9)
- (22) ... no mesmo tempo ẽ que o Almirante pratica concerto, e vos lhe prometes dinheiro e ele o aceita, *vão* Franceses patentemente *a danificar* minhas cousas; que sem sua sabedoria he certo que nam poderã sair da França, nẽ foram se lho ele defendera. (TD9)
- (23) ... que quaisquer outros que forẽ providos das taaes capitancias sejão metidos de pose d'elas, e as *vão servir*, posto que os outros depois venhão. (TD9)

A forma de presente também teve uma ocorrência muito baixa nesse texto, 5 dados (0,6%). É interessante que em 3 dos casos o sujeito é inanimado, dentre os quais um deles aparece numa expressão que nunca seleciona outra variante: “ano que *vem*”. Seguem dois exemplos, um com sujeito animado (24) e outro com sujeito inanimado (25), respectivamente:

- (24) ... e semdo asy, como o espero, lhe dareis parte de todo o que vos mamdo que façaes; e col elle juntamẽte vos aconselhareis do que mais *deveis de fazer*, sem, porẽ, cõ a tall pesoa... (TD9)
- (25) ... e parece que quando lhe o aviso laa for, sera em maio, e que *deve ser* jaa tempo de se vyr hás Ilhas. (TD9)

As *Cartas de Vieira* (TD10), documento que forneceu os dados do século XVII, também confirmam a preferência pelo uso do futuro simples, que apareceu em 358 dados, com um percentual de 74,4%. Observe-se um exemplo:

- (26) Pois se França, havendo de ficar em paz, tinha por impossível um tão pequeno socorro, e queria que lhe achássemos razão; porque não *valerá* com ela agora a nossa, e porque lhe não *faremos crer* que é impossível socorre-la, quando estamos em toda a parte cercados de tantas guerras? (TD10)

A segunda variante mais usada continua sendo, no século XVII, a forma perifrástica com *haver de* + infinitivo, que apareceu em 108 dados, atingindo um percentual de 22,5%. Note-se que, nos dados levantados, a idéia de futuridade parece ser bem clara. Observe-se o exemplo a seguir:

- (27) E pergunto: De onde *havemos de tirar* êste dinheiro, estes navios, esta gente de mar e guerra que *havemos de dar* a França todos os anos? (TD10)

A perífrase com *ir* + infinitivo ocorreu apenas 4 vezes (0,8%), em uma das quais com o verbo *ir* no futuro (exemplo apresentado no início desta seção). Em três ocorrências, o sujeito tem o traço [+ humano], como no exemplo:

- (28) A Lisboa, querendo Deus, *vou aguardar* as ordens de Vossa Excelência V.Ex.a, enquanto Vossa Excelência V.Ex.a não chega, prometendo a Vossa Excelência V.Ex.a que serei o melhor solicitador em procurar que não prevaleçam as diligências... (TD10)

Em apenas 1 dado o sujeito é inanimado, mas note-se que se trata de um caso de voz passiva. O exemplo é interessante porque apresenta um infinitivo flexionado, o que mostra uma concordância ideológica com o possível sujeito [+ agente] e [+ humano]:

- (29) Estimei esta nova porque, se a nossa armada lá desfizer primeiro aquele poder, não farão grandes efeitos os pedaços da armada que forem de aqui chegando, podendo-se temer muito pelo contrário, se o poder que lá está e o que de cá *vai se encorporarem*. (TD10)

Um outro dado é também interessante por possibilitar uma certa distinção semântica entre a perífrase com *haver de* e a perífrase com *ir*: a primeira contém o traço de “probabilidade” e a segunda, o de “intenção, objetivo”. Eis o exemplo:

- (30) Também dizem que *há de chegar* a essa corte, onde foi bem aceito, e que *vai estabelecer* certos intentos em ordem ao futuro conclave. (TD10)

Quanto ao presente, ocorreu em 11 dados (2,3%). Dentre os exemplos com essa variante, 8 deles são com sujeito [+ humano]. Os outros três casos configuram um contexto exclusivo do presente, como já se comentou antes:

- (31) E, ou êsses ou outros, importa que Vossa Excelência V.Ex.a mande comprar navios, porque os que se fabricavam em Portugal estão quási parados, e daqueles quatro, e de outro que começa o conde de Odemira na Ribeira, se entende que não poderão ir ao mar *o ano que vem* mais que dois, e ainda dêsses se duvida. (TD10)

- (32) *No correio que vem* mandarei a Vossa Excelência V.Ex.a uma cópia do papel... (TD10)

- (33) ... e esta fortaleza se há-de fazer no princípio *do ano que vem*, em que são as monções. (TD10)

Dos 8 outros dados com sujeito [+ humano], 4 são com o verbo *ir* no seu sentido pleno, ou seja, contexto que serve de barreira para o emprego da perífrase com *ir* + infinitivo. Segue um exemplo:

- (34) ... como Vossa Excelência V.Ex.a terá já visto pela segunda resposta da semana passada, e se poderá ver pela terceira e última desta semana, que é a que *vai* às Províncias e a que há-de ser a aceita ou rejeitada. (TD10)

Em 3 dos dados há a presença de um adjunto adverbial de tempo (2 com “amanhã” e 1 com “hoje”), contexto que favorece o uso do presente, indicando um futuro imediato ou próximo. Eis um exemplo:

- (35) *Àmanhã parto* outra vez a Douvres a embarcar-me, e procurarei com toda a brevidade achar-me aos pés de Vossa Excelência V.Ex.a. (TD10)

Nos textos do século XVIII, documentos da administração pública (*Cartas Oficiais* – TD11), documentos da administração privada (*Cartas de Comércio – Brasil* – TD12) e *Cartas Comuns* (TD13), foram encontrados 126 dados. Desses, 105 são de futuro simples (83,3%), novamente a variante mais utilizada:

- (36) Queira Vossa Excelência recomendarme á nossa Rita com huma terna saudade, segurando-lhe que sempre concervo della, e na primeira occazião lhe *escreverei*, que lhe *mandarei* hum barril de meláço. (TD13)

A perífrase com *haver de* + infinitivo ocorreu 13 vezes, atingindo 10,3% dos dados, continuando a ser, ainda no século XVIII, a segunda opção para indicação do futuro. Eis um exemplo com essa variante:

- (37) Vossa mercê tenha paciência que eu NaRainha de Nantez estou Carregando humas Pipas deAgoardente tão bem lhe *heide Remeter* alguma para aCabardeaJustar a Conta das 2 Letras... (TD12)

A forma perifrástica com *ir* + infinitivo alcança 4% dos dados, ou seja, 5 dados, sendo que um deles com o verbo *ir* no futuro, única ocorrência em que o sujeito não é

humano e de 1ª pessoa. Seguem dois exemplos, o primeiro com o verbo *ir* no futuro, em que a idéia de movimento já está completamente ausente, e o segundo com o verbo *ir* no presente, que pode até conter uma idéia de movimento, mas, com certeza, não há deslocamento físico literal do sujeito autor da carta:

- (38) A Galera, eSumacas, que a impulso da minha recomendação, agora partem, conduzem 2395 alqueires defarinha, 558 defeijão e 797 de milho, os quaes unidos aos primeiros fazem asomma de 8837 alqueires de farinha 1680 de feijão, e 3673 de milho, que certamente *irão servir* dehum sufficiente soccorro, especialmente para a Esquadra deSua Magestade. (TD11)
- (39) Por meyo destas *Vou bejar* os pes a Vossa e Excelência e *agradecer* a Vossa Illustríssima o beneficio que Resseby asi que cheguey a esta Vila... (TD11)

Das 3 únicas ocorrências de presente (2,4%) nos dados do século XVIII, 2 são com sujeito [+ humano] e uma com sujeito passivo, mas com agente provavelmente humano. Dentre as duas primeiras, uma é com o verbo *ir*, que, como se tem podido constatar, seleciona ou o futuro simples ou o presente. Seguem os três exemplos em que essa variante foi empregada:

- (40) Epara evitar hum tão grande prejuizo, serâ conveniente que Magestade mande povoar adita Ilha, ouaomenos ordenar seponha nella hum Prezidio que com facilidade *sepode manter* não só doque ella produz, maz doque selhemandar dePernambuco... (TD11)
- (41) Estimei muito ver carta sua namão de seu mano, elle fica de saude esolteiro dis que *vai* para Lixboa para ooutro Comboio. (TD12)
- (42) ... ainda que menão page comesão de oCarregar oque peso he seia Algum deBom com seito ide Bom aBola porque eu quero hir Nele isobre aminha ficada nesa com aminha Chegada veremos oque *devemos fazer* pois todo omeu dezejo he fazerlhe avontade... (TD12)

Do século XIX foram trabalhadas *Cartas Officiais* (TD14), *Cartas Pessoais* (TD15) e *Cartas de Editores* (TD16). Nesse material foram encontrados 106 dados, sendo 91 de futuro simples (85,8%), 6 de perífrase com *haver de* + infinitivo (5,8%), 8 de perífrase com *ir* + infinitivo (7,5%) e 1 de presente (0,9%).

Pela primeira vez na história, com base nos dados desta tese, é claro, a forma perifrástica com *ir* + infinitivo supera a perífrase com *haver de* + infinitivo. Mas é ainda o futuro simples a variante majoritária:

- (43) *Passaremos* agora a objectos de maior interesse porque elles interessão ao Brazil, e tu como seu filho não *serás* a isso indifferente. (TD15)

A variante *haver de* + infinitivo, agora não mais a segunda forma mais utilizada, ocorreu em exemplos do tipo:

- (44) ... porém eu digo-lhe que não quero, e se você tornar a S.M. *hei de remettel-o* para bordo de um navio de guerra preso. (TD16)
- (45) Em summa seja o que for, só nós cumpre resignarmo-nos e apelarmos para a consciencia dos Brasileiros, e da nação em geral que os *há de julgar*. (TD16)

Quanto à forma perifrástica com *ir* + infinitivo, que começa a ser a principal concorrente do futuro simples, uma das 8 ocorrências apresenta o verbo *ir* no futuro:

- (46) ... e conta com a minha invariavel amizade logo que posso eu *hirei ver* tua família o que ja não tenho feito pella razão expendida. (TD15)

Em um único dado o sujeito da perífrase é inanimado, o que mostra que o seu antigo contexto, restrito a sujeito [+ humano], começa a se ampliar, muito embora “os vapores”, sendo a causa da morte, guardem o traço [+ agente]:

- (47) ... spelunca ou quartel general da boreal Aurora, bolorento armazem de Alfarrabios ou carcomidos livros, da qual sahem empestados vapores, que *vão acabar de matar* a nossa moribunda patria. (TD16)

Um outro fato interessante, ainda em relação a essa variante, é que até então ela aparecia isoladamente, ou seja, como única ocorrência de uma frase, em geral curta e absoluta; mas agora começa a ocorrer reiteradamente, num certo paralelismo sintático-discursivo. É o que mostra o exemplo a seguir:

- (48) Elle conhecendo o que tendes feito, *vai* sem dúvida *olhar* por essa Provincia, que está expirante com tanta expedição: elle conhecendo a justiça, dezejos, e a necessidade da Provincia, *vai* sem dúvida *cumprir* vossos votos apoiado em

Decretos; elle *vai mandar* recolher do Sul vossas Tropas todas, a ver se assim vos subtrahis de miseria tanta. (TD16)

Um dos dados com essa variante apresentou a preposição *a* entre os dois verbos, como nas construções perifrásticas de futuro documentadas para o espanhol e para o italiano. Esse dado foi único em todo o material analisado nesta tese. Ei-lo:

- (49) Pela denuncia incluza, não pense Vossa Senhoria que em mim he huã total materialidade porque Com efeito, eu penso ser tudo hu'a asneiras mas unicamente *vou a salvarme*, em data a Vossa Senhoria assim como amim maderão... (TD15)

O presente ocorreu uma única vez, como se disse, num contexto bastante semelhante aos mostrados anteriormente como condicionadores do presente. Observe-se o exemplo a seguir, comparando-o com os precedentes em que ocorreram as expressões “no ano que *vem*”, “no correio que *vem*”:

- (50) ... mas faltão 7 dias para se fixarem os trabalhos legislativos, e por tanto penso não terei ainda este anno esse prazer. A [Ds] amigo para o Paquete que *vem* serei mais extenso... (TD15)

Na escrita do século XX (em dados de editoriais de jornais de Salvador e do Rio de Janeiro das décadas de 70 e de 90), ainda há predomínio do futuro simples – ele é usado em 122 dados (75,3%) –, mas pode-se ver que ele decresce em cerca de dez pontos percentuais em relação aos dois séculos anteriores e já aparece variando com a forma perifrástica com *ir* + infinitivo no mesmo enunciado (e ambas as variantes se referem ao mesmo sujeito!), como no exemplo:

- (51) Mas o povo que vai ficar amargando uma temporada de novas dificuldades para dar folga à execução de um programa restaurador da economia ainda *terá* muitas razões para amaldiçoar o Sr. Mailson. (T2 SSA-90)

A variante *haver de* + infinitivo, nesse século, é muito rara. Ela tem apenas 3 ocorrências (1,9%), uma delas com o verbo *haver* no futuro, e todas aparecem na década de 70, ou seja, vinte anos depois (nos dados da década de 90) a sua ocorrência é nula. Comprova-se, pois, o declínio do seu uso na história da língua, pelo menos como forma de expressão do futuro. Pode-se observar que essa construção guarda ainda a idéia de injunção

(talvez também a de volição), remetendo para a modalidade deôntica. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (52) Morto, Bertrand Russel, inegavelmente uma das maiores cerebrações do nosso tempo, *há de ser* sempre lembrado por essas grandes virtudes de humanista que sempre nortearam sua obra múltipla e sempre voltada para o bem da humanidade. (T1 SSA-70)
- (53) Mas a própria necessidade, ditada, inclusive, pelas condições que um país em desenvolvimento cria, *haverá de causar* a mudança benéfica de mentalidade. (T8 SSA-70)

Já a perífrase com *ir* + infinitivo dobra estatisticamente o seu uso. Ela aparece em 26 dados, atingindo a casa dos 16% dos dados. E se estabelece como a concorrente mais forte do futuro simples, passando a ocupar o lugar da antiga forma com *haver de* + infinitivo. Em três dos dados o verbo *ir* está no futuro, como no exemplo a seguir:

- (54) Na correta visão do ministro do Planejamento, é preciso articular politicamente as mudanças que *irão permitir* vigorar, no mais tardar no exercício de 1997, um sistema tributário e fiscal compatível com uma economia moderna. (T12 RJ-90)

Note-se que em metade dos dados com essa variante, dentre os quais o exemplo anterior, o sujeito já não tem o traço [+ humano], antes característico do contexto favorecedor do uso dessa forma perifrástica. Isso mostra o seu espraiamento, já que começa a aumentar o seu uso em contextos cada vez mais amplos, atingindo, inclusive, verbos que não indicam processo ou movimento, como nos exemplos abaixo:

- (55) Nossas exportações vão se tornar mais competitivas. Mas tudo isso pouco *vai significar* para o brasileiro se não houver feijão na panela. (T6 SSA-90)
- (56) O projeto *vai permitir* uma economia de 12 a 13 milhões de dólares no programa espacial até o ano de 1992. (T2 RJ-70)

Quanto à forma de presente, que é empregada em 11 dados, também se verifica um aumento no seu uso, pois atinge quase 7% dos dados, um bom crescimento em relação aos séculos anteriores. Das ocorrências encontradas, 10 estão na década de 90. Seu contexto, entretanto, ainda se mostra muito particular, pois o presente é selecionado em casos bastante específicos, como, por exemplo:

a) quando há uma indicação mais ou menos precisa do tempo futuro:

(57) Nos dias 11 e 12 a Conferência Espacial Européia se reunirá para decidir da participação da Europa no programa pós-Apolo, que *se inaugura* com o lançamento do Skylab [estação experimental] a 30 de abril de 1973 e se seguirá, possivelmente, com o táxi espacial. (T2 RJ-70)

b) em expressões idiomáticas cristalizadas:

(58) Desse jeito a vaca *vai* pro brejo. (T11 SSA-90)

c) quando há verbos modais, como *poder* ou *passar a*, que asseguram a idéia de probabilidade / possibilidade / momento posterior, intimamente ligada à idéia de futuridade:

(59) Quem está ganhando, e ganhando muito com a inflação, trata de raspar o fundo do cofre e levar o que for possível, porque, a partir do dia 15 de março próximo, *pode passar a viver* uma temporada de pão dormido e água fria. (T2 SSA-90)

Pode-se verificar, então, que o futuro simples é a variante preferida ao longo da história, sendo a mais utilizada em todos os séculos, pelo menos na língua escrita formal, anuladas as diferenças entre os textos analisados (textos notariais, textos eclesiásticos, cartas e editoriais).

O exame da língua falada em comparação com a língua escrita no século XX, apresentado na seção seguinte, revela que esse fato não é válido para a modalidade oral, mesmo formal. Pode-se, então, levantar a hipótese de que a escrita selecionaria o futuro simples ao passo que a fala selecionaria o futuro perifrástico com *ir* + infinitivo, o que corrobora o fato de que a mudança acontece primeiro na fala e só mais tardiamente atinge a língua escrita.

Os resultados aqui encontrados, porém, suscitam a questão de haver, de fato, uma inversão, ainda que parcial, dessas duas variantes, a forma simples para a escrita e a forma perifrástica para a fala. Se a escrita, até hoje, mantém o futuro sintético, talvez também a forma perifrástica com *ir* + infinitivo já fosse usual na fala em séculos anteriores.

A forma perifrástica com *haver de* + infinitivo, que disputava acirradamente espaço na preferência dos usuários no século XIII, decresce em uso e chega quase a desaparecer

no século XX. Isso se comprova também na fala, como se verá mais adiante. O acentuado decréscimo dessa forma pode estar relacionado a um outro fenômeno de mudança no português: o verbo *haver* disputou com o verbo *ter* durante muito tempo (e ainda disputa, mas bem menos fortemente) a formação de tempos compostos (“Eu *havia* feito” ~ “Eu *tinha* feito”, por exemplo), a expressão de existência (“*Há* muita gente na rua” ~ *Tem* muita gente na rua”, por exemplo) e a indicação da modalidade deôntica (“Eu *hei* de/que fazer isso” ~ “Eu *tenho* de/que fazer isso”, por exemplo). O verbo *ter*, que antes indicava apenas posse, amplia, com o decorrer do tempo, a sua matriz semântica e vem substituindo o verbo *haver*, ainda utilizado, mas em menor escala e com o estigma de erudição e formalidade, como evidenciado em Mattos e Silva (1989, 1996 e 1997), em Viotti (1998) e em Callou & Avelar (2002 e 2003).

A forma perifrástica com *ir* + infinitivo, inexistente no século XIII, parece ganhar espaço no sistema lingüístico a partir do século XIX e só no século XX começa a ser mais utilizada, ocupando o espaço antes preenchido pela perífrase com *haver de* + infinitivo e passando a concorrer, ainda que com baixa incidência, com o futuro sintético na expressão do futuro verbal em português. A seção seguinte apresenta a sua implementação na fala e até mesmo na escrita do século XX, considerado um interstício de aproximadamente vinte anos.

O presente, por sua vez, também nulo no século XIII, se mantém estável, com baixíssimo uso, durante o eixo do tempo, elevando o seu índice de freqüência apenas no século XX, pelo menos na escrita formal, gênero que representam os dados aqui analisados. O seu comportamento é tratado mais detalhadamente na última seção deste Capítulo.

Os resultados da análise de Malvar (2003:98) também apontam o decréscimo da freqüência de uso da perífrase com *haver de* + infinitivo, que passa de 30% no século XVI para 1% no século XX e um incremento do uso da forma de presente, de 3% no século XVI para 18% no século XX (considerados só os dados de língua escrita).

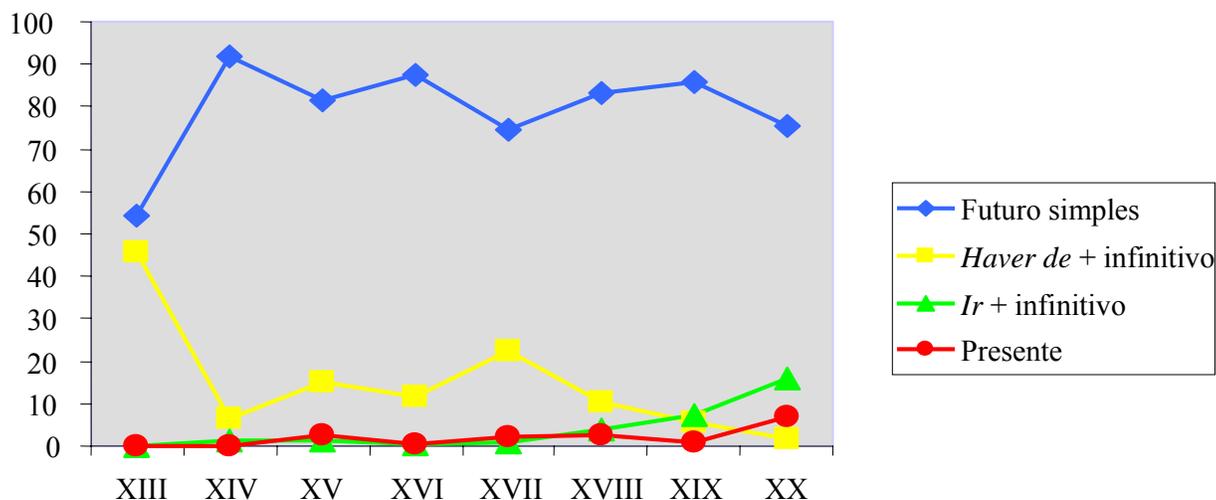
Quanto ao futuro simples e à perífrase com *ir* + infinitivo, porém, ela encontra (também considerados só os dados de língua escrita) uma redução abrupta do uso da primeira variante (de 66% no século XVI para 9% no século XX) e um significativo incremento da segunda (de 1% no século XVI para 73% no século XX), resultados bastante diferenciados dos apresentados nesta tese.

Considerando, todavia, que os seus dados provêm todos de peças teatrais (em sua maioria comédias populares), provavelmente refletem um gênero ou estilo mais próximo

da fala, embora com características de literariedade. Daí advêm as divergências entre os seus resultados e os desta tese. Além disso, a sua análise só corrobora a possibilidade de já haver em sincronias pretéritas a inversão parcial aqui proposta de futuro simples para a escrita e para o mais formal e futuro perifrástico com *ir* + infinitivo para a fala e para o mais informal.

Os resultados deste estudo em tempo real de longa duração, embora mais qualitativo que quantitativo, como já se disse, pode ser melhor visualizado no Gráfico 1, gerado a partir da Tabela 1:

Gráfico 1: Distribuição das variantes na língua escrita por séculos (percentuais)



Observando o Gráfico 1, vê-se que as linhas referentes ao futuro simples e ao futuro com *haver de* + infinitivo mostram uma descontinuidade na distribuição dessas variantes na linha do tempo. A partir do século XIX, observa-se que a redução no uso do futuro simples se faz mais sensível. No caso do futuro com *haver de* + infinitivo, é a partir do século XVIII que se verifica uma linha descendente regular. As oscilações nos índices do futuro simples ao longo do tempo podem ser apenas uma decorrência da heterogeneidade de amostra, que contém textos de gêneros distintos, mesmo sendo todos representativos de uma escrita mais formal.

A forma perifrástica com *ir* + infinitivo faz uma trajetória inversa à do futuro simples, porém sincronizada com a de *haver de* + infinitivo. No ponto em que se verifica o decréscimo de *haver de* + infinitivo (séc. XVIII), observa-se o aumento de *ir* + infinitivo, o que reforça uma possível relação, na origem, entre as duas variantes perifrásticas. A forma

ir + infinitivo já começa a aumentar no século XVIII e, no século XIX, passa a concorrer, de forma nítida, com a variante *haver de* + infinitivo.

A forma de presente apresenta uma linha de evolução pouco transparente, aumentando seu percentual de uso apenas no final da escala considerada.

A reorganização distribucional das variantes de futuro, que já se delineia no século XIX, fica mais evidente no século XX, envolvendo o decréscimo da forma de futuro simples, a queda considerável no uso de *haver de* + infinitivo e o acentuado aumento da forma de *ir* + infinitivo. Assim, a passagem entre os séculos XIX e XX parece ser crucial.

Esquemmatizando os resultados, tem-se (> = maior):

Século XVIII: futuro simples > *haver de* + infinitivo > presente / *ir* + infinitivo

Século XIX: futuro simples > *haver de* + infinitivo / *ir* + infinitivo > presente

Século XX: futuro simples > *ir* + infinitivo > presente > *haver de* + infinitivo

A reestruturação do sistema parece ser impulsionada, portanto, por uma luta evolutiva entre *haver de* + infinitivo e *ir* + infinitivo, não envolvendo, num primeiro momento, competição com as formas simples. Essa redistribuição pode ser explicada pelo fato de a forma *haver de* + infinitivo possuir um forte componente modal superposto ao de tempo, realizado no seu sentido injuntivo de [+ obrigação]¹⁵. Progressivamente, é possível que esse sentido tenha sido reforçado em detrimento do sentido de tempo. Este último é reforçado na perífrase com *ir* + infinitivo, que se expande como forma de indicação de futuro.

5.2. Análise em tempo real de curta duração

Como já explicitado no Capítulo 3, a amostra do século XX é composta de textos orais e de textos escritos da década de 70 e da década de 90. Para os anos 70, há dois tipos de textos orais, elocuições formais (EFs) e diálogos entre informante e documentador (DIDs), que pertencem ao *corpus* do Projeto NURC. Os primeiros representam uma fala mais monitorada (aulas universitárias e palestras); os últimos representam uma fala menos monitorada, (o informante conversa com o pesquisador). Ilustram, portanto, modos de

¹⁵ Para Mattos e Silva (1989, 1996 e 1997), entretanto, *ter de* + infinitivo indica ‘obrigação’ e *haver de* + infinitivo indica ‘futuridade’. Assim, pode-se dizer que, na luta histórica entre essas duas formas, *haver de* + infinitivo (que possuía ambos os traços em um dado momento) perdeu o traço de ‘obrigação’ para *ter de* + infinitivo e, posteriormente, perdeu o traço de ‘futuridade’ para *ir* + infinitivo.

interação diferentes. Assim, as EFs são consideradas textos mais formais e os DIDs são considerados textos mais informais, embora não possam ser considerados efetivamente representativos do vernáculo. Para os anos 90, só há um tipo de texto oral, os DIDs. O Projeto NURC não refez as elocuições formais nos anos 90. Para todos os tipos de texto, os dados contemplam duas cidades brasileiras: Salvador e Rio de Janeiro. Embora o Projeto NURC contemple mais três cidades (Recife, São Paulo e Porto Alegre), decidiu-se que esta pesquisa se restringiria a apenas duas cidades, por três motivos: 1. Salvador é a cidade de origem do pesquisador e o Rio de Janeiro é a cidade em que realizou o curso de Doutorado; 2. As demais cidades não dispõem de dados da década de 90; 3. O Rio de Janeiro é um grande centro cultural (dominando, sobretudo, a mídia) em nível nacional e Salvador, uma cidade de projeção menor que aquela. A Bahia tem uma cultura própria, mais regional; já o Rio de Janeiro irradia uma cultura mais geral, mais nacional. Também o fato estarem em hemisférios opostos (Norte/Sul) contribuiu para a escolha dessas cidades.

Para ambas as sincronias, os textos escritos são editoriais de jornais – *A Tarde e Jornal do Brasil* –, que foram recolhidos para este trabalho na Biblioteca Central de Salvador e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, respectivamente. Para os textos orais, as variáveis sexo/gênero e faixa etária foram controladas, o que não ocorreu para os textos escritos, em geral não assinados. Em apenas alguns casos seria possível identificar o sexo/gênero do autor, mas não a faixa etária, o que inviabilizou o controle desses fatores.

Os dados, que perfazem um total inicial de 1046 ocorrências, estão assim distribuídos, por década e tipo de texto:

Tabela 2: Distribuição geral das variantes na década de 70

Variantes	Tipo de texto			Total
	Oral		Escrito	
	EFs	DIDs	Jornais	
Futuro simples	82 (17%)	25 (11%)	71 (88%)	178
Perífrase <i>haver</i> presente + infinitivo	-	-	2 (2%)	2
Perífrase <i>haver</i> futuro + infinitivo	-	-	1 (1%)	1
Perífrase <i>ir</i> presente + infinitivo	355 (72%)	164 (73%)	5 (6%)	524
Perífrase <i>ir</i> futuro + infinitivo	3 (1%)	-	2 (2%)	5
Presente	51 (19%)	37 (16%)	1 (1%)	89
Total	491	226	82	799

Tabela 3: Distribuição geral das variantes na década de 90

Variantes	Tipo de texto		Total
	Oral	Escrito	
	DIDs	Jornais	
Futuro simples	5 (3%)	51 (64%)	56
Perífrase <i>haver</i> presente + infinitivo	-	-	-
Perífrase <i>haver</i> futuro + infinitivo	-	-	-
Perífrase <i>ir</i> presente + infinitivo	137 (82%)	18 (23%)	155
Perífrase <i>ir</i> futuro + infinitivo	-	1 (1%)	1
Presente	25 (15%)	10 (12%)	35
Total	167	80	247

As variantes perifrásticas com o verbo *haver* + infinitivo (duas no presente e uma no futuro), documentadas apenas na escrita da década de 70, foram excluídas da amostra devido à sua rara ocorrência. Como já se viu na seção anterior, a variante *haver de* + infinitivo foi decrescendo em uso através dos séculos e figura atualmente apenas como um resquício, sendo utilizada em formas quase que cristalizadas, sobretudo com o verbo *ser*, assumindo um valor muito mais injuntivo e quase sem produtividade na língua. Os três dados encontrados no século XX, todos na língua escrita dos anos 70, foram os seguintes:

- (60) Morto, Bertrand Russel, inegavelmente uma das maiores cerebrações do nosso tempo, *há de ser* sempre *lembrado* por essas grandes virtudes de humanista que sempre nortearam sua obra múltipla e sempre voltada para o bem da humanidade. (T1 SSA-70)
- (61) A verdadeira distensão *há de ser* a valorização dos instrumentos legais com o objetivo de assegurar a viabilidade do regime e seu constante aperfeiçoamento. (T10 RJ-70)
- (62) Mas a própria necessidade, ditada, inclusive, pelas condições que um país em desenvolvimento cria, *haverá de causar* a mudança benéfica de mentalidade. (T8 SSA-70)

As seis ocorrências de perífrase com o verbo *ir* no futuro + infinitivo (cinco na década de 70 – três nas EFs e duas nos jornais – e uma na escrita da década de 90), também pela baixa frequência e por proximidade sintático-semântica, foram amalgamadas

às ocorrências de perífrase com esse mesmo verbo no presente. Os dados foram os seguintes, respectivamente:

- (63) ... é indispensável que se saiba... a maneira pela qual nós vamos formar essa equipe... como é que nós vamos formar essa equipe? Antes da procura... da busca do homem... do indivíduo... o que nós temos que verificar são... as... funções que esses homens *irão desempenhar*... portanto... é indispensável... (364 R7 EF)
- (64) ... porque as pessoas... que nós vamos contratar... as pessoas que nós vamos chamar para a nossa empresa... são as pessoas... que *irão ocupar* cargos... e desempenhar funções... (364 R7 EF)
- (65) ... porque as pessoas... que nós vamos contratar... as pessoas que nós vamos chamar para a nossa empresa... são as pessoas... que *irão ocupar* cargos... e *desempenhar* funções... (364 R7 EF)
- (66) Há todo um sentido prometido e por confirmar-se no exercício das funções que ambos *irão desempenhar* sob a mais concentrada expectativa democrática do país. (T4 RJ-70)
- (67) Os produtores se acham desestimulados, e não serão os 18,18% de aumento nos preços e os subsídios ligeiramente majorados que *irão determinar* mais investimentos, a julgar por declarações recentes do porta-voz da FAESP. (T7 RJ-70)
- (68) Na correta visão do ministro do Planejamento, é preciso articular politicamente as mudanças que *irão permitir* vigorar, no mais tardar no exercício de 1997, um sistema tributário e fiscal compatível com uma economia moderna. (T12 RJ-90)

Embora os dados sejam poucos, parece que essa variante indica uma maior formalidade, talvez uma tentativa de contornar a possível informalidade da perífrase com o verbo *ir* no presente, cada vez mais utilizada tanto na fala como na escrita. É como se, na ausência de uma forma simples de futuro (cada vez mais em desuso), que seria mais formal, a morfologia deste tempo se aplicasse não ao verbo principal, mas ao auxiliar, que se gramaticaliza. Assim, a variação verbo *ir* (no presente ou no futuro) + infinitivo estaria condicionada ao grau de formalidade do discurso. Todavia, como se disse, os dados são muito poucos para que essa hipótese seja testada. Assim, decidiu-se que essas ocorrências seriam reunidas àquelas em que o verbo *ir* está no presente do indicativo.

Também foi excluída a única ocorrência de presente do indicativo na escrita dos anos 70, pois esse dado isolado não permite uma análise quantitativa. Ele ocorreu em:

- (69) Nos dias 11 e 12 a Conferência Espacial Européia se reunirá para decidir da participação da Europa no programa pós-Apolo, que *se inaugura* com o lançamento do Skylab (estação experimental) a 30 de abril de 1973 e se seguirá, possivelmente, com o táxi espacial. (T2 RJ-70)

Este dado, embora excluído da amostra, revela que o presente do indicativo, por ser um tempo verbal com marca morfológica zero, pode ser usado como uma espécie de “coringa”, já que, no discurso, assume as propriedades semânticas do seu entorno. Ou seja, como as formas verbais a ele adjacentes (*se reunirá* e *se seguirá*) já atualizam o futuro, o verbo *inaugurar* não precisa ter mais uma marca. Além disso, há, inclusive, uma data exata pontuando no tempo futuro a ação verbal.

Tomadas essas três decisões (exclusão do verbo *haver*, agrupamento do verbo *ir* no presente e no futuro e exclusão de um único dado de presente da escrita dos anos 70), as variantes passam a ser três (futuro simples, futuro perifrástico com *ir* + infinitivo e presente) e a distribuição dos dados passa a ser a seguinte:

Tabela 4: Redistribuição das variantes na década de 70

Variantes	Tipo de texto			Total
	Oral		Escrito	
	DIDs	EFs	Jornais	
Futuro simples	25 (11%)	82 (17%)	71 (91%)	178
Perífrase <i>ir</i> + infinitivo	164 (73%)	358 (73%)	7 (9%)	529
Presente	37 (16%)	51 (10%)	-	88
Total	226	491	78	795

Tabela 5: Redistribuição das variantes na década de 90

Variantes	Tipo de texto		Total
	Oral	Escrito	
	DIDs	Jornais	
Futuro simples	5 (3%)	51 (64%)	56
Perífrase <i>ir</i> + infinitivo	137 (82%)	19 (24%)	156
Presente	25 (15%)	10 (12%)	35
Total	167	80	247

Note-se que há um número significativamente maior de dados de futuro em EFs do que em DIDs. São tipos realmente diferentes de interlocução. No caso das EFs, o informante profere, em geral, uma aula universitária e mantém sozinho o turno de fala, salvo quando é interrompido por algum aluno que lhe faz uma pergunta. No caso dos DIDs, trata-se de um diálogo em que o informante alterna o turno de fala com o documentador.

A distribuição das variantes por tipo de texto em cada década pode ser melhor visualizada nos gráficos que seguem, em que FS é futuro simples, FP é futuro perifrástico e PR é presente:

Gráfico 2: Variantes por tipo de texto na década de 70 (percentuais)

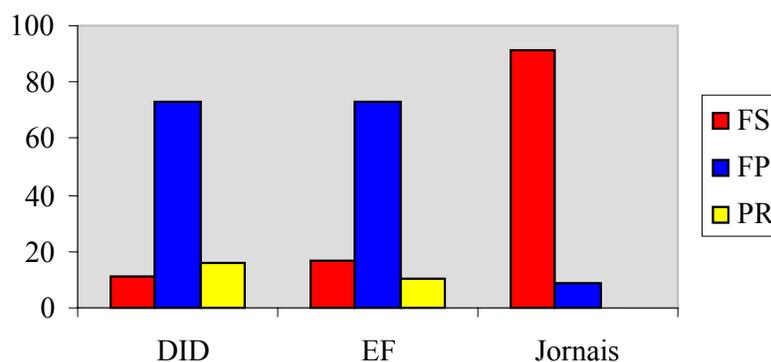
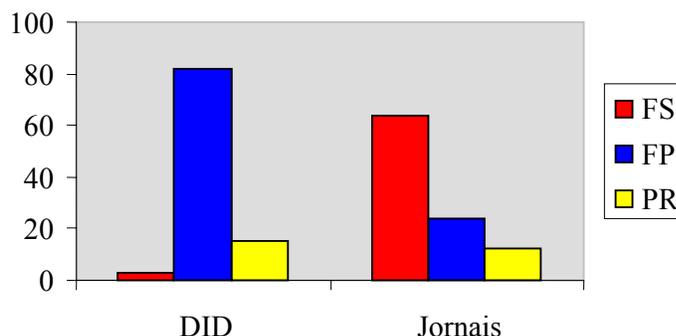


Gráfico 3: Variantes por tipo de texto na década de 90 (percentuais)



Examinando rapidamente as médias e a distribuição das variantes em função da variável ‘tempo’, da variável ‘modalidade’ e da variável ‘estilo de fala’, pode-se dizer que:

- a) em ambas as décadas, há predomínio da forma perifrástica na modalidade oral e da forma de futuro simples na modalidade escrita;
- b) na década de 70, o estilo de fala (mais formal ou menos formal) não altera significativamente a distribuição das variantes, embora se verifique um ligeiro aumento da variante futuro simples nas EFs;
- c) na década de 90, pode-se observar o incremento da forma perifrástica em detrimento da forma de futuro simples, tanto na fala como na escrita. Aliás, o decréscimo do futuro simples é mais significativo do que o aumento da forma perifrástica;
- d) de uma década para a outra, a forma de presente para indicar futuro permanece estável na fala, o que sugere que ela deve ter um contexto específico que lhe mantém à margem da concorrência entre as outras duas variantes;
- e) a forma de presente não se documenta na escrita dos anos 70, mas já aparece na escrita dos anos 90, inclusive quase com a mesma frequência com que ocorre na fala.

Observando mais atentamente a Tabela 5, percebe-se que a forma de futuro simples só ocorreu cinco vezes nos dados de fala (menos formal) dos anos 90, e todos na cidade do Rio de Janeiro. Levantando esses cinco dados, verifica-se que podem ser formas cristalizadas na língua. São verbos irregulares (*ser*, *ver*, *ir* e *haver* – este último acompanhado de um auxiliar modal), de pequena extensão (três deles monossilábicos) e de

produtividade linguística alta. Três deles foram usados pelo mesmo informante. Um deles, inclusive, o verbo *ir*, altamente restritivo ao uso da perífrase. É possível mesmo considerar que já não há variação nesse tipo de texto oral nessa década. Os dados são os seguintes:

- (70) Então, se não for feito um trabalho a nível educacional, acho que não tem solução [aglomeração de pessoas]. Eu acho que a... a... a seqüência disso *será* cada vez mais agressão, cada vez mais assalto... (002 R9 DID)
- (71) ... tem que haver uma solução, não tem... *será* uma catástrofe no mundo se ela [a Amazônia] for destruída... (347 R9 DID)
- (72) ... eu fiquei muito impressionada com a entrevista dele, que estava dizendo isso: que *só poderá haver* paz quando se aceitar as diferenças do outro... (347 R9 DID)
- (73) ... não gosto de ficar imaginando isso [cidade espiritual], que é uma coisa que eu vou chegar lá um dia e ver, pra que que eu vou perder meu tempo... eu vou aproveitar a que está aqui, não é isso? Essa aqui, enquanto eu estou vivendo, porque pra outra eu *irei*, com certeza, então sou... (347 R9 DID)
- (74) Eu não espero nada... eu não espero mais nada... eu não espero mais nada... quem viver *verá*... eu não quero... não tenho mais... não tenho mais esperança de coisa alguma... eu vou trabalhar enquanto eu puder... não trabalho mais... vendo esse apartamento aqui e vou morar num quarto ou numa casa de velho... (018 R9 DID)

Esses exemplos constituem contextos de resistência do futuro simples, o que pode ser explicado de diferentes formas. Uma possibilidade de explicação é a alta frequência desses verbos na língua, ou seja, trata-se do chamado efeito de retenção apontado por Bybee (2003), segundo o qual as formas estocadas como irregulares e de uso recorrente não obedecem a paradigmas. Elas se tornam autônomas e se preservam de processos de mudança, tornando-se conservadoras. Assim a autora se pronuncia entre as páginas 619 e 621:

High frequency constructions can also retain conservative morphosyntactic characteristics even in the face of new productive morphosyntactic patterns. [...] It might seem contradictory that repetition could both encourage innovation in one domain and enhance conservatism in another.

Uma verificação empírica e mais sustentada dessa hipótese requer considerar a frequência desses verbos na língua. A fim de apoiar a afirmação de que é a frequência com

que eles ocorrem que pode estar bloqueando a aplicação de um processo de mudança, recorreu-se a Marques (1996), que analisa a frequência de itens lexicais em português. A autora, utilizando dados de 152 entrevistas do tipo DID do Projeto NURC – Rio de Janeiro (cerca de 110 horas de gravação), procede ao levantamento de ocorrências textuais de substantivos, adjetivos, verbos e advérbios terminados em *-mente*, o que perfaz um total de 369.285 ocorrências textuais. Ela apresenta os itens lexicais em ordem decrescente de frequência e atesta que os verbos *ser*, *ter* e *ir* são os três itens mais frequentes, nesta ordem: *ser* (41.044 ocorrências), *ter* (15.023 ocorrências) e *ir* (6.761 ocorrências). O verbo *haver* é o décimo primeiro mais frequente (3.067 ocorrências) e o verbo *ver* ocupa a décima segunda posição (2.866 ocorrências) (MARQUES, 1996:1). O seu estudo, corrobora, pois, a hipótese de Bybee (2003), pelo menos no que concerne ao fenômeno aqui analisado.

Uma outra explicação possível remonta a Câmara Jr. (1985). Para o autor, a extensão da forma verbal influencia fortemente a possibilidade de futuro desinencial. E é exatamente o que ocorre com os dados encontrados, quase todos os verbos são monossilábicos.

Como a forma de presente só é passível de comparação na fala, já que não ocorreu na escrita dos anos 70, esse uso é objeto de uma análise à parte, no final deste capítulo. Além disso, a sua frequência é quase a mesma em ambos os períodos (16% na década de 70 e 15% na década de 90), considerando os textos orais do tipo DID.

Assim, a seguir são apresentados e analisados, separadamente, os dados de fala e de escrita em ambas as sincronias a partir de rodadas binárias que consideram o futuro perifrástico com *ir* + infinitivo como regra de aplicação. Os dados foram submetidos ao programa GoldVarb e foram considerados os grupos de fatores apresentados no Capítulo 3 desta tese.

5.2.1. O processo de mudança na fala

Foram computadas 771 ocorrências de formas de futuro simples e de futuro perifrástico para os dados de fala, sendo 629 da década de 70 (440 em EFs e 189 em DIDs) e 142 da década de 90 (apenas DIDs).

Rodados juntos, nos anos 70, os dados de EFs e de DIDs, o grupo de fatores ‘Tipo de texto’ (mais formal ou menos formal) não foi selecionado, o que indica que o registro ou o estilo de fala não é relevante para a seleção das variantes. Em ambos os tipos de

gravação, é mais freqüente o uso da forma perifrástica (86% nos DIDs e 81% nas EFs). Esse resultado descarta a hipótese de que a fala mais formal selecionaria o futuro simples ao passo que a fala menos formal selecionaria o futuro perifrástico. Isso mostra, porém, que o futuro perifrástico se implementa cada vez mais, atingindo inclusive registros que suporiam o futuro sintético, preconizado pela norma gramatical.

Assim, foram feitas rodadas separadas, por tipo de texto, para uma melhor comparação dos resultados. Seguem-se os confrontos ‘EFs e DIDs na década de 70’ e ‘DIDs nas décadas de 70 e 90’.

5.2.1.1. EFs e DIDs na década de 70

Na rodada dos dados das EFs (440 ocorrências), foram selecionados pelo GoldVarb, nesta ordem, os grupos de fatores ‘Paralelismo sintático-discursivo’, ‘Contingência do futuro’, ‘Paradigma verbal’, ‘Sexo/gênero’, ‘Papel temático do sujeito’, ‘Faixa etária’ e ‘Procedência geográfica’. Já na rodada dos DIDs (189 ocorrências), foram selecionados os grupos ‘Faixa etária’, ‘Procedência geográfica’ e ‘Projeção de futuridade’. O Quadro 7 apresenta os grupos na sua ordem de seleção. A seguir, esses grupos estão exemplificados e analisados, inicialmente os lingüísticos e em seguida os sociais. Na rodada das EFs, o *input* geral da regra foi 0.82, o *log likelihood* foi -157.749 e o nível de significância foi 0.028. Na rodada dos DIDs, o *input* foi 0.87, o *log likelihood* foi -57.011 e o nível de significância foi 0.018.

Quadro 7: Grupos selecionados na fala da década de 70

EFs	DIDs
1. Paralelismo sintático-discursivo	1. Faixa etária do informante
2. Contingência do futuro	2. Procedência geográfica do informante
3. Paradigma verbal	3. Projeção de futuridade
4. Sexo/gênero do informante	
5. Papel temático do sujeito	
6. Faixa etária do informante	
7. Procedência geográfica do informante	
<i>Input</i> : 0.82	<i>Input</i> : 0.87
<i>Log likelihood</i> : -157.749	<i>Log likelihood</i> : -57.011
Nível de significância: 0.028	Nível de significância: 0.018

Como apresentado no Quadro 7, considerando o grau de formalidade, a variação nas EFs é controlada por um número sensivelmente maior de grupos de fatores do que nos DIDs, embora não haja diferença nos *inputs*. Ou seja, o índice de uso de futuro perifrástico é praticamente o mesmo nos dois tipos de situação de fala, mas há indicações de que a forma perifrástica está mais difundida em estilos de fala menos controlados, menos planejados do que em estilos que supõem maior planejamento.

Paradigma verbal

Este grupo de fatores distribui os dados em dois grupos: os que contêm um verbo que segue o paradigma geral (verbos regulares) e os que apresentam um verbo de padrão especial (verbos irregulares), considerando, pois, o critério morfológico. Por exemplo, são verbos regulares “cantar”, “beber” e “partir” e são irregulares os verbos “estar”, “trazer” e “pedir”. Supondo que há uma mudança em curso no sentido de o futuro perifrástico substituir o futuro simples, aventou-se a hipótese de que esse processo avançaria primeiro nas formas regulares e depois nas irregulares. Essa hipótese se confirma nos dados das EFs, pois o peso relativo para a perífrase foi de .62 em verbos regulares e de .34 em verbos irregulares, conforme mostra a Tabela 6:

Tabela 6: Paradigma verbal em EFs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Regular	220/254	86%	.62
Irregular	138/186	74%	.34

Já os resultados encontrados nos dados dos textos mais informais, embora revelem uma frequência um pouco maior de perífrase em verbos regulares, indicam que o paradigma verbal não chega a ser uma motivação relevante na seleção de uma variante ou outra. Seguem os resultados dos DIDs na Tabela 7:

Tabela 7: Paradigma verbal em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Regular	104/117	88%
Irregular	60/72	83%

Embora o uso do futuro simples em verbos irregulares requeiram um conhecimento mais controlado de desinências específicas, o fato de eles admitirem mais futuro simples do que os verbos regulares pode estar relacionado tanto à extensão vocabular, já que a maioria dos verbos irregulares em português possui uma ou duas sílabas, como propõe Câmara Jr. (1985), como à frequência/estocagem, como propõe Bybee (2003).

Thomas (1969) e Silva (2002) encontram resultados semelhantes aos aqui apresentados no que concerne a esse grupo de fatores.

Papel temático do sujeito

O papel temático do sujeito foi considerado neste estudo pressupondo que o sujeito agente favoreceria o uso da perífrase, já que haveria um maior comprometimento em relação ao futuro e um maior grau de certeza da realização da ação num tempo posterior ao momento da fala, pois ele é quem realizaria essa ação. Já o sujeito paciente selecionaria o futuro simples, ficando o sujeito experienciador em posição intermediária, o que se confirmou tanto nas EFs como nos DIDs. Os resultados estão apresentados mais adiante, nas Tabelas 8 e 9. Seguem-se exemplos dos três tipos de sujeito segundo o papel temático:

Sujeito agente:

- (75) Até aqui, nada ainda de significativo, do ponto de vista da contribuição da comunidade, o que *direi* agora, né? (020 S7 EF)
- (76) Então, a mãe, em contato com a criança, *vai transmitir* a doença, e não... e não porque... eh... transmita, assim, pelo leite, dessa maneira. Agora se existe lesão na placenta, então, pode haver a transmissão para o feto, para a criança. (046 S7 EF)

Sujeito experienciador:

- (77) Os desertos que foram causados... eh... por atuação do homem, eles *poderão*, no futuro *vir a ser* uma área fértil, se o homem utilizar... eh... essa energia atômica em benefício disso. (052 S7 EF)
- (78) Através dessa fórmula, vocês *vão perceber* como acontece a tuberculose de primoinfecção e, depois, a tuberculose. (046 S7 EF)

Sujeito paciente:

- (79) Entretanto, se há persistência, em qualquer dos pontos da glândula mamária, de um nódulo, este nódulo *terá que ser examinado, terá que ser retirado*, tem que ser mandado para um anátomo-patologista para... êh... ôh... ôh... para, então, ele ver qual a... se há malignidade ou não neste nódulo. (049 S7 EF)
- (80) ... e esse chumbo não *vai ser excretado* pelo organismo. (052 S7 EF)

Tabela 8: Papel temático do sujeito em EFs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Agente	219/244	89%	.60
Experienciador	121/162	74%	.39
Paciente	14/25	56%	.26

Tabela 9: Papel temático do sujeito em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Agente	94/103	91%
Experienciador	60/72	83%
Paciente	6/9	66%

Os resultados confirmam a hipótese inicial, pois o sujeito agente tem .60 nas EFs, favorecendo a perífrase com percentual de 89%. O sujeito paciente tem um peso relativo bastante baixo (.26) e o sujeito experienciador, embora não favoreça a perífrase, tem um peso intermediário (.39). Quanto aos DIDs, esse grupo de fatores não foi selecionado, mas

os percentuais mantêm o mesmo padrão de distribuição das EFs, com o sujeito agente condicionando a perífrase mais que os outros dois tipos, embora todos os percentuais indiquem a preferência pela perífrase e não pelo futuro simples¹⁶.

A distribuição dos dados, porém, está bastante desequilibrada, o que pode comprometer os resultados encontrados e dificultar a sua interpretação.

O traço de agentividade desempenha um papel fundamental na trajetória do verbo *ir* de pleno a auxiliar, como mostrado no Capítulo 4. No processo de gramaticalização do futuro perifrástico, a sua ocorrência com sujeitos [+ agente] pode indicar uma persistência de traços da forma fonte (BYBEE *et alii*, 1994). O verbo *ir*, em seu sentido pleno, seleciona um sujeito agente.

Paralelismo sintático-discursivo

De acordo com o princípio do paralelismo, há uma tendência à repetição da mesma variante em ocasiões nas quais os dados aparecem em cadeia (SCHERRE, 1988). Esse grupo de fatores tem se mostrado relevante em estudos variacionistas, como se pode comprovar em Scherre (1998). Assim, pode-se formular a hipótese de que o emprego do futuro simples levaria a uma outra forma de futuro simples subseqüente e a de que o uso da perífrase desencadearia outras perífrases em seqüência. A ocorrência de formas em cadeia pode acontecer no discurso do próprio locutor ou pode ocorrer que uma forma apareça depois de outra emitida pelo interlocutor, fenômeno também conhecido como “efeito gatilho”. Neste último caso, a forma presente na fala do interlocutor “engatilha” um uso que pode ou não ser repetido pelo informante.

Seguem exemplos, com ambas as variantes, dos contextos possíveis controlados. O futuro pode aparecer:

Como ocorrência única:

- (81) Ele [o arqueólogo], ao verificar do que se trata, *terá* todo o cuidado no sentido de retirar daí o que for possível para enriquecer o conhecimento que a ciência tem... (020 S7 EF)

¹⁶ Nessa contagem, foram excluídos 9 dados (1 de sujeito oracional e 8 de verbos impessoais) nas EFs e 5 dados (2 de sujeito oracional e 3 de verbos impessoais) nos DIDs, aos quais a variável ‘Papel temático do sujeito’ não se aplica.

- (82) Então, a mãe, em contato com a criança, *vai transmitir* a doença, e não... e não porque... eh... transmite, assim, pelo leite, dessa maneira. (046 S7 EF)

Como primeira ocorrência de uma série:

- (83) Então, em cada caso desse, *será* naturalmente uma atitude diferente que nós temos de tomar. E tudo isso vai obedecer a cada caso em si. (023 S7 EF)
- (84) Existem zonas nos Estados Unidos, atualmente, onde foram exploradas minas de carvão, que não serve e nem *vai servir* nunca mais para agricultura. Então, agli... agricultura nessa área não poderá ser implantada, porque foi utilizado uma exploração de recurso natural. (052 S7 EF)

Como ocorrência após forma idêntica:

- (85) Se nós não tivermos uma legislação adequada, tudo que se disser a respeito de proteção dos bens culturais ficará na teoria, porque não *terá* possibilidade de uma implantação prática. (020 S7 EF)
- (86) ... não possuímos chumbo no nosso organismo... ele vai prejudicar, ele *vai causar* doenças no organismo. (052 S7 EF)

Como ocorrência após forma diferente:

- (87) Ela contribui se ela faz um bom serviço, se ela executa bem sua atividade, se o... ela vai contribuir para que o dispensário funcione bem. E se esse dispensário funciona bem, lógico que ele vai servir de exemplo, vai servir de modelo para outras... outros dispensários. Então, assim, ele *será* um ótimo meio de treinamento para outros profissionais e para pessoal de enfermagem. (046 S7 EF)
- (88) ... se ela [a empresa] aceitar a concorrência... ela... dificilmente... ela estará com condições... veja bem... não é de sobreviver... não significa que ele não tenha... hã... lugar... a pequena empresa *vai continuar* existindo... sem dúvida que vai... haverá sempre um lugar pra pequena empresa... (364 R7 EF)

A Tabela 10 mostra os resultados encontrados para os dados das EFs, tendo como regra de aplicação o futuro perifrástico *ir* + infinitivo:

Tabela 10: Paralelismo sintático-discursivo em EFs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Ocorrência única	112/145	77%	.40
1ª ocorrência	83/93	89%	.64
Depois de FP	137/153	89%	.62
Depois de FS	26/49	53%	.21

Os resultados mostram de fato a importância do paralelismo, pois a perífrase tem o menor percentual (53%) e o menor peso relativo (.21) quando precedida do futuro simples. Note-se também que ela tem quase o mesmo peso quando precedida de outra perífrase (.62) e quando é a primeira opção do falante ao produzir um enunciado em cadeia (.64) e já atinge mesmo os contextos em que ela é a única forma de expressão do futuro (.40).

Esse grupo de fatores não foi selecionado para os DIDs, mas segue a Tabela 11 com os resultados percentuais, para efeito de comparação:

Tabela 11: Paralelismo sintático-discursivo em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Ocorrência única	64/73	87%
1ª ocorrência	38/45	84%
Depois de FP	55/60	91%
Depois de FS	7/11	63%

Os resultados da tabela anterior mostram que, nos textos menos formais, a perífrase predomina em todos os contextos, mas o menor percentual foi registrado para o contexto em que há uma forma de futuro simples encabeçando o enunciado. Na verdade, nos DIDs, depois de forma idêntica, a perífrase atinge uma percentagem significativamente mais alta do que a que se constata nas EFs.

No trabalho de Santos (1997), que analisa o futuro em dados da língua escrita *standard*, o paralelismo foi também uma variável selecionada. Na pesquisa de Costa (2003), esse grupo de fatores foi o primeiro a ser selecionado, o que indica não só a importância dessa variável mas também a existência de uma correlação entre a expressão do futuro do presente e a do futuro do pretérito, estudado pela última autora.

Contingência do futuro

O grupo de fatores ‘Contingência do futuro’ agrupa os dados de acordo com os diferentes posicionamentos do falante em relação ao estado de coisas situado num momento posterior ao momento da fala.

Gryner (2003:182) propõe uma escala epistêmica de contingência que vai do possível ao real, passando pelo provável: possível → provável → real.

Malvar (2003) considera apenas os fatores ‘contingente’ (*contingent*) e ‘assumido’ (*assumed*). Sua hipótese é a de que ‘contingente’ indica menos certeza e menos perífrase, ao passo que ‘assumido’ implica mais certeza e mais perífrase. Em seus resultados, ela constata que o ‘futuro contingente’ é uma das variáveis que favorecem o uso da forma de presente, o que seria uma restrição para que a forma perifrástica *ir* + infinitivo substitua definitivamente as outras variantes.

Considera-se neste trabalho que se pode fazer uma referência ao futuro com maior comprometimento, assumindo o futuro [- contingente] como certo ou bastante provável; ou o futuro pode ser entendido como [+ contingente], isto é, possível, mas não tão certo, pois depende da satisfação de outras condições.

A hipótese aventada nesta tese é a de que quanto mais certo o futuro, maior o uso da perífrase; e quanto maior o grau de incerteza, maior a opção pelo futuro simples. Em (89) e (90), os exemplos são de futuro [- contingente]:

(89) Outro autor, Stanford, um americano que também [vocês] *verão* naquela lista dos interesses, diz que... (023 S7 EF)

(90) Inclusive já há recursos alocados do IPHAN, do Conselho Federal de Cultura que permitem iniciar imediatamente as obras, já estando, inclusive, o projeto pronto, com especificações e orçamento e em fase de assinatura de contrato com a firma restauradora que *vai realizar* o trabalho. (020 S7 EF)

Já em (91) e (92), os exemplos ilustram o futuro [+ contingente]:

(91) ... se tiver um aumento de dois por cento, daqui a trinta anos, *será* insuportável a vida em New York. (052 S7 EF)

(92) Se a gente fizer um retrospecto na história, a gente *vai ver* que assim como o homem atua na degradação... (052 S7 EF)

As Tabelas 12 e 13 apresentam os resultados encontrados, respectivamente, para as EFs e para os DIDs em relação à contingência do futuro:

Tabela 12: Contingência do futuro em EFs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
[- contingente]	135/146	92%	.70
[+ contingente]	223/294	75%	.40

Tabela 13: Contingência do futuro em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
[- contingente]	58/66	87%
[+ contingente]	106/123	86%

Como se pode ver, é o futuro [- contingente] o que apresenta maior peso relativo (.70) para a seleção da perífrase na fala mais formal. Já na fala menos formal, a forma de realização do futuro é indiferente à aplicação da regra, como mostram os percentuais dos DIDs, quase idênticos e, por isso mesmo, não selecionado pelo programa. Ou seja, na fala menos formal, o futuro perifrástico e o futuro simples são utilizados quase indiferentemente nos mesmos contextos.

A atuação dessa variável apenas em dados de fala mais formal evidencia a maior generalização do futuro perifrástico num estilo de linguagem de maior planejamento, o que comprova, mais uma vez, que a contextualização de uma regra variável e o avanço de uma forma inovadora são controlados distintamente em função do estilo de fala.

Projeção de futuridade

A ‘proximidade’ tem sido freqüentemente associada ao uso do presente do indicativo em contextos de futuro (SAID ALI, 1964; CUNHA & CINTRA, 1985) e/ou ao futuro perifrástico (THOMAS, 1969; CUNHA & CINTRA, 1985; GIBBON, 2000; GRYNER, 2003; MALVAR, 2003). Também para o inglês (POPLACK & TAGLIAMONTE, 1995; EDWARDS, 2005), para o francês (POPLACK & TURPIN,

1999) e para o espanhol (BENTIVOGLIO & SEDANO, 1992), a distância temporal é uma variável utilizada na discussão das diferenças entre o futuro simples e o perifrástico: este é utilizado para expressar o futuro próximo e aquele, para expressar o futuro distante.

Quando o falante se refere a um futuro próximo ao ato de fala, ou seja, que ocorrerá em breve, espera-se que a perífrase seja preferida em detrimento da forma simples, pois, por expressar maior modalidade, reflete uma maior certeza em relação ao futuro. Assim, os dados revelam, tanto em termos percentuais como em termos de peso relativo, que a projeção da futuridade está diretamente relacionada à opção feita pela forma sintética ou pela forma analítica. Quanto mais próximo do falante o ponto projetado no futuro, maior o uso da perífrase; quanto mais distante do ponto temporal do ato de fala, portanto mais distante do falante, menor o uso da perífrase.

O grupo ‘Projeção de futuridade’ foi selecionado apenas para os DIDs. Essa variável permite agrupar os dados em três tipos: os que indicam um futuro próximo (até um ano a partir do momento da enunciação), os que indicam um futuro distante (o falante situa o fato a ser realizado para além de um ano a partir do momento da fala), e os que indicam um futuro indefinido (o falante não pontua o momento de realização de um estado de coisas).

Seguem exemplos para cada um desses fatores e as Tabelas 14 e 15, com os resultados obtidos.

Futuro próximo:

- (93) De acordo com o nosso plano de curso, hoje nós *teremos* o assunto relacionado com o arquiteto e a proteção dos bens culturais... (020 S7 EF)
- (94) ... eu compro em dezembro... *vamos comprar* porque só em março que nós *vamos pagar*... agora... quando chega o... o bendito março... (373 R7 DID)

Futuro distante:

- (95) ... daqui a algum tempo... daqui a cinco anos ela [a empresa] não *terá* mais três por cento... ela *terá* um e meio... (364 R7 EF)
- (96) ... hoje os senhores não sentem... são novos... mas daqui a cinco... seis anos *vão sentir*... e a família... o dia que o senhor morrer... sua família vai viver de quê? Era a pergunta que eu fazia... não sabiam responder... então o senhor tem uma chance de deixar um... uma pensão pra sua senhora... no fim da vida ela vai precisar... os filhos casam e ela vai ficar sozinha... (164 R7 DID)

Futuro indefinido:

(97) ... mas eu acredito que nós estejamos caminhando pra lá... esse... essa conscientização do homem e da mulher... desta colaboração mútua... penso que isto *será*... agora... gostaria que você desse mais uma... (373 R7 DID)

(98) ... eu quero uma casa na... Barão de Guaratiba lá em cima... isso ainda *vai acontecer*... (133 R7 DID)

Tabela 14: Projeção de futuridade em EFs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Futuro próximo	95/106	90%
Futuro distante	2/7	28%
Futuro indefinido	261/327	79%

Tabela 15: Projeção de futuridade em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Futuro próximo	24/25	96%	.91
Futuro distante	11/15	73%	.28
Futuro indefinido	129/149	86%	.43

Pelos resultados dos DIDs, pode-se verificar que o futuro próximo favorece a perífrase (.91 na fala menos formal) e o futuro distante a inibe (.28), ficando o futuro indefinido numa posição intermediária. O mesmo se confirma para a fala mais formal (EFs), observados os percentuais.

Também os resultados de Malvar (2003:151) apontam que o futuro distante favorece o uso da forma simples, ao passo que o futuro próximo condiciona o uso da forma perifrástica ou da forma de presente.

É interessante notar que, quando o falante não pontua o espaço temporal compreendido entre o momento da enunciação e a concretização do estado de coisas descrito (é o caso do ‘futuro indefinido’), a opção feita é pela forma perifrástica e não pela simples, o que revela, talvez, o traço modal/intencional/volitivo da forma analítica. Nesse

caso, pode-se pensar no princípio da persistência (HOPPER & TRAUGOTT, 1993/2003), pois é possível que a perífrase, ainda em processo de gramaticalização, mantenha um dos traços da forma lexical original do verbo *ir*, ou seja, se o futuro é indefinido, ele está ‘deslocado’, à frente do ponto da fala, mas não especificado num determinado momento do tempo.

Sexo/gênero do informante

O grupo ‘Sexo/gênero do informante’ foi selecionado apenas na fala mais formal, o que indica que a distinção homem X mulher é anulada na fala menos formal.

Essa variável tem uma atuação bastante diversificada, e, às vezes, até contraditória, pois as mulheres tendem a liderar determinados tipos de mudanças e os homens, outras. Oliveira e Silva & Paiva (1996:366-367), apresentando uma visão de conjunto das variáveis sociais estudadas em diversos fenômenos lingüísticos com base em dados do Rio de Janeiro, reafirmam a relevância da variável sexo/gênero para vários fenômenos e atestam uma “forte tendência das mulheres no uso das formas lingüísticas padronizadas”, tanto nos casos de variação estável como nos casos de mudança. E assim se pronunciam:

Em nove dos doze trabalhos que focalizaram variações consideradas estáveis, correlacionadas com a variável sexo, as mulheres prestigiaram a forma padrão. Este comportamento é bastante regular independentemente de se tratar de fenômeno fonológico ou morfossintático e do local em que o fato é estudado. Dentre 14 fenômenos considerados de mudança, sete apresentam o padrão geral da variável sexo associado à variação estável: as formas lingüísticas padrão estão mais associadas às mulheres do que aos homens. [...] Em todas as mudanças que consistem na implementação de uma forma lingüística não-padrão, as mulheres se manifestam conservadoras, preferindo a forma mais antiga. Nestes casos, a liderança do processo é atribuída aos homens. Observa-se o contrário, ou seja, que as mulheres podem ser inovadoras, quando a mudança é no sentido de uma forma prestigiada.

Com relação aos fenômenos de variação estável, a tendência geral da variável sexo, constatada na revisão bibliográfica, confirma-se nesta nossa análise do português do Rio de Janeiro: as mulheres tendem a usar mais freqüentemente as variantes padrão do que os homens. O comportamento lingüístico dos homens pode, em alguns casos, equiparar-se ao das mulheres, mas não chega, nos casos estudados, a suplantá-las no uso da variante padrão.

Com relação à questão da mudança, o quadro ainda não é claro. Os resultados por nós obtidos não permitem colocações conclusivas.

Labov (1984) e Trudgill (1972) enfatizam que as mulheres se orientam para as normas de prestígio. As mulheres são mais conservadoras e os homens tendem mais à mudança. Isso seria o resultado da posição social de inferioridade da mulher. Assim, as mulheres reagiriam à sua “fraqueza social” por meio de estratégias lingüísticas que elevam sua mobilidade.

Mas Eckert (1989), em texto sobre as diferenças de sexo e gênero na variação, reconhece que diferenças de gênero são complexas, particularmente numa sociedade e época em que as mulheres estão tendo consciência do seu lugar no mercado e questionando os papéis tradicionais do gênero, e acha limitados os argumentos apontados pelos autores supracitados. Para ela, o gênero não tem um efeito uniforme no comportamento lingüístico da comunidade como um todo.

Para dar suporte à discussão da complexidade do gênero na variação, a autora examina a variação fonológica entre adolescentes (meninos e meninas) de Detroit. Ela considera sexo como uma categoria biológica que serve de base fundamental para a diferenciação de papéis, regras e expectativas na sociedade, o que constitui o gênero (a construção social do sexo).

Seus resultados mostram que, em geral, as mulheres lideram a mudança sonora ou que diferenças de sexo são um indicativo de mudança sonora. E ela apresenta algumas hipóteses sobre a relação entre gênero e mudanças antigas e recentes: a) em ambos os tipos de mudança, as meninas apresentam mais a variação do que os meninos; b) no caso das mudanças antigas, as meninas fazem mais uso do que os meninos de variáveis que não estão associadas à categoria social de filiação; c) as mudanças recentes, que são mais avançadas em centros urbanos, são desenvolvidas para associação com normas de adultos; d) as mudanças antigas, pouco avançadas na comunidade adulta, não são, provavelmente, muito efetivas como portadoras de significado para adolescentes, mas têm uma função associada com expressividade e características gerais de um grupo; e) em ambos os casos – a grande diferenciação das meninas em mudanças recentes e o seu grande uso de mudanças antigas –, o comportamento fonológico das meninas é consoante com sua grande necessidade de usar símbolos sociais para a auto-apresentação.

Conclui dizendo que sexo e categoria social não são necessariamente variáveis independentes, mas podem interagir significativamente. As meninas afirmam sua identidade como categoria através da linguagem mais do que os meninos. Isso é consoante com o fato de que as meninas se preocupam mais com o grupo social do qual fazem parte do que os meninos e também com o fato de que as meninas confiam mais nas

manifestações simbólicas dos membros sociais do que os meninos. Isto é, a manifestação adolescente geral mostra que a mulher, desprovida de acesso ao poder, reivindica *status* por meio do uso de símbolos de um grupo social.

Os resultados da análise dos dados desta tese podem ser vistos nas Tabelas 16 e 17 e o Gráfico 4, com os percentuais de uso da perífrase, ilustra melhor esse grupo de fatores nos dois tipos/estilos de fala.

Tabela 16: Sexo/gênero em EFs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Mulher	155/175	88%	.70
Homem	203/265	76%	.37

Tabela 17: Sexo/gênero em DIDs – anos 70

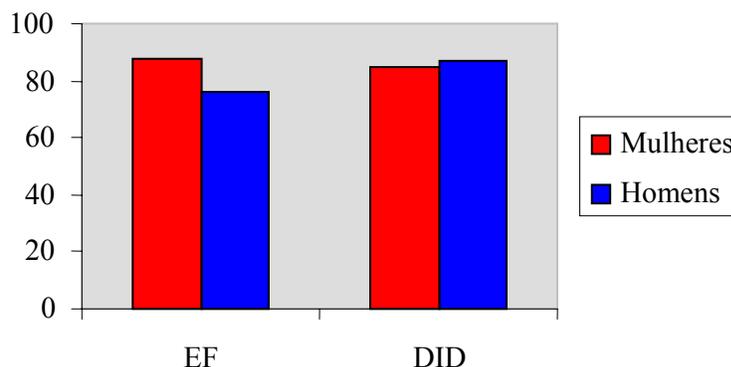
Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Mulher	61/71	85%
Homem	103/118	87%

Nos resultados obtidos para as EFs, as mulheres apresentam peso relativo maior para a variante inovadora, o futuro perifrástico, liderando, pois, a mudança. Essa tendência contradiz os resultados encontrados em outros trabalhos, como apontado anteriormente, que mostram que a mulher, em situação de maior atenção à fala, tende a aderir mais que os homens às formas de prestígio (mais conservadoras). Mas, como o fenômeno aqui examinado configura uma mudança em andamento, os resultados corroboram a hipótese de Labov (1984), segundo a qual as mulheres são conservadoras em casos de variação estável e no início da mudança, mas lideram as mudanças em estágios avançados.

Quanto aos DIDs, o que se pode dizer é que a perífrase está numa etapa de implementação tão avançada, que já não se pode mais observar a atuação da variável sexo/gênero, o que vale, aliás, também para outros grupos de fatores, como já se pôde constatar.

Deve-se considerar, entretanto, que o número de dados expressivamente maior para os homens, sobretudo nos DIDs, pode estar interferindo nos resultados obtidos.

Gráfico 4: Sexo/gênero em EFs e DIDs – anos 70 (percentuais)



O Gráfico 4 ilustra que, em termos percentuais, não há muita diferença no comportamento de homens e mulheres. Em outros trabalhos que abordaram este mesmo tema, apresentados no Capítulo 1 desta tese, a variável ‘sexo/gênero’ ou não foi considerada, ou se mostrou inteiramente irrelevante.

Embora não se tenha procedido a um teste de atitude, pode-se pensar que o fenômeno em estudo, pelo menos em princípio, não está mais relacionado a avaliação social uma vez que se encontra em estágio quase que de completude. Isso talvez possa explicar o fato de homens e mulheres terem apresentado comportamento muito semelhante no estilo de fala menos formal.

Faixa etária do informante

Esta variável foi selecionada na análise dos dois estilos de fala, EFs e DIDs. Trata-se de um grupo de fatores de grande importância, pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de variação estável ou de mudança em curso. Partindo da hipótese de que o fenômeno aqui observado configura uma mudança em andamento, esperava-se que os mais jovens empregassem mais a o futuro perifrástico e os mais velhos revelassem maior índice de uso do futuro simples. Os resultados encontrados para a fala mais formal e para a fala menos formal estão apresentados nas Tabelas 18 e 19, respectivamente, a seguir:

Tabela 18: Faixa etária em EFs – anos 70

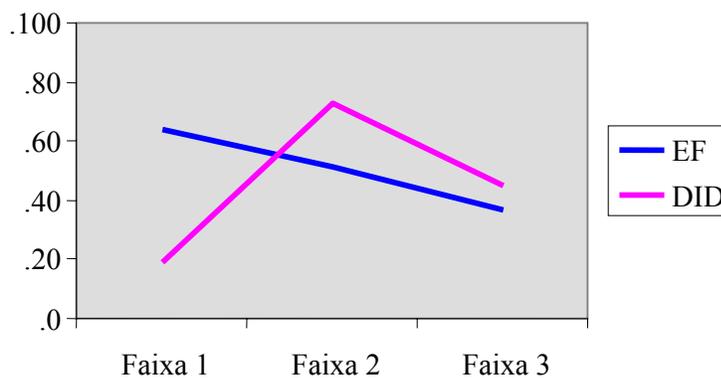
Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
25 – 35 anos	125/139	89%	.64
36 – 55 anos	99/130	76%	.51
Acima de 55 anos	134/171	78%	.37

Tabela 19: Faixa etária em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
25 – 35 anos	30/44	68%	.19
36 – 55 anos	75/79	94%	.73
Acima de 55 anos	59/66	89%	.45

Os resultados obtidos revelam que, nas EFs, os pesos relativos sinalizam uma configuração de mudança em progresso, pois os mais jovens têm o maior peso relativo (.64), os mais velhos inibem a perífrase (.37) e os falantes da faixa intermediária se mantêm neutros (.51). Já nos DIDs, é a faixa intermediária a que mais favorece o uso da forma inovadora (.73), ficando a faixa mais jovem com um peso relativo baixíssimo, inibindo completamente a aplicação da regra. Observe-se o Gráfico 5, que melhor ilustra os resultados dos pesos relativos:

Gráfico 5: Faixa etária em EFs e DIDs – anos 70 (pesos relativos)



Pelos padrões mostrados no Gráfico 5, nas EFs, há um padrão linear na distribuição das variantes sintética e analítica, com esta última aumentando progressivamente à medida que diminui a faixa etária do informante, evidenciando, portanto, uma mudança em curso. Nos DIDs, ao contrário, observa-se um padrão curvilíneo característico da variação estável, contrariando, assim, a hipótese de um processo de mudança em curso no estilo menos formal. Tem-se, pois, um aparente paradoxo.

Esse paradoxo pode ser entendido se se considera a quantidade de dados (440 nas EFs e apenas 189 nos DIDs). Na fala mais formal, parece que o fenômeno está melhor estratificado, já que há um número maior de dados. Outra possibilidade é interpretar que a variante perifrástica está ainda se implementando na fala mais cuidada e que, na fala mais espontânea, o processo de mudança já foi concluído, tornando-se estável. Como a natureza do estilo mais formal requer maior atenção à forma da linguagem, é possível que os falantes mais jovens sejam menos sensíveis às exigências de planejamento do estilo formal do que os falantes mais velhos, que já foram, de certa forma, mais treinados para operar com as mudanças de estilo. Isso levaria, certamente, a um maior emprego da forma perifrástica na faixa etária mais jovem.

Observando a distribuição dessas duas variantes juntamente com a variante de presente do indicativo, em rodada ternária, verifica-se que, na verdade, não há um aumento no uso da forma simples na faixa etária mais jovem. O que ocorre é que a grande concorrente da forma perifrástica é a forma de presente e não o futuro simples, conforme mostra a Tabela 20:

Tabela 20: Distribuição das três variantes por faixa etária em EFs – anos 70

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
25-35 anos	30	46%	14	22%	21	32%	65
36-55 anos	75	88%	4	5%	6	7%	85
+ de 55 anos	59	78%	7	9%	10	13%	76

De acordo com os resultados, na faixa etária mais jovem, o futuro perifrástico (46%) é mais utilizado do que as demais variantes. O segundo lugar é ocupado pelo presente (32%), que alcança seu maior índice de emprego nessa faixa, ficando o futuro simples com o percentual mais baixo (22%). Pode-se verificar também que o futuro

perifrástico é o mais utilizado em todas as faixas e que, de fato, o presente é um forte concorrente da forma analítica na fala dos mais jovens.

Procedência geográfica do informante

A variável ‘Procedência geográfica do informante’ controla a variação horizontal, comparando as duas cidades consideradas neste trabalho, Salvador e Rio de Janeiro. A cidade de Salvador é considerada mais conservadora que a cidade carioca, mais desenvolvida política e economicamente. Aliás, a cidade do Rio de Janeiro é a segunda maior do Brasil. Assim, a hipótese aventada era a de que os cariocas empregassem mais a variante inovadora – a perífrase – e os soteropolitanos usassem mais a variante conservadora – o futuro simples. Os resultados para os dois tipos de texto, apresentados nas Tabelas 21 e 22 e no Gráfico 6, confirmam essa hipótese, tanto em termos de percentuais como em termos de pesos relativos. Em ambos os tipos de texto, o Rio de Janeiro revela os maiores índices de uso do futuro perifrástico.

Tabela 21: Procedência geográfica em EFs – anos 70

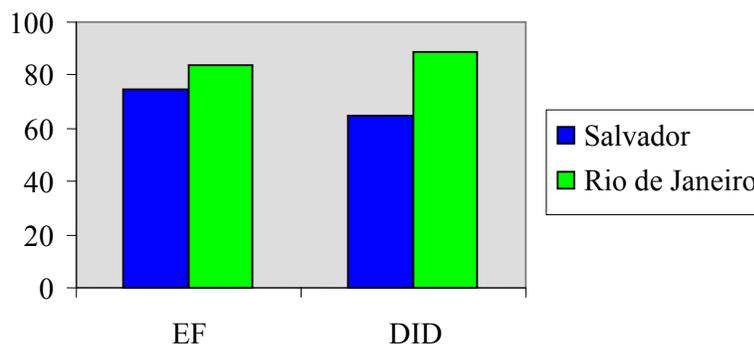
Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Salvador	116/153	75%	.38
Rio de Janeiro	242/287	84%	.57

Tabela 22: Procedência geográfica em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Salvador	15/23	65%	.09
Rio de Janeiro	149/166	89%	.58

Comparando as Tabelas 21 e 22, pode-se ver que há uma maior polarização dos pesos relativos no estilo menos formal. Em se tratando de mudança, é esperado que as diferenças horizontais sejam mais significativas exatamente no estilo menos formal. O Gráfico 6 ilustra melhor os resultados encontrados para essa variável:

Gráfico 6: Procedência geográfica em EFs e DIDs – anos 70 (percentuais)



No caso do fenômeno estudado, em que a variante inovadora ainda não é reconhecida como padrão, os resultados corroboram a hipótese aventada de que o Rio de Janeiro é mais inovador e Salvador é mais conservadora, pelo menos na década de 70, quando o então Estado da Guanabara¹⁷ já era considerado “moderno” ou “modernizado”, centro sócio-econômico e cultural do Brasil para onde afluíam migrantes de todo o país.

Em resumo, comparando os resultados relativos aos dados de fala mais formal (EFs) com os de fala menos formal (DIDs), todos da década de 70 do século XX e todos de falantes com nível superior completo, podem ser obtidas as seguintes conclusões, por grupos de fatores selecionados por um e/ou outro estilo de fala:

- a) quanto ao ‘Paradigma verbal’, em ambos os estilos/registros de fala, a perífrase é mais usada com verbos regulares, que seguem o padrão geral. A variável estilística mostra, entretanto, que a concorrência entre forma simples e forma analítica é mais acentuada na fala mais formal e bem mais tênue na fala menos formal;
- b) quanto ao ‘Papel temático do sujeito’, o sujeito agente é o que mais seleciona a forma perifrástica, seguido do sujeito experienciador em ambos os tipos de texto, ficando o sujeito paciente mais favorecedor ao uso do futuro simples. A estratificação é, pois, a mesma, sendo o estilo menos formal apenas revelador de índices de frequência um pouco mais altos do que os respectivos encontrados no estilo mais formal;

¹⁷ A atual cidade do Rio de Janeiro integrava o distrito chamado de Estado da Guanabara até 1975, quando se funde com o Estado do Rio de Janeiro, cuja capital era Niterói. A partir de então, dissolve-se o Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro passa a ter como capital o município do Rio de Janeiro.

- c) quanto ao ‘Paralelismo sintático-discursivo’, em ambos os estilos/registros de fala, a perífrase funciona como “gatilho” para as ocorrências posteriores. A variável estilística mostra também que, na fala menos formal, a perífrase tem índices maiores de uso quando aparece como ocorrência única e que o futuro simples é menos usado após uma ocorrência de perífrase na fala mais formal;
- d) quanto à ‘Contingência do futuro’, em ambos os estilos/registros de fala, a perífrase é mais usada ao se referir a um futuro assumido. A variável estilística mostra, porém, que, na fala menos formal, a perífrase já invade também o contexto de futuro contingente, anulando, quase, em termos percentuais, a diferença entre os dois tipos de futuro;
- e) quanto à ‘Projeção de futuridade’, também os resultados são semelhantes. Tanto em EFs como em DIDs, a perífrase é promovida quando o futuro é próximo ou indefinido e é menos usada quando o futuro é distante. Mais uma vez, o estilo/registro menos formal apenas diminui a distância percentual entre os fatores, diminuindo a concorrência entre as variantes;
- f) quanto ao ‘Sexo/gênero do informante’, a diferença de estilo/registro mostra uma melhor estratificação do fenômeno na fala mais formal, sendo praticamente neutralizadas as falas feminina e masculina nos DIDs;
- g) quanto à ‘Faixa etária do informante’, o estilo/registro mais formal deixa transparecer um processo de mudança em progresso (no tempo aparente) e o registro menos formal revela um padrão curvilíneo de variação estável. Este foi o único grupo de fatores que distinguiu as EFs dos DIDs. Devido à diferença quantitativa de dados entre esses dois tipos de texto, porém, seria necessário um estudo mais detalhado para melhor compreender esse resultado divergente;
- h) finalmente, quanto à ‘Procedência geográfica do informante’, os dados revelam que, em ambos os estilos/registros, Salvador favorece o uso do futuro simples. A cidade do Rio de Janeiro é insensível ao estilo/registro de fala, ao passo que a cidade de Salvador apresenta um peso relativo maior para a perífrase no estilo/registro mais formal, o que pode ser decorrência também da má distribuição dos dados.

Enfim, de acordo com os resultados encontrados, ressalvada a diferença do número de dados, parece que a variação na expressão do futuro em português, pelo menos na década de 70 do século XX, é ainda sensível ao estilo/registro de fala. O fato de haver um

número maior de restrições operantes nas EFs é um indicativo de que, em estilo mais formal, o fenômeno é mais controlado e se implanta gradativamente, de forma bastante contextualizada, o que se opõe à sua maior generalização em estilo de fala menos formal.

5.2.1.2. *DIDs nas décadas de 70 e 90*

Considerando, nesta seção, apenas os dados de fala menos formal (DIDs), procede-se ao estudo de tendência propriamente dito, pois os dados pertencem a duas sincronias – anos 70 e anos 90 – do século XX, com um interstício de mais ou menos 20 anos, ou seja, de uma geração, pode-se dizer. Inicialmente, os dados das duas décadas foram rodados juntos e o grupo de fatores ‘Década da gravação’ foi o terceiro selecionado, ou seja, revelou-se significativo. Assim, decidiu-se rodá-los separadamente para o estudo de tendência. Na seção subsequente (5.2.2.), procede-se ao mesmo tipo de estudo com os dados de língua escrita.

Do total de 331 dados de DIDs, 189 são da década de 70 e 142 são da década de 90. Lembre-se, porém, que, dos 142 dados da década de 90, houve apenas 5 ocorrências de futuro simples, como mostrado no final da seção 3.3. desta tese. Para a década de 70, dessa variante registraram-se 25 ocorrências.

As rodadas foram feitas tendo como regra de aplicação a forma perifrástica. A partir de uma análise prévia dos dados, foram amalgamados os grupos ‘Paradigma verbal’ e ‘Conjugação verbal’, pois a maioria dos verbos irregulares pertence à 2^a e à 3^a conjugações e, além disso, todos os verbos regulares e todos os de 1^a conjugação tiveram aplicação categórica da regra de perífrase nos DIDs da década de 90. Também foram amalgamados os grupos de fatores ‘Sexo/gênero do informante’ e ‘Faixa etária do informante’, para um melhor entendimento dessas variáveis, já que todos os dados da faixa etária intermediária tiveram aplicação categórica da regra de perífrase nos DIDs da década de 90.

Com essas novas rodadas, os dados da década de 70 tiveram como *input* geral 0.87, o *log likelihood* foi -45.547 e o nível de significância foi 0.005. Já na rodada dos dados da década de 90, o *input* geral foi 0.97, o *log likelihood* foi -4.564 e o nível de significância foi 0.007. Logo de início, pode-se ver, portanto, que houve um aumento no uso da perífrase, de uma década para a outra, de acordo com os *inputs* obtidos.

Para a década de 70, foram selecionados, nesta ordem, os seguintes grupos de fatores: ‘Procedência geográfica do informante’, ‘Sexo/gênero e faixa etária do

informante’, ‘Projeção de futuridade’ e ‘Extensão fonológica do verbo’. Para a década de 90, foram selecionados, nesta ordem, os grupos: ‘Extensão fonológica do verbo’, ‘Papel temático do sujeito’, ‘Paralelismo sintático-discursivo’ e ‘Faixa etária do informante’. O Quadro 8 mostra os grupos e a sua ordem de seleção. Os resultados são apresentados, a seguir, por grupo de fatores, inicialmente os grupos lingüísticos e, em seguida, os grupos sociais.

Quadro 8: Grupos selecionados nos DIDs das décadas de 70 e de 90

DIDs – 70	DIDs – 90
1. Procedência geográfica do informante	1. Extensão fonológica do verbo
2. Sexo/gênero e faixa etária do informante	2. Papel temático do sujeito
3. Projeção de futuridade	3. Paralelismo sintático-discursivo
4. Extensão fonológica do verbo	4. Faixa etária do informante
<i>Input: 0.87</i>	<i>Input: 0.97</i>
<i>Log likelihood: -45.547</i>	<i>Log likelihood: -4.564</i>
Nível de significância: 0.005	Nível de significância: 0.007

Extensão fonológica do verbo

A hipótese para esse grupo de fatores é a de que quanto maior a extensão do verbo (medida em termos de quantidade de sílabas) maior o uso da perífrase, pois o uso da forma sintética de futuro implicaria o aumento de mais uma sílaba no verbo, o que o tornaria polissilábico, e, como se sabe, a maioria das palavras do português são dissilábicas ou trissilábicas (CÂMARA JR., 1980).

Seguem exemplos de verbos monossilábicos, dissilábicos, trissilábicos e polissilábicos. A extensão vocabular foi considerada para a forma do verbo no infinitivo.

Monossilábicos:

- (99) Então, se não for feito um trabalho a nível educacional, acho que não tem solução [aglomeração de pessoas]. Eu acho que a... a... a seqüência disso *será* cada vez mais agressão, cada vez mais assalto... (002 R9 DID)

(100) Bom, *vai ser* meio difícil falar sobre viagem de trem, porque acho que a última vez que eu fiz uma viagem de trem foi... (277 S7 DID)

Dissilábicos¹⁸:

(101) Então eles *vão fazer* esses sistemas todos subterrâneos. (100 S7 DID)

Trissilábicos:

(102) ... a lei permite... você marca um trabalho... ele *receberá* este é claro... se não quiser vir você pode demiti-lo... é um direito seu... (164 R7 DID)

(103) Sem mais nem menos... você não *vai completar* os dez anos porque não queremos... está dispensado... (164 R7 DID)

Polissilábicos¹⁹:

(104) Permaneceu... permanece o mesmo calçamento da época antiga, e a restauração das casas *vai embelezar* muito aquela... aquela parte ali do Pelourinho. (100 S7 DID)

Os resultados para ambas as décadas podem ser vistos nas Tabelas 23 e 24:

Tabela 23: Extensão fonológica do verbo em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
1 sílaba	26/34	76%	.15
2 sílabas	88/98	89%	.64
3 sílabas	39/42	92%	.58
4 ou mais sílabas	11/15	73%	.36

¹⁸ Não houve ocorrência de verbo dissilábico com futuro simples.

¹⁹ Não houve ocorrência de verbo polissilábico com futuro simples.

Tabela 24: Extensão fonológica do verbo em DIDs – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
1 sílaba	28/32	87%	.03
2 ou mais sílabas	109/110	99%	.74

Os resultados encontrados, tanto para a década de 70 como para a década de 90, confirmam a hipótese aventada, já que o menor peso relativo foi atestado para verbos de uma única sílaba. Os verbos monossilábicos inibem a forma perifrástica, favorecendo o emprego da forma sintética, tornando o verbo, portanto, dissilábico. Lembre-se ainda que os verbos monossilábicos são também irregulares e, por isso, têm características morfológicas especiais. Todavia, como mostrado na seção 5.2., são verbos de alta frequência na língua, o que desempenha um papel fundamental para que sejam armazenados como únicos, tornando-se menos susceptíveis a mudanças (BYBEE, 2003).

Tendo em vista os casos categóricos (*knockouts*²⁰) que se apresentaram para a década de 90 – dos 5 casos de futuro simples, 1 tem verbo trissilábico e 4 têm verbos monossilábicos –, esse grupo foi refeito em ‘verbos com uma sílaba’ *versus* ‘verbos com duas ou mais sílabas’. Os contextos de verbos dissilábicos e polissilábicos, que ainda eram variáveis na década de 70, vinte anos depois se tornaram categóricos quanto ao uso da forma perifrástica.

Vê-se que, de uma década para a outra, houve incremento da forma perifrástica, sobretudo em verbos não-monossilábicos. Ou seja, as formas verbais monossilábicas continuam a ser, na década de 90, uma espécie de contexto residual da forma simples. Note-se, entretanto, que, mesmo para verbos de uma única sílaba, houve um aumento percentual de uso da perífrase na década de 90, muito embora a distribuição extremamente desequilibrada dos dados imponha restrições à análise.

Papel temático do sujeito

Na seção anterior, o ‘Papel temático do sujeito’ foi explicado, exemplificado e teve a sua hipótese explicitada. Verificou-se, quando da análise sincrônica (anos 70) dos estilos de fala, uma tendência de uso da forma perifrástica com sujeito ‘agente’. O papel da

²⁰ Ocorrem *knockouts* quando se trata de regra categórica, ou seja, quando não há variação do fenômeno em relação a algum fator, pois em cem por cento dos casos ocorre apenas uma variante.

agentividade no processo de gramaticalização da forma *ir* + infinitivo também já foi mostrado no Capítulo 4. Verifica-se, nesta seção, o papel dessa variável no processo de mudança.

Esse grupo de fatores foi selecionado somente para os DIDs da década de 90. Por isso, para a década de 70, exibem-se apenas as ocorrências e os percentuais para efeito de comparação, pois a tendência verificada em termos percentuais é distinta e aponta, provavelmente, mudanças na forma de contextualização das variantes no interstício considerado.

Os resultados estão apresentados nas Tabelas 25 e 26:

Tabela 25: Papel temático do sujeito em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Agente	94/103	91%
Experienciador	60/72	83%
Paciente	6/9	66%

Tabela 26: Papel temático do sujeito em DIDs – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Agente	80/81	98%	.72
Experienciador	53/55	96%	.21
Paciente ²¹	3/3	100%	-

Os resultados²² mostram que o futuro perifrástico é o mais utilizado com qualquer tipo de sujeito, mas é com o sujeito agente que ele atinge maior percentual e maior peso relativo, o que comprova a hipótese aventada. O sujeito paciente ainda é o que mais resiste à perífrase na década de 70. No entanto os 3 únicos casos de sujeito paciente da década de 90 aparecem com o futuro perifrástico, o que pode indicar um maior espriamento dessa variante de uma década para a outra.

Uma observação mais atenta dos percentuais permite constatar que uma diferença importante nos anos 70 se torna inoperante nos anos 90, o que aponta bem a

²¹ Para o sujeito paciente houve *knockout* (os 3 casos foram com futuro perifrástico) e, por isso, ele foi excluído na rodada final.

²² Excluídos 1 caso de oração sem sujeito e 2 casos de sujeito oracional, em que a regra não se aplica.

implementação da mudança. A maior extensão da forma perifrástica na década de 90 é comprovada com a grande proximidade entre as frequências encontradas, o que mostra que esse grupo de fatores não mais atua sobre a variável examinada.

Paralelismo sintático-discursivo

Este grupo de fatores também já foi explicado e exemplificado bem como já teve a sua hipótese explicitada na seção anterior, já que foi selecionado para as EFs, na década de 70. A variável estilística mostrou que a perífrase funciona como “gatilho” para as ocorrências posteriores e que, na fala menos formal, ela tem índices maiores de uso quando aparece como ocorrência única.

Ele voltou a ser selecionado para os DIDs da década de 90. Assim, para os DIDs da década de 70, apresentam-se apenas o número de ocorrências e os percentuais (conforme a Tabela 11 da seção anterior), pois, não tendo sido selecionado nesse tipo de texto da década de 70, não há pesos relativos. Os resultados estão expostos na Tabela 27:

Tabela 27: Paralelismo sintático-discursivo em DIDs – anos 70 e anos 90

Fator	DIDs – anos 70		DIDs – anos 90		
	Oc./Total	%	Oc./Total	%	PR
Ocorrência única	64/73	87%	51/53	96%	.73
1ª ocorrência	38/45	84%	29/30	96%	.39
Depois de FP	55/60	91%	46/46	100%	-
Depois de FS	7/11	63%	11/13	84%	.05

Nos anos 90, os percentuais mostram uma neutralização dos fatores ‘Ocorrência única’ e ‘1ª ocorrência’, o que aponta para um processo de mudança. Verifica-se também que a variável ‘Paralelismo sintático-discursivo’ opera de forma bastante semelhante nas duas sincronias consideradas.

Comparando os resultados das duas décadas, pode-se ver claramente que houve um aumento no uso da perífrase em todos os contextos, alcançando mesmo a casa dos 100% quando precedida de outra. O único contexto em que a regra ainda é inibida é quando o “gatilho” é o futuro simples. Nesse caso, o peso relativo para a perífrase é de apenas .05,

muito embora o cálculo percentual revele que a perífrase predomina quantitativamente em cadeias iniciadas pelo futuro simples.

A efetiva expansão do futuro perifrástico é evidenciada pela distribuição das frequências. Nos anos 70, quase não há diferença entre os dois primeiros fatores (87% e 84%, respectivamente), distinguindo-se, no entanto, o terceiro e o quarto, respectivamente mais favorável (91%) e menos favorável (63%) à perífrase. Nos anos 90, os três primeiros fatores praticamente se igualam e só o último fator se distingue, mas, ainda assim, há um aumento percentual considerável da forma perifrástica.

Assim, pode-se dizer que o paralelismo ainda atua no sentido de preservar a forma simples no contexto em que ela ocorre após uma outra forma idêntica.

Projeção de futuridade

Na seção anterior, viu-se que a perífrase é promovida quando o futuro é próximo ou indefinido e é menos usada quando o futuro é distante, hipótese confirmada também em outros trabalhos, tanto sobre o português (THOMAS, 1969; CUNHA & CINTRA, 1985; GIBBON, 2000; GRYSNER, 2003; MALVAR, 2003) como sobre o inglês (POPLACK & TAGLIAMONTE, 1995; EDWARDS, 2005), o francês (POPLACK & TURPIN, 1999) e o espanhol (BENTIVOGLIO & SEDANO, 1992).

Este grupo de fatores tornou a ser selecionado para os DIDs da década de 70 na nova rodada²³ realizada. Os pesos relativos são, agora, um pouco diferentes dos apresentados na Tabela 15 da seção anterior.

Mais uma vez se comprova a hipótese de que o futuro perifrástico é mais usado na expressão de um futuro mais próximo ao ponto da enunciação, contexto em que atinge 96% dos dados, com peso relativo de .95. E é na indicação de um futuro distante que o seu peso relativo é mais baixo (.33), conforme a Tabela 28:

Tabela 28: Projeção de futuridade em DIDs – anos 70 (nova rodada)

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Futuro próximo	24/25	96%	.95
Futuro distante	11/15	73%	.33
Futuro indefinido	129/149	86%	.39

²³ Após a realização de dois amálgamas: 1. ‘Paradigma verbal’ e ‘Conjugação verbal’; e 2. ‘Sexo/gênero do informante’ e ‘Faixa etária do informante’.

Para a década de 90, esse grupo não foi selecionado, mas os resultados percentuais são bastante consistentes com o efeito restritivo do futuro distante e apontam para uma crescente implementação da perífrase, em alguns contextos, no interstício considerado. Confirmam-se os resultados na Tabela 29:

Tabela 29: Projeção de futuridade em DIDs – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Futuro próximo	24/24	100%
Futuro distante	5/6	83%
Futuro indefinido	108/112	96%

Nessa sincronia, houve 100% de perífrase nos dados que expressam futuro próximo. Aumenta igualmente o uso da forma perifrástica em contexto de futuro distante, com 83% dos casos, embora este continue a ser o contexto mais restritivo à forma analítica.

Esse grupo de fatores tem tido uma atuação extremamente relevante para a variação das formas de futuro, como mostram vários estudos como os mencionados anteriormente. Todavia os resultados aqui encontrados revelam que essa variável não atua mais, o que indica uma implementação progressiva da forma perifrástica na década de 90, quando ela passa a sofrer menos restrições.

Assim, pode-se concluir que, independentemente da projeção de futuridade, a perífrase é, de fato, a variante mais utilizada na fala menos formal.

Sexo/gênero e faixa etária do informante

As variáveis ‘Sexo/gênero’ e ‘Faixa etária’ são de extrema importância quando do estudo de processos de mudança (ECKERT, 1989; OLIVEIRA E SILVA & PAIVA, 1996; LABOV, 2001). Na seção anterior, viu-se que o sexo/gênero do informante é inoperante na fala menos formal (há uma neutralização das falas masculina e feminina) e que a faixa etária é uma variável que distingue os estilos de fala mais e menos formal. Aqui, analisa-se o papel desses grupos de fatores em relação à mudança lingüística.

Segundo Paiva (2003:36),

No estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança lingüística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões lingüísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...] as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo.

A variação das formas de futuro em português, todavia, parece não conter estigma. Pode-se dizer apenas que o futuro simples é a forma conservadora e o futuro perifrástico é a forma inovadora, mas não desprestigiada socialmente. Mesmo assim, assumiu-se como hipótese que as mulheres seriam as líderes no processo de implementação da perífrase.

Após cruzamento das variáveis ‘Sexo/gênero do informante’ e ‘Faixa etária do informante’²⁴, os resultados apresentam uma distribuição mais clara. Vejam-se os resultados na Tabela 30:

Tabela 30: Sexo/gênero e faixa etária em DIDs – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Mulher – Faixa 1	3/4	75%	.39
Homem – Faixa 1	27/40	67%	.29
Mulher – Faixa 2	11/15	73%	.21
Homem – Faixa 2 ²⁵	64/64	100%	-
Mulher – Faixa 3	47/52	90%	.74
Homem – Faixa 3	12/14	85%	.55

²⁴ Os grupos de fatores ‘Sexo/gênero do informante’ e ‘Faixa etária do informante’ foram amalgamados para um melhor entendimento dessas variáveis, já que todos os dados da faixa etária intermediária tiveram aplicação categórica da regra de perífrase nos DIDs da década de 90.

²⁵ Para os homens da faixa etária intermediária, foi categórico o uso da perífrase e, por isso, esses dados foram excluídos da rodada final.

Na década de 70, com exceção da faixa etária 2 (36 a 55 anos de idade), as mulheres estão à frente dos homens no uso da perífrase. O surpreendente é que é a faixa etária 3 (acima de 55 anos) a que apresenta, em termos de pesos relativos, os maiores índices de aplicação da regra.

O fato de haver predominância, em termos percentuais, na faixa etária intermediária, de uso do futuro perifrástico, gerando um padrão curvilíneo, configura, como dito na seção anterior, um caso de variação estável. Os homens dessa faixa etária estão à frente das mulheres no que concerne ao processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico, o que pode ser explicado pela maior atuação dos homens (em relação às mulheres) no mercado de trabalho, pelo menos nessa faixa etária e nessa sincronia.

Também como mostrado na seção anterior, o fato de a faixa etária mais jovem apresentar menores índices de uso da perífrase do que as outras faixas decorre do aumento de uso do presente, que se torna a principal variante concorrente do futuro perifrástico.

Em relação à década de 90, essa variável não foi selecionada. Assim, exibem-se apenas os percentuais, para efeito de comparação:

Tabela 31: Sexo/gênero e faixa etária em DIDs – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Mulher – Faixa 1	48/48	100%
Homem – Faixa 1	19/20	95%
Mulher – Faixa 2	9/9	100%
Homem – Faixa 2	26/26	100%
Mulher – Faixa 3	23/26	88%
Homem – Faixa 3	12/13	92%

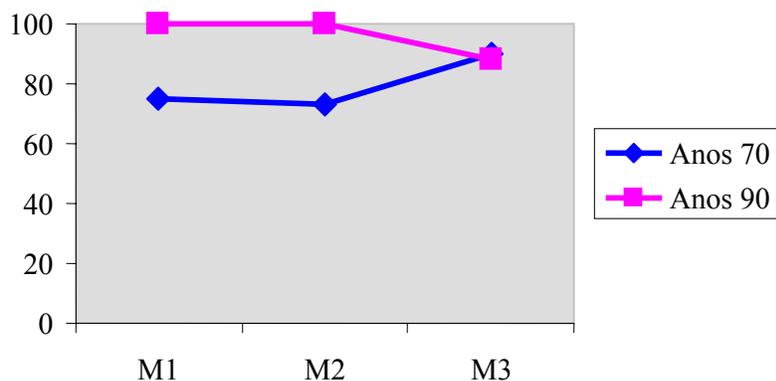
Nos anos 90, as mulheres das faixas 1 e 2 e os homens da faixa 2 usaram a perífrase em 100% dos casos.

Na verdade, o que se observa nessa década é que o futuro perifrástico já não é tão sensível ao sexo/gênero nem à idade do informante. É usado por homens e mulheres de todas as faixas etárias de forma quase indiferente, o que corrobora a expansão dessa variante no intervalo de tempo analisado. Apenas as mulheres da última faixa etária se mantêm como depositárias da forma em desuso.

Santos (2000) e Gibbon (2000) também constatarem que o futuro perifrástico é mais usado pelos jovens. Gryner (2003) acrescenta que a forma analítica (inovadora) é favorecida pelos homens.

Os Gráficos 7 e 8 ilustram, respectivamente, os comportamentos das mulheres e dos homens das três faixas etárias em ambas as décadas consideradas:

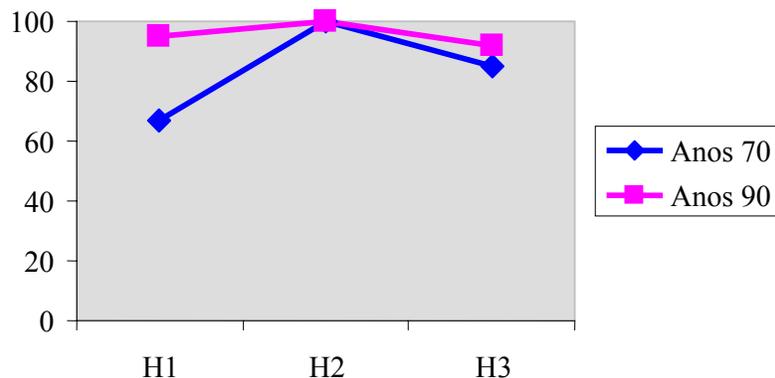
Gráfico 7: Uso da perífrase por mulheres (percentuais)



O Gráfico 7 mostra bem que, de uma década para a outra, o comportamento das mulheres mais jovens (faixas etárias 1 e 2) não apresenta diferença. Já as mulheres da faixa de idade mais avançada revelam uma grande diferença de comportamento em relação ao uso da perífrase.

A linha para a década de 90 exibe um padrão linear de distribuição da variante perifrástica compatível com um fenômeno de mudança (NARO, 2003b).

Gráfico 8: Uso da perífrase por homens (percentuais)



Como se pode ver no Gráfico 8, em relação aos homens, a relação distribucional da variante perifrástica nas duas décadas é bastante paralela. Para a década de 70, aparece um padrão curvilíneo, típico de variação estável, considerado apenas o tempo aparente. No tempo real, a diferença que se observa na década de 90 é que as faixas 1 e 2 quase se neutralizam, o que favorece a interpretação de um processo de mudança. Assim, parece haver mudança na comunidade, mas variação estável no indivíduo.

Comparando os Gráficos 7 e 8, vê-se que, na década de 90, há exatamente a mesma linha demarcatória para homens e mulheres, a da faixa etária intermediária. A partir da faixa 2, os dois sexos/gêneros empreendem direções opostas, com os homens aumentando ligeiramente e as mulheres diminuindo o uso da perífrase.

Assim, pode-se concluir, em relação à variável ‘Sexo/gênero e faixa etária do informante’, que os homens mais velhos apresentam um comportamento mais conservador do que o das mulheres. Embora os resultados não sejam muito transparentes, pode-se dizer que, se há, de fato, uma mudança, ela é implementada principalmente pelas mulheres.

Desmembrando esse grupo, as variáveis ‘Sexo/gênero do informante’ e ‘Faixa etária do informante’ foram observadas em separado nos DIDs da década de 90. O ‘Sexo/gênero do informante’ se manteve exatamente neutro (tanto homens como mulheres usaram perífrase em 96% dos dados), mas a variável ‘Faixa etária do informante’, após amalgamados os fatores faixas 1 e 2 como ‘+ jovens’ e faixa 3 como ‘- jovens’, foi, então, selecionada. E os resultados foram os seguintes (Tabela 32):

Tabela 32: Faixa etária em DIDs – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
+ Jovens	102/103	99%	.74
- Jovens	35/39	89%	.06

Em termos percentuais, não há uma distinção muito significativa entre falantes de faixas etárias diferentes. Considerados, porém, os pesos relativos, a perífrase é mais usada pelos mais jovens e os menos jovens são os que mais a inibem, o que revela uma situação de mudança em progresso.

Embora os dados estejam dispostos por variáveis não paralelas, pode-se entender que, de uma década para a outra, houve aumento, sim, do uso do futuro perifrástico, ficando anulada a distinção de sexo/gênero, que ainda existia na década de 70. Quanto à

faixa etária, parece ter havido um incremento da perífrase em todas as faixas, ficando a diferença entre elas cada vez menor. A hipótese é a de que o fenômeno variável aqui estudado esteja em fase de quase compleição, haja vista, como já se disse, que, na década de 90, houve apenas 5 ocorrências de futuro simples.

Procedência geográfica do informante

Com relação ao efeito da variação horizontal sobre a implementação da forma perifrástica, esperava-se que as duas cidades observadas apresentassem comportamentos diferenciados. Como se disse antes, a cidade do Rio de Janeiro tem maior projeção no cenário nacional do que a cidade de Salvador e é um grande centro irradiador de cultura. Assim, assumiu-se como hipótese que a fala carioca fosse mais inovadora e a fala soteropolitana fosse mais conservadora.

Esse grupo de fatores, como mostrado na seção anterior (Tabela 22), foi selecionado pelos DIDs da década de 70. Para os DIDs da década de 90, foi simplesmente impossível verificar os pesos relativos por ter este grupo apresentado *knockout*. Ou seja, os únicos 5 dados de futuro simples foram documentados na cidade do Rio de Janeiro, tendo apresentado, pois, a cidade de Salvador uso de perífrase em 100% dos dados. Confira-se a Tabela 33:

Tabela 33: Procedência geográfica em DIDs – anos 70 e anos 90

Fator	DIDs – anos 70			DIDs – anos 90	
	Oc./Total	%	PR	Oc./Total	%
Salvador	15/23	65%	.09	41/41	100%
Rio de Janeiro	149/166	89%	.58	96/101	95%

Pelos números exibidos na Tabela 33, vê-se que há uma enorme diferença no número de dados das duas cidades, mesmo tendo tido as entrevistas a mesma metodologia, o mesmo tempo de gravação e, em muitos casos, os mesmos temas de conversação. Simplesmente os cariocas se referiram mais ao tempo futuro do que os soteropolitanos. Assim, considerando esse desequilíbrio, os resultados devem ser tomados apenas como indicativos.

Na década de 70, a cidade do Rio de Janeiro apresenta maior uso da forma perifrástica tanto em termos percentuais como em termos de peso relativo, o que caracteriza Salvador como uma cidade mais conservadora. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de ser a cidade carioca, já nessa época, um grande centro no cenário nacional. Aliás, nessa época, ela deixava de ser o Estado da Guanabara – antigo Distrito Federal, que sediara, até 1960²⁶, a capital do Brasil – para ser fundida ao então Estado do Rio de Janeiro²⁷, tornando-se a capital. Além disso, o Rio de Janeiro é uma cidade para a qual afluí um grande número de migrantes de todo o Brasil. Assim, uma cidade que tem como característica a permanente situação de contato dialetal apresentaria maiores condições de incremento de uso de formas inovadoras, acelerando processos de mudança em curso (THOMASON & KAUFMAN, 1991; THOMASON, 2003). Segundo Trudgill (1986:1), não só nos casos de línguas em contato mas também nos casos de dialetos em contato há uma tendência à aceleração de processos de mudança:

The subject of *languages in contact* was brilliantly investigated by Uriel Weinreich, with particular reference to the bilingual speaker, in his 1953 book of the same name. It has also, of course, been treated subsequently by many other writers. Most of the linguistic processes that take place during language contact, and which have therefore been discussed by Weinreich and these more recent writers, appear to occur in the first instance as a result of individual bilingualism. This form of bilingualism, in its turn, takes place because communication would not be possible without it. If speakers of two mutually unintelligible languages are to communicate through the medium of language, some degree of individual bilingualism is obviously required. The presence, then, of two or more varieties within the repertoires of single speakers leads to influence and interaction, some of it of the type often labelled 'interference'. The languages that are in contact with each other socially may become changed linguistically, as a result of also being in contact psychologically, in the competences of individual speakers.

[...] mutually intelligible dialects do have an effect on one another in contact situations, with or without the development of individual bidialectalism. Very often, for example, when two speakers of different varieties of the same language which are completely mutually intelligible come into contact and converse, items may be transferred from one of the varieties to the other.

²⁶ A cidade de Brasília foi fundada em 20 de abril de 1960, quando passou a ser a capital do Brasil.

²⁷ A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro ocorreu em 1975.

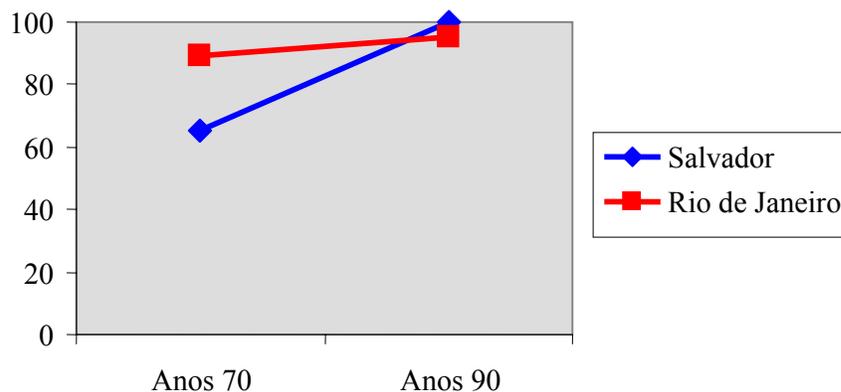
Embora o autor só fale em transferência de itens, acredita-se que pode haver também transferência em outros níveis de linguagem. Aliás, ele mesmo afirma isso, à página 2, retomando Giles (1973) e Coupland (1984):

Giles (1973) writes of conversational situations that “if the sender in a dyadic situation wishes to gain the receiver’s approval, then he may adapt his accent patterns towards that of this person, i.e. reduce pronunciation dissimilarities”. Giles labels this process ‘accent convergence’, and points out that the reverse process, ‘accent divergence’, may take place instead if, for example, speakers wish to dissociate themselves from or show disapproval of others. These processes of convergence and divergence can clearly also take place at the grammatical and lexical levels (though see Coupland, 1984), and are presumably part of a wider pattern of behaviour modification under the influence of and in response to other.

A cidade do Rio de Janeiro, além de ser porta de entrada para estrangeiros no Brasil, sempre recebeu também migrantes de todo o país, vivenciando, pois, uma situação permanente de contato lingüístico.

Nos anos 90, há uma inversão na distribuição das frequências das duas cidades, embora, em ambas os períodos se verifiquem índices significativamente altos no uso da perífrase. Ora, atingindo 100% dos dados no uso do futuro perifrástico e, portanto, sem apresentar nenhuma ocorrência de futuro simples, a cidade de Salvador ultrapassa a cidade do Rio de Janeiro, que aumenta apenas em 6 pontos percentuais o uso da perífrase de uma década para a outra. Assim, pode-se dizer que, na fala carioca, já na década de 70, o processo de mudança estava em estágio bastante avançado. Admitindo que a previsão da curva em S é verdadeira (NARO, 2003a), o aumento menos significativo no Rio de Janeiro é perfeitamente condizente com a teoria, ou seja: um fenômeno muito avançado tende a progredir de forma lenta em seus estágios finais, até a sua implementação definitiva. O Gráfico 9 ilustra mais claramente a mudança nas duas cidades:

Gráfico 9: Procedência geográfica em DIDs – anos 70 e 90 (percentuais)



A diferença entre as falas soteropolitana e carioca, que transparece no Gráfico 9, pode ser explicada por fatores sócio-político-culturais.

Nos anos 70, a cidade do Rio de Janeiro já se encontrava em pleno desenvolvimento, sendo, já então, a segunda maior cidade brasileira. E assim ela se mantém, *grosso modo*, pelo menos até os anos 90. Já a cidade de Salvador, nesse intervalo de 20 anos, passou por grandes mudanças, desenvolveu-se significativamente, cresceu e despontou no cenário nacional. E isso tudo, certamente, pode estar refletido nos usos lingüísticos.

O Quadro 9 apresenta dados do IBGE²⁸ que caracterizam as duas cidades nas duas décadas examinadas:

²⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Quadro 9: Dados demográficos de Salvador e do Rio de Janeiro

Variáveis	Salvador		Rio de Janeiro	
	Censo 70	Censo 91	Censo 70 ²⁹	Censo 91
População residente	1.007.195	2.075.272	4.251.918	5.480.772
População imigrada	297.584	646.821	1.800.822	1.517.232
População alfabetizada	650.679	1.467.593	3.283.600	4.255.625
IDH ³⁰ – Municipal	0,580	0,793	0,702	0,808
IDH – Educação	0,639	0,758	0,707	0,800
IDH – Renda	0,698	0,952	0,940	0,965

Em resumo, comparando os dados da década de 70 com os da década de 90 (do século XX), todos do tipo diálogo entre informante e documentador (DID), podem ser obtidas as seguintes conclusões, por grupos de fatores selecionados por um e/ou outro tipo de texto:

- a) quanto à ‘Extensão fonológica do verbo’, em ambas as décadas, a perífrase se implementa em verbos com maior número de sílabas. Na década de 90, as formas monossilábicas parecem constituir o principal contexto de resistência do futuro simples;
- b) quanto ao ‘Papel temático do sujeito’, na década de 70, a perífrase é mais usada com sujeito agente, sendo mais inibida com sujeito paciente e ficando o sujeito experienciador em posição intermediária. Já na década de 90, há um espraiamento do futuro perifrástico: ele aumenta em uso tanto nos sujeitos agente e experienciador, chegando mesmo a ser categórico no sujeito paciente, o que permite concluir por uma escala sujeito agente > sujeito experienciador > sujeito paciente;
- c) quanto ao ‘Paralelismo sintático-discursivo’, é interessante notar que, na década de 90, o futuro simples não mais ocorre numa cadeia que tem como “gatilho” a forma perifrástica, mas o inverso é verdadeiro, chegando mesmo a perífrase a ser usada em 84% dos dados em que o “gatilho” é a forma sintética. Em se

²⁹ Até 1975, o atual município do Rio de Janeiro era considerado Estado da Guanabara. Assim, os dados do Censo do IBGE de 1970 foram retirados do volume *Guanabara* e não *Rio de Janeiro*, na época uma outra unidade federal cuja capital era Niterói.

³⁰ Índice de Desenvolvimento Humano.

tratando de ocorrência isolada ou a primeira de uma seqüência, a perífrase também é majoritária e cresce em uso no intervalo de tempo considerado, o que revela que não há mais condicionamento desse grupo de fatores;

- d) quanto à ‘Projeção de futuridade’, na década de 70, o futuro próximo (projetado para até um ano a partir do momento da enunciação) é o que mais favorece o uso da perífrase. Na década de 90, a regra passa a ser categórica para esse tipo de futuro, complementando-se, portanto, nesse contexto. E mesmo o futuro distante, que, nos anos 70, inibia a regra (peso .33), seleciona a perífrase em 83% dos dados nos anos 90, época em que até o futuro indefinido (não pontuado cronologicamente) apresenta uso da forma perifrástica em quase 100% dos dados;
- e) quanto ao ‘Sexo/gênero do informante’, em ambas as décadas, homens e mulheres têm comportamentos paralelos. Nos anos 90, observa-se que os homens mais velhos são mais conservadores do que as mulheres da mesma faixa de idade, o que permite concluir que as mulheres lideram o processo de mudança no sentido do uso da perífrase;
- f) quanto à ‘Faixa etária do informante’, configura-se, apenas para a década de 90, uma mudança em progresso (considerado o tempo aparente), porém quase concluída, pois, embora os mais jovens liderem o processo, os percentuais de cada faixa de idade são altos e são muito pequenas as diferenças entre eles;
- g) quanto à ‘Procedência geográfica do informante’, de uma década para a outra, observa-se menor progressão da variante inovadora na cidade do Rio de Janeiro (o futuro perifrástico ganha de longe do futuro simples já na década de 70) e uma forte progressão na cidade de Salvador, mais “conservadora” nos anos 70. Essa tendência parece indicar uma redução das diferenças horizontais, pelo menos no que tange a mudanças morfossintáticas.

Enfim, de acordo com os resultados encontrados, parece que a variação na expressão do futuro em português, na década de 90 do século XX, está num estágio tão avançado que perde algumas das suas contextualizações. Esse fato permite que não se refute a hipótese de que esse fenômeno já está num estágio final de mudança, pelo menos na fala culta menos formal.

5.2.2. O processo de mudança na escrita

Admitindo a hipótese de que a mudança lingüística é implementada primeiramente na fala e só tardiamente é incorporada à escrita e considerando que a forma perifrástica está num estágio de quase completude na modalidade oral, procede-se ao exame de dados da língua escrita no intuito de observar a inserção dessa nova variante na modalidade mais conservadora. Esta análise permite que sejam identificados os contextos por meio dos quais a perífrase vai se incorporando à escrita.

5.2.2.1. Jornais nas décadas de 70 e 90

Conforme as Tabelas 2 e 3, apresentadas no início da seção 5.2., para a língua escrita do século XX, houve 82 dados na década de 70 e 80 dados na década de 90, coletados em editorias de jornais. Excluídas as ocorrências da forma perifrástica com *haver de* + infinitivo (raríssimas) e as de presente (analisadas em seção posterior) e amalgamadas as formas perifrásticas com *ir* (no presente e no futuro) + infinitivo, restaram 78 dados para a década de 70 e 70 dados para a década de 90, computadas, pois, apenas as variantes futuro simples e futuro perifrástico com *ir* + infinitivo. Os resultados gerais estão apresentados na Tabela 34, mas, em função do número reduzido de dados, esta análise não pode ser tomada como conclusiva. Ela apenas fornece alguns indícios sobre o uso da forma perifrástica *ir* + infinitivo na língua escrita.

Tabela 34: Resultados gerais dos dados de jornais por década

Variantes	Década de 70	Década de 90
Futuro simples	71 (91%)	51 (73%)
Futuro perifrástico	7 (9%)	19 (27%)

Logo de início, pode notar que, de forma oposta ao que ocorre na fala, na escrita prevalece o futuro simples em relação ao perifrástico em ambas as décadas, mas a distância entre as duas variantes se reduz sensivelmente na década de 90, pois a forma perifrástica triplica, em termos percentuais, o seu uso no intervalo de tempo considerado.

Um dos objetivos desta tese é verificar a trajetória de incorporação da variante perifrástica na língua escrita, através da identificação dos fatores que controlam o seu uso, e observar a trajetória da sua implementação ao longo do tempo. Submetidos os dados dos

jornais dos anos 70 ao programa GoldVarb, foram selecionados dois grupos de fatores, nesta ordem: ‘Animacidade do sujeito’ e ‘Pessoa verbal’. O *input* geral da regra foi 0.09, o *log likelihood* foi -16.989 e o nível de significância foi 0.005. Quanto aos dados dos anos 90, nenhum grupo foi selecionado no *stepping up* e o *input* geral foi 0.26. No *stepping down*, porém, o programa não descartou 4 grupos de fatores: ‘Paradigma verbal’, ‘Natureza semântica do verbo’, ‘Papel temático do sujeito’ e ‘Tipo de oração’. Assim, os resultados para esses grupos foram retirados de uma tabela com nível de significância 0.188 e com *log likelihood* -27.015. O fato de esses grupos não terem sido nem selecionados nem descartados revela que o programa não tem certeza da sua relevância por causa da quantidade de dados, muito pequena para haver segurança quanto aos cálculos. As rodadas foram feitas tendo como regra de aplicação o futuro perifrástico. Os grupos estão apresentados em sua ordem de seleção no Quadro 10 e, a seguir, apresentam-se os resultados.

Quadro 10: Grupos selecionados na escrita das décadas de 70 e de 90

Jornais – 70	Jornais – 90 ³¹
1. Animacidade do sujeito	1. Paradigma verbal
2. Pessoa verbal	2. Natureza semântica do verbo
	3. Papel temático do sujeito
	4. Tipo de oração
<i>Input</i> : 0.09 <i>Log likelihood</i> : -16.989 Nível de significância: 0.005	<i>Input</i> : 0.26 <i>Log likelihood</i> : -27.015 Nível de significância: 0.188

Paradigma verbal

Como exposto na seção 5.2.1.1. desta tese, admite-se como hipótese para esse grupo de fatores que a forma perifrástica se implementa inicialmente pelas formas verbais regulares, ou seja, que seguem um padrão geral em termos morfológicos.

A análise dos dados de fala confirmou essa hipótese: os maiores índices de ocorrência da forma perifrástica foram atestados em verbos regulares. Viu-se também que

³¹ Grupos não selecionados, porém não descartados.

os verbos irregulares configuram um contexto de resistência da forma simples, sobretudo quando são também monossilábicos e de alta frequência na língua.

Assim, quando da análise dos dados da escrita, esperava-se também que a incorporação da mudança tivesse início pelas formas verbais regulares, o que, de fato, ocorre, conforme os resultados encontrados e expostos nas Tabelas 35 e 36:

Tabela 35: Paradigma verbal em Jornais – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Regular	5/41	12%
Irregular	2/37	5%

Tabela 36: Paradigma verbal em Jornais – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Regular	15/48	31%	.67
Irregular	4/22	18%	.17

De uma década para outra, comparando apenas os percentuais, já que esse grupo, não tendo sido selecionado na década de 70, não tem peso relativo para essa sincronia, observa-se que houve uma implementação da forma perifrástica, atingindo até mesmo os verbos chamados irregulares. Olhando, todavia, os 6 casos de perífrase com verbos irregulares (2 na década de 70 e 4 na década de 90), foram encontrados apenas os verbos *ser*, *fazer* e *saber*, ocorrendo todos os outros irregulares nessa amostra com o futuro sintético.

Nos anos 90, os pesos relativos apontam para uma implementação da forma perifrástica na escrita através dos verbos regulares.

Como se viu na seção 5.2.1., os verbos irregulares que mantêm o futuro simples na fala são *ser*, *ir*, *haver* e *ver*. Para efeito de comparação com os dados de fala, procedeu-se ao exame dos 22 verbos irregulares encontrados na escrita da década de 90. Viu-se, então, que esses verbos são, em ordem decrescente de frequência: *ser*, *ter*, *estar*, *manter*, *fazer*, *saber* e *vir*. Todos esses verbos, de acordo com Marques (1996), são bastante utilizados na língua e corroboram a hipótese de Bybee (2003), segundo a qual itens de alta frequência

resistem a mudanças e são estocados como únicos (especiais), pois não seguem padrões gerais.

Observa-se, portanto, um paralelismo entre fala e escrita no que concerne a essa variável, embora haja diferenças quantitativas muito grandes entre os dados de ambas as modalidades.

A forma de futuro perifrástico entra na escrita, pois, pelo contexto mais favorável (verbos de padrão geral). E a ação inibidora de um fator (verbos de padrão especial) se torna muito mais evidente nessa modalidade, que implica um maior planejamento lingüístico.

Pessoa verbal

A hipótese associada ao grupo de fatores ‘Pessoa verbal’ prevê que o futuro perifrástico, indicando uma maior assertividade em relação ao tempo futuro, seria mais utilizado com a primeira pessoa, já que expressa um maior comprometimento do sujeito com a ação verbal a ser realizada. Não houve nenhum caso de 1ª pessoa do singular (P1) na amostra dos jornais, pois o gênero textual selecionado não favorece o envolvimento do sujeito com o seu enunciado. E os 5 únicos casos de P4 – *nós* – (2 na década de 70 e 3 na década de 90) foram com futuro simples. Os exemplos (105) e (106) ilustram a variação em P3 e os exemplos (107) e (108) exibem as variantes em P6:

P3 (3ª pessoa do singular):

(105) ... 74% daqueles que votaram com o PT no segundo turno, no ano passado, estejam confiantes de que o presidente eleito *fará* uma boa administração. (T4 SSA-90)

(106) A reitora em exercício disse que *vai apurar* as responsabilidades por um erro tão grave, que deixa a universidade sob suspeição. (T3 SSA-90)

P6 (3ª pessoa do plural):

(107) Para tal, consolidaram-se mecanismos e instrumentos que *causarão* grandes dores-de-cabeça ao próximo governo... (T2 SSA-90)

(108) ... não dá pra entender como os pequenos poupadores *vão voltar* a uma caderneta de poupança que pagará [...] meio por cento de juro ao mês. (T10 SSA-90)

As Tabelas 37 e 38 exibem os resultados para P3 e P6:

Tabela 37: Pessoa verbal em Jornais – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
P3	4/59	6%	.04
P6	3/17	17%	.88

Tabela 38: Pessoa verbal em Jornais – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
P3	13/48	27%
P6	6/19	31%

Em ambas as décadas, P6 apresenta maior percentual de uso da forma perifrástica do que P3. Seu peso relativo chega a .88 na década de 70.

Os três casos de futuro perifrástico com P6 nos jornais dos anos 70 foram os seguintes, todos da cidade do Rio de Janeiro e dois deles com o verbo *ir* no futuro (os dois últimos exemplos ocorrem no mesmo texto):

(109) Há todo um sentido prometido e por confirmar-se no exercício das funções que ambos³² *irão desempenhar* sob a mais concentrada expectativa democrática do país. (T4 RJ-70)

(110) A menos que estejamos pretendendo transformar o país numa imensa fazenda coletiva (e onde elas existem estão fracassando) os preços mínimos não podem fazer o papel de preços máximos, até porque *vão funcionar*, no fim das contas, como um enorme guarda-chuva para a baixa produtividade. (T7 RJ-70)

(111) Os produtores se acham desestimulados, e não serão os 18,18% de aumento nos preços e os subsídios ligeiramente majorados que *irão determinar* mais investimentos, a julgar por declarações recentes do porta-voz da FAESP. (T7 RJ-70)

³² O autor do texto se refere a dois políticos.

Os três casos de perífrase com P6 na década de 70 ocorrem em contextos semelhantes: o autor do texto se refere a assuntos políticos. Como o gênero de texto selecionado não permite o uso da primeira pessoa – no caso, o redator do jornal (sujeito ‘humano’ e ‘agente’) –, é possível que o jornalista tenha optado por construções em que pudesse indicar ou reforçar o seu maior grau de predição ou de certeza com relação ao estado de coisas no futuro por meio da forma verbal, já que se supõe que a perífrase possua esse traço. Ressalte-se que, como os dados são muito poucos, não se pode ter uma explicação conclusiva.

Na década de 90, porém, em que esse grupo de fatores não foi selecionado, a diferença de apenas 4 pontos percentuais entre P3 e P6 revela que não há distinção no uso do futuro perifrástico de acordo com a pessoa verbal. Isso significa que o processo de incorporação e de expansão do futuro perifrástico na escrita não é sensível a essa variável.

Malvar (2003) também controlou a ‘Pessoa verbal’, que se mostrou irrelevante para o uso da perífrase até o século XIX. Na escrita do século XX, porém, de acordo com os dados analisados, a 3ª pessoa chegou a alcançar peso relativo de .55 na aplicação da forma perifrástica, mas a autora agrupa como 3ª pessoa, tanto P3 como P6.

Natureza semântica do verbo

Esse grupo de fatores controla o tipo semântico dos verbos, distribuindo-os em verbos que denotam evento (112 e 113), verbos que indicam processo, ação ou movimento (114 e 115), verbos de estado (116 e 117) e verbos cognitivos ou que expressam um estado psicológico (118 e 119). Seguem exemplos para cada fator, com ambas as variantes:

Evento:

- (112) Assim os terroristas não encontrarão condições para agir. Saberão que terão de enfrentar, muito mais ainda, a antipatia popular, porque, em cada cidadão, *encontrarão* um inimigo decidido a defender o Governo de que participa. (T4 SSA-70)
- (113) Cabeças cavilosas elaboram critérios de desempate de que se servem os burocratas e que *vão permitir* a intermediação dos políticos na votação do Orçamento ou na liberação das verbas retidas. (T5 RJ-90)

Processo:

- (114) Em que medida *substituiremos* a expansão da energia hidrelétrica, em que somos favorecidos pelos recursos naturais existentes, por projetos ambiciosos e caros que além do mais agravam a longo prazo o balanço de pagamentos do país? (T8 RJ-70)
- (115) Tal comissão *vai fazer* uma espécie de radiografia do INPS para apontar ao Sr. Júlio Barata os males que afetam o mastodôntico instituto. (T2 SSA-70)

Estado:

- (116) O que vale dizer que 12.500 jovens *ficarão* marginalizados. (T8 SSA-70)
- (117) Nos setores com baixa concorrência, o governo *vai manter* o controle dos preços. Só estarão livres as áreas onde existe a concorrência plena. (T4 RJ-90)

Estado psicológico (verbos cognitivos):

- (118) Assim os terroristas não encontrarão condições para agir. *Saberão* que terão que enfrentar, muito mais ainda, a antipatia popular, porque, em cada cidadão, encontrarão um inimigo decidido a defender o Governo de que participa. (T4 SSA-70)
- (119) Quando os médicos reunirem-se hoje em assembléia geral para defender a classe no Plano de Cargos do Estado (piso salarial e condições de trabalho), as suas clientelas *vão ficar sabendo*, mais uma vez, que a carteira de dinheiro dos doutores está bastante doente. (T12 SSA-90)

A hipótese levantada para esse grupo era a de que o futuro perifrástico se espalharia pelos verbos que denotam evento, já que o verbo *ir*, sendo um verbo de movimento, exprime uma ação que envolve dois momentos, o de partida e o de chegada. A literatura sobre a gramaticalização do verbo *ir* mostra que o fenômeno ocorre principalmente com esse tipo de verbos, já que implicam alteração entre dois momentos temporais. Esperava-se também que os verbos de estado inibissem o uso do futuro perifrástico, favorecendo, portanto, o emprego do futuro simples, como atestado por outros trabalhos, como, por exemplo, o de Malvar (2003).

A variável ‘Natureza semântica do verbo’ foi selecionada nos dados da escrita dos anos 90 e os resultados estão expostos nas Tabelas 39 e 40:

Tabela 39: Natureza semântica do verbo em Jornais – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Evento	-	-
Processo	6/45	13%
Estado	1/20	5%
Verbo cognitivo	-	-

Tabela 40: Natureza semântica do verbo em Jornais – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Evento	3/9	33%	.76
Processo	11/41	26%	.45
Estado	2/16	12%	.26
Verbo cognitivo	3/4	75%	.98

Os resultados encontrados revelam que, para a década de 70, de fato, o maior percentual de uso do futuro perifrástico ocorre com verbos que indicam processo (13%). Para os verbos que denotam evento e para os verbos cognitivos, não houve ocorrência de perífrase. Com os verbos que exprimem estado, houve uma única ocorrência da forma analítica.

Já para a década de 90, parte da hipótese é confirmada, já que o menor percentual e o menor peso relativo para a forma perifrástica ocorrem com verbos que indicam estado. São os verbos cognitivos (que exprimem um estado psicológico), porém, os que revelam maior uso da forma perifrástica (.98), seguidos dos verbos que expressam um evento (.76). Quanto aos verbos que indicam processo, o uso da perífrase atinge apenas 26% dos dados, com um peso relativo de .45, o que contraria a hipótese aventada inicialmente.

Examinando mais atentamente os quatro dados que aparecem com verbos cognitivos, descobriu-se que três deles têm sujeito com o traço [+ humano], o que, talvez, possa estar interagindo com a variável ‘Natureza semântica do verbo’. Interessante também é o fato de o único dado que aparece com o futuro sintético ter um verbo modal deôntico:

(120) Outros haviam feito a matrícula, pagando a taxa e *deverão amargar* a interrupção do que parecia um sonho realizado. (T3 SSA-90)

Mais uma vez, os dados são muito poucos para que explicações mais conclusivas sejam dadas. Por ora, o que se pode dizer é que, na língua escrita, a mudança se implementa pelos verbos cognitivos e, em seguida, pelos verbos que indicam evento, ambos implicando um sujeito humano, fator fundamental no processo de gramaticalização da forma perifrástica *ir* + infinitivo.

Animacidade do sujeito

Esse grupo de fatores foi considerado por se assumir como hipótese o fato de que o futuro perifrástico se implementa na língua em contextos de sujeito com o traço [+ humano], ficando o futuro simples mais restrito aos casos de sujeito com o traço [- humano].

A animacidade do sujeito desempenha um papel fundamental no processo de gramaticalização do futuro perifrástico, como se viu no Capítulo 4 desta tese. Lima (2001), explica que o verbo *ir* se torna verbo auxiliar de futuro através de um processo metafórico que envolve, inicialmente, um sujeito [+ humano].

Também Malvar (2003) ressalta a importância da animacidade para a seleção da variante perifrástica, pois um sujeito [+ humano] confere maior grau de certeza e de compromisso em relação à ação verbal que se realizará no tempo futuro. Em seus dados, o sujeito não-animado condicionou o uso do futuro sintético. Assim a autora se pronuncia, à página 84:

Animacy: This is another way to try to objectively operationalize the notion of speaker certainty and volition. Volition, intention, certainty, and desire are all related to the agentivity of the subject. The [+ human, + animate] subject specification confers a higher degree of certainty and compromise to the verbal action. It is therefore expected that periphrastic and present forms will be favoured with [+ human, + animate] subjects; while [- human], inanimate and in-existent subjects would favour the synthetic form.

Os dados foram distribuídos pelos fatores ‘sujeito animado humano’, ‘sujeito animado não humano’, ‘sujeito inanimado’ e ‘sujeito abstrato’. O sujeito aqui considerado ‘abstrato’ é aquele que é um nome coletivo envolvendo o traço [+ humano], mesmo sendo um substantivo classificado como comum, conforme os exemplos (125) e (126), a seguir. Não houve casos de ‘sujeito animado não humano’ (como, por exemplo, um sujeito como

“os felinos”) nas amostras dos jornais do século XX. Assim, os exemplos (121) a (126) ilustram os tipos de sujeito encontrados quando à animacidade:

Animado humano:

(121) Assim, os terroristas não *encontrarão* condições para agir. *Saberão* que *terão* que *enfrentar*, muito mais ainda, a antipatia popular, porque, em cada cidadão, *encontrarão* um inimigo decidido a defender o Governo de que participa. (T4 SSA-70)

(122) ... não dá pra entender como os pequenos poupadores *vão voltar* a uma caderneta de poupança que pagará [...] meio por cento de juro ao mês. (T10 SSA-90)

Inanimado:

(123) As grandes chuvas *encarregar-se-ão* de aumentar os desmoraamentos. (T11 RJ-70)

(124) A menos que estejamos pretendendo transformar o país numa imensa fazenda coletiva (e onde elas existem estão fracassando) os preços mínimos não podem fazer o papel de preços máximos, até porque *vão funcionar*, no fim das contas, como um enorme guarda-chuva para a baixa produtividade. (T7 RJ-70)

Abstrato:

(125) Mas o povo que vai ficar amargando uma temporada de novas dificuldades para dar folga à execução de um programa restaurador da economia ainda *terá* muitas razões para amaldiçoar o Sr. Mailson. (T2 SSA-90)

(126) O Executivo, que *vai ser fiscalizado*, daria uma demonstração de apreço pela opinião pública – mais do que uma deferência formal ao Congresso – se providenciasse para que o Artigo 45 da Constituição se tornasse letra atuante. (T10 RJ-70)

As Tabelas 41 e 42, a seguir, mostram os resultados encontrados:

Tabela 41: Animacidade do sujeito em Jornais – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Animado humano	-	-	-
Animado não humano	-	-	-
Inanimado	3/44	6%	.36
Abstrato	4/15	26%	.85

Tabela 42: Animacidade do sujeito em Jornais – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Animado humano	3/14	21%
Animado não humano	-	-
Inanimado	9/37	24%
Abstrato	5/16	31%

Nos anos 70, não houve ocorrências de sujeito [+ animado]. O sujeito abstrato, porém, que também possui o traço [+ humano], apresentou tanto percentual como peso relativo maiores para o futuro perifrástico em relação ao sujeito inanimado, conforme os resultados da Tabela 40. Assim, pode-se dizer que a hipótese para essa variável se confirma.

Nos anos 90, também é o sujeito abstrato o que apresenta o maior percentual de uso da perífrase. Já os percentuais para o sujeito animado humano e sujeito inanimado são muito próximos. O sujeito animado se aproxima estranhamente do inanimado, o que revela que, nessa sincronia, ocorre um maior espriamento do futuro perifrástico decorridos 20 anos.

Olhando mais atentamente os dados de sujeito [+ humano] que integram a amostra dos jornais dos anos 90, constata-se, de fato, um resultado contra-intuitivo: os três sujeitos que ocorrem com perífrase são “a reitora em exercício”, “os pequenos poupadores” e “as crianças”; os onze que ocorrem com futuro simples são “nós” (3 ocorrências), “os vestibulandos” (2 ocorrências), “o presidente eleito” (2 ocorrências), “os demitidos” (2 ocorrências), “os índios” e “os moradores”. Talvez o fato de a maioria dos sujeitos [+ humano] ter ocorrido em cadeia iniciada por futuro simples tenha tido efeito sobre a seleção desta variante.

Papel temático do sujeito

Na seção 5.2.1.1., a variável ‘Papel temático do sujeito’ já foi explicada e os exemplos (75) a (80) ilustram os fatores considerados. Tanto naquela seção (*EFs e DIDs na década de 70*) como na seção subsequente (*DIDs nas décadas de 70 e 90*), a hipótese de o sujeito agente favorecer o uso da perífrase foi confirmada.

Na comparação da fala dos anos 70 com a dos anos 90, viu-se que o sujeito agente favorece o uso da perífrase, sendo um dos contextos pelos quais a variante inovadora se implementa na língua.

Os dados de língua escrita também revelam que o sujeito agente é o que mais favorece a variante perifrástica, tanto em termos percentuais como em termos de peso relativo, de acordo com os resultados das Tabelas 43 e 44:

Tabela 43: Papel temático do sujeito em Jornais – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Agente	5/29	17%
Experienciador	1/29	3%
Paciente	1/16	6%

Tabela 44: Papel temático do sujeito em Jornais – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Agente	10/30	33%	.71
Experienciador	6/22	27%	.45
Paciente	1/15	6%	.19

Nos anos 70, houve apenas um caso de sujeito experienciador e um caso de sujeito paciente com perífrase, conforme a Tabela 43. Os dados são, realmente, muito poucos. Nos anos 90, a distribuição dos pesos relativos mostra uma escala em que o sujeito agente é o mais favorecedor da regra de perífrase, o sujeito paciente é o que mais inibe a regra, ficando o sujeito experienciador em posição intermediária. Assim, o futuro perifrástico parece ter seu uso iniciado, de fato, com o sujeito agente e o último contexto que atinge é o

de sujeito paciente. Essa hipótese é bastante condizente com o processo de gramaticalização dessa forma, pois o verbo *ir*, que indica, originalmente, movimento, seleciona um sujeito agente.

Tipo de oração

O grupo de fatores ‘Tipo de oração’ foi considerado para que se pudesse verificar um possível condicionamento sintático para a variável estudada. A hipótese aventada foi a de que a perífrase seria mais utilizada em orações matrizes, já que, favorecendo o uso do modo indicativo (GIBBON, 2000), indicariam maior certeza do falante em relação ao enunciado.

Malvar (2203) também controlou essa variável, mas ela se mostrou irrelevante para o uso da forma perifrástica ou da forma de futuro simples. Aliás, a única atuação que a autora encontra para o tipo de cláusula é que, no século XX, o uso do presente com valor de futuro tem um peso relativo de .54 nas chamadas orações principais.

Seguem exemplos dos tipos de oração encontrados nas amostras aqui analisadas:

Absoluta:

(127) No mais atrasado país do Mundo, não se *verá* coisa pior. (T5 SSA-70)

(128) O projeto *vai permitir* uma economia de 12 a 13 milhões de dólares no programa espacial até o ano de 1992. (T2 RJ-70)

Coordenada:

(129) Afinal, nem tôdas as nações têm representantes consulares entre nós, e nem todos *serão* diligentes como o argentino. (T11 SSA-70)

(130) Os produtores se acham desestimulados, e não serão os 18,18% de aumento nos preços e os subsídios ligeiramente majorados que *irão determinar* mais investimentos, a julgar por declarações recentes do porta-voz da FAESP. (T7 RJ-70)

Principal:

(131) Este, se a comissão nomeada pelo Ministro fôr de bons clínicos, *será* o diagnóstico. (T2 SSA-70)

- (132) O Judiciário *vai modernizar-se* tecnicamente apenas para dar vazão à massa de trabalho a julgar. (T9 RJ-70)

Substantiva:

- (133) Milhares de jovens que estão para concluir o segundo ciclo, e que, normalmente, deveriam estar habilitados ao ingresso na Universidade, sentem que não *terão* chance de êxito, sem a preparação dos “cursinhos”. (T8 SSA-70)
- (134) E, no particular, adverte que o banco que dirige *vai deixar* de ser a enfermaria, que foi, para empresários incapazes no passado, e passar a estimular a competitividade, inclusive promovendo as privatizações... (T10 SSA-90)

Relativa:

- (135) Anunciam assessores do Ministro do Trabalho que, nos próximos dias, será apresentado ao Presidente da República um plano que *modificará* substancialmente as leis trabalhistas vigentes no País. (T7 SSA-70)
- (136) Há todo um sentido prometido e por confirmar-se no exercício das funções que ambos *irão desempenhar* sob a mais concentrada expectativa democrática do país. (T4 SSA-70)

Adverbial:

- (137) ... providências, que não permitem chegemos a um ponto intolerável de saturação, quando qualquer solução *será* difícil. (T8 SSA-70)
- (138) A menos que estejamos pretendendo transformar o país numa imensa fazenda coletiva (e onde elas existem estão fracassando) os preços mínimos não podem fazer o papel de preços máximos, até porque *vão funcionar*, no fim das contas, como um enorme guarda-chuva para a baixa produtividade. (T7 RJ-70)

Os resultados encontrados, no entanto, contrariam a hipótese formulada, de acordo com as Tabelas 45 e 46:

Tabela 45: Tipo de oração em Jornais – anos 70

Fator	Ocorrências/Total	Percentual
Absoluta	1/14	7%
Coordenada	1/10	10%
Principal	2/29	6%
Substantiva	-	-
Relativa	2/11	16%
Adverbial	1/4	25%

Tabela 46: Tipo de oração em Jornais – anos 90

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Absoluta	4/11	36%	.76
Coordenada	1/14	7%	.16
Principal	5/23	21%	.41
Substantiva	5/10	50%	.86
Relativa	4/11	36%	.53
Adverbial	-	-	-

Nos anos 70, embora os dados sejam muito poucos, são as orações adverbiais (que não ocorrem nos dados dos anos 90) as que apresentam maior percentual de uso da forma perifrástica (25%), ficando as relativas em segundo lugar (16%). Já as orações absolutas e principais apresentam os menores índices, conforme a Tabela 45.

Considerando a hipótese de Gryner (2003) sobre a variação das formas de futuro em estruturas condicionais, foram levantados os quatro únicos casos de orações adverbiais na amostra dos anos 70. Entretanto ocorreram apenas uma adverbial temporal, uma comparativa e duas causais. A forma perifrástica foi utilizada em uma oração causal, que integra o exemplo (138).

Na década de 90, o maior peso relativo ocorre para as orações substantivas, mas o segundo lugar fica para as orações absolutas, o que pode indicar ser este o contexto pelo qual se inicia o uso da perífrase na escrita formal desse período.

Pela trajetória que se verifica na escrita, parece que a implementação do futuro perifrástico se inicia por orações dependentes, como as adverbiais, atingindo, a seguir, as substantivas e as relativas e, só então, se espraia pelas absolutas.

Como a quantidade de dados é muito pequena, não é possível que conclusões mais seguras possam ser tiradas em relação a esse grupo de fatores, que, aliás, não se mostrou relevante para os dados de fala, o que mostra que, na escrita, o processo de mudança obedece a condições mais rígidas.

Comparando, pois, os dados de língua escrita das duas sincronias consideradas, pode-se concluir, considerando os grupos de fatores selecionados por uma e/ou outra amostra, que:

- a) quanto ao ‘Paradigma verbal’, são os verbos regulares os que favorecem a aplicação da regra de perífrase, ficando o futuro simples mais restrito aos verbos irregulares, ou seja, os que têm um padrão morfológico especial. Esses verbos, segundo Bybee (2003), por terem uma frequência alta de uso na língua, resistem a mudanças e, sendo estocados na memória do falante como únicos (especiais), mantêm o futuro simples, pois não seguem padrões gerais. De uma década para outra, porém, nota-se um aumento percentual no uso da perífrase também nos verbos irregulares, o que também ocorreu nos dados de fala;
- b) quanto à ‘Pessoa verbal’, só houve dados de terceira pessoa nas amostras de língua escrita e foi a terceira pessoa do plural a que mais favoreceu o uso do futuro perifrástico. De uma década para outra, entretanto, observa-se uma redução na diferença percentual entre P3 e P6, o que revela maior implementação da perífrase;
- c) quanto à ‘Natureza semântica do verbo’, na década de 70, os verbos que indicam processo favorecem o uso da forma perifrástica e os verbos de estado mantêm o futuro simples. Já na década de 90, são os verbos cognitivos e, a seguir, os que indicam evento os que apresentam maiores percentual e peso relativo para a perífrase, mas ainda são os verbos de estado os que mais a inibem. Assim, pode-se dizer que a perífrase se implementa na língua escrita pelos verbos cognitivos e, em seguida, pelos verbos que indicam evento, o que condiz com a literatura sobre o processo de gramaticalização do verbo *ir*;
- d) quanto à ‘Animacidade do sujeito’, em ambas as décadas, o sujeito abstrato (nome coletivo com o traço [+ humano]) é o que mais condiciona o emprego do

futuro perifrástico. Houve pouquíssimos dados de sujeito [+ animado + humano] nas amostras (nenhum dado na década de 70). E o sujeito inanimado parece mesmo desfavorecer a perífrase, embora, nos anos 90, o seu percentual seja muito próximo do obtido para o sujeito animado humano no que concerne ao uso da forma perifrástica. No intervalo de tempo considerado, tendo em vista o incremento de uso da perífrase com sujeitos inanimados, pode-se mesmo falar num maior espriamento da variante inovadora;

- e) quanto ao ‘Papel temático do sujeito’, assim como ocorreu para os dados de fala, é o sujeito agente o que mais condiciona a regra de aplicação do futuro perifrástico e é o sujeito paciente o que mais inibe a inibe. De uma década para outra, nota-se que o sujeito experienciador também está selecionando cada vez mais a forma perifrástica, que, amplia, pois, os seus contextos;
- f) quanto ao ‘Tipo de oração’, nos anos 70, as orações adverbiais são as que apresentam maior percentual de uso da perífrase. Nos anos 90, porém, são as completivas e as absolutas as que revelam maior peso relativo para essa variante e não ocorreu nenhuma adverbial com perífrase. Os dados são muito poucos para que se possa confirmar a relevância dessa variável e para que se possa concluir algo sobre o condicionamento da estrutura sintática na expressão do futuro verbal;
- g) finalmente, considerando os resultados obtidos para a língua falada e para a língua escrita, pode-se afirmar que a fala seleciona mais o futuro perifrástico e a escrita seleciona mais o futuro simples, o que configura, no estado atual da língua, uma forma de inversão parcial das duas variantes. Mas o estudo de tendência aponta para uma mudança em curso no sentido de uma maior implementação da forma perifrástica em ambas as modalidades, mais incipiente e controlada na modalidade escrita e muito mais avançada na fala menos formal.

Considerando todas as amostras examinadas neste Capítulo 5, pode-se observar que, dos grupos de fatores considerados, os de efeito mais sistemático foram, em ordem decrescente de generalidade:

Grupos de fatores sociais

- ‘Faixa etária do informante’ (4 seleções)
- ‘Procedência geográfica do informante’ (3 seleções)
- ‘Sexo/gênero do informante’ (2 seleções)

Grupos de fatores lingüísticos

- ‘Papel temático do sujeito’ (3 seleções)
- ‘Paralelismo sintático-discursivo’ (2 seleções)
- ‘Paradigma verbal’ (2 seleções)
- ‘Projeção de futuridade’ (2 seleções)
- ‘Extensão fonológica do verbo’ (2 seleções)
- ‘Contingência do futuro’ (1 seleção)
- ‘Animacidade do sujeito’ (1 seleção)
- ‘Pessoa verbal’ (1 seleção)
- ‘Natureza semântica do verbo’ (1 seleção)
- ‘Tipo de oração’ (1 seleção)

O Quadro 11, a seguir, apresenta os grupos de fatores que atuaram em cada amostra analisada, por ordem de seleção, para efeito de comparação.

Quadro 11: Grupos selecionados em cada amostra

EFs – 70	DIDs – 70	DIDs – 70a³³	DIDs – 90	Jornais – 70	Jornais – 90³⁴
1. Paralelismo sintático-discursivo	1. Faixa etária do informante	1. Procedência geográfica do informante	1. Extensão fonológica do verbo	1. Animacidade do sujeito	1. Paradigma verbal
2. Contingência do futuro	2. Procedência geográfica do informante	2. Sexo/gênero e faixa etária do informante	2. Papel temático do sujeito	2. Pessoa verbal	2. Natureza semântica do verbo
3. Paradigma verbal	3. Projeção de futuridade	3. Projeção de futuridade	3. Paralelismo sintático-discursivo		3. Papel temático do sujeito
4. Sexo/gênero do informante		4. Extensão fonológica do verbo	4. Faixa etária do informante		4. Tipo de oração
5. Papel temático do sujeito					
6. Faixa etária do informante					
7. Procedência geográfica do informante					
<i>Input: 0.82</i> <i>Log likelihood: -157.749</i> Nível de significância: 0.028	<i>Input: 0.87</i> <i>Log likelihood: -57.011</i> Nível de significância: 0.018	<i>Input: 0.87</i> <i>Log likelihood: -45.547</i> Nível de significância: 0.005	<i>Input: 0.97</i> <i>Log likelihood: -4.564</i> Nível de significância: 0.007	<i>Input: 0.09</i> <i>Log likelihood: -16.989</i> Nível de significância: 0.005	<i>Input: 0.26</i> <i>Log likelihood: -27.015</i> Nível de significância: 0.188

³³ Nova rodada com amálgama dos grupos ‘Sexo/gênero do informante’ e ‘Faixa etária do informante’ e com amálgama dos grupos ‘Paradigma verbal’ e ‘Conjugação verbal’.

³⁴ Grupos não selecionados, porém não descartados.

Ora, o fato de terem sido os grupos de fatores sociais, sobretudo a ‘Faixa etária do informante’, os mais selecionados pelas amostras de fala examinadas revela que se trata de um fenômeno em estágio de mudança bastante avançado na língua portuguesa.

Na amostra das EFs, em que houve a seleção de 7 grupos de fatores, o uso da forma perifrástica é muito mais controlado por requerer o estilo de fala mais formal uma maior atenção do falante para com a forma do enunciado.

No decorrer do tempo, considerando as amostras dos anos 70 e as dos anos 90, observa-se que houve alterações na contextualização das variantes, tanto na fala como na escrita. A forma perifrástica, de fato, se expande na década de 90.

Algumas das variáveis mais atuantes, como o ‘Papel temático do sujeito’ e a ‘Projeção de futuridade’, estão diretamente ligadas ao processo mesmo de gramaticalização do verbo *ir*, como apontado anteriormente quando da análise desses grupos.

O ‘Paradigma verbal’ e a ‘Extensão fonológica do verbo’ também são grupos muito importantes para a análise do processo de mudança, pois mostram nitidamente que o futuro simples se mantém em verbos irregulares monossilábicos bastante recorrentes na língua portuguesa que funcionam como uma espécie de obstáculo à compleição da mudança, fato, aliás, também já explicado de acordo com a proposta de Bybee (2003).

O ‘Paralelismo sintático-discursivo’ também se revelou atuante no fenômeno estudado, pois contextualiza as variantes simples e perifrástica num enunciado mais complexo, ou seja, que envolve construções longas nas quais as formas aparecem em cadeia.

5.2.2.2. *Considerações sobre a escrita no francês*

Foram coletados, para efeito de teste, dados do francês escrito a partir de exemplares semanais do jornal *Le Monde (édition internationale)* dos meses de outubro de 2005 a janeiro de 2006. Esses dados estão sendo codificados e analisados detalhadamente para servirem de base para trabalhos futuros. Por ora, apresentam-se e tecem-se comentários acerca dos resultados gerais da distribuição das variantes (futuro simples, futuro perifrástico e presente) encontradas no *corpus* dos jornais franceses coletado até o presente momento.

Na amostra descrita acima, foram documentadas as três variantes exemplificadas a seguir:

Futuro simples (*futur simple*):

(139) Les experts militaires occidentaux s'accordent à dire que la Chine ne *constituera* pas avant longtemps un danger global pour les Etats-Unis. (T1F)

Futuro perifrástico (*futur proche*):

(140) Le Commissariat général du Plan *va disparaître* au profit d'un nouveau Conseil d'analyse stratégique. (T2F)

Presente (*présent*):

(141) En décembre, le Venezuela *doit* rejoindre le Mercosur. (T3F)

A Tabela 47 apresenta a distribuição dos dados por variantes:

Tabela 47: Distribuição das variantes em jornais franceses

Futuro simples		Futuro perifrástico		Presente		Total
Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	
485	77%	92	15%	49	8%	626

Com base nos resultados parciais encontrados e analisando apenas qualitativamente os dados, pode-se dizer que na língua francesa escrita culta, assim como acontece na língua portuguesa, é o futuro simples a variante mais utilizada. Assim, aventa-se a hipótese de que há uma inversão parcial: forma simples (para a modalidade escrita) e forma perifrástica (para a modalidade falada, pelo menos com base nos estudos recenseados na seção 1.6.2. desta tese). É importante relatar também que o futuro perifrástico ocorre, na maioria das vezes, no discurso direto, portanto representativo da oralidade, reproduzido pelo autor da matéria do jornal.

Quanto ao uso do presente com valor de futuro, minoritário em termos percentuais, mais uma vez, parece ocorrer em francês fenômeno semelhante ao que acontece em português, ou seja, o presente tem um contexto bastante restrito e, no caso da língua francesa, conforme o exemplo (141), tem alto índice de emprego com o verbo *devoir* (*dever*), indicando muito mais uma modalidade deôntica ou um desejo muito forte de que

algo se realize num tempo posterior (e, na maioria dos casos, bastante pontuado) ao momento da enunciação.

5.3. O “nicho” do presente

O presente do indicativo pode ser usado com valor de futuro, como atestado por vários dos trabalhos apresentados no Capítulo 1 desta tese.

Associada às vezes a ‘certeza’ (CUNHA & CINTRA, 1985; KURY, 1989), ou a ‘acontecimento próximo’ (SAID ALI, 1964; ALMEIDA, 1992), ou a ‘ênfase’ (BECHARA, 2003), a forma de presente tem sido mencionada pelos gramáticos tradicionais, mas nunca foi prescrita como indicadora de futuro.

Na verdade, o presente do indicativo é um tempo verbal não-marcado morfologicamente, portanto, como bem diz Thomas (1969:116), é necessário que haja um determinado contexto de futuro para que o presente possa ser empregado com esse valor: “The simple present may be used whenever the time of action is made clear by an adverb of time, by any other expression of time, or by the context”.

O presente do indicativo com valor de futuro foi muito pouco documentado nos *corpora* desta tese. A sua distribuição na língua escrita ao longo dos séculos, retirada da Tabela 1, está apresentada na Tabela 48, a seguir:

Tabela 48: Distribuição do presente ao longo do tempo na escrita

Séculos	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
Oc.	-	1	2	5	11	3	1	11
% ³⁵	-	0,2%	2,5%	0,6%	2,3%	2,4%	0,9%	6,8%

Tendo em vista os dados analisados nesta pesquisa, parece que essa variante se mantém estável ao longo dos séculos. Só a partir do século XX é que o seu uso se torna mais significativo.

Assim, segue a Tabela 49 com os seus índices de ocorrência no século XX, tanto na fala como na escrita, retirados das Tabelas 2 e 3:

³⁵ O percentual está calculado considerando 4 variantes: o futuro simples, a perífrase com *haver* + infinitivo, a perífrase com *ir* + infinitivo e o presente.

Tabela 49: Distribuição do presente no século XX

Década	Anos 70			Anos 90	
Amostra	EFs	DIDs	Jornais	DIDs	Jornais
Oc.	51	37	1	25	10
%³⁶	19%	16%	1%	15%	12%

Observados os resultados para o século XX, expostos na Tabela 49, vê-se que não há diferença significativa no uso do presente nos dois estilos/registros de fala (EFs e DIDs, mais formal e menos formal, respectivamente). Considerando apenas os DIDs, de uma década para a outra, a distribuição também é similar. Somente na escrita é que se observa uma mudança: na década de 90, o presente começa a ser incorporado nos jornais.

Apesar das diferenças percentuais encontradas nas amostras (relevantes apenas para a modalidade escrita do século XX), os dados revelam que o presente do indicativo guarda contextos específicos que não se alteram ao longo do tempo, principalmente quando essa forma é comparada ao futuro simples.

Foram feitas rodadas ternárias (futuro simples, futuro perifrástico e presente), mas, como a forma de presente é minoritária em relação às outras duas, o seu comportamento ficou muito diluído nesse tipo de tratamento dos dados. Assim, decidiu-se observá-la em confronto com o futuro simples e em confronto com o futuro perifrástico. Os resultados percentuais para cada grupo de fatores das rodadas ternárias integram o Apêndice desta tese.

Num processamento binário dos dados (presente X futuro simples e presente X futuro perifrástico), o que se percebeu é que o uso dessa variante se mantém, sistematicamente, em alguns contextos. Segundo as evidências, trata-se de uma variante que não concorre propriamente com o futuro perifrástico, mas sim com a forma de futuro simples. Do ponto de vista da mudança, parece que essa variante não faz parte do ‘tabuleiro de xadrez’.

Como houve apenas 1 dado na escrita da década de 70, uma análise quantitativa dessa modalidade nas duas décadas se torna inviável. Como também só há amostra de EFs para os anos 70, esse resgistro/estilo de fala também não permite um estudo comparativo

³⁶ O percentual está calculado considerando 6 variantes: o futuro simples, a perífrase com *haver* no presente + infinitivo, a perífrase com *haver* no futuro + infinitivo, a perífrase com *ir* no presente + infinitivo, a perífrase com *ir* no futuro + infinitivo e o presente.

com os anos 90. Assim, decidiu-se restringir a análise do presente a dois estudos, considerando apenas as amostras de fala menos formal (DIDs) e tendo como regra de aplicação o presente (PR): 1. Presente X Futuro simples (FS) nas décadas de 70 e 90; e 2. Presente X Futuro perifrástico (FP) nas décadas de 70 e 90.

5.3.1. Presente X futuro simples

Após rodada binária (presente X futuro simples) nas duas amostras dos DIDs (anos 70 e anos 90), foram selecionados pelo Programa GoldVarb os seguintes grupos de fatores, apresentados no Quadro 12, por ordem de seleção:

Quadro 12: Grupos selecionados (PR x FS) nos DIDs

Anos 70	Anos – 90
1. Projeção de futuridade	1. Faixa etária do informante
2. Sexo/gênero do informante	2. Extensão fonológica do verbo
	3. Papel temático do sujeito
<i>Input:</i> 0.60	<i>Input:</i> 0.83
<i>Log likelihood:</i> -34.267	<i>Log likelihood:</i> -5.860
Nível de significância: 0.009	Nível de significância: 0.034

De acordo com o *input* geral atestado para cada amostra, vê-se que o presente teve um aumento em sua frequência na década de 90, o que confirma a hipótese de que ele, se concorre para a expressão do tempo futuro, disputa, de fato, com o futuro simples e não com o futuro perifrástico, como se disse antes.

Segue a análise dos grupos de fatores selecionados para cada amostra. Inicialmente são apresentadas as variáveis lingüísticas e, a seguir, as sociais.

Extensão fonológica do verbo

Assumindo como hipótese que o presente possui contextos específicos, esperava-se que ele fosse mais utilizado com verbos de maior extensão vocabular, pois, como se viu nas seções anteriores, o futuro simples se mantém com verbos monossilábicos.

Os resultados encontrados estão apresentados na Tabela 50, a seguir:

Tabela 50: Uso de PR em relação a FS e extensão fonológica do verbo

Fatores	Anos 70	Anos 90
1 sílaba	15/23 65%	8/12 66% .04
2 ou + sílabas	22/39 56%	17/18 94% .89

Os dados confirmam a hipótese aventada. Embora na década de 70 haja uma quase anulação da regra de aplicação do presente por verbos de uma ou mais sílabas, na década de 90, as frequências e os pesos relativos apontam que o presente é mais utilizado com verbos de duas ou mais sílabas, como atestam os exemplos (142) e (143):

(142) ... eu *compro* em dezembro... vamos comprar porque só em março que nós vamos pagar... agora... quando chega o... o bendito março... (373 R7 DID)

(143) ... o direito de aposentadoria dela é líquido e certo... porque os oito anos... esses oito anos vão aparecer... não tenho dúvida nenhuma disso, certo? O que vai poder... que *pode complicar ou facilitar*... depende de como for encarado... eh... quando ela completar, digamos assim, o que ela acha que são os trinta e cinco anos... mulher são trinta anos... trinta anos de aposentadoria... então serão esses oito anos mais vinte e dois... a não ser que ela antes desses oito tenha outro emprego... (164 R7 DID)

Papel temático do sujeito

O papel temático do sujeito é uma variável importante para o exame da expressão do futuro. Considerando que o presente com valor de futuro exprime um maior comprometimento por parte do falante em relação ao estado de coisas, assumiu-se como hipótese que ele atingiria os verbos cujo sujeito tivesse o traço de agentividade, sendo inibido nos casos de sujeito paciente.

A Tabela 51 exhibe os resultados encontrados:

Tabela 51: Uso de PR em relação a FS e papel temático do sujeito

Fatores	Anos 70	Anos 90
Agente	16/25 64%	14/15 93% .84
Experienciador	17/29 58%	9/11 81% .09
Paciente ³⁷	3/6 50%	-

De acordo com a Tabela 51, para a década de 70, não há uma estratificação muito nítida em relação ao uso do presente e o papel temático do sujeito. Já na década de 90, em que esse grupo de fatores foi selecionado, os pesos relativos confirmam a hipótese aventada, muito embora os percentuais revelem uma distinção não muito significativa entre sujeito agente e sujeito experienciador. Segue um exemplo do uso do presente pelo futuro com sujeito [+ agente]:

(144) ... eu *compro* em dezembro... vamos comprar porque só em março que nós vamos pagar... agora... quando chega o... o bendito março... (373 R7 DID)

Projeção de futuridade

A proximidade tem sido freqüentemente associada ao uso do presente, assim como ao uso do futuro perifrástico (SAID ALI, 1964; ALMEIDA, 1992; MALVAR, 2003). Assim, é bastante conhecida a hipótese de que, quanto mais próximo do ponto de fala é situada a ação ou o acontecimento futuro, maior o índice de uso da forma de presente (PONTES, 1982).

Examinando os dados de presente, nota-se que ele ocorre, de fato, para exprimir um tempo futuro próximo ao momento da enunciação, ou seja, ele expressa um futuro com um maior grau de certeza ou de possibilidade de acontecer, como mostra o exemplo (145), a seguir:

³⁷ Não ocorreu sujeito paciente na amostra dos DIDs da década de 90.

(145) ... quando ele sai... ele diz... olha... eu *volto* a tantas horas... ela quando sai... depois do serviço eu *venho*... eu vou a tal lugar e fa... então há aquele intercâmbio... não é dependência... é uma atenção... que a gente diz até pra empregada doméstica da gente... olha... se telefonarem diga que a tais horas eu *estou* em casa... ô... fulana... eu estou... eu estou em tal lugar assim assim... eu *volto* a tais e tais horas... (373 R7 DID)

Seguem os resultados encontrados para este grupo de fatores, na Tabela 52:

Tabela 52: Uso de PR em relação a FS e projeção de futuridade

Fatores	Anos 70	Anos 90
Futuro próximo	11/12 91% .95	9/9 100%
Futuro distante	6/10 60% .36	1/2 50%
Futuro indefinido	20/40 50% .33	15/19 78%

Na década de 70, há uma distribuição bastante equilibrada, pois, como se esperava, o presente é a forma mais usada quando se trata de exprimir um futuro próximo, tanto em termos de frequência (91%) como em termos de peso relativo (.95). Também na década de 90, a hipótese se confirma, pois o presente teve aplicação categórica na expressão do futuro próximo. Mas, nessa década, há um fato interessante: o presente também tem um alto índice de uso (78%) para expressar um futuro indefinido, ou seja, mesmo nos casos em que o falante não pontua no tempo o estado de coisas a que se refere. Eis um exemplo que ilustra esse caso, pois o falante parece não ter idéia de quando será a “próxima [vez]”:

(146) Todo dia a gente diz "Não, a próxima eu *vou*", mas quando vem que a gente vai ver o preço do ingresso, eu desisto... (002 S9 DID)

Pode-se dizer, então, que, de uma década para a outra, houve uma certa implementação da forma de presente, já que esse grupo não foi relevante para os anos 90, observando-se, portanto, um certo espriamento dessa variante por outro contexto.

Provavelmente, trata-se aqui de um contexto em que se pode estabelecer uma competição entre o presente e o futuro perifrástico.

Sexo/gênero do informante

A variável ‘Sexo/gênero do informante’ já foi bastante discutida nas seções anteriores. Sabe-se que a interpretação da influência do sexo/gênero sobre fenômenos de variação e mudança envolve o estigma social das variantes.

Em se tratando da forma de presente, parece ser uma forma sem estigma social. Embora se considere, neste trabalho, que essa variante se mantém mais ou menos estabilizada ao longo do tempo em contextos específicos, alguns autores a consideram como variante inovadora (SANTOS, 1997; GIBBON, 2000), portanto participante de um processo de mudança, na expressão de futuro. Assim, decidiu-se observar a relação entre o uso do presente e o sexo/gênero do informante. E os resultados encontrados foram os seguintes (Tabela 53):

Tabela 53: Uso de PR em relação a FS e sexo/gênero do informante

Fatores	Anos 70	Anos 90
Mulheres	9/19 47% .20	14/17 82%
Homens	28/43 65% .65	11/13 84%

Os resultados mostram que, na década de 70, os homens utilizavam mais o presente do que as mulheres. Havia, portanto, uma estratificação de sexo/gênero, como bem revelam os pesos relativos. Se se considera o presente uma variante inovadora, eram os homens que lideravam o processo de mudança, com peso relativo de .65, apresentando as mulheres um comportamento mais conservador.

Na década de 90, porém, essa oposição é anulada, pois ocorre uma espécie de neutralização da fala dos homens e das mulheres, de acordo com os percentuais

encontrados, 84% e 82%, respectivamente. Se houve mudança no interstício considerado, foi iniciada, portanto, pelo sexo/gênero masculino.

Faixa etária do informante

A ‘Faixa etária do informante’ é uma variável sociolinguística também de extrema importância quando da análise de fenômenos de variação e de mudança. Em geral, variantes inovadoras são mais utilizadas pelos falantes mais jovens.

Considerando que o futuro simples é uma forma mais antiga e mais conservadora do que as formas perifrástica e de presente, assumiu-se como hipótese que ela seria mais freqüente na fala dos informantes mais velhos.

As faixas etárias 1 (25 a 35 anos) e 2 (36 a 55 anos) foram amalgamadas no fator ‘+ jovens’, em oposição à faixa etária 3 (acima de 55 anos), recodificada como ‘- jovens’, pelo fato de as duas únicas ocorrências de presente na faixa 2 da década de 90 terem ocorrido com presente. Veja-se a Tabela 54, com os resultados obtidos:

Tabela 54: Uso de PR em relação a FS e faixa etária do informante

Fatores	Anos 70	Anos 90
+ jovens	27/45 60%	18/19 95% .88
- jovens	10/17 59%	7/11 64% .03

Os dados revelam que, na década de 70, a idade do informante era irrelevante para o uso de uma ou outra variante. Na década de 90, porém, nota-se que os falantes mais jovens usam quase categoricamente a forma de presente em relação à forma simples. Os falantes da faixa etária mais avançada inibem, pois, nessa década, a aplicação da regra e mantêm a forma de futuro simples, como se esperava.

Como a forma de presente é não-marcada morfologicamente, ela se presta perfeitamente à expressão de outros tempos verbais, inclusive o futuro, e não requer maior planejamento linguístico. Já a forma de futuro simples, marcada morfologicamente, requer

o conhecimento específico de desinências, o que exige maior preparo lingüístico por parte dos falantes.

Assim, considerados os grupos de fatores acima descritos, pode-se dizer que o presente, forma variante do futuro simples para a expressão de futuridade, é utilizado com verbos de maior extensão vocabular e com sujeitos agentes para indicar um futuro mais próximo ao momento da enunciação. É mais freqüente também entre os jovens de ambos os sexos/gêneros.

5.3.2. Presente X futuro perifrástico

Procede-se, agora, a uma análise da forma de presente enquanto variante da forma de perífrase com *ir* + infinitivo para a expressão do tempo futuro, com o objetivo de verificar se há contextos em que o presente bloqueia o espraçamento da variante perifrástica em seu processo de implementação.

Como se disse no início desta seção, parece não haver concorrência entre as formas de presente e de perífrase. Busca-se aqui tão somente identificar os contextos em que o presente se mantém, provavelmente ao longo da história. Assume-se como hipótese, pois, que há uma variação estável entre essas duas formas, diferentemente do que se pode pensar acerca da variação presente ~ futuro simples, que pode ser entendida também como mudança em curso.

Após rodada binária (presente X futuro perifrástico) nas duas amostras dos DIDs (anos 70 e anos 90), foram selecionados pelo Programa GoldVarb os seguintes grupos de fatores, apresentados no Quadro 13, por ordem de seleção:

Quadro 13: Grupos selecionados (PR x FP) nos DIDs

Anos 70	Anos – 90
1. Paralelismo sintático-discursivo	1. Paralelismo sintático-discursivo
2. Faixa etária do informante	2. Conjugação verbal
3. Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo	
4. Extensão fonológica do verbo	
5. Pessoa verbal	
<i>Input:</i> 0.18 <i>Log likelihood:</i> -52.045 Nível de significância: 0.009	<i>Input:</i> 0.15 <i>Log likelihood:</i> -54.475 Nível de significância: 0.023

Os grupos são analisados e exemplificados a seguir, inicialmente os lingüísticos e, a seguir, os sociais.

Extensão fonológica do verbo

Mais uma vez, a variável ‘Extensão fonológica do verbo’ foi selecionada. Todavia, como nesta seção o presente é analisado em relação ao futuro perifrástico, a hipótese aventada foi oposta à da seção anterior. Ora, sabendo que o futuro perifrástico é implementado na língua por meio de verbos com maior quantidade de sílabas, esperava-se que o presente fosse mantido em verbos de menor extensão vocabular, o que reforçaria a sua concorrência com o futuro simples, que, como se viu, resiste nas formas verbais monossilábicas.

Vejam-se os resultados na Tabela 55, a seguir:

Tabela 55: Uso de PR em relação a FP e extensão fonológica do verbo

Fatores	Anos 70	Anos 90
1 sílaba	15/41 36% .83	8/36 22%
2 sílabas	14/102 13% .44	10/92 10%
3 sílabas	5/44 11% .27	6/29 20%
4 sílabas	3/14 21% .60	1/5 20%

Os resultados encontrados para a década de 70 confirmam a hipótese aventada, pois é exatamente com os verbos de apenas uma sílaba (considerado o infinitivo) que a forma de presente atinge seus maiores índices de uso, tanto em termos de frequência (36%) como em termos de peso relativo (.83). Nos verbos de maior extensão (polissilábicos), entretanto, essa variante também é bastante utilizada, contexto em que se poderia pensar numa certa concorrência entre o presente e o futuro perifrástico.

Na década de 90, porém, em que esse grupo de fatores não se mostrou relevante, há uma neutralização, considerados apenas os percentuais, do uso do presente em relação à quantidade de sílabas do verbo, muito embora o seu índice de frequência seja levemente maior (22%) com verbos monossilábicos.

Conjugação verbal

Quanto à variável ‘Conjugação verbal’, como se viu, esperava-se que o futuro perifrástico se espraiasse por verbos da primeira conjugação, com vogal temática *-a*, já que são os mais frequentes na língua portuguesa (CÂMARA JR., 1980). Assim, a hipótese considerada aqui foi a de que o presente fosse mais empregado com verbos da segunda e da terceira conjugações.

Seguem os resultados encontrados, na Tabela 56:

Tabela 56: Uso de PR em relação a FP e conjugação verbal

Fatores	Anos 70	Anos 90
1ª conjugação	21/109 19%	9/85 10% .42
2ª conjugação	11/70 15%	9/63 14% .51
3ª conjugação	5/22 22%	7/14 50% .85

De fato, os dados confirmam a expectativa, pois, em ambas as sincronias analisadas, o presente é mais usado com verbos de terceira conjugação, contexto em que atinge peso relativo de .85 na década de 90.

Observados os dados, em especial, são os verbos *ir* e *vir* os que mais selecionam o presente para expressar o futuro, o que é coerente também com a variável examinada anteriormente ('Extensão fonológica do verbo'), já que são ambos verbos monossilábicos.

Os exemplos (147) e (148) ilustram esse contexto de ocorrência do presente:

(147) ... o que é um... um ordenado de professora primária... hoje em dia? Todo mundo sabe... não é nada... agora que vai se... com esse aumento é que *vai* a dois mil... né? E agora põe os descontos em cima disso... vai ser a mesma história... não vai chegar nem a dois mil... (373 R7 DID)

(148) ... nós não acompanhamos bem no lugar... então... acho que agora vamos ver os resultados... ver o que *vem* daí... né? Que em geral um congresso desses vai influir até nos sindicatos... (373 R7 DID)

Em oposição à forma de futuro simples, o uso do presente em verbos como *ir* e *vir* representam, de certa maneira, uma opção por uma forma não marcada em relação a formas irregulares. São exatamente esses verbos, como mostrado em seção anterior, que constituem contextos de resistência ao futuro perifrástico.

Com relação ao futuro perifrástico, o uso do presente com o verbo *ir* pode ser uma espécie de estratégia de esquiva, dado que, nesse caso, a combinação *ir* (auxiliar) + *ir* (pleno) é ainda é bastante estigmatizada em português, o que já não acontece no francês.

Pessoa verbal

Como mencionado freqüentemente na literatura sobre a expressão do futuro verbal em português, as formas de presente e de perífrase com *ir* + infinitivo exprimem um maior grau de certeza da realização do estado de coisas no futuro. Essa maior possibilidade ou maior probabilidade de acontecimento de algo está intimamente ligada ao envolvimento ou comprometimento do falante em relação ao enunciado que profere. Assim, assumiu-se como hipótese que os sujeitos de primeira pessoa favoreceriam o uso dessas formas, expressando um maior investimento para a concretização da ação futura.

Os resultados para o grupo de fatores ‘Pessoa verbal’ estão apresentados na Tabela 57:

Tabela 57: Uso de PR em relação a FP e pessoa verbal

Fatores	Anos 70	Anos 90
P1	7/24 29% .78	11/48 22%
P3	27/124 21% .46	14/96 14%
P4 ³⁸	-	-
P6 ³⁹	3/28 10% .41	-

³⁸ Quanto aos dados com P4 (*nós*), os 25 casos da década de 70 e os 4 casos da década de 90 ocorreram com futuro perifrástico.

³⁹ Houve 14 dados com P6 (*eles/elas*) na década de 90, todos com futuro perifrástico.

Os resultados, mais uma vez, ratificam o que era esperado. O uso da forma de presente alcança os maiores índices no contexto de sujeito primeira pessoa do singular, como ilustra o exemplo (149):

- (149) ... que é o metrô... que será talvez pra vocês mas não pra mim... que eu não vejo isso aí andar mesmo... (112 R7 DID)

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Um outro contexto sintático que parece condicionar o emprego do presente pelo futuro é aquele em que, contíguo à forma verbal, há um circunstancializador de tempo futuro (OLIVEIRA, 1985), seja em forma de sintagma, como em (150) e (151), seja em forma de oração, como em (152):

- (150) Então, por exemplo, agora nós vamos abrir... parece que para o ano⁴⁰ inaugura aí o... o centro, né, de... (100 S7 DID)

- (151) ... tanto que disseram que Chico Buarque *vem* daqui a um mês ou dois... *vem* Chico Buarque pra cá, agora acho que vou abrir uma caderneta de poupança pra não perder o show de Chico... (002 S9 DID)

- (152) Ah... então guarda esses recibos e quando se quiser aposentar eles *têm* a mesma validade que a carteira assinada... (164 R7 DID)

Assim, a hipótese aventada foi a de que, havendo marca de futuridade fora do verbo (adverbial, oracional ou discursiva), seria maior a incidência da forma de presente (THOMAS, 1969; CUNHA & CINTRA, 1985).

Malvar (2003) confirma essa hipótese em dados dos séculos XIX e XX, quando a forma de presente atinge os maiores pesos relativos em contextos de presença de especificação adverbial de futuro.

Eis os resultados encontrados nesta tese, na Tabela 58:

⁴⁰ A expressão “para o ano”, que ocorre neste exemplo, significa “no ano que vem”, “no próximo ano”. Trata-se de uma expressão que parece ser típica do dialeto soteropolitano.

Tabela 58: Uso de PR em relação a FP e presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Anos 70	Anos 90
Advérbio	12/34 35% .89	9/25 36%
Or. adverbial ⁴¹	3/10 30% .71	-
Discurso	4/18 22% .43	5/24 20%
Ausência	18/139 12% .37	11/102 10%

Embora esse grupo de fatores não tenha sido selecionado na década de 90, observa-se, pela distribuição das frequências, que o uso da forma de presente se manteve estável no intervalo de tempo considerado. Parece que o presente, sendo uma forma verbal não-marcada, é mais utilizado quando o contexto permite que seja recuperada a informação de tempo futuro, que pode ser atualizada por uma expressão adverbial, por uma oração temporal ou mesmo por inferências do contexto discursivo, o que é confirmado pelos pesos relativos desses fatores na década de 70.

Paralelismo sintático-discursivo

Sendo o presente um tempo verbal não marcado morficamente, como já foi dito, ele se presta à expressão tanto do passado como do futuro. Para tanto, é preciso que o contexto permita a recuperação da informação do tempo por meio de inferências. Assim, o presente costuma ocorrer com o sentido de futuridade também quando a ele se avizinham outras formas verbais marcadas. Assim, assumiu-se como hipótese que o presente ocorreria mais

⁴¹ Houve 11 dados com oração adverbial temporal na década de 90, mas todos ocorreram com futuro perifrástico.

freqüentemente após uma forma diferente, seja de futuro simples, seja de futuro perifrástico.

Os exemplos a seguir mostram essa forma precedida de futuro simples (153) e cercada de futuro perifrástico (154), contextos que lhe asseguram uma interpretação de tempo posterior, portanto de futuro:

(153) ... em qualquer dos pontos da glândula mamária, de um nódulo, este nódulo terá que ser examinado, terá que ser retirado, *tem que ser mandado* para um anátomo-patologista... (049 S7 EF)

(154) Eu não espero nada... eu não espero mais nada... quem viver verá... eu não quero... não tenho mais... não tenho mais esperança de coisa alguma... eu vou trabalhar enquanto eu puder... não *trabalho* mais... *vendo* esse apartamento aqui e vou morar num quarto ou numa casa de velho... numa... qualquer, né... porque eu não tenho esperança mais de coisa alguma... não tenho mais expectativa de... aliás eu não tenho expectativa de nada... compreendeu? (018 R9 DID)

A Tabela 59, a seguir, exhibe os resultados encontrados para as duas décadas examinadas:

Tabela 59: Uso de PR em relação a FP e paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Anos 70	Anos 90
Oc. isolada	5/69 7% .24	3/54 5% .28
1ª ocorrência	5/43 11% .40	4/33 12% .51
Após forma idêntica	11/66 16% .63	6/52 11% .52
Após forma diferente	16/23 69% .94	12/23 52% .88

Os resultados da Tabela 59 confirmam a hipótese aventada. Esse grupo de fatores foi selecionado em ambas as amostras, o que evidencia, mais uma vez, a importância da variável ‘Paralelismo sintático-discursivo’ na análise do fenômeno em questão.

Tanto na década de 70 como na década de 90, os pesos relativos apontam para uma escala ‘após forma diferente’ → ‘após forma idêntica’ → ‘primeira ocorrência de uma série’ → ‘ocorrência isolada (única)’. Na verdade, sendo o presente mais empregado após uma forma de futuro simples ou uma forma de futuro perifrástico, aparentemente se vê uma contradição ao próprio termo ‘paralelismo’, já que haveria, inicialmente, uma espécie de divergência. Contudo, partindo do pressuposto de que uma forma neutra (não-marcada), como o presente, incorpora as informações do seu entorno, a interpretação de futuro para o presente só ocorre ao se estabelecer um ‘paralelo’ entre esta forma e as outras que lhe são vizinhas.

O fato de o presente ser inibido quando ocorre isoladamente corrobora o exposto acima. Nesse caso, provavelmente, ele adquire o traço de futuridade também do seu entorno, mas, desta vez, de um advérbio de tempo, ou de uma oração temporal, ou de todo um conjunto de inferências discursivas, como mostrado no grupo de fatores discutido anteriormente.

A importância da presença de outra marca de futuro no contexto em que ocorre assegura, pois, a referência futura do presente do indicativo.

Faixa etária do informante

A ‘Faixa etária do informante’, variável selecionada quando da oposição presente X futuro simples, despertou três expectativas excludentes no que concerne à sua atuação na oposição presente X futuro perifrástico: a) podendo a forma de futuro simples ser considerada a mais conservadora dentre as três variantes (futuro simples, futuro perifrástico e presente), não haveria distinção, pelo menos em tempo aparente, entre presente e futuro perifrástico em relação à faixa etária do informante; b) considerando que a forma de presente com valor de futuro é implementada, historicamente, antes da forma de futuro perifrástico (SANTOS, 2000), esse grupo de fatores poderia atuar favoravelmente a esta forma e não àquela; e c) pelos baixos índices de ocorrência dessa forma nos *corpora* do século XX e considerando que alguns autores (SANTOS, 1997; GIBBON, 2000) consideram-no como a forma mais inovadora, o presente poderia ser mais freqüente na fala dos informantes mais jovens.

Vejam-se os resultados na Tabela 60, a seguir:

Tabela 60: Uso de PR em relação a FP e faixa etária do informante

Fatores	Anos 70	Anos 90
25-35 anos	21/51 41% .85	16/83 19%
36-55 anos	6/81 7% .30	2/37 5%
+ de 55 anos	10/69 14% .42	7/42 16%

Observa-se, pela Tabela 60, acima, que o presente tem maiores índices percentuais na língua falada dos informantes mais jovens, sobretudo os da primeira faixa etária (25 a 35 anos de idade), tanto nos anos 70 como nos anos 90. Na década de 70, em que esse grupo de fatores foi selecionado, a estratificação parece mais clara e configura-se um padrão de variação estável, considerado o tempo aparente. Comparando essa década com a de 90, vê-se que, nesta, as faixas 1 e 3 quase se neutralizam, mas não se pode falar em mudança.

Diferentemente do que se atestou para a oposição presente X futuro simples, em que se viu que os falantes mais jovens substituem esta variante por aquela, em relação ao futuro perifrástico, mais uma vez, é confirmada a hipótese de que o presente não é uma variante concorrente da perífrase. Confirma-se, pois, a primeira expectativa apresentada acima, qual seja: futuro simples > futuro perifrástico ~ presente.

Em resumo, após uma análise, ainda que breve, das oposições presente X futuro simples e presente X futuro perifrástico, percebem-se indicações de que a forma de presente, de fato, se particulariza em relação às outras, mas com distintas dimensões:

- a) em relação ao futuro simples, parece estar em jogo, sobretudo, a projeção da futuridade – futuro mais próximo X futuro mais distante –, o que faz intervir

também a questão do grau de certeza (presente = mais próximo e mais certo X futuro simples = mais distante e menos certo);

- b) em relação ao futuro perifrástico, fica claro que há também uma superposição das dimensões proximidade e certeza, mas intervêm, de forma significativa, fatores como a presença/ausência de marca de futuridade (principalmente de advérbios) e o paralelismo sintático-discursivo, que também pode ser interpretado em termos de presença/ausência de marca de futuridade.

CONCLUSÕES

Este trabalho confirma muitas das hipóteses levantadas, descarta outras e suscita muitos questionamentos acerca do tema analisado.

Nos Capítulos 4 (*A trajetória da gramaticalização de ir + infinitivo*) e 5 (*Análise do processo de mudança*), foram apresentadas conclusões parciais para cada amostra considerada. Ao final de cada seção do estudo em tempo real de curta duração, foram apontados os grupos de fatores selecionados quando da comparação entre fala mais formal e fala menos formal na década de 70, entre fala menos formal nos anos 70 e nos anos 90, e entre escrita formal nos anos 70 e nos anos 90. Tudo isso permite que se tirem conclusões mais gerais acerca do fenômeno estudado.

A expressão do futuro verbal, ao longo da história da língua portuguesa, sempre foi um fenômeno lingüístico variável. Foram documentadas seis variantes (futuro simples, perífrase com *haver de* no presente + infinitivo, perífrase com *haver de* no futuro + infinitivo, perífrase com *ir* no presente + infinitivo, perífrase com *ir* no futuro + infinitivo e presente).

Investigando o processo de gramaticalização da forma perifrástica com *ir* + infinitivo, constatou-se que a estrutura embrionária que lhe deu origem surge no século XIV. No século XVI, tem início o processo de auxiliarização do verbo *ir* como indicador de futuro, quando essa construção passa a ser reanalisada como construção de futuro. Essa forma ganha espaço no sistema lingüístico no século XIX e, no século XX, supera as outras variantes na língua falada.

O estudo em tempo real de longa duração, considerando apenas dados de língua escrita formal, revelou que o futuro simples, desde o século XIII, é a variante mais utilizada. E, até o século XIX, a sua maior concorrente foi a forma perifrástica com *haver de* + infinitivo. No século XX, esse lugar passa a ser ocupado pela variante perifrástica com *ir* + infinitivo. Inicialmente, havia uma disputa entre a forma de futuro simples e as formas perifrásticas com *haver de* + infinitivo. No século XVII, tem início a disputa entre as formas perifrásticas *haver de* + infinitivo e *ir* + infinitivo. Só no século XX é que a disputa se dá entre as perífrases com *ir* + infinitivo e o futuro sintético.

O estudo em tempo real de curta duração, em que se confrontam dados de fala e de escrita dos anos 70 e dos anos 90 do século XX, revelou uma inversão parcial nas duas modalidades de língua, pois, na escrita, predomina o futuro simples e, na fala, predomina o futuro perifrástico com *ir* + infinitivo, muito embora, de uma década para a outra, esta

última variante tenha mostrado um certo espraiamento por novos contextos. Trata-se, pois, de uma variação que, provavelmente, deveria já existir em sincronias passadas. Essa constatação, pelo menos para o século XX, confirma a hipótese da existência de duas gramáticas distintas – uma para a fala e outra para a escrita – proposta por Kato (2005).

O estudo de tendência para a língua escrita mostrou que, embora o futuro simples continue a predominar na escrita, a perífrase com *ir* + infinitivo, da década de 70 para a de 90, atinge outros contextos que antes favoreciam a forma simples, mas ainda é minoritária.

Já para a fala, que, tanto numa sincronia como na outra, tem como variante predominante o futuro com *ir* + infinitivo, os resultados mostram uma mudança em progresso quase concluída. Na década de 70, ainda havia uma certa restrição ao uso da forma inovadora e havia uma diferença dialetal entre as cidades de Salvador (mais conservadora) e do Rio de Janeiro (mais inovadora). Decorridas duas décadas, a perífrase com *ir* + infinitivo se espraia por todos os contextos lingüísticos e mesmo a diferença regional deixa de existir, tendo em vista o salto de crescimento por que passou a cidade de Salvador, que quase se equipara, considerados os índices de desenvolvimento humano municipal, à cidade do Rio de Janeiro, muito embora esta última cidade ainda tenha maior projeção no cenário nacional. Este estudo evidenciou a importância da co-relação entre fenômenos lingüísticos e fatores sócio-históricos e demográficos, pois a projeção social da cidade de Salvador dos anos 70 para os anos 90 se fez acompanhar da implementação da forma perifrástica de futuro.

O futuro simples, de fato, é cada vez menos usado na fala, tanto mais formal como menos formal. Já não há quase restrições lingüísticas nem sociolingüísticas ao uso da forma inovadora nos anos 90.

Quanto à forma de presente para indicar o futuro, é uma variante à margem da concorrência entre o futuro simples e o futuro perifrástico com *ir* + infinitivo, pois se restringe a contextos bastante específicos e os seus índices de uso, ao longo da história, são mais ou menos estáveis.

A substituição da forma de futuro simples pela forma de futuro perifrástico com *ir* + infinitivo revelou-se uma mudança em andamento. Inicialmente, essa forma perifrástica ocupa o lugar da forma perifrástica com *haver de* + infinitivo, que é quase restrita, atualmente, para a indicação da modalidade deôntica, e, gradativamente, vem invadindo os contextos de uso do futuro sintético.

A opção pela forma composta pelo verbo *ir* + infinitivo para a expressão do futuro não é exclusiva do português. Processo semelhante ocorre(u) com línguas germânicas,

como o inglês, e com línguas românicas, como o português, o francês, o espanhol e o italiano, como mostrado na seção 1.6. (*Outras línguas*) desta tese. No caso do francês, língua que teve uma atenção especial neste trabalho, constatou-se, por meio da análise de dados diacrônicos, que o processo de gramaticalização do verbo *aller* na construção perifrástica com o infinitivo é bastante similar ao do verbo *ir* português. E também os dados sincrônicos dessa língua, pelo menos os dados de escrita atual, indicam muita semelhança entre os dois sistemas lingüísticos.

Enfim, por ora, com base nos dados analisados, pode-se afirmar que:

- a) considerando o tempo real de longa duração, a hipótese de uma inversão parcial (futuro simples para a escrita e futuro perifrástico com *ir* + infinitivo para a fala) se mantém sincronicamente, embora os estudos de tendência para a fala e para a escrita apontem para uma mudança em progresso (futuro simples > futuro perifrástico), mais controlada na escrita e mais avançada na fala;
- b) considerando o tempo real de curta duração, como o futuro perifrástico tende a se implementar cada vez mais na fala, haja vista o decréscimo que sofreu, num intervalo de mais ou menos vinte anos, na faixa mais avançada de idade e o seu espraiamento por contextos que antes favoreciam a forma sintética, considerada apenas essa modalidade, configura-se um quadro de mudança em progresso quase concluída.

A Tabela 61, a seguir, resume os resultados, em termos de percentuais, encontrados para a fala e para a escrita das duas cidades examinadas e das duas décadas contempladas, considerando as variantes mais documentadas (futuro simples, futuro perifrástico com *ir* no presente + infinitivo e presente):

Tabela 61: Síntese dos resultados do século XX (percentuais)

Amostra	Futuro simples	Futuro perifrástico	Presente
Fala 70: EFs	17%	73%	10%
Salvador	20%	65%	15%
Rio de Janeiro	14%	78%	8%
Fala 70: DIDs	11%	73%	16%
Salvador	28%	54%	18%
Rio de Janeiro	9%	75%	16%
Fala 90: DIDs	3%	82%	15%
Salvador	-	89%	11%
Rio de Janeiro	4%	79%	17%
Escrita 70: jornais	90%	9%	1%
Salvador	97%	3%	-
Rio de Janeiro	85%	13%	2%
Escrita 90: jornais	65%	23%	12%
Salvador	60%	24%	16%
Rio de Janeiro	71%	20%	9%

Esta tese confirma muito acerca do que já se assinalara sobre esse fenômeno variável, como atestam vários estudos referenciados no Capítulo 1, mas vai além ao mostrar que a mudança futuro simples → futuro perifrástico, no português, já atingiu a fala dos mais escolarizados, comprovada pela análise dos dados da chamada norma culta.

Todavia este trabalho está longe de ser conclusivo. Muitos outros aspectos em relação ao tema em foco devem ser considerados. Aspectos semântico-discursivos (como, por exemplo, outros tipos de texto) e socioculturais (como, por exemplo, grau de escolaridade), não considerados aqui, podem atuar no condicionamento e na escolha de uma variante dentre outras, no caso, as várias formas de expressão do futuro em português já mencionadas. Além disso, contextos lingüísticos mais amplos podem também auxiliar no entendimento do processo de gramaticalização do verbo *ir* e devem ser observados.

Merecem um estudo, por exemplo, as formas de futuro combinadas com o gerúndio, que, parece, entraram em uso muito recentemente no português do Brasil e estão caracterizando o discurso formal, sobretudo nas áreas de Administração e de Vendas (sobretudo no Telemarketing) dirigido ao cliente. Seguem exemplos coletados quando da elaboração desta tese:

(1) Só um instante, senhora, que eu *vou estar imprimindo* a fatura da senhora.

(2) Nós *estaremos entregando* amanhã o aparelho Motorola C213 para a senhora CRS, no endereço XYZ.

Interessante também seria um estudo desse fenômeno no português europeu atual, em outras regiões do Brasil e em variedades africanas do português. Estudos contrastivos, envolvendo outras línguas, também em muito auxiliariam no entendimento do fenômeno e em muito contribuiriam para uma teoria mais geral da linguagem humana.

E em se falando de futuro, que, retomando um velho ditado popular, a Deus pertence, conclui-se que ele ainda reserva muito para o estudo da futuridade verbal. E talvez nem o futuro dê conta do *futuro*, mesmo já sendo este expresso no presente pelo *presente*. “O futuro a Deus pertence”, mas a nós também. Mas o *futuro*, que a Deus não pertence, já que não é lingüista, pertence a nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 38ª ed. São Paulo: Saraiva, 1992.
- ALMEIDA, Manuel & DÍAZ, Marina. Aspectos sociolingüísticos de un cambio gramatical: la expresión de futuro. *Estudios Filológicos*, 33. Valdivia: Scielo Chile, 1998.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- AZEVEDO, Milton M. *O subjuntivo em português*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BACHMANN, Christian *et alii*. *Langage et communications sociales*. Paris: Hatier-Credif, 1981.
- BARLOW, Michael & KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. California: CSLI Publications, 2000.
- BAYLON, Christian. *Sociolinguistique: société, langue et discours*. Paris: Nathan, 1996.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- _____. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BENTIVOGLIO, Paola. A variação nos estudos sintáticos. *Estudos Lingüísticos*, XIV. Anais de seminários do GEL. Campinas: UNICAMP, 1987, p.7-29.
- _____ & SEDANO, Mercedes. Morfosintaxis. In: *El idioma español de la Venezuela actual*. Serie Medio Milenio. Caracas: Arte S.A., 1992.
- BENVENISTE, Emile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: _____. *Problemas de lingüística geral II*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1989.
- BERRENDONNER, A. *et alii*. *Principes de grammaire polylectale*. Lyon: Presses Universitaires, 1983.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. La notion de variation syntaxique dans la langue parlée. *Langue Française*, 115. Paris: Larousse, 1997, p.19-29.
- BORTOLUSSI, Bernard. *La grammaire du latin*. Paris: Hatier, 1999, Collection Bescherelle.
- BOUSSIÈRE, Alain. *Le bar du subjonctif*. Paris: Hatier, 1999.

- BRUNOT, Ferdinand. *La pensée et la langue*. 2^a ed. Paris, 1926.
- BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D. & JANDA, Richard D. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p.602-623.
- _____ & PAGLIUCA, W. The evolution of future meaning. In: RAMAT, A. G., CARRUBA, O. & BERNINI, G. (eds.). *Papers from the Seventy International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1987, p.109-122.
- BYBEE, Joan & HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistics structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- BYBEE, Joan *et alii*. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CALLOU, Dinah. On future constructions in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada no NWAV 34. New York: New York University, 2005 (trabalho inédito).
- _____ & AVELAR, Juanito. Estruturas com *ter* e *haver* em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, Tânia (org.). *Para a história do português brasileiro*, v.III. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.
- _____. *Ter* and *haver* in the history of Portuguese: the appearance of *ter* in existential environments. Comunicação apresentada no NWAWE 32, na Universidade da Pensilvânia, 2003.
- CALLOU, Dinah; OMENA, Nelize & PAREDES, Vera. Teoria da variação e suas relações com a semântica, pragmática e análise do discurso. *Anais do V Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL)*. 1991, p.532-537.
- CALLOU, Dinah; ELEUTÉRIO, Sílvia & OLIVEIRA, Josane. Estruturas de futuridade em cartas pessoais do século XIX. In: LOPES, Célia (org.). *A norma brasileira em construção*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2005, p.83-93.
- CALVET, Louis-Jean. *La sociolinguistique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- CALZOLARI, N. Observação e generalização: análise linguística de verbos declarativos italianos com base em *corpora* linguísticos. In: BACELAR DO NASCIMENTO *et alii* (orgs.). *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v.1, *Corpora*. Lisboa: Colibri, 1996, p.93-106.

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Uma forma verbal portuguesa – estudo estilístico e gramatical*. Tese apresentada no concurso para a cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio/Rodrigues & Cia., 1956.
- _____. *A forma verbal portuguesa em -ria*. Washington, 1967.
- _____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMPBELL, Lyle. What's wrong with grammaticalization? *Language Sciences*, 23. 2001, p.113-161.
- CART, A. *et alii*. *Grammaire latine*. Paris: Nathan, 2000.
- CASTILHO, Ataliba. T. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: UFBA, 1997.
- CELLE, A. La traduction de *will*. *Linguistique contrastive et traduction*. Tome 3. Paris: Ophrys, 1994, p.87-139.
- _____. *Etude contrastive du futur français et de ses réalisations en anglais*. Paris: Ophrys, 1997.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Linguistic variation and its social significance. Cambridge: Blackwell, 1996.
- CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, Peter & SCHILLING-ESTES, Natalie (eds.). *The handbook of language variation and change*. Cambridge: Blackwell, 2004.
- CHESHIRE, Jenny. Syntactic variation and spoken language. *.Net*, out. 2005. Disponível em: <<http://www.alpha.ac.uk/~mlw011/EDS/cheshire.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- _____. *Structures syntaxiques*. Trad. de Michel Braudeau. Paris: Seuil, 1969.
- COROA, M. L. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003 (Tese de Doutorado).
- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.
- COULTHARD, M. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.

- COUPLAND, Nikolas. Accomodation at work. *International Journal of the Sociology of Language*, 4-6. 1984, p.49-70.
- _____ & JAWORSKI, Adam (eds.). *Sociolinguistics; a reader*. New York: St. Martin's Press, 1997.
- COVENEY, A. Supplement: a critical survey of recent research on grammatical variability, negation and interrogation in French. *Variability in Spoken French*. Bristol: Intellect, 2002.
- CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Paris: Ophrys, 1999.
- CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1977.
- _____ & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAUSES, August. *Universality of grammar and grammatical universals*. 2001.
- D'ÁVILA, Suzana. Tempo verbal na fala culta. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992 (Texto apresentado para exame de qualificação do Doutorado).
- DETGES, U. & WALTERREIT, R. Grammaticalization vs. reanalysis: a semantic-pragmatic account of functional change in grammar. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, 21. 2002, p.151-195.
- DITTMAR, Norbert. *Sociolinguistics: a critical survey on theory and applications*. London: E. Arnold, 1976.
- DRILLON, Jacques. *Propos sur l'imparfait*. Paris: Zulma, 1999.
- DUCROT, Oswald & SCHAEFFER, Jean-Marie. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Seuil, 1995.
- DURHAM, Mercedes. The future of Swiss English. In: GUNNARSSON, Britt-Louise et alii (eds.). *Language variation in Europe*. Papers from the Second International Conference on Language Variation in Europe, ICLaVE 2. Sweden: Uppsala Universitet, 2004.
- ECKERT, Penelope. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: *Language variation and change*, 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p.245-267.
- EDWARDS, Walter. Future markers *will*, *gonna* and *gon* in Detroit AAVE: comparison with Urban Guyanese Creole. Comunicação apresentada no NWAV 34. New York: New York University, 2005 (trabalho inédito).

- EMIRKIANIAN, L. & SANKOFF, David. Le futur simple et le futur périphrastique dans le français parlé. In: LEMIEUX, M. & CEDERGREN, H. (eds.) *Les tendances dynamiques du français parlé à Montréal*, v.2. Québec: Gouvernement du Québec, 1985.
- FARACO, Carlos & MOURA, Francisco. *Gramática*. 18^a ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- FASOLD, R. *The sociolinguistics of language*. Oxford: Blackwell, 1990.
- FISHMAN, Joshua. *Sociolinguistics: a brief introduction*. Massachusetts: Newbury House, 1975.
- FLEISCHMAN, Suzanne. *The futur in thought and language – diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- FRANCKEL, J.-J. Futur simple et futur proche. *Le français dans le monde*, 182. Paris: Hachette, 1984, p.65-70.
- GADET, Françoise. La variation, plus qu'une écume. *Langue Française*, 115. Paris: Larousse, 1997, p.5-18.
- _____ (org.). *Langages*, 108. Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan. Paris: Larousse, 1992.
- GAGNON, Sylvie. Futur proche, futur éloigné: problème terminologique et didactique. In: *Langues et linguistique*, 16, 1990.
- GIBBON, Adriana de O. A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação. Florianópolis: UFSC, 2000 (Dissertação de Mestrado).
- _____. Teste de atitude e ensino: a expressão *vou ir* no Sul do país. Comunicação apresentada no II ECLAE. João Pessoa: UFPB, 7 a 10 de setembro de 2003. Trabalho inédito.
- _____. As formas de codificar o futuro na imprensa: o caso do Jornal *Zero Hora* (RS). Comunicação apresentada no XII Congresso da ASSEL-Rio. Rio de Janeiro: UERJ, 17 a 19 de novembro de 2003. Trabalho inédito.
- GILES, H. Accent mobility: a model and some data. *Anthropological Linguistics*, 15. 1973, p.87-105.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

- GOMES, Christina Abreu. Aquisição e perda de preposição no português do Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996 (Tese de Doutorado).
- GROUSSIÉ, M.-L. Sur les verbes *come* et *go* en anglais contemporain. *T. A. Informations*, 19. Paris: Klincksieck, 1978, n° 1 22-41, n° 2 33-56.
- _____. Déixis et représentation métaphorique du temps en vieil-anglais: le cas de *todaeg(e)/today*. In: MOREL, M.-A. & DANON-BOILEAU, L. (eds.). *La déixis*. Colloque en Sorbonne 8-9 juin 1990. Paris: PUF, 1992, p.331-344.
- GRYNER, Helena. A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais em português. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990 (Tese de Doutorado).
- _____. Equilíbrio de desequilíbrio na evolução das estruturas condicionais. In: PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugênia L. *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, 2003, p.175-192.
- _____. Marcação e expressão do futuro na fala e na escrita. Comunicação apresentada no XII Congresso da ASSEL-Rio. Rio de Janeiro: UERJ, 17 a 19 de novembro de 2003. Trabalho inédito.
- HARRIS, A. C. & CAMPBELL, L. *Historical syntax in cross – linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HASPELMATH, M. Does grammaticalization need reanalysis? *Language*, 22, 1988, p.49-85.
- HEDLEY, Paul. Space, time and metaphor in modern French: the clines of grammaticalization and semantic development. *Paper XII Extended Essay*. Oxford: Magdalen College, 2001.
- HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- _____. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse & DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2002, p.83-101.
- _____. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. D. & JANDA, R. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p.575-601.
- _____ & Reh, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, B. *et alii*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

- HEINE, B. & KUTEVA, T. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HOLMS, J. *An introduction to sociolinguistics*. London: Longman, 1992.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____. *Grammaticalization*. 2^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 (edição revista e ampliada).
- ILLARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 1997.
- JEANJEAN, C. Le futur simple et le futur périphrastique en français parlé. Étude distributionnelle. In: BLANCHE-BENVENISTE, C. *et alii* (eds.). *Hommage à la mémoire de Jean Stéfanini*. Aix: Presses de l'Université de Provence, 1988, p.235-258.
- JOSEPH, Brian D. & JANDA, Richard D. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- KATO, Mary A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A. *et alii* (orgs.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005, p.131-145.
- KROCH, Anthony S. Syntactic change. In: BALTIM, Mark & COLLINS, Chris (eds.). *Handbook of syntax*. Cambridge: Blackwell, 2001.
- KURY, Adriano da Gama. *Para falar e escrever melhor o português*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
- _____. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language*, 45:4. 1969, p.715-762.
- _____. *Language in the Inner City: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.
- _____. The social motivation of a sound change. *Word*, 19. 1963, p.273-309. Revised as ch. 1, p.1-42 in *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. The intersection of sex and social factors in the course of language change. Paper presented at NWAVE, Philadelphia, 1984.

- _____. *Principles of linguistic change (internal factors)*, v.1. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of linguistic change (social factors)*, v.2. Oxford: Blackwell, 2001.
- LACA, Brenda. Les catégories aspectuelles à expression périphrastique: une interprétation des apparentes “lacunes” du français. In: *Langue Française*, 141. Paris: Larousse, 2004, p.85-98.
- LAFONT, Robert. *Quarante ans de sociolinguistique à la périphérie*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- LANGACKER, Ronald W. Syntactic reanalysis. In: LI, C. N. *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press, 1977, p.57-129.
- LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, 7. Londres, 1978, p.171-182.
- _____. Le principe de réinterprétation dans la théorie de la variation. Stanford, USA, 1979 (mimeo).
- *LE BESCHERELLE 3*. La grammaire pour tous. Paris: Hatier, 1984.
- LE GOFFIC, Pierre. *Les formes conjuguées du verbe français oral et écrit*. Paris: Ophrys, 1997.
- LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*, v.1. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien, 1982.
- LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LIMA, José Pinto de. Sobre a gênese e a evolução do futuro com “ir” em português. In: SILVA, Augusto Soares da (org.). *Linguagem e cognição*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 2001.
- MALVAR, Elisabete. O presente do futuro no português oral do Brasil. Ottawa: University of Ottawa, 2003 (Tese de Doutorado).
- ____ & POPLACK, Shana. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: VOTRE, Sebastião & RONCARATI, Cláudia. *Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras (a sair).
- MARCHELLO-NIZIA, Christiane. *Histoire de la langue française aux XIV^e et XV^e siècles*. 2^a ed. Paris: Bordas-Dunod, 1992.
- _____. *L'évolution du français*. Paris: Armand Colin, 1995.
- _____. Les grammaticalisations ont-elles une cause? *L'information grammaticale*, 67. Paris: Baillièere, 2000, p.3-9.

- _____. Grammaticalisation et évolution des systèmes grammaticaux. *Langue Française*, 130. Paris: Larousse, 2001, p.33-41.
- _____. Changes in the structure of grammatical systems: the evolution of French. *Cours of the University of St. Andrews*, 2003, v.XXXIX, n° 4.
- _____ *et alii*. Introduction: grammaticalisation et changement linguistique. *Verbum*, XXV. Nancy: Université de Nancy 2, 2003, p.225-240.
- MARQUES, Maria Emília Ricardo. *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. *O vocabulário da fala carioca*, v.1. Léxico 1: ordem de frequência decrescente. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1945.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização e vinculação entre cláusulas adverbiais. *Relatório do Projeto Integrado Gramaticalização e Vinculação entre Cláusulas Adverbiais – Grupo Discurso & Gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- _____ *et alii* (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MATEO, Francis & ROJO SASTRE, Antonio J. *El arte de conjugar en español*. Colección Bescherelle. Paris: Hatier, 1984.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MATHIEU, Yvette Yannick. *Les verbes de sentiment*. De l'analyse linguistique au traitement automatique. Paris: CNRS, 2000.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas*. Elementos para uma gramática do português arcaico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1989.
- _____. A variação *ter/haver*. In: _____ (org.). *A carta de Caminha*. Salvador: UFBA, 1996.
- _____. Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver, ter* no galego-português ducentista. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19. Salvador: UFBA, 1997.
- MENEZES, Norma S. R. A flexão verbal no português contemporâneo: a diacronia condicionando a sincronia. Salvador: UFBA, 1994 (Dissertação de Mestrado).
- MILROY, L. & GORDON, M. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.

- MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992 (Cadernos Didáticos da UFRJ).
- MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, 12.26:6. 1912. Repr. in A. Meillet, *Linguistique historique et linguistique général*, 1:130-148. Paris: Champion, 1948.
- MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, José L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.
- _____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1956.
- NEVES, Maria Helena de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Fátima. O futuro em português: alguns aspectos temporais e/ou modais. *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1985, p.353-373.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. A tendência do nosso futuro. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: 2005, p.303-312.
- _____. L'expression du futur en portugais brésilien. Comunicação apresentada na Journée Doctorants du Laboratoire Interactions, Corpus, Apprentissages et Représentations (ICAR). Lyon: École Normale Supérieure – Lettres et Sciences Humaines (inédit).
- _____. Le verbe *ir (aller)* en portugais: polysémie ou grammaticalisation? *Actes du Colloque Jeunes Chercheurs – De la langue au discours: l'un et le multiple dans les outils grammaticaux*. Montpellier: Université Paul Valéry – Montpellier III (à paraître).
- OLIVEIRA, Marco Antônio. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*, Ano 4, n.7. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

- OLIVEIRA, Marilza de. *Amare aveva* or *amare iva*? A new look at the grammaticalization of Portuguese Conditional. *Linguística*, 15/16. São Paulo: ALFAL/USP, 2003/2004, p.175-184.
- OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de & PAIVA, Maria da Conceição de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões sociolingüísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.334-378.
- OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões sociolingüísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- OROZCO, Rafael. Distribution of future time forms in Northern Colombian Spanish. In: EDDINGTON, David (ed.). *Selected proceedings of the 7th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla, 2005.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.33-42.
- ____ & DUARTE, Maria Eugênia L. Introdução: a mudança lingüística em curso. In: _____. *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, 2003, p.13-29.
- PARRA, María José Ramírez. La expresión variable de la futuridad en el español castellanense. *Jornades de Foment de la Investigació*. Barcelona: Universitat Jaume I, 2005.
- PEREIRA, Marli Hermenegilda. Reanálise e gramaticalização de conectores: uma análise em tempo real. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005 (Tese de Doutorado).
- PERINI, Mário. *Gramática do infinitivo português*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- PICHON, E. De l'accession du verbe *aller* à l'auxiliarité en français. *Revue de philologie française*, 44. 1932, p.65-108.
- PIMPÃO, T. S. Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática. Florianópolis: UFSC, 1999 (Dissertação de Mestrado).
- PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- POPLACK, Shana & MALVAR, Elisabete. Elucidating the transition period in linguistic change. *Probus* (a sair).

- POPLACK, Shana & TAGLIAMONTE, Sali. It's black and white: the *futur* of English in rural Nova Scotia. Comunicação apresentada no New Ways of Analyzing Variation (NWAV), 24. Ottawa: University of Ottawa, 1995.
- _____. The grammaticization of *going to* in (African American) English. *Language Variation and Change*, 11. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- POPLACK, Shana & TURPIN, Danielle. Does the *futur* have a future in (Canadian) French? *Probus*, 11. Ottawa: University of Ottawa, 1999, p.133-164.
- RAND, David. & SANKOFF, David. *GoldVarb: a variable rule application for Macintosh*. 1990.
- RÉMI-GIRAUD, S. *L'infinitif*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1988.
- ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, Helen. & TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis for Windows*. New York: University of York (Department of Language and Linguistic Science), 2001.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*, 18^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SANKOFF, David & THIBAUT, Pierrette. Weak complementarity: tense and aspect in Montréal French. *Natural Languages Studies*, 25. Michigan: University of Michigan, 1981, p.205-216.
- SANKOFF, Gillian & WAGNER, Suzanne. Age grading in the future. Comunicação apresentada no NWAV 34. New York: New York University, 2005 (trabalho inédito).
- SANTOS, A. M. dos. O futuro verbal no português do Brasil em variação. Brasília: UNB, 1997 (Dissertação de Mestrado).
- SANTOS, Josete Rocha dos. A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000 (Dissertação de Mestrado).
- _____. O futuro verbal é um tempo ou um modo? Comunicação (trabalho inédito).
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Reanálise da concordância nominal em português. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988 (Tese de Doutorado).
- _____. Paralelismo lingüístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.7, n^o 2. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998, p.29-59.
- SCHROTT, A. La modalisation d'une forme temporelle: le futur périphrastique et l'allure extraordinaire. In: VAN DER AUWERA, J. & DENDALE, P. (eds.). *Les*

verbes modaux dans les langues germaniques et romanes. Amsterdam: Rodopi, 2001, p.159-170.

- SILVA, Ademar da. *A expressão de futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.
- SILVA, T. S. da. A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito da fala de Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 1998 (Dissertação de Mestrado).
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1988.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/Presença, 1979.
- _____. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977.
- SPENCER, A. *Morphological theory*. Cambridge: Blackwell, 1991.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *Tempos lingüísticos*. Itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.
- TELLES, Célia M. As categorias de modo, tempo e aspecto em textos românicos do século XVI. Salvador: UFBA, 1982 (Dissertação de Mestrado).
- THAU-KNUDSEN, Erik. *Future formations in Late Latin*. 2002.
- THOMAS, Earl W. *The syntax of spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1969.
- _____. *A grammar of spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1974.
- THOMASON, Sarah G. Contact as a source of language change. In: JOSEPH, Brian D. & JANDA, Richard D. (eds.) *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____ & KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- TOURATIER, Christian. *Le système verbal français*. Paris: Armand Colin, 1996.
- TRAUOGOTT, Elizabeth. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D. & JANDA, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p.625-647.

- _____ & HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*, v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português*. Uberlândia: UFU, 1994.
- TRUDGILL, P. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- _____. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.
- TURELL, M. Tereza. Apparent and real time in studies of linguistic change and variation. *Revista de Sociolinguística*. 2003.
- VAN HECKE, Tine. Le futur périphrastique roman. Le cas de l'italien *andare a +* infinitif. Trabalho a ser publicado na *Revue Romane*. Copenhague: 2006.
- VIOTTI, Evani. Uma história sobre *ter e haver*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 34. 1998.
- WAUGH, Linda R. & BAHLOUL, Maher. La différence entre le futur simple et le futur périphrastique dans le discours journalistique. *Modèles Linguistiques*, XVII. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1996, p.19-36.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- WINFORD, D. The problem of syntactic variation. In: ARNOLD, J. *et alii* (eds.). *Sociolinguistic variation: data, theory and analysis*. Selected papers from NWAVE 23. Stanford: CSLI, 1996, p.177-192.
- YANG, Charles D. Internal and external forces in language change. *Language variation and change*, 12. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p.231-250.

APÊNDICE

Rodadas binárias

Tabelas criadas a partir do arquivo de células das EFs – década de 70

Total de dados: 439 (82% de futuro perifrástico e 18% de futuro simples)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1 sílaba	79	72%	31	28%	110
2 sílabas	127	81%	29	19%	156
3 sílabas	109	88%	15	12%	124
4 ou + sílabas	43	88%	6	12%	49

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Copulativo	26	67%	13	33%	39
Intransitivo	67	82%	15	18%	82
Trans. direto	210	83%	42	17%	252
Trans. indir.	29	83%	6	17%	35
Bitransitivo	24	96%	1	4%	25
Existencial	2	33%	4	67%	6

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
P1	51	91%	5	9%	56
P3	218	78%	62	22%	280
P4	59	89%	7	11%	66
P6	30	81%	7	19%	37

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Regular	220	87%	34	13%	254
Irregular	138	75%	47	25%	185

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1ª	177	87%	27	13%	204
2ª	137	74%	48	26%	185
3ª	44	88%	6	12%	50

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Processo	211	84%	39	16%	250
Evento	66	74%	23	26%	89
Estado físico	42	75%	14	25%	56
Cognitivo	39	89%	5	11%	44

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Preenchido	292	82%	62	18%	354
Desinencial	60	79%	16	21%	76
Oracional	1	100%	-	-	1
Indeterminado	2	100%	-	-	2
Inexistente	3	50%	3	50%	6

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Anim. hum.	224	88%	32	12%	256
Anim. ã hum	2	100%	-	-	2
Abstrato	42	74%	15	26%	57
Inanimado	86	74%	31	26%	117

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Agente	219	90%	25	10%	244
Experienciador	121	75%	41	25%	162
Paciente	14	54%	12	45%	26

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Até 24 horas	78	94%	5	6%	83
Até 1 mês	9	90%	1	10%	10
Até 1 ano	8	62%	5	38%	13
Distante	2	29%	5	71%	7
Indefinido	261	80%	65	20%	326

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Advérbio	48	74%	17	26%	65
Or. adverbial	7	78%	2	22%	9
Discurso	71	91%	7	9%	78
Ausência	232	81%	55	19%	287

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Absoluta	103	80%	25	20%	128
Coordenada	51	88%	7	12%	58
Principal	100	78%	28	22%	128
Completiva	31	89%	4	11%	35
Relativa	55	87%	8	13%	63
Adverbial	18	67%	9	33%	27

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Afirmativa	308	81%	70	19%	378
Negativa	26	74%	9	26%	35
Interrogativa	24	92%	2	8%	26

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Oc. isolada	112	77%	33	23%	145
1ª ocorrência	83	90%	9	10%	92
Após =	137	90%	16	10%	153
Após ≠	26	53%	23	47%	49

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
- contingente	135	92%	11	8%	146
+ contingente	223	76%	70	24%	293

Sexo/gênero do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Mulher	155	89%	19	11%	174
Homem	203	77%	62	23%	265

Faixa etária do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
25-35 anos	125	90%	14	10%	139
36-55 anos	99	76%	31	24%	130
+ de 55 anos	134	79%	36	21%	170

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Salvador	116	76%	36	24%	152
Rio	242	84%	45	16%	287

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos DIDs – década de 70

Total de dados: 189 (87% de futuro perifrástico e 13% de futuro simples)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1 sílaba	26	76%	8	24%	34
2 sílabas	88	90%	10	10%	98
3 sílabas	39	93%	3	7%	42
4 ou + sílabas	11	73%	4	27%	15

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Copulativo	16	67%	8	33%	24
Intransitivo	39	89%	5	11%	44
Trans. direto	86	90%	10	10%	96
Trans. indir.	11	85%	2	15%	13
Bitransitivo	10	100%	-	-	10
Existencial	2	100%	-	-	2

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
P1	17	94%	1	6%	18
P3	97	85%	17	15%	114
P4	25	96%	1	4%	26
P6	25	81%	6	19%	31

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Regular	104	89%	13	11%	117
Irregular	60	83%	12	17%	72

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1ª	88	90%	10	10%	98
2ª	59	81%	14	19%	73
3ª	17	94%	1	6%	18

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Processo	65	93%	5	7%	70
Evento	59	84%	11	16%	70
Estado físico	19	76%	6	24%	25
Cognitivo	21	88%	3	22%	24

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Preenchido	88	82%	19	18%	107
Desinencial	65	94%	4	6%	69
Oracional	2	100%	-	-	2
Indeterminado	7	88%	1	12%	8
Inexistente	2	67%	1	33%	3

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Anim. hum.	112	91%	11	9%	123
Anim. ã hum	5	100%	-	-	5
Abstrato	5	83%	1	17%	6
Inanimado	38	76%	12	24%	50

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Agente	94	91%	9	9%	103
Experienciador	60	83%	12	17%	72
Paciente	6	67%	3	33%	9

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Até 24 horas	12	92%	1	8%	13
Até 1 mês	5	100%	-	-	5
Até 1 ano	7	100%	-	-	7
Distante	11	73%	4	27%	15
Indefinido	129	87%	20	13%	149

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Advérbio	22	92%	2	8%	24
Or. adverbial	7	78%	2	22%	9
Discurso	14	78%	4	22%	18
Ausência	121	88%	17	12%	138

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Absoluta	50	93%	4	7%	54
Coordenada	34	85%	6	15%	40
Principal	29	78%	8	22%	37
Completiva	31	89%	4	11%	35
Relativa	12	86%	2	14%	14
Adverbial	8	89%	1	11%	9

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Afirmativa	132	85%	23	15%	155
Negativa	18	95%	1	5%	19
Interrogativa	14	93%	1	7%	15

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Oc. isolada	64	88%	9	12%	73
1ª ocorrência	38	84%	7	16%	45
Após =	55	92%	5	8%	60
Após ≠	7	64%	4	36%	11

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
- contingente	58	88%	8	12%	66
+ contingente	106	86%	17	14%	123

Sexo/gênero do informante

Fatores	Futuro perifrástico	Futuro simples	Total
---------	---------------------	----------------	-------

	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Mulher	61	86%	10	14%	71
Homem	103	87%	15	13%	118

Faixa etária do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
25-35 anos	30	68%	14	32%	44
36-55 anos	75	95%	4	5%	79
+ de 55 anos	59	89%	7	11%	66

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Salvador	15	65%	8	35%	23
Rio	149	90%	17	10%	166

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos DIDs – década de 90

Total de dados: 142 (96% de futuro perifrástico e 4% de futuro simples)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1 sílaba	28	88%	4	12%	32
2 sílabas	82	99%	1	1%	83
3 sílabas	23	100%	-	-	23
4 ou + sílabas	4	100%	-	-	4

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Copulativo	9	82%	2	18%	11
Intransitivo	41	98%	1	2%	42
Trans. direto	77	99%	1	1%	78
Trans. indir.	5	100%	-	-	5
Bitransitivo	4	100%	-	-	4
Existencial	1	50%	1	50%	2

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
P1	37	97%	1	3%	38
P3	82	95%	4	5%	86
P4	4	100%	-	-	4
P6	14	100%	-	-	14

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Regular	84	100%	-	-	84
Irregular	53	91%	5	9%	58

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1ª	76	100%	-	-	76
2ª	54	93%	4	7%	58
3ª	7	88%	1	12%	8

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Processo	52	98%	1	2%	53
Evento	44	96%	2	4%	46
Estado físico	24	92%	2	8%	26
Cognitivo	17	100%	-	-	17

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Preenchido	87	98%	2	2%	89
Desinencial	46	98%	1	2%	47
Oracional	-	-	1	100%	1
Indeterminado	3	100%	-	-	3
Inexistente	1	50%	1	50%	2

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Anim. hum.	101	98%	2	2%	103
Anim. ã hum	-	-	-	-	-
Abstrato	9	100%	-	-	9
Inanimado	26	96%	1	4%	27

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Agente	80	99%	1	1%	81
Experienciador	53	96%	2	4%	55
Paciente	3	100%	-	-	3

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Até 24 horas	15	100%	-	-	15
Até 1 mês	7	100%	-	-	7
Até 1 ano	2	100%	-	-	2
Distante	5	83%	1	17%	6
Indefinido	108	96%	4	4%	112

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Advérbio	16	100%	-	-	16
Or. adverbial	11	92%	1	8%	12
Discurso	19	95%	1	5%	20
Ausência	91	97%	3	3%	94

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Absoluta	27	96%	1	4%	28
Coordenada	37	97%	1	3%	38
Principal	32	94%	2	6%	34
Completiva	18	100%	-	-	18
Relativa	13	100%	-	-	13
Adverbial	10	91%	1	9%	11

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Afirmativa	103	95%	5	5%	108
Negativa	21	100%	-	-	21
Interrogativa	13	100%	-	-	13

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Oc. isolada	51	96%	2	4%	53
1ª ocorrência	29	97%	1	3%	30
Após =	46	100%	-	-	46
Após ≠	11	85%	2	15%	13

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
- contingente	30	94%	2	6%	32
+ contingente	107	97%	3	3%	110

Sexo/gênero do informante

Fatores	Futuro perifrástico	Futuro simples	Total
---------	---------------------	----------------	-------

	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Mulher	80	96%	3	4%	83
Homem	57	97%	2	3%	59

Faixa etária do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
25-35 anos	67	99%	1	1%	68
36-55 anos	35	100%	-	-	35
+ de 55 anos	35	90%	4	10%	39

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Salvador	41	100%	-	-	41
Rio	96	95%	6	5%	101

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos Jornais – década de 70

Total de dados: 78 (9% de futuro perifrástico e 91% de futuro simples)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1 sílaba	1	5%	20	95%	21
2 sílabas	1	4%	22	96%	23
3 sílabas	1	5%	18	95%	19
4 ou + sílabas	4	27%	11	73%	15

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Copulativo	1	6%	17	94%	18
Intransitivo	2	18%	9	82%	11
Trans. direto	4	10%	35	90%	39
Trans. indir.	-	-	8	100%	8
Bitransitivo	-	-	2	100%	2
Existencial	-	-	-	-	-

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
P1	-	-	-	-	-
P3	4	7%	55	93%	59
P4	-	-	2	100%	2
P6	3	18%	14	82%	17

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Regular	5	12%	36	88%	41
Irregular	2	5%	35	95%	37

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1ª	5	14%	31	86%	36
2ª	2	6%	32	94%	34
3ª	-	-	8	100%	8

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Processo	6	13%	39	87%	45
Evento	-	-	10	100%	10
Estado físico	1	5%	19	95%	20
Cognitivo	-	-	3	100%	3

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Preenchido	6	11%	47	89%	53
Desinencial	1	5%	19	95%	20
Oracional	-	-	4	100%	4
Indeterminado	-	-	-	-	-
Inexistente	-	-	1	100%	1

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Anim. hum.	-	-	14	100%	14
Anim. ã hum	-	-	-	-	-
Abstrato	4	27%	11	73%	15
Inanimado	3	7%	41	93%	44

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Agente	5	17%	24	83%	29
Experienciador	1	3%	28	97%	29
Paciente	1	6%	15	94%	16

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Até 24 horas	-	-	-	-	-
Até 1 mês	-	-	5	100%	5
Até 1 ano	1	33%	2	67%	3
Distante	1	14%	6	86%	7
Indefinido	5	8%	58	92%	63

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Advérbio	2	12%	15	88%	17
Or. adverbial	-	-	2	100%	2
Discurso	1	50%	1	50%	2
Ausência	4	7%	53	93%	57

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Absoluta	1	7%	13	93%	14
Coordenada	1	10%	9	90%	10
Principal	2	7%	27	93%	29
Completiva	-	-	10	100%	10
Relativa	2	18%	9	82%	11
Adverbial	1	25%	3	75%	4

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Afirmativa	7	11%	54	89%	61
Negativa	-	-	10	100%	10
Interrogativa	-	-	7	100%	7

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Oc. isolada	7	17%	35	83%	42
1ª ocorrência	-	-	16	100%	16
Após =	-	-	18	100%	18
Após ≠	-	-	2	100%	2

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
- contingente	2	8%	22	92%	24
+ contingente	5	9%	49	91%	54

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico	Futuro simples	Total
---------	---------------------	----------------	-------

	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Salvador	1	3%	33	97%	34
Rio	6	14%	38	86%	44

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos Jornais – década de 90

Total de dados: 70 (26% de futuro perifrástico e 74% de futuro simples)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1 sílaba	2	15%	11	85%	13
2 sílabas	7	26%	20	74%	27
3 sílabas	6	32%	13	68%	19
4 ou + sílabas	3	27%	8	73%	11

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Copulativo	2	14%	12	86%	14
Intransitivo	3	21%	11	79%	14
Trans. direto	11	31%	24	69%	35
Trans. indir.	1	20%	4	80%	5
Bitransitivo	1	50%	1	50%	2
Existencial	-	-	-	-	-

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
P1	-	-	-	-	-
P3	13	27%	35	73%	48
P4	-	-	3	100%	3
P6	5	26%	14	74%	19

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Regular	14	29%	34	71%	48
Irregular	4	18%	18	82%	22

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
1ª	10	25%	30	75%	40
2ª	6	26%	17	74%	23
3ª	2	29%	5	71%	7

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Processo	10	24%	31	76%	41
Evento	3	33%	6	67%	9
Estado físico	2	13%	14	87%	16
Cognitivo	3	75%	1	25%	4

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Preenchido	13	26%	37	74%	50
Desinencial	3	20%	12	80%	15
Oracional	2	67%	1	33%	3
Indeterminado	-	-	2	100%	2
Inexistente	-	-	-	-	-

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Anim. hum.	3	21%	11	79%	14
Anim. ã hum	-	-	-	-	-
Abstrato	5	31%	11	69%	16
Inanimado	8	22%	29	78%	37

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Agente	10	33%	20	67%	30
Experienciador	5	23%	17	77%	22
Paciente	1	7%	14	93%	15

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Até 24 horas	-	-	-	-	-
Até 1 mês	-	-	-	-	-
Até 1 ano	-	-	1	100%	1
Distante	1	50%	1	50%	2
Indefinido	17	25%	50	75%	67

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Advérbio	1	25%	3	75%	4
Or. adverbial	2	67%	1	33%	3
Discurso	-	-	2	100%	2
Ausência	15	25%	46	75%	61

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Absoluta	3	27%	8	73%	11
Coordenada	1	7%	13	93%	14
Principal	5	22%	18	78%	23
Completiva	5	50%	5	50%	10
Relativa	4	36%	7	64%	11
Adverbial	-	-	1	100%	1

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Afirmativa	16	25%	49	75%	65
Negativa	1	25%	3	75%	4
Interrogativa	1	100%	-	-	1

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Oc. isolada	10	26%	28	74%	38
1ª ocorrência	5	38%	8	62%	13
Após =	1	8%	11	92%	12
Após ≠	2	29%	5	71%	7

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Total
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
- contingente	7	29%	17	71%	24
+ contingente	11	24%	35	76%	46

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico	Futuro simples	Total
---------	---------------------	----------------	-------

	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual	
Salvador	11	29%	27	71%	38
Rio	7	22%	25	78%	32

Rodadas ternárias

Tabelas criadas a partir do arquivo de células das EFs – década de 70

Total de dados: 490 (73% de futuro perifrástico, 17% de futuro simples e 10% de presente)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1 sílaba	79	64%	31	25%	13	11%	123
2 sílabas	127	71%	29	16%	22	13%	178
3 sílabas	109	82%	15	11%	9	7%	133
4 ou + sílabas	43	77%	6	11%	7	12%	56

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Copulativo	26	57%	13	28%	7	15%	46
Intransitivo	67	66%	15	15%	20	19%	102
Trans. direto	210	78%	42	15%	18	7%	270
Trans. indir.	29	80%	6	17%	1	3%	36
Bitransitivo	24	86%	1	3%	3	11%	28
Existencial	2	25%	4	50%	2	25%	8

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
P1	51	86%	5	9%	3	5%	59
P3	218	68%	62	19%	43	13%	323
P4	59	84%	7	10%	4	6%	70
P6	30	79%	7	18%	1	3%	38

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Regular	220	77%	34	12%	32	11%	286
Irregular	138	68%	47	23%	19	9%	204

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1ª	177	76%	27	12%	27	12%	231
2ª	137	69%	48	24%	15	7%	200
3ª	44	75%	6	10%	9	15%	59

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Processo	211	78%	39	14%	21	8%	271
Evento	66	62%	23	22%	17	16%	106
Estado físico	42	63%	14	21%	11	16%	67
Cognitivo	39	85%	5	11%	2	4%	46

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Preenchido	292	73%	62	16%	45	11%	399
Desinencial	60	75%	16	20%	4	5%	80
Oracional	1	100%	-	-	-	-	1
Indeterminado	2	100%	-	-	-	-	2
Inexistente	3	37%	3	37%	2	26%	8

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Anim. hum.	224	81%	32	11%	21	8%	277
Anim. ã hum	2	100%	-	-	-	-	2
Abstrato	42	72%	15	26%	1	2%	58
Inanimado	86	60%	31	21%	27	19%	144

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Agente	219	83%	25	9%	20	8%	264
Experienciador	121	65%	41	22%	25	13%	187
Paciente	14	47%	12	40%	4	13%	30

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Até 24 horas	78	91%	5	6%	3	3%	86
Até 1 mês	9	75%	1	8%	2	17%	12
Até 1 ano	8	54%	5	33%	2	13%	15
Distante	2	25%	5	63%	1	12%	8
Indefinido	261	71%	65	17%	43	12%	369

Presença/ausência de marca de futuridad fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Advérbio	48	68%	17	24%	6	8%	71
Or. adverbial	7	58%	2	17%	3	25%	12
Discurso	71	85%	7	8%	6	7%	84
Ausência	232	72%	55	17%	36	11%	323

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Absoluta	103	73%	25	18%	13	9%	141
Coordenada	51	72%	7	10%	13	18%	71
Principal	100	70%	28	20%	15	10%	143
Completiva	31	86%	4	11%	1	3%	36
Relativa	55	76%	8	11%	9	13%	72
Adverbial	18	67%	9	33%	-	-	27

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Afirmativa	308	73%	70	17%	42	10%	420
Negativa	26	68%	9	24%	3	8%	38
Interrogativa	24	75%	2	6%	6	19%	32

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Oc. isolada	112	72%	33	21%	11	7%	156
1ª ocorrência	83	82%	9	9%	9	9%	101
Após =	137	85%	16	10%	9	5%	162
Após ≠	26	37%	23	32%	22	31%	71

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
- contingente	135	88%	11	7%	7	5%	153
+ contingente	223	66%	70	21%	44	13%	337

Sexo/gênero do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Mulher	155	80%	19	10%	19	10%	193
Homem	203	68%	62	21%	32	11%	297

Faixa etária do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
25-35 anos	125	79%	14	9%	20	12%	159
36-55 anos	99	66%	31	20%	21	14%	151
+ de 55 anos	134	74%	36	20%	10	6%	180

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Salvador	116	65%	36	20%	26	15%	178
Rio	242	78%	45	14%	25	8%	312

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos DIDs – década de 70

Total de dados: 226 (73% de futuro perifrástico, 11% de futuro simples e 16% de presente)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1 sílaba	26	53%	8	16%	15	31%	49
2 sílabas	88	79%	10	9%	14	12%	112
3 sílabas	39	83%	3	6%	5	11%	47
4 ou + sílabas	11	61%	4	22%	3	17%	18

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Copulativo	16	57%	8	29%	4	14%	28
Intransitivo	39	72%	5	9%	10	19%	54
Trans. direto	86	75%	10	9%	18	16%	114
Trans. indir.	11	69%	2	12%	3	19%	16
Bitransitivo	10	91%	-	-	1	9%	11
Existencial	2	67%	-	-	1	33%	3

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
P1	17	68%	1	4%	7	28%	25
P3	97	69%	17	12%	27	19%	141
P4	25	96%	1	4%	-	-	26
P6	25	73%	6	18%	3	9%	34

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Regular	104	76%	13	9%	20	15%	137
Irregular	60	67%	12	14%	17	19%	89

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1ª	88	74%	10	8%	21	18%	119
2ª	59	70%	14	17%	11	13%	84
3ª	17	74%	1	4%	5	22%	23

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Processo	65	78%	5	6%	13	16%	83
Evento	59	70%	11	13%	14	17%	84
Estado físico	19	59%	6	19%	7	22%	32
Cognitivo	21	78%	3	11%	3	11%	27

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Preenchido	88	68%	19	14%	23	18%	130
Desinencial	65	81%	4	5%	11	14%	80
Oracional	2	100%	-	-	-	-	2
Indeterminado	7	70%	1	10%	2	20%	10
Inexistente	2	50%	1	25%	1	25%	4

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Anim. hum.	112	78%	11	8%	20	14%	143
Anim. ã hum	5	100%	-	-	-	-	5
Abstrato	5	72%	1	14%	1	14%	7
Inanimado	38	59%	12	18%	15	23%	65

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Agente	94	79%	9	8%	16	13%	119
Experienciador	60	67%	12	14%	17	19%	89
Paciente	6	50%	3	25%	3	25%	12

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Até 24 horas	12	63%	1	5%	6	32%	19
Até 1 mês	5	100%	-	-	-	-	5
Até 1 ano	7	58%	-	-	5	42%	12
Distante	11	52%	4	19%	6	29%	21
Indefinido	129	76%	20	12%	20	12%	169

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Advérbio	22	61%	2	6%	12	33%	36
Or. adverbial	7	58%	2	17%	3	25%	12
Discurso	14	64%	4	18%	4	18%	22
Ausência	121	78%	17	11%	18	11%	156

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Absoluta	50	82%	4	7%	7	11%	61
Coordenada	34	64%	6	11%	13	25%	53
Principal	29	63%	8	17%	9	20%	46
Completiva	31	80%	4	10%	4	10%	39
Relativa	12	70%	2	12%	3	18%	17
Adverbial	8	80%	1	10%	1	10%	10

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Afirmativa	132	70%	23	12%	33	18%	188
Negativa	18	78%	1	4%	4	18%	23
Interrogativa	14	93%	1	7%	-	-	15

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Oc. isolada	64	82%	9	12%	5	6%	78
1ª ocorrência	38	76%	7	14%	5	10%	50
Após =	55	77%	5	7%	11	16%	71
Após ≠	7	26%	4	15%	16	59%	27

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
- contingente	58	66%	8	9%	22	25%	88
+ contingente	106	77%	17	12%	15	11%	138

Sexo/gênero do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Mulher	61	76%	10	13%	9	11%	80
Homem	103	71%	15	10%	28	19%	146

Faixa etária do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
25-35 anos	30	46%	14	22%	21	32%	65
36-55 anos	75	88%	4	5%	6	7%	85
+ de 55 anos	59	78%	7	9%	10	13%	76

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Salvador	15	54%	8	28%	5	18%	28
Rio	149	75%	17	9%	32	16%	198

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos DIDs – década de 90

Total de dados: 167 (82% de futuro perifrástico, 3% de futuro simples e 15% de presente)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1 sílaba	28	70%	4	10%	8	20%	40
2 sílabas	82	88%	1	1%	10	11%	93
3 sílabas	23	79%	-	-	6	21%	29
4 ou + sílabas	4	80%	-	-	1	20%	5

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Copulativo	9	64%	2	14%	3	22%	14
Intransitivo	41	77%	1	2%	11	21%	53
Trans. direto	77	88%	1	1%	10	11%	88
Trans. indir.	5	83%	-	-	1	17%	6
Bitransitivo	4	100%	-	-	-	-	4
Existencial	1	50%	1	50%	-	-	2

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
P1	37	76%	1	2%	11	22%	49
P3	82	82%	4	4%	14	14%	100
P4	4	100%	-	-	-	-	4
P6	14	100%	-	-	-	-	14

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Regular	84	87%	-	-	13	13%	97
Irregular	53	76%	5	7%	12	17%	70

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1ª	76	89%	-	-	9	11%	85
2ª	54	81%	4	6%	9	13%	67
3ª	7	47%	1	6%	7	47%	15

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Processo	52	78%	1	1%	14	21%	67
Evento	44	81%	2	4%	8	15%	54
Estado físico	24	89%	2	7%	1	4%	27
Cognitivo	17	89%	-	-	2	11%	19

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Preenchido	87	83%	2	2%	16	15%	105
Desinencial	46	85%	1	2%	7	13%	54
Oracional	-	-	1	50%	1	50%	2
Indeterminado	3	100%	-	-	-	-	3
Inexistente	1	33%	1	33%	1	33%	3

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Anim. hum.	101	83%	2	2%	18	15%	121
Anim. ã hum	-	-	-	-	-	-	-
Abstrato	9	82%	-	-	2	18%	11
Inanimado	26	87%	1	3%	3	10%	30

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Agente	80	84%	1	1%	14	15%	95
Experienciador	53	83%	2	3%	9	14%	64
Paciente	3	100%	-	-	-	-	3

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Até 24 horas	15	68%	-	-	7	32%	22
Até 1 mês	7	100%	-	-	-	-	7
Até 1 ano	2	50%	-	-	2	50%	4
Distante	5	72%	1	14%	1	14%	7
Indefinido	108	85%	4	3%	15	12%	127

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Advérbio	16	64%	-	-	9	36%	25
Or. adverbial	11	92%	1	8%	-	-	12
Discurso	19	76%	1	4%	5	20%	25
Ausência	91	87%	3	2%	11	11%	105

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Absoluta	27	87%	1	3%	3	10%	31
Coordenada	37	84%	1	2%	6	14%	44
Principal	32	76%	2	5%	8	19%	42
Completiva	18	72%	-	-	7	28%	25
Relativa	13	93%	-	-	1	7%	14
Adverbial	10	91%	1	9%	-	-	11

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Afirmativa	103	80%	5	4%	20	16%	128
Negativa	21	84%	-	-	4	16%	25
Interrogativa	13	93%	-	-	1	7%	14

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Oc. isolada	51	91%	2	4%	3	5%	56
1ª ocorrência	29	85%	1	3%	4	12%	34
Após =	46	88%	-	-	6	12%	52
Após ≠	11	44%	2	8%	12	48%	25

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
- contingente	30	77%	2	5%	7	18%	39
+ contingente	107	84%	3	2%	18	14%	128

Sexo/gênero do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Mulher	80	83%	3	3%	14	14%	97
Homem	57	81%	2	3%	11	16%	70

Faixa etária do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
25-35 anos	67	80%	1	1%	16	19%	84
36-55 anos	35	95%	-	-	2	5%	37
+ de 55 anos	35	76%	4	9%	7	15%	46

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Salvador	41	89%	-	-	5	11%	46
Rio	96	79%	5	4%	20	17%	121

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos Jornais – década de 70

Total de dados: 79 (9% de futuro perifrástico, 90% de futuro simples e 1% de presente)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1 sílaba	1	5%	20	95%	-	-	21
2 sílabas	1	4%	22	96%	-	-	23
3 sílabas	1	5%	18	95%	-	-	19
4 ou + sílabas	4	25%	11	69%	1	6%	16

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Copulativo	1	6%	17	94%	-	-	18
Intransitivo	2	17%	9	75%	1	8%	12
Trans. direto	4	10%	35	90%	-	-	39
Trans. indir.	-	-	8	100%	-	-	8
Bitransitivo	-	-	2	100%	-	-	2
Existencial	-	-	-	-	-	-	-

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
P1	-	-	-	-	-	-	-
P3	4	7%	55	92%	1	1%	60
P4	-	-	2	100%	-	-	2
P6	3	18%	14	82%	-	-	17

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Regular	5	12%	36	86%	1	2%	42
Irregular	2	5%	35	95%	-	-	37

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1ª	5	14%	31	84%	1	2%	37
2ª	2	6%	32	94%	-	-	34
3ª	-	-	8	100%	-	-	8

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Processo	6	13%	39	85%	1	2%	46
Evento	-	-	10	100%	-	-	10
Estado físico	1	5%	19	95%	-	-	20
Cognitivo	-	-	3	100%	-	-	3

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Preenchido	6	11%	47	87%	1	2%	54
Desinencial	1	5%	19	95%	-	-	20
Oracional	-	-	4	100%	-	-	4
Indeterminado	-	-	-	-	-	-	-
Inexistente	-	-	1	100%	-	-	1

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Anim. hum.	-	-	14	100%	-	-	14
Anim. ã hum	-	-	-	-	-	-	-
Abstrato	4	27%	11	73%	-	-	15
Inanimado	3	7%	41	91%	1	2%	45

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Agente	5	17%	24	83%	-	-	29
Experienciador	1	3%	28	97%	-	-	29
Paciente	1	6%	15	88%	1	6%	17

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Até 24 horas	-	-	-	-	-	-	-
Até 1 mês	-	-	5	100%	-	-	5
Até 1 ano	1	33%	2	67%	-	-	3
Distante	1	13%	6	74%	1	13%	8
Indefinido	5	8%	58	92%	-	-	63

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Advérbio	2	11%	15	83%	1	6%	18
Or. adverbial	-	-	2	100%	-	-	2
Discurso	1	50%	1	50%	-	-	2
Ausência	4	7%	53	93%	-	-	57

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Absoluta	1	7%	13	93%	-	-	14
Coordenada	1	10%	9	90%	-	-	10
Principal	2	7%	27	93%	-	-	29
Completiva	-	-	10	100%	-	-	10
Relativa	2	17%	9	75%	1	8%	12
Adverbial	1	25%	3	75%	-	-	4

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Afirmativa	7	11%	54	87%	1	2%	62
Negativa	-	-	10	100%	-	-	10
Interrogativa	-	-	7	100%	-	-	7

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Oc. isolada	7	17%	35	83%	-	-	42
1ª ocorrência	-	-	16	100%	-	-	16
Após =	-	-	18	100%	-	-	18
Após ≠	-	-	2	67%	1	33%	3

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
- contingente	2	8%	22	88%	1	4%	25
+ contingente	5	9%	49	91%	-	-	54

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Salvador	1	3%	33	97%	-	-	34
Rio	6	13%	38	85%	1	2%	45

Tabelas criadas a partir do arquivo de células dos Jornais – década de 90

Total de dados: 80 (23% de futuro perifrástico, 65% de futuro simples e 12% de presente)

Extensão fonológica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1 sílaba	2	12%	11	69%	3	19%	16
2 sílabas	7	23%	20	64%	4	13%	31
3 sílabas	6	29%	13	62%	2	9%	21
4 ou + sílabas	3	25%	8	67%	1	8%	12

Predicação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Copulativo	2	13%	12	74%	2	13%	16
Intransitivo	3	17%	11	61%	4	22%	18
Trans. direto	11	28%	24	62%	4	10%	39
Trans. indir.	1	20%	4	80%	-	-	5
Bitransitivo	1	50%	1	50%	-	-	2
Existencial	-	-	-	-	-	-	-

Pessoa verbal (morfológica)

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
P1	-	-	-	-	-	-	-
P3	13	23%	35	61%	9	16%	57
P4	-	-	3	100%	-	-	3
P6	5	25%	14	70%	1	5%	20

Paradigma verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Regular	14	25%	34	62%	7	13%	55
Irregular	4	16%	18	72%	3	12%	25

Conjugação verbal

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
1ª	10	23%	30	70%	3	7%	43
2ª	6	21%	17	58%	6	21%	29
3ª	2	25%	5	63%	1	12%	8

Natureza semântica do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Processo	10	21%	31	66%	6	13%	47
Evento	3	30%	6	60%	1	10%	10
Estado físico	2	11%	14	78%	2	11%	18
Cognitivo	3	60%	1	20%	1	20%	5

Tipo de sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Preenchido	13	22%	37	64%	8	14%	58
Desinencial	3	18%	12	70%	2	12%	17
Oracional	2	67%	1	33%	-	-	3
Indeterminado	-	-	2	100%	-	-	2
Inexistente	-	-	-	-	-	-	-

Animacidade do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Anim. hum.	3	20%	11	73%	1	7%	15
Anim. ã hum	-	-	-	-	1	100%	1
Abstrato	5	31%	11	69%	-	-	16
Inanimado	8	18%	29	64%	8	18%	45

Papel temático do sujeito

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Agente	10	26%	20	53%	8	21%	38
Experienciador	5	21%	17	71%	2	8%	24
Paciente	1	7%	14	93%	-	-	15

Projeção de futuridade

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Até 24 horas	-	-	-	-	-	-	-
Até 1 mês	-	-	-	-	-	-	-
Até 1 ano	-	-	1	50%	1	50%	2
Distante	1	50%	1	50%	-	-	2
Indefinido	17	22%	50	66%	9	12%	76

Presença/ausência de marca de futuridade fora do verbo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Advérbio	1	20%	3	60%	1	20%	5
Or. adverbial	2	67%	1	33%	-	-	3
Discurso	-	-	2	100%	-	-	2
Ausência	15	21%	46	66%	9	13%	70

Tipo de oração

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Absoluta	3	25%	8	67%	1	8%	12
Coordenada	1	6%	13	81%	2	13%	16
Principal	5	20%	18	72%	2	8%	25
Completiva	5	45%	5	45%	1	10%	11
Relativa	4	29%	7	50%	3	21%	14
Adverbial	-	-	1	50%	1	50%	2

Polaridade do enunciado

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Afirmativa	16	21%	49	66%	10	13%	75
Negativa	1	25%	3	75%	-	-	4
Interrogativa	1	100%	-	-	-	-	1

Paralelismo sintático-discursivo

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Oc. isolada	10	22%	28	62%	7	16%	45
1ª ocorrência	5	33%	8	54%	2	13%	15
Após =	1	8%	11	84%	1	8%	13
Após ≠	2	29%	5	71%	-	-	7

Contingência do futuro

Fatores	Futuro perifrástico		Futuro simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
- contingente	7	28%	17	68%	1	4%	25
+ contingente	11	20%	35	64%	9	16%	55

Procedência geográfica do informante

Fatores	Futuro Perifrástico		Futuro Simples		Presente		Total
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	
Salvador	11	24%	27	60%	7	16%	45
Rio	7	20%	25	71%	3	9%	35

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado.

RESUMO

Analisa-se a variação na expressão do futuro em português, do ponto de vista diacrônico (desde o século XIII). No estudo de tendência (anos 70 e anos 90 do século XX), são consideradas as modalidades escrita e falada da língua. Os dados são todos representativos de um nível ou estilo lingüístico culto (documentos e cartas formais ou editoriais de jornais para a escrita e entrevistas com informantes de nível superior completo para a fala). Essa variação apresenta seis variantes: a) o futuro simples (*viajarei* amanhã); b) o presente (*viajo* amanhã); c) a perífrase com *ir* no presente (*vou viajar* amanhã); d) a perífrase com *ir* no futuro (*irei viajar* amanhã); e) a perífrase com *haver* no presente (*hei de viajar* amanhã); e f) a perífrase com *haver* no futuro (*haverei de viajar* amanhã). Tomando como base teórica a sociolingüística quantitativa laboviana e princípios do paradigma da gramaticalização, a análise dos dados revela que: a) o futuro simples se mantém mais ou menos estabilizado na língua escrita formal, em que ainda é a forma preferida; b) o presente é mais usado na língua falada e se mantém historicamente em contextos bem específicos; c) as perífrases com *haver* decrescem em uso através dos séculos, deixando de ser (no século XX) a principal concorrente do futuro simples e recuperando o seu traço deôntico; d) as perífrases com *ir* invadem cada vez mais a língua escrita e chegam mesmo a superar o futuro simples na língua falada; e) evidencia-se um processo de gramaticalização do verbo *ir*, que passa de pleno a auxiliar na composição da forma perifrástica com o infinitivo para expressar o futuro. O fenômeno estudado não é exclusivo da língua portuguesa; pelo contrário, é documentado em muitas outras línguas (e não só românicas), como o inglês, o francês, o espanhol, o italiano, o romeno e o sardo. Aliás, comprova-se que as línguas SVO preferem formas perifrásticas a formas sintéticas. Poder-se-ia pensar em uma mudança em andamento, a saber, substituição do futuro simples pelo futuro perifrástico; é o que revela o estudo em tempo real de curta duração feito com dados do século XX.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado.

RÉSUMÉ

Nous analysons la variation dans l'expression du futur en portugais, du point de vue diachronique (depuis le XIII^e siècle). Pour l'étude de tendance (les années 70 et 90 du XX^e siècle), nous considérons les modalités écrite et orale de la langue. Les données sont représentatives d'un niveau ou style linguistique soutenu (des documents et des lettres formelles ou des éditoriaux de journaux pour l'écrit et des enregistrements avec des locuteurs qui ont le niveau universitaire pour l'oral). Cette variation présente six variantes: a) le futur simple (*viajarei* amanhã); b) le présent (*viajo* amanhã); c) la périphrase avec *ir* au présent (*vou viajar* amanhã); d) la périphrase avec *ir* au futur (*irei viajar* amanhã); e) la périphrase avec *haver* au présent (*hei de viajar* amanhã); et f) la périphrase avec *haver* au futur (*haverei de viajar* amanhã). Dans le cadre théorique de la sociolinguistique quantitative labovienne et selon les principes du paradigme de la grammaticalisation, l'analyse des données montre que: a) le futur simple se maintient plus au moins stabilisé dans la langue écrite formelle, où il est encore préféré; b) le présent est plus utilisé dans la langue parlée et se maintient historiquement dans des contextes bien spécifiques; c) les périphrases avec *haver* diminuent leur usage à travers les siècles et ne sont plus (au XX^e siècle) le principal concurrent du futur simple, elles récupèrent leur trait deontique; d) les périphrases avec *ir* envahissent de plus en plus la langue écrite et arrivent même à dépasser le futur simple à l'oral; e) il y a un processus de grammaticalisation du verbe *ir*, qui passe de verbe plein à auxiliaire dans la composition de la forme périphrastique avec l'infinitif pour exprimer le futur. Le phénomène étudié n'est pas exclusif du portugais; bien au contraire, il est attesté dans plusieurs autres langues (et non pas seulement romanes ou latines), comme en anglais, en français, en espagnol, en italien, en roumain et en sarde. D'ailleurs, les langues SVO préfèrent des formes périphrastiques à des formes synthétiques. Nous pourrions penser à un changement en cours, c'est-à-dire, la substitution du futur simple par le futur périphrastique; c'est ce que montre l'étude en temps réel de courte durée à partir des données du XX^e siècle.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado.

ABSTRACT

We analyze variation in the realization of the future tense in Portuguese, from the diachronic perspective, with data from the 13th century onwards. For the trendy study, covering the 70's and the 90's of the 20th century, we include spoken and written language. All of our data can be considered standard style. For the written language, we use documents or formal letters and newspaper editorials; for the spoken language we use interviews of college graduates. Our data reveal six variants: a) the simple future (*viajarei amanhã*); b) the present (*viajo amanhã*); c) periphrasis with *ir* 'to go' in the present (*you viajar amanhã*); d) periphrasis with *ir* 'to go' in the future (*irei viajar amanhã*); e) periphrasis with *haver* 'to have' in the present (*hei de viajar amanhã*); and f) periphrasis with *haver* 'to have' in the future (*haverei de viajar amanhã*). Based on Labovian quantitative sociolinguistics and the principles of grammaticalization, we reach the following conclusions: a) the simple future remains more or less stable in the formal written language, where it is still the preferred form; b) the present is used more in the spoken language and continues to be used in certain very specific contexts from the historical point of view; c) periphrastic constructions with *haver* decrease in use throughout the centuries and cease to be the principal alternative of the simple future in the 20th century, when they recuperate their deontic origins; d) periphrastic constructions with *ir* are becoming increasingly common in the written language and even surpass the simple future in the spoken language; e) a process of grammaticalization of *ir* is underway, with a shift from full verb to auxiliary in the periphrastic form with the infinitive for the future. This phenomenon is not limited to the Portuguese language; to the contrary, it is well documented in other Romance languages, as well as in other languages, such as English, Spanish, French, Italian, Romanian, and Sardinian, in accord with the tendency for SVO languages to favor periphrastic forms rather than synthetic forms. One might posit a change in progress in the direction of replacement of the simple future by its periphrastic alternative, as suggested by our short-term real-time study of 20th century data.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)